John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library

Brown University

Purchased from the

Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

41-7-

NAVFRAGIO

E LASTIMOSO SVCESSO

DA PERDIÇAM DE MAnoel de Sousa de Sepulueda, & Dona Lianor de Sá sua molher & filhos, vindo da India para este Reyno na nao chamada o galião grande S. Ioão que se perdeo no cabo de boa Esperança, na terra do Natal.

E a perigrinação que tiuerão rodeando terras de Cafres mais de 300. legoas tè sua morte.

Composto em verso heroico, & octaua rima por Jeronimo Corte Real.

Dirigido ao excelentissimo principe D. Theodosio Duque de Bragança, & Barcellos, Marques de Villauiçosa, Conde de Ourem, Señor das villas d'Arrayollos, & Portel. Summa felicidade.

Com licença da sancta Inquisição, & do ordinario, & de sua Magestade.

Na oficina de Simão Lopez.

Com priuilegio Real por dez annos.

M. D. XCIIII.

Licença da Inquisição.

VI este liuro por mandado de S. A. & tirado o que vay, não tem nada contra nossa sancta Fè, & bõs costumes, nem cousa por onde se não deua de imprimir.

F. Bertolameu Ferreira.

VIsta a informação do padre reuedor podese imprimir este liuro, & depois de impresso tornara a esta mesa com o proprio original para se conferir com elle, & se lhe dar licença para correr. Em Lisboa a 3. de Iulho de 1590.

Antonio de Mendonça. Diogo de Sousa.

Licença do ordinario.

Podese imprimir a 29. de Octubro 1593.

Ioão de Lucena homem.

Licença de sua Magestad.

POdese imprimir este liuro vista a licença do sancto officio da inquisição & ordinario. Em Lisboa a 5. de Mayo de 1594.

P. Pereira. Amaral. D. Daguiar.

PRIVILEGIO.

EV elRey faço saber aos q̃ este Aluara virẽ, q̃ auendo respeito ao q̃ na petiçã atraz escrita diz Simão Lopez Impressor de liuros morador nesta cidade de Lisboa, & visto o q̃ alega, & a licença q̃ tem do sancto Officio da Inquisição pera imprimir o liuro do Naufragio de Manoel de Sousa de Sepulueda de q̃ na dita petição faz mẽção. Ey por bem & me praz, que por tempo de dez annos nenhũ Imprimidor, nem liureiro algum, nem outra pessoa de qualquer calidade que seja, não possa imprimir, nem vẽder em todos estes Reinos & senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles o dito liuro, senão aquelles liureiros & pessoas que pera isso tiuerem licença do dito Simão Lopez, & qualquer Imprimidor, liureiro, ou pessoa que durando os ditos dez annos imprimir, ou vender o dito liuro nos ditos Reinos, & senhorios, ou os trouxer de fora delles sem licença do dito Simão Lopez, perderá pera elle todos os volumes q̃ assi imprimir, vender, ou de fora trouxer, & alẽ disso encorrerá em pena de vinte cruzados, ametade pera minha Camara, & a outra ametede pera quẽ o acusar. E mando a todas as minhas Iustiças, Officiais a q̃ o conhecimẽto disto pertencer q̃ lhe cũprão, guardẽ, & fação inteiramente cũprir, & guardar este Aluara como se nelle contẽ: o qual me praz q̃ valha & tenha força & vigor, posto q̃ o effeito delle aja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação q̃ o contrario despoem. Belchior pinto o fez em Lisboa a dezoito de Mayo de M. D. XCIIII. Ioão da Costa o fez escreuer.

REY.

Prologo ao Lector.

Podera eu benigno lector daruos a conhecer Hieronimo Corte Real dizẽdo algũa cousa de sua fidalguia, de sãgue, & de muitas partes & nobreza de animo q̃ nelle jũtamẽte se apo sentarão, mas deixo de o fazer, porque elle foy tal que não cuido auer pessoa em Portugal q̃ de sua fidalguia, habilidades, & bondade deixe de ter muito conhecimẽto. Algũas cousas fez em que mostrou bẽ a grandeza de seu engenho, & erudição de arte, fez este discurso do naufragio de Manoel de Sousa de Sepulueda, & Dona Lianor de Sà sua molher vindo da India por Capitão de hũa Nao, por nome o Galião grãde, assi por ser esta señora muito parenta de sua molher Dona Luisa da Sylua a quẽ elle muito amaua, como por ser hũ discurso em que se podẽ claramente ver as variedades & pouca firmeza dos estados q̃ na vida se tem por felices. E se bẽ olhardes vereis quã certo està o castigo ainda q̃ tarde aquelles q̃ por seus delictos cometidos contra a charidade & amor com q̃ deuiamos amar nossos proximos, o merecẽ, & q̃ não deue a tardança delle fazernos esquecer da certeza com q̃ o deuemos temer. Nesta historia vsa o Author de algũas ficções poeticas com q̃ orna muy bẽ o discurso do Naufragio, & lastimoso sucesso se vos bẽ parecer estimalo ei muito, & se não não digais mal delle ate que façais outro melhor. Vale.

Ao excellētiſsimo Principe D. Theodoſio Duque de Bragança, & de Barcellos, Marques de Villa viçoſa, Conde dOurem, Senhor das villas dArrayolos, & Portel Summa felicidade.

ENtre as peças (Sereniſsimo Principe) q̃ herdei de meu ſogro Ieronimo Corte Real que Deos tem, em hum eſcritorio a onde elle recolhia as que muito eſtimaua achei eſta hiſtoria, & verdadeiro diſcurſo do infelice ſucceſſo de Manoel de Souſa de Sepulueda, & Dona Lianor de Sà ſua molher, & dous filhinhos. Eu eſtimei muito achala, porque em ſua vida lhe ouui muitas vezes dizer que fora eſta a obra que elle tinha por mais filha de ſeu engenho, que algũas que fizera, & em que mais cabedal de trabalho poſera. Quiſera guardala pera mim ſó, mas ſendo perſuadido por amigos a quem dei viſta della, que a imprimiſ-

ſe,

se, & não defraudasse o author da honra que por ella lhe seria dada de todos os que a lessem: não podẽdo resistir o conselho, & rogo de amigos, determinei imprimilla debaixo do fauor, & nome de V. Excellencia, com que póde hir segura de todo o murmurador de que ha muitos, que não podendo imitar, tudo querẽ calumniar. Foi isto com obrigação que tenho de criado, & recebella V. Excellẽcia, serà M. que fara a Ieronimo Corte Real, que tanto era criado como eu, & de quem sei certo que se viuera tinha determinado de se empregar todo em escreuer as grandezas desta casa, & catiueiro de V. Excellencia. Cuja serenissima pessoa nosso Senhor guarde, & vida, & estado com muita prosperidade por largos annos acrecente como todos lhe desejamos.

Antonio de Sousa.

SONETO

De Esteuão Ribeiro a Antonio de Sousa na impressaõ deste liuro.

Pode chegar ao derradeiro alento
A morte imiga o grão Corte Real,
Mas não pode fazer ja tanto mal,
Que dêsse a seu nome esquecimento.
Este sempre será da morte isento
Que contra hũ grãde nome pouco val
Porque o ceo benigno, justo, igual
A grandes nomes deu eterno assento.
Tu Sousa illustre que de tanta gloria
Por herança deuida tẽs grão parte
Que deues estimar por grande cousa
Tãbẽ te deue o mũdo esta alta istoria
Em que claro se vem Amor, & Marte
Vingados de Leanor, & do seu Sousa

NESTE CANTO PRIMEIRO SE TRATA O NAcimento de Dona Lianor de Sá filha de Garcia de Sá, & de como se namorou Manoel de Sousa della, & querendoa casar seu pay com Luis Falcam Capitam de Dio, se soube como era casada com Manoel de Sousa, pella qual causa passou algum tempo estreita, & desgostosa vida.

HVm successo infelice: hũ triste caso
Hum funesto discurso: a morte horrenda
Do Sepulueda, canto: & juntamẽte
O miserauel fim daquella illustre
Belissima Lianor, a quem fortuna
Mostrou da cruel roda, o mais aduerso:
Mais abatido, & mais misero estado.
A vòs ò Redemptor, que nas entranhas
Purissimas da Virgem sacra, & pia:
Vos encerrastes Deos & homẽ perfeito,
Interuindo em tal obra o spirito Sãcto,
A vòs Christo Iesu que no Caluario,
Encrauado na cruz por nòs morrendo,
Lauastes nossas culpas na sangrenta
Fonte; aberta com a lãça de Longinho.
A vòs peço senhor alto socorro,
Que o de Helycõ nã quero, nẽq̃ Apollo
Leuemente me inspire o doce alento:

Dãdome ſaber nouo,& claro ingenho,
Nam lhe peço da lyra o ſom ſuaue,
Nem que o meu canto faça ſonoroſo,
Voſſo fauor inuoco:eſte ſoo peço
Para cantar o caſo acerbo,& duro
O Naufragio eſpantoſo,o cruel caſo,
Da quelles que mil vezes ſubmergidos
Nas procelloſas ondas,la na terra
Deſconhecida,foram todos mortos.
No fertil Oriente:la na parte
Onde o famoſo Rio Indo, ſ'esforça,
E o furioſo Gange com creſcido
Accellerado curſo,a terra laua.
O Reino Canarà entre eſtes Rios
Tem ſua jurdiçam,& antigo aſſento,
Onde ſogeita a Gate,aſpera ſerra,
Hũa nobre Cidade a Chriſto adora.
Digo aquella que a mor força tẽ poſta
Na bruta crueldade,& impio vſo
Dos feros Crocodrillos,ꝗ em lamoſos
Tanques de amargas agoas, a rodeam.
Nella naceo Lianor a filha bella
De Garcia de Sà,varam inſigne:
Da principal nobreza, & clara fama
Dos Sâs fortes,& illuſtres deſcendido.
Teue naquellas partes a ſuprema
Iurdiçã: dignidade,& o mãdo em tudo,

Gouernou

Gouernou sabiamente, & quando entraua
Em guerras vencedor com fama vinha.
Naceo Lianor ja quando o louro Apollo
O dourado carneiro deixa & segue
Com apraziuel rosto,& ledo aspecto:
O touro que a Finicia fez tam triste
Altas serras,& campos: altos montes:
Todos de viua graça entam se vestem,
Nas frescas aluoradas: nas sombrias
Tardes, a irmam de Progne se lamenta.
Vesse no verde prado o roxo lirio
A suaue: purpurea: ou branca rosa,
E outras diuersas flores cõ que os ares
De cheiros suauissimos abundam.
Entam a namorada Clicie busca
Continuamente o seu amado Phebo:
Entam junto da fonte clara,& pura
Em flor ja transformado se leuanta.
Aquelle por quem Eco conuertida
Em miserauel voz, & escuro acento,
Nos concauos penedos: nas sombrias
Desertas lapas, faz amargo pranto.
Entam as altas aruores mouidas
Do fresco,& brãdo assopro de Fauonio
Tocandose cos verdes: frescos ramos:
Com voz surda se dam paz amorosa.
Chegado o ponto ja,& a tam temida

Hora do alegre parto, com ſilencio:
Com pias orações aguardam todos
Quantos ha no apoſento, noua boa.
Com manſo mouimento ferue a gente:
As timidas criadas nam repouſam,
Hũas a qualquer grito q̃ ouuem, corrẽ,
E com toruaçam grande à porta chegã.
Outras, ouuindo as vozes esforçadas
Da que o officio adminiſtra de Lucina,
Nos duuidoſos animos recebem
Intrinſeco aluoroço, & prazer grande
As amigas vem ja, & com fingido
Diſsimulado riſo, a pena encobrem:
Do ſucceſſo cruel, que arreceada:
Aſpera conjunçam lhes prometia.
Ia da meſtra ſagaz a tremuloſa
Rouca voz, alli ſoa, & della meſma
O fabuloſo conto: a leda hiſtoria:
Para entreter o tempo ja ſe ouuia.
O termo ja ſe chegã, em que hũ receyo,
E hũ medroſo temor de mao ſucceſſo:
Iunto a hum viuo deſejo de boa ſorte,
Os corações tremer lhe faz a todas.
A velha em tal officio experta, & ſabia,
O diuino fauor alegre inuoca.
Ouueſſe juntamente hum tenro choro,
E hũa contente voz que diz aluiſſera.

Leuantadas as mãos, correm ſem tento:
Com prazer publicando a leda noua,
Hũas ſobre outras chegã por ver couſa
Que no parecer he quaſi diuina.
Dizem Deos te de tal a boa ventura:
Qual belleza te deu, com eſtas palauras
Faz o ſinal da cruz, a que o peruerſo
Olho mao, & mortifero recea.
De ricos: nobres panos adornada
A tenra creatura, goſta o fertil
Branco abundante peito da que eſtaua
Ia pera tal criaçam alli eſcolhida.
A caſa ja quieta, da paſſada
Reuoltoſa alegria, entram ſeguras
Tres molheres: de hum meſmo trajo, & roſto:
De branca ſeda todas tres veſtidas.
Inda que as aparencias moſtram corpos
De ſogeito mortal, & humano effecto:
Fantaſticos, & vãos ſam cujas formas
A os olhos hum ar groſſo as repreſenta.
Alegres, & riſonhas derramando
Mil flores polos ares entram dentro
Onde Lianor eſtà de doce ſono
Naquella conjunçam ligada & preza.
Chegamſelhe dizendo Deos te guarde
Fermoſa, & tam perfeita creatura,
Elle que aſsi te fez entre as mais bellas

Com tantas euentages escolhida.
Te dé quaes tu mereces os ditosos
Alegres, florecidos, longos annos,
Ventura tenhas prospera, abastada
De mil contentamentos, & bẽs grãdes.
Ao descançado sono alli interrompe
A fatidica voz, & acento alegre,
Com tenro: infantil choro ja se queixa
Aquella q̃ com vir ao mundo o hõraua.
Assentamse as tres Graças junto della:
Para tornar o sono ja perdido
Mouendo mansamente o berço, dizem
Com vozes suauissimas tal canto.

Vaite longe daqui tempo malino
Nunca apareças cá triste ventura
Felices conjunções do Ceo benino
Vinde todas vereis a fermosura.
Vereis o parecer mais peregrino
Retrato do criador na creatura
Honra da natureza oje nacida,
De mil bẽs, de mil graças comprida.

Vinde todas alegres trazei flores,
Trazei lirios: trazei branca açucena,
Vinde Venus, & Amor trazei amores
Que par'elles o Ceo tal rosto ordena.

Trazeilhe mil galantes seruidores:
Ditosos, por sofrer tam doce pena,
Honre o mundo, a que nelle hoje he nacida:
De mil bẽs: de mil graças tam comprida.

Tragam taes olhos almas arrastadas
Com tormento suauissimo & glorioso,
A corações & entranhas indomadas
Vença o seu rayo viuo, & poderoso.
As mãos ja desde agora costumadas
A despojos, & o corpo tam fermoso:
Nos mostrem com razam ser lhe deuida.
Qualquer coraçam, alma, ou qualquer vida.

Aquellas concertadas vozes prendem
Outra vez com quieto, & doce sono:
Os delicados membros, & as ligeiras
Incorporeas figuras se desfazem.
Nos transparentes ares escondidas:
Desaparecem supito: deixando
O concauo aposento todo alegre:
E de fermosa luz todo occupado.
Depois de hum breue espaço q̃ as tres sombras
Prosperas, venturosas, & felices,
Sam desaparecidas, entram outras
Tres: crueis, infernais, tristes figuras.
Desconsolados rostos todas mostram,

Por elles estendida cor sulfurea,
Reuerberam nos olhos inflammados
(Com mortifera vista) ardẽtes chamas.
Cercadas as cabeças de hũa turba
De bramadoras cobras, que açoutando
Hõbros, peitos, & rostos horrẽdissimos
Os enchem de mortifero veneno.
Entradas no aposento todas juntas
Ardendo cõ viua raiua, & as entranhas
Inchadas de furor, todas tres alçam
Medonhos, & espantosos alaridos.
E em lugar de suaues versos, rompem
O ar com vozes tristes, & carpidas:
Pronosticando alli futuros males
Este canto infelice repetiam.

Ledas graças fugi: fuge ventura:
Desta que ao mundo vem por fera historia,
O fim de sua estranha fermosura
Fique entre os fins mais tristes por memoria.
E a sua miserauel sepultura
Seja a todos gêral, seja notoria
Desdõnde o Sol leuanta o carro ardente
Até as partes remotas do Occidente.

Vejase nella igual a triste sorte
Com aquelle parecer tam peregrino,

A furibunda

A furibunda, horriuel: fera morte,
Traſpaſſe o bello peito alabaſtrino.
Hum ſucceſſo eſpantoſo, duro & forte
lhe guarde o fim cruel o tempo indino
Seja a mais infelice das que viram
Mais males, mais trabalhos, & os ſentiram.

Hum funeſto diſcurſo, & triſte vida
Paſſe que cauſe eſpanto á redondeza
E quando em móres bẽs ſe vir ſubida,
Da cruel roda veja a môr baixeza.
Seja em mortal image conuertida
A graça que lhe deu a natureza
Em terra eſtranha, & montes leuantados:
Seus annos juuenis ſejam cortados.

Apos eſte perſagio horrendo alçaram
As funeſtas irmãs hum triſte grito,
E chegandoſe ao leito onde a perfeita
Belliſsima Lianor eſtá dormida
Com huyuos & gemidos miſeraueis
O rodeam tres vezes derramando
Sobre ella pollos ares mortaes ramos
De funebre Acipreſte, & triſte Teixo.
Partemſe todas tres, & inficionado
De veneno ficou eſte apoſento
E todas tres ſumidas, alegraram

O ar,

O ar, o ceo, & a terra com ſua auſencia.
Por ſeus eſpaços foi rodando o tempo
Idades conſumindo, & renouando:
Roubando fermoſuras, & offerecendo
Com grand' eſpãto ao mũdo outras de nouo.
Criauaſſe Lianor crecendo ſempre,
Em ſumma perfeiçam, ſumma belleza,
E crecendo ſò nella as outras graças
Por grandes fermoſuras repartidas.
Produziamſe dos ſeus fermoſos olhos
Effectos mil, & eſtremos differentes,
Que olhãdo dauão vida, & outras vezes
Olhando cem mil vidas deſtruiam.
A branca cor do roſto acompanhada
De hũa cor natural honeſta, & pura
E a cabeça de creſpo ouro cuberta
Lembrança do maís alto ceo faziam.
Praxitheles, nem Phidias nam lauraram
De brãquiſsimo marmore igual corpo:
Nem aquelle, que Zeuſis entre tantas
Fermoſuras, deixou por mais perfeito.
Nam ſe igualaua a eſte, antes ficaua,
Abatido, & julgado em pouco preço,
Que mal pode igualarſe humano engenho
Co aquillo em q̃ Deos tal ſaber nos moſtra.
Da boca o ſuaue riſo alegra os ares
Moſtrãdo entre Rubis, oriẽtaes Perlas,

E ſobre

E ſobre tudo quanto a natureza
Lhe deu perfeito, a graça ſe auentaja.
No peito eburneo, as pomas que em brancura
Leuam da neue o juſto preço & a palma
Apartandoſe, deixam de açucena
Aluiſsima hum florido, & freſco valle.
Quem pode (ſem perderſe) louuar couſa
Onde nam chega humano entendimento?
O fortuna cruel, que fim tam triſte
Guardaſte para hũa obra tam perfeita.
Como creſcendo vay a gentil dama
Rendendo vay dous mil corações duros,
E com ella o Amor em liures almas
Sem reſiſtencia faz notauel dano.
Nam ſe julga valor no que nam ſabe
A tam honrado mal offerecerſe,
Nem menos ſe ha por vida, a que por cauſa
Tam diuida, & tam juſta ſe nam pérde.
Combate a fermoſura deſuſada
As opulentas partes do Oriente:
Nam lhe fiquam robuſtos fortes peitos,
Nem deixa deſcuidadas liures almas.
Todos penetra, & paſſa, a todos vence
A dourada: cruel: aguda ſeta,
A todos hũa viua ardente chama
De ſecreto & amoroſo fogo abraſa.
De todos os eſtados traz rendidos,

E ſogeitos varoẽs de conta & nome,
Hũs, a quem juuenis floridos annos
Emprender fazẽ grandes & altos feitos.
Antigos outros traz de autorizada
Veneravel preſença, de conſelho
Seuero, & proueitoſo, cujas almas
Do venenoſo ardor ja eſtauam liures.
Mas que aproueita a eſtes o conſelho
Que em caſos importãtes dam ſeguro?
Pois cõ tam vergonhoſo: infame effecto
O que reprendem fazem por lei juſta.
Aos outros que aproueitã fortes peitos
Animos bellicoſos esforçados?
Deſtreza, força, & manha proueitoſa?
Pois hum menino cego os desbarata:
Tyranno: injuſto Amor, quẽ fiqua liure
Do teu potẽte braço, & ardẽte chama?
Ou quem reſiſtirà teu furor, quando
Cruel, & vingatiuo te nos moſtras.
Com tormento duriſsimo nos pagas
O que prometes dar tam differente,
E quando mais em ti nos confiamos,
Mais clara então ſe moſtra a tua malicia.
Que ganhas desleal, ou que pretendes
De noſſa deſuentura? Ah falſo amigo
Que de puros enganos ſempre viues,
Tratando pior a quem mais em ti fia.

Entre todos aquelles que seguiam
Do peçonhento mal, o doce engano,
Manoel de Sousa sò calado & mudo
Hum orribel tormento disimula.
Contente do seu mal os dias passa,
Com brandos pensamentos se sustenta,
E vendose elle ser o mais perdido
Iulgase com rezam por mais ditoso.
Em secreta, amorosa: doce chama
Abrasa de contino, o triste peito,
E para se remedear sobe mil vezes
Em grande altura a oppressa fantesia.
Onde ve tudo quanto o vam desejo
Lhe pede, & deste engano o triste viue,
Onde prosperos bẽs ve, mas num pôto
Delles o desengano sò lhe fiqua.
Cõ sombra de esperança Amor esforça
O coraçam em males tam constante,
Soffrimento lhe dà no triste estado,
A que o chegou, & pos cruel fortuna.
Na quarta casa estaua o Libistino
Resplandecente Phebo, onde passados
Tinha ja treze dias: alegrando
Com tam solenne festa o mundo todo.
Quando a fermosa dama acõpanhada
Da paterna familia, a hũ fresco bosque
De fructiferas plantas: de graciosas:

Liquidas:puras fontes ſe auizinha.
Quuando o nocturno véo ja ſe raſgaua
E a matutina luz do Ceo varria
As humidas eſtrellas,aclarando
A terra enuolta em ſombra humedecida.
Tam ſecreta nam pode hir, que não foſſe
Sabido eſte caminho,vam tras ella
Seguindoa muitos olhos,muitas almas,
E muitos corações todos rendidos.
Por entre verdes aruores ſe eſcondem
Onde Lianor alegre ſe recrea,
A qual de brancas flores,a dourada
Creſpa cabeça cobre:abraça, & cinge.
Veſtida em branca ſeda,mas nam tolhe
A ſombra da belleza, alli eſcondida
Do Sepulueda foi viſta deſta arte:
Que amor o pos em parte conueniente.
Hum intrinſeco frio corre os oſſos
Ao miſero mancebo em tal inſtante:
Enleuado olha, & prõpto o que lhe fora
Milhor,& muito mais ſam nam ter viſto.
A tento os olhos ve,os olhos digo
Em que amor toma força,& fogo acẽde,
E nelles eſcondido,rende hũa alma
Quando mais ſe imagina iſenta,& liure.
A viſta firma, & logo lhe rodea
Hũa vez,& outra vez o airoſo corpo,

Na perfeiçam que ve entrega o trifte
E rende o coraçam fem refiftencia.
Corria por alli com fonorofo
Murmureo, hum criftalino manfo Rio
Altos, frondofos freixos, nas delgadas
Puras agoas, fe eftam contino olhando.
Verdes prados o cerquam, guarnecidos
De flores variadas, aprazíueis,
Affentaffe Lianor nas frefcas heruas:
De fermofas donzellas rodeada
As Nymphas defte rio vendo tanta
Fermofura, enuejofas fe efconderam
E à fombra vam q̃ as ondas lhe moftrauã
Odio viuo lhe caufa, & graue pena.
Ia fe trazem fotis: delgadas redes,
Co ellas a ribeira ja fe atalha,
Ia com forçofos golpes reuoluendo
As agoas, ficam turu*as*, & confufas.
Tiram com grande gofto a fraca prefa
Nas enganofas redes conftrangida:
Aparta Lianor os mais pequenos
Pexes, que na prifam vinham catiuos.
Mouida de piedade os torna logo
As humidas moradas conhecidas:
Olhando affas rifonha quam ligeiros
Por antre verdes limos f'efcondiam.
A noua liberdade feftejando,

Defatina

Desatinados correm pollas ondas
E ja liures do mal, & prisam debil,
Do perigo passado se temiam.
Estauas tu Sepulueda escondido
Entre verdes salgeiros, & altas fayas,
O rosto tam fermoso amado, vendo
Nas claras, puras agoas cristalinas.
Taes versos escreueste em liso tronco
De hum Alamo crecido, onde fiquarão
Lõgo tẽpo em memoria, os versos dizẽ
Cõ letra assas distincta, estas palauras.

Agoa clara ditosa, a quem ventura
Agora concedeo tal companhia,
E la contigo tẽs a fermosura
Que âs raras fermosuras excedia,
Conuerte ess'alma isenta na brandura
De tua natureza, & nella cria
Hum tenro coraçam, hum tenro peito
Hũa condiçam branda, hum brando effeito.

Desfaze o fero intento diamantino
E a vontade obstinada rigurosa,
Amansa meu sesudo desatino
Daras a meu mal hora mais ditosa.
E aquelle ardor cruel que de contino
Abrasa esta minha alma desejosa,

Mudada a condição, será mudado
Em prospero, felice, & alto estado.

Permite que me veja na pureza
Do licor transparente, & pego vndoso.
Concedeme estar junto a tal belleza,
Sermeha tão falso bem premio ditoso.
Vendo branda, & tratauel a dureza
Do peito ingrato, esquiuo, desdenhoso:
Remedio me será o doce engano:
Aliuio a tanto mal, a tanto dano.

Doeose o fresco rio da tristeza
Do penado mancebo, & as turuadas
Ondas assossegou apresentando
Aos olhos de Lianor o firme amante.
Vendo a fermosa dama alli a figura
Do Sepulueda na agoa, leuantouse
Com aspero sembrante, & deixa o prado
Por sua ausencia ja sem graça, & triste
O confuso rugido tambem deixa
Da liquida corrente sonorosa,
Deixa as ondas de prata, que a vaã sombra
Daquelle que desama lhe mostrarão:
Vendo a mor aquellalma tão soberba,
Aquelle coração tão fero, & duro,
vendo aquella vontade isenta, & liure,

E aquella opinião em tudo altiua.
Que com animo casto lhe resiste
Suas manhas:cautella,& falso trato
Cõ descuido,& desdem, & hũa alma pura
O seu poder tirannico vencia.
Vendose com desprezo asi tratado
O menino cruel brauo,& soberbo,
Poem todo seu poder:astucia,& arte
Pera render o peito empedernido.
Bem junto do Sepulueda s'esconde
Com seta aguda:enuolta em fogo ardente
E passando Lianor,assesta o arco
Colerico,raiuoso,& arrogante.
Escapa a mortal seta,voa,& fende
Com rugido espãtoso os altos ares
Aquelle coração fero indomado,
Aquell'alma isentissima o sentirão.
Fica pasmada:atonita,vencida
Do cruel:amoroso:duro golpe,
Como no mato a cerua quando sente
O mortal tiro ja no peito liure.
Supitamente cae,com vox confusa,
E com triste gemido alli se queixa,
Mas no meyo do aspero accidente
Salta por onde a dor a leua,& guia.
Corre fragosas serras,corre montes:
Corre brenhas espessas,& sombrias,
Crecendo

Crecendo mais o ardor da mortal chaga
Ao lugar torna donde foi ferida.
Asi Lianor sentindo na alma o forte,
Amoroso,cruel,dourado tiro,
Não se moue dali;passa,& reuolue
Varios casos na triste fantesia.
E temendo seu mal ser entendido,
Pello bosque fructifero anda,& torna
Onde a constrange Amor:finge ver outras
Fontes,plantas,& flores que não vira.
O ditoso Sepulueda num ponto
De esperança,& remedio vio certeza,
Viose subido em pouco espaço a onde
Não cuidou que chegasse o pensamento.
Num sò ponto alcançon ser admitido
Naquelle peito isento,& desdenhoso,
Alcançou ser amado,(ò sorte rara)
Da fermosa Lianor(ò rara sorte)
Em tanto ao coração chega o veneno
Daquell'ardente seta: abrasa, & queima,
Desbarata:desfaz:& vence tudo
O que dantes mostraua resistencia.
Imprime nelle Amor,talha,& debuxa
Com fogoso buril o rosto alegre:
O sembrante gracioso,& a perfeita
Medida,proporção do airoso corpo.
Busca varios ardis pera deterse:

Mal diz a eſcura noite, que aſombraua
Ia o freſco lugar, Ah fementido,
Ah peruerſo, ah cruel como te vingas,
Como fazes em fim tudo o que queres:
Leuando auante quanto determinas,
Os corações abrandas obſtinados:
Liures vontades fazes tão catiuas.
Quam pouco eſpaço auia que tratado
Eras do caſto peito com deſprezo,
E ouuindo ſò teu nome, lhe era cauſa
De grande indinação ao peito eſquiuo.
Agora ja ſogeita, ja mudada
Da primeira intenção iſenta, & liure,
Agora ja rendida, ja tão branda,
Que todo engano teu nella ſe imprime.
A noite a conſtrangeo a que ſe foſſe:
Mas ja o ſeu penſamento ſe preſume,
E pera desfazer eſta ſoſpeita
Com riſo contrafeito diſsimula
Alça os fermoſos olhos rodeando
A viſta pellas aruores, & a donde
A eſtá chamando amor depreſſa os paſſa,
Moſtrando não ver quem a ſua alma via.
Mas querendo partirſe, buſca modo
Com que ditoſo Souſa claro viſſes
Quam differente eſtá do ſer primeiro
Que moſtraua a teu mal puro deſcuido:

Ja Phebo deſcançaua nas inchadas
Profundas,groſſas ondas Oceanas
A irmaã no primo ceo com prateados
Rayos o eſcuro ar fauorecia.
Quando o boſque ſombrio ja deixando
Ao paterno apoſento ſe auezinhão,
Grão concurſo de gente ſegue aquella
Que em ſeu cuidado ſò leua o ſentido
Hum grão tropel de varios penſamentos
Combate a fantaſia embaraçada,
Trauados vem com força,honeſtidade
Com Amor,o temor com ouſadia.
Eſtes vencem agora,agora aquelles,
E todos lhe dão pena juntamente,
Afrontada com tais eſtremos,chega
Aonde o illuſtre pay por ella aguarda.
Fica de fora o miſero mancebo
(Sem mais poder mouerſe) mudo,& triſte:
Fixos os olhos la onde a tão juſta
Ocaſião de ſeu mal,ſe lhe eſcondera.
Qual fica o laurador que a pobre caſa
E ruſtica familia,vio ardida
De repentino fogo,& num momento
Perdido quanto bem o triſte tinha.
Paſſado o coração,alma, & entranhas,
Paſmado do ſucceſſo,& caſo acerbo
Tal o nobre Sepulueda ſe moſtra

Depois que ja Lianor vio recolhida.
E asi como se ve (quando he traspoſto
O claro Sol) o ar ficar ſombrio:
Enuolto em manto negro da confuſa
Humida, tenebroſa, muda noite.
Aſsi no coração do triſte amante
Hum cerrado bulcão fica eſtendido:
Que todo alli o cobre, & a ſombra quãdo
O ſeu fermoſo Sol perdeo de viſta.
Offerecendo foi o tempo ao mundo
Mil couſas nouas, outras desfazendo,
Como ſempre coſtuma, neſte eſpaço
Amor as duas almas tinha juntas,
Os corações conformes, mas cubertos
De diſsimulação nas aparencias.
Dentro nelles hum fogo, hũa dor graue
E o tempo dilatado os conſume.
Não pode hum grãde amor diſsimularſe,
Não ſofre manha, ardil, nem fingimento,
Não conſente hum deſcuido artificioſo
Pera ſecreto eſtar onde elle he grande
La ſe vai deſcubrindo pouco a pouco,
E mil vezes por onde ſe não cuida,
Por onde nos parece eſtar cuberto
Se rompe facilmente, & ſe deuulga.
Por força da palaura, ou virar d'olhos:
Por geito, ou por triſteza deſuzada

E por outros sinais se manifesta
Quando mais trabalhamos encubrilo.
Onde se escondera tão viuo fogo?
Quem dissimulara tão mortal peste?
Quẽ podera encubrir o mal de hum alma
Quãdo hũ furioso amor nella se imprime.
Depois que se rompeo este secreto
Amor igual em ambos, determina
O nobre pay casar esta fermosa
Filha, com Luis Falcão varão insigne.
Tratase o grande dote, desejado
Do pay, que busca sò bẽs da fortuna,
Sò riquezas pretende, mas a esposa
Ao Sousa está do ceo ja prometida.
O mancebo illustrissimo, sabendo
O mal que tão secreto se intentaua,
Arde em fogo cruel, & não repousa,
Nem acha a seu tormento algum aliuio:
Hũas vezes com furia se embrauece
Quer que rezão, ou espada o determine
Outras o coração com graue angustia
Parece, que ao melhor tempo lhe falta.
Qual fica o condenado a morte, quando
A sentença cruel se lhe publica
Com animo afligido, & mortal ansia
Procura algum remedio no mal certo.
Traspassado de dor, & graue pena

Ia buſca ardis, & manhas, ja reuolue
Razões, ou juſtas, ou artificioſas
Pera dilatar hum pouco a breue vida.
Tal anda o Souſa em quanto ſe apercebe
O matrimonio vão, cança, & afflige
Com imaginações o penſamento,
Buſcãdo algũ remedio em mal tão grãde.
Eſcolhe por melhor, & mais ſeguro
Conſelho, demandar ao pay por juſta
E Canonica lei, a que pera iſto
Lhe tinha dado ja conſentimento.
Por hum fiel amigo dizer manda
Ao Sà, que de Lianor nada deſponha
Porque por lei diuina ſe lhe deue
Entregar por eſpoſa que era ſua.
Com tal recado brama, & arde em furia
O colerico pay, que prometido
E dado tem palaura ao Falcão, & antes
A vida perdera, que não cumprila.
Aſsi como ſe ve brauo, & raiuoſo
O touro que no corro anda acoſſado
Com teſta carrancuda, & viſta eſquiua:
Mil bramidos nos ares leuantando.
Aſsi Garcia de Sà quando do Souſa
Tal recado lhe dão, fica ſem tento,
Fogelhe a cor do roſto, ajunta, & cerra
A branca ſobrancelha, aſsi dizendo.

A palaura que tenho ao Falcão dada
Por mim será cumprida, & não presuma
Leuar Manoel de Sousa o que me manda
Dizer auante mais, pois he escuzado.
Que primeiro estas mãos serão verdugo
Da filha que naceo pera matarme,
Primeiro a enterrarei viua, que passe
Esta falta por mim, tendo ella a culpa.
Espantado se vai de tal reposta
O que a presente furia dissimula,
Fica Garcia de Sá, na fantasia
Toruada, mil desgostos reuoluendo.
Ia consente, ja brando fica, & logo
De supita braueza se arrebata,
E o sofrimento perde, vendo a filha
Tão contra sua vontade assi casada.
Não sabe aconselharse no que deue
Fazer em tal afronta, determina
Perguntalo a Lianor, & não se sente
Pera o poder sofrer se for verdade.
Onde a fermosa filha está, vai todo
Toruado, com sembrante, & animo triste,
Estando com ella sò, pera mouela;
Com brandura lhe diz estas palauras.
Filha minha, a quem amo mais que a vista
E lux destes meus olhos, não me negues
O que te perguntar, bem sabes filha

Os termos em que eſtà teu caſamento
Que tenho a Luis Falcão ja prometida
A minha fè,& palaura verdadeira
Elle he tal,q̃ não quer mais q̃ o q̃ eu quero
E eu pera ti o mundo ſò queria.
He nobre, & da fortuna tem tal parte
Cõ que ambos viuireis muy deſcançados,
He diſcreto,cortes,ſeſudo,& brando:
E em toda a perfeição auentejado,
Eſtando eſte negocio ja no cabo
Com tanto goſto meu, Manoel de Souſa
Agora neſte ponto,agora,agora
Dizer me manda o que eu de ti não creo.
Que clandeſtinamente era contigo
Caſado, & por verdade mo afirmaua,
Cuſtume he de mancebos com tal manha
Deſuiar o alheo bem,que elles pretẽdem.
Bem ſei certo,quam longe eſtaras diſto:
Quam fora,& deſcuidada deſte engano
Mas quero que me digas, porque poſſa
Com razão mais vrgente deſculparme.
A beliſsima dama a taes palauras
Os olhos não leuanta,antes humildes
Na paterna preſença,& arraſados
De lagrimas,em terra os tinha fixos
Pello fermoſo roſto ſe lhe eſtende
A cor,que a toruação tinha roubada

E fica qual parece a frefca,& pura
Orualhada,fuaue,intacta rofa
Os olhos não leuanta,menos abre
A boca pera dar nifto defculpa,
Mas afsi diffe mais do que differa
Se refpondendo ao pay o confeffara.
Calar dá por repofta,confentindo
No recado do Soufa,& reprouando
A tenção de feu pay,inda que foffe
Em feu proprio proueito, tão fundada.
Que amor não lhe confente q̃ as palauras
E branduras do pay,hum ponto admita,
Não oufa confeffar o que defeja,
E o que o pay lhe offerece não no aproua.
Hũa dor vergonhofa lhe trafpaffa
O trifte coração,& alma affligida,
Não moue de hũ lugar os olhos,antes
Por elles groffas lagrimas defpede.
Que tidas no meo do afrontado
Alabaftrino rofto,lhe acrecentão
Mais (fe pode fer mais) a fermofura
E mais (fe pode fer) lhe dão mais graça.
Qual fe ve muitas vezes a vermelha
Rofa,em manhaã de Abril,que da paffada
Humeda,fria noite,hum liquor leue
E hum celefte rocio em fi recolhe.
As criftalinas gotas,na purpurea

Odorifera ſolha repreſadas,
Hum tranſparente aljofar moſtrão freſco
Que cauſaõ graça à flor, aos olhos goſto.
Vendo Garcia de Sá ſinal tão claro,
A a certeza euidente do que teme,
Diz leuanta eſſes olhos filha minha,
E a quem tanto te quer dize a verdade.
Alça Lianor os olhos, com modeſta,
Medroſa manſidão, moſtra ter culpa
(Se culpa pode auer no que Amor cauſa)
E ao pay ſeuero falla deſta ſorte.
Se hum grande amor merece grande pena,
Em mim tomai ſenhor juſta vingança,
Perdão vos peço ſò pois que deſculpa
Não ſei qual poſſo dar que vos contente.
No que me mãdais que faça, ja não poſſo
Obedeceruos, pois ja não ſou minha,
Se de Manoel de Souſa tendes queixa:
Matandome ficais bem ſatisfeito.
Apos eſtas palauras ſe debruça
Em terra, & os paternos pés abraça
O riguroſo pay inda que fero
Com tão piadoſas lagrimas ſe moue.
Furor, & Amor lhe abraſaõ juntamente
O duro coração, brauo, & raiuoſo:
Se caſtigo imagina, não ſe atreue
E ſe a furia o conſtrange, amor o impede.

Com

Com taes contrarios juntos num ſogeito,
Da camara ſe ſae,& a Lianor deixa
Arrependida não, mas degoſtoſa
De o ver aſsi por ella deſcontente.
O furioſo varão poem guarda,& olhos
Qu'eſpreitem,que atalayem,que vigiem:
Mãda, que onde ella eſtà ninguẽ ſe atreua
Entrar,dando tal pena por caſtigo.
Que por mal,ou por bem,conſigo aſſenta
Dar tal garça ao Falcão pois prometida
E dada lha tem ja,mas não reſponde
O futuro ſucceſſo ao que imagina.
Em quanto o pertinas pay buſca modo
Pera impedir ao Souſa,o que a ventura
Ditoſa lhe concede, & a prometida
Palaura cumpra a quem o tempo a nega.
A moça em tal afronta não repouſa
Teme o ſucceſſo mao,que ja ve certo:
Teme a fortuna aduerſa que ameaçandoa
Com deſgoſtos eſtà continuamente.
Lembrança tem do ſeu vnico amigo,
Paſſalhe o coração viua ſaudade,
E quanto menos tempo ve oportuno
Pera o ver,tanto mais crece o deſejo.
Buſca na fantaſia,inuenta,& traça
Remedios de falarlhe,& quando cuida
Poder effectualos,ſe lhe moſtrão

Mais tardios então, mais imposſiueis.
Mal diz a ſua ventura, & a dureza
Do coração tão fero, que aſsi a trata,
Mas ſe ella paſſa mal, não ſofre menos
Trabalhos: & afflição o triſte amante.
Perdida a cor do roſto, demudado
Malenconico, triſte, & penſatiuo
Buſca ſempre os lugares ſolitarios;
Acomodados mais a ſua fortuna.
Varios modos intenta de remedio,
Que em tais tẽpos Amor enſina, & todos
Acha, & ve ſem proueito, acha impedidos
Da fiel guarda, pronta, & vigiadora
Mas a fortuna ja quaſi mouida
Do trabalhoſo mal que o triſte paſſa
Hũa ſecreta via lhe offerece
De terceira ſagaz, & ſem ſoſpeita.
Eſcreuelhe por ella, não palauras
De artificio affeitadas, & alto eſtillo:
Não cura de ornamento imaginado,
Nem ſe canſa em moſtrar ſotil engenho.
Mas com fraſi ſingella, mil verdades
Lhe diz la dentro d'alma offerecidas
No canto que ſe ſegue as vereis, que eſte
Mais do que ſer deuia ja ſe alarga.

CANTO SEGVNDO.

Neste segũdo canto, Amor se detremina matar Luis Falcão Capitão de Dio, por conselho de Venus passa na ilha da vingãça, onde Raunusia reside, a qual lhe concede o odio, & ira, & a determinação, dos quais acompanhado se torna a Papho, onde Venus lhe da hum rayo, com o qual mata a Luis Falcão, causando grande espanto em toda a India. Poemse neste canto a Geographia de todo mundo.

Muito pode a cobiça, & mais se imprime
Nos fracos corações baixos vulgares,
Não ha torre, nem muro onde não suba:
Não ha prisaõ tão forte, que não rompa.
No que se mostra mais cerrado entra,
O que parece mais seguro escala,
Por demais he guardar, nem ter vigia
No que por qualquer preço fica facil.
Não bastou Lianor estar guardada
Com tanta vigilancia, & vida estreita
Não bastou de seu pay o prompto esprito
Nem menos a prisaõ quasi inhumana.
Pera que resistir podesse aquella
Que a mensage com dadiuas leuaua,

Nunca

Nunca mãy recebeo tanta alegria
Co filho que por morto ja chorasse.
Quando entrando no misero aposento
Triste por sua ausencia, o vio com ledo
E prazenteiro rosto, quanta teue
Dona Lianor co a carta desejada.
Com aluoroço a toma, antes de abrila
Particularidades lhe pergunta,
Se anda triste, ou alegre, se conuersa
Os parentes, & amigos que sohia.
Ou se delles se aparta, auorrecido
Daquella sem razão, & mal presente,
Abre a carta, na qual firma, arrasados
Os olhos, & ardendo alma, assi dezia.

Se hum brando, & amoroso pensamento
Que não se occupa em mais, que em cõtemplaruos
Lograra sempre tal contentamento,
Se tiuera de só imaginaruos
O gosto. & sô podera mereceruos
Amor por galardão de tanto amaruos.
Sem sobresalto, & medo de perderuos:
Não quisera outro bem, outra ventura:
Nem outra gloria mais que sempre veruos.
Mas isto me atalhou a desuentura
Tudo se me desfez quanto cuidaua
Que vos tinha obrigada, & mais segura.

Ah quanto, Ah quanto triste me enganaua
Com muito que este Amor vos merecia
Quam depressa chegei ao que receaua.
Mil vezes a cançada fantesia
Seguir deixaua hum vão contentamento
Apos o qual sem tento me subia.
Mostrauame o ligeiro pensamento
Mil fantasticos bẽs, Ah sorte dura
Que cuidando ser bẽs, tudo era vento.
Se imaginaua alli naquella altura
Poder outro lograruos me ficaua
O sanguefrio, a vida mal segura.
Alli hum cruel ciume me arrastaua
Por fragosa aspereza est'alma minha.
E ja feita pedaços ma deixaua.
Em passo tão estreito me conuinha
Chamar por vos senhora, neste estado
A minha impia fortuna então me tinha.
Se aquelle graue mal imaginado,
De morte me cobria, este presente
Sendo a tanta verdade ja chegado.
E posto em conclusão tão euidente
Como sem fauor vosso resistido
Serâ de quem a vida ja não sente.
Vede o estado em que estou, onde o sentido
Continuamente trago afadigado:
De graues accidentes combatido:

Onde me tras a morte ameaçado,
Onde passo hum cruel,duro tormento,
Onde ando com temor sempre assombrado.
Onde a minha esperança a leua o vento,
E onde hum contino mal,fero,& terribel
Sobresaltos me dá cada momento.
Todo o bem pera mim vejo impossiuel,
Perdida a ocasião com que passaua
Tão leuemente hum mal tão insofriuel.
Com veruos a minha alma descançaua,
E ao impeto furioso resistia
Quando Amor mais cruel se me mostraua.
Quando delle mais pena recebia
Sò com veruos ficaua tão contente
Que outro nenhum desgosto me vencia.
Mas agora que ja me vejo ausente
De tanto bem,& a tal termo chegado,
Viuo em contino & aspero accidente.
De hũa tristeza em outra sou leuado
Até parar em veruos satisfeita:
Com outro nouo amor ja confirmado.
Deste cuidado nace hũa sospeita
Que vai de ponto em ponto abreuiando
A vida a tais trabalhos tão sogeita.
Estouuos por meu mal imaginando
Em grosseiro poder,& vós contente
Meus seruiços de todo desprezando.

Vejouos outra vida alli presente,
Outro amor, outro bem, outro marido,
Outro estado, outro ser muy differente.
Vejome alli de vós ja despedido,
E vejouos senhora descuidada
De quanto mal por vôs tenho sofrido.
Nesta misera vida trabalhada,
O dia passo triste desgostoso,
Passo a noite importuna, & dillatada.
Amor peruerso injusto & riguroso,
Me tras então por grande desuentura
Minha, esse rosto alegre, & tão gracioso.
Trasme essa desusada fermosura
E como me ve nella trasportado:
Arrabatama, & fico em sombra escura.
Tremendo fico todo, & alienado,
Não sei se foi ficção, se foi verdade
Se foi sonho, ou se foi imaginado.
Tirandome com tanta breuidade
O bem porque sospiro, & me intristeço,
Torna com noua & estranha crueldade.
Representame estardes posta em preço
A hum interesse vil de todo atada
Mostrame darse a outro o que mereço.
E a consentirdes tal, serdes forçada
Por hum paterno duro mandamento,
Por mais que Amor vos tenha a mim obrigada.

Aqui he o crecer da pena, aqui o tormento
Se mostra mais furioso, esquiuo, & forte,
Aqui do mal se vence o sofrimento.
Em mil gritos rebento, & a fera morte
(Noutro tempo cruel, então piadosa)
Chamo, & negama a minha triste sorte:
Se agardecida sois quanto fermosa
Vede o que me deueis, & esta lembrança
O receyo, & sospeita rigurosa.

O fim da carta vai enuolto em lagrimas
De saudade & de amor que alma lhe passa
Hum grande espaço fica pensatiua
Varias, & incertas cousas reuoluendo.
Mas ja determinada no que auia
De seguir, & fazer inda que fosse
A custa de sua vida, lhe responde:
Leda se parte della a mensageira
Apressada, & solicita caminha,
Deseja de chegar onde tem certo
O premio de tal noua, encontra o nobre
Mancebo, que por ella ja esperaua.
Ao qual (vendoa de longe) de improuiso
Hum temor frio corre ossos, & veas:
O coração se altera, & com mil golpes
Parecelhe romper o triste peito.
O recado que traz saber deseja:

Não ousa perguntar, porque receya
Que lhe diga o que teme, mas chegada
Mais perto delle, a vio com ledo rosto.
A sagaz portadora lhe encarece
O risco a que se pos, & rodeando
A vista a toda parte, tira a carta,
Diz quem vos esta manda assaz he vossa.
Tomando a carta, sente de improuiso
Hum tão grande aluoroço como aquelle
Que temendo a cruel, mortal sentença:
Lhe vem dizer correndo que está liure.
Satisfaz com mão larga à que queria
Que pera outro tal bem certa ficasse.
Depois que se vio sò abrindo a carta;
Estas brandas palauras nella vinhão.

Se a fortuna poder tem de matarme
N'esta dura, & cruel prisão metida,
Não no podera ter pera mudarme.
Perderei sò por vos a minha vida
Por vos passarei leda este tormento
Ao qual muito ha que estou offerecida.
Ao cruel deshumano fundamento
De meu pay riguroso, leuemente
Lhe pode resistir meu sofrimento.
Nem porque assi o vejais tão diligente:
Não vos temais senhor, que mais constante
Estou quando elle està mais impaciente.

Tornar o rio atras, hir a diante,
Verão primeiro o monte, que mudada
Me vejão neste caso a mim importante.
Poderseha ver primeiro retratada
Em duro diamante outra figura,
E nelle com buril brando entalhada.
Que a fè que vos ja dei firme & segura,
Se moua, nem se aparte hum sò momento
Donde Amor quis, & a pos minha ventura.
Não he da condição do leue vento
O meu coração sò pera vòs brando:
Que se mude com qualquer mouimento.
Firme penedo sou, no qual quebrando
O tempestuoso mar a sua braueza:
Se ve a furia horribel desprezando.
Deste coração vosso a fortaleza
Ficarà por immobil forte muro,
Ficarà por exemplo de firmeza.
Não desmayeis senhor, estai seguro,
Que o meu contentamento assi impedido:
Se satisfaz co gosto, & bem futuro.
Que sò Manoel de Sousa no sentido
Trago, elle sò serà meu doce esposo:
Meu bem, & meu charissimo marido.
Este Amor imprimio com furioso
Tiro ca na minha, este sò quero:
Tudo mais me auorrece, & he desgostoso.

Sô neste me confio, cô este espero
Viuer alegre sempre, & descançada
A este amo de amor puro & sincero.
De tudo o mais estou muy descuidada.
Não quero outra riqueza, nem mais sorte
Nem me lembra depois de vôs, mais nada.
Com vosco ei de viuer, com vosco a morte
Quero, & com vosco ter ou bem, ou mal,
Com vosco branda vida, ou dura, & forte.
Cuidando nisto viuo, isto me val
Na triste ausencia vossa, no tormento
Que vos mereço bem seruos igual.
O impio, deshumano, duro intento
De meu pay ficarâ nisto perdido,
Que em vôs me pos Amor o pensamento
Sô vôs me estais por elle prometido.

Fica o mancebo illustre (lida a carta)
Qual aquelle que em golfo proceloso
Com forte tempestade & sem remedio
Nas ondas se vio ja quasi sumido.
E quando mais fortuna s'esforçaua
Com impeto cruel, & braua furia,
Supitamente vio num mesmo ponto
As ondas aplacadas, & elle saluo.
Afadigado andaua de hum receyo:
De hum triste sobresalto de contino

E quando mais perdido se julgaua
Vio da mudauel roda a mor altura.
Vendo tanta firmeza onde a mudança
Em peitos femininos sempre he certa
Vendo aquella constancia desusada:
Em genero tão vario, & pouco firme.
Iulgase com rezão por mais ditoso
De quantos mór ventura ca alcansarão,
Seguro está de auer cousa que mude
Aquelle coração firme, & constante.
Mas remedio não ve com que se abrande
O velho pertinaz, duro, obstinado,
Mais sente a vida estreita em que está posta
A fermosa Lianor, que o seu tormento
Reuolue na cançada fantesia
Remedios differentes, nenhum acha
Que o possa descançar em quanto a vida
Ao seu duro aduersario, lhe durasse.
Num mar de pensamentos engolfado:
Falla sò com Amor, de Amor se queixa,
Dizendo ah vencedor, ah poderoso,
Que receyas, pois nada te resiste?
Que cousa pode auer tanto difficil
Que a ti não seja facil se tu queres?
Porque temes agora, pois te fazem
Com tanta sem razão, tão grande offensa.
Duuidas de tirar hũa sò vida

Que

Que a minha com deſgoſtos me conſume?
A qual o meu deſcanſo ſò me atalha
A qual ſò teu poder,& força impide.
Não ſofras tanto ja pois me prometes
Remedio,ella faltando,ò Amor grande
Eſta pequena impreſa não te ſeja
Graue,pois outras mòres acabaſte.
Amor que perto eſtaua vendo a força
Que a corações tão firmes ſe fazia,
E que hum baixo intereſſe alli ficaua
Do ſeu poder & forças triumphando.
Afrontado,& corrido,determina
Impedir,& atalhar tal matrimonio,
O qual eſtaua em termos, que co a morte
Do Falcão ſò podia remedearſe.
Conſultar determina iſto com Venus,
Que pera o ajudar he grande parte
Vaiſe a Papho onde eſtaua a bella mãy,
E com ſembrante triſte aſsi lhe diſſe.
Fermoſa mãy ſe queres verme alegre,
Ajudame num caſo a mim importante
Em riſco & ponto eſtou de ſer vencido
Sò por hum torpe,vil,baixo intereſſe.
He neceſſario mãy,que o Falcão moura
Porq̃ o Souſa & Lianor ambos deſcancem
Pera o matar me offereço,mas ſeria
Bom conſelho fazerſe iſto ſecreto.

Acon-

Aconselhame māy que estou tão cego
Que o q̄ posto em razão for nā me agrada
Anojado me tem o que presume
Resistir meu poder, & inuicta seta.
E o que de mim pretende auer victoria,
Confiado em bēs falsos da fortuna,
Sentirá com seu dano a quanto chega
O meu golpe cruel, & vingatiuo.
A bella Cithbarea vendo a pena
Do ardentissimo filho asi lhe falla.
Não te enojes Amor: não te intristeças;
Pois teu desgosto acaba a vida minha.
Se palaura tēs dada aos dous amantes,
Moura o Falcão pois tanto nisto insiste,
Que quando filho meu cerras os olhos,
Mòres casos emprendes, mais te arriscas.
E pois queres vingarte, do que intenta
E cuida contrastar teu poder grande,
Seguirás meu dissenho, & em breue espaço
Vingado ficaràs, & satisfeito.
Isto dizendo ajunta com brandura
A belissima boca ao filho amado,
Trabalhando aplacar o peito ardente
E com distincta voz asi prosigue.
Saberas filho meu, que em viua pena
(Por te ver piqueno) viui antes
Que tiuesse remedio, grande angustia

Contino atormentaua esta alma minha.
E vendo que os teus annos em pequena
Proporção imperfectos parecião,
E os delicados membros te ficauão
Na primeira infantil, tenra figura.
O oraculo de Themis consultando,
Em reposta me deu ser necessario,
(Pera creceres tu) ter outro filho
De Marte, o qual ati faria grande.
Naceo de nòs Antheros, que âs injurias
De Amor vingança dá, deste ja sabes
Que quãdo firma em ti prõptos os olhos:
Não menino pareces, mas gigante.
E se de ti os aparta, logo tornas
A essa primeira minima estatura.
Muy justo tem tal nome pois Antheros,
Olhandote se chama Respondencia.
Este a seu cargo tem vingar agrauos
E as injurias de Amor satisfazelas,
A este contaràs tu, & daras parte
De teus trabalhos, penas, & desgostos.
La no Thyrreno mar, hum sitio esteril:
Espantoso se ve, de ondas cercado,
Onde a fera Raunusia vingadora
Tem sua habitação, & assento esquiuo.
Que desde aquelle tempo em q̃ a soberba
Dos que guerra ao grão Iupiter mouerão
Ficou

Ficou com tal caſtigo, qual cõuinha
Ao intento atreuido & temerario.
Quando as nuues raſgadas com eſtrondo
Que tremer, & abalar fez o vniuerſo
Vindo do potente, & furioſo braço
Hum coruſcante rayo, em fogo ardendo.
A machina aſſolou dos altos montes
Que impinados, tocauão quaſi as nuues,
Hum delles alli foi arrameſſado
Por juſto, & merecido, alto caſtigo.
Iupiter permitio nelle ficaſſe
Aquella que a vinganças eſtà prompta
Nemeſis, ou Raunuſia tem por nome,
Tambem eſta de Iupiter he filha.
Alli a cruel reſide, alli tem brauo
Terribel apoſento, aſpero, & duro,
Alli a ſeu trono aſsiſte o odio, & ira
A determinação, o ardor, & a furia.
Ambos ireis, mas elle à vingatiua
Nemeſis, pedira niſto remedio.
Tu filho não faras mais que moſtrarte
Anojado, queixoſo, & offendido.
Chegando alli dara eſtreita conta
A Raunuſia, pedindolhe ſocorro,
Determinação peça, peça ira
Que a tal intento ſaõ ambas propicias.
Dellas acompanhado daras volta,

Que

Que aqui com grãde amor ambos eſpero,
Auerei de Vulcano, em tal effecto
Hum cruel, repentino, ardente rayo.
Da determinação acompanhado
E da ira, faras notauel dano,
Tu cego ardendo em fogo, tu queixoſo:
Quem das violentas mãos ficara liure?
Outra vez, & outra vez (iſto dizendo)
Com brandura regala o peito eſquiuo,
E com eſtreito abraço claro moſtra
Quanto lhe doe o velho aſsi enojado.
O menino frenetico, ſe parte,
Fica a fermoſa mãy ſuſpenſa, & triſte,
Abre as pintadas aſas, & rompendo
Os altos ares deixa Papho, & Cipro.
Leuantaſe voando em grande altura,
Tão colerico vai, que perde o tino
Do caminho que leua, abaixa os olhos
Ao globo, & graue machina do mundo.
O ambito terreſte vio partido
Em tres partes, das quais o mar Oceano
Occidental, paſſando pello eſtreito,
A noſſa Europa de Africa diuide.
A grande Aſia, & o Egipto juntamente
Da Canopica ſaõ ambos partidos,
E a meſma Aſia, da Europa o Tanaisparte
Entrando por dous braços da Meothis.

O roſto

O rosto volta ao fertil Oriente,
A mão esquerda vio os leuantados
Montes Hyperboreos, onde o terribel
Boreas, cõ fero estrõdo assopra, & brama.
Celebres pello rio que das agras
Alturas, vem ligeiro o mar buscando,
Com impetuosa vea, & largas voltas:
Ficando por limite a Europa, & Asia.
Vio Scithia, vio Sarmacia pouoadas
De Tartaros crueis, que auorrecendo
O cultiuar as terras, satisfazem
A fome sô com sangue de caualos.
Biarmia vio, & aquelles sempre vsados
A mil perpetuas neues, habitando
A mór parte da vida em sombra escura,
Fazendo da nocturna luz o dia.
Vio Lapia, vio Russia, vio Moscouia:
Lituania, & Liuonia ao mar vizinhas,
Viçosas com as ondas transparentes
De Buristenes claro, illustre rio.
Vio Dinamarca, & Gocia, vio Sueuia,
E as varias pouoações dos que as ribeiras
Do grão lago Meothis mãy das agoas
E do Euxino mar, todos habitão.
Vio as Polonias ambas apartadas
Co a ligeira corrente de Vistula,
Desse pardo metal pesado ricas,

E do licor do alegre Bacco faltas.
Ao Norte a Prusia ve sua vizinha
Com seus comendadores esforçados:
Vngria vio la junto de Polonia
Diuididas co grão monte Carpatho.
Tambem vio Transiluania, vio Moldauia
De quem Ioão Sepus quis o gouerno,
Antes querendo ser Rey tributario:
Que liure companheiro de Fernando.
Vio Valachia, Bulgaria, Seruia, & Bosna,
Vio Romania, & Tracia, co essa insigne
Opulenta Bisancio, agora escura
Por mil superstições torpes, nefandas.
Thessalia vio ja liure das forçosas
Agoas do grão Penio, que a tinha oculta,
E logo junta vio a Macedonia
Do famoso Alexandre amada patria.
E vio aquella Thebas, cujos muros
Edificados forão co a suaue
Musica de Amphion, & destruidos
Por graues dissensões, & odios fraternos.
Epiro todo ve com suas dibras
Sogeitas a elRey Pyrrho ousado, & fero,
Albania, & Seruia vio, vio a Raguça,
Esclauonia ao Turco tributaria.
Ve a grão Negroponto, em outro tempo
Eubæa, declinada mais ao Norte

De Boecia, diuidida pello estreito
Euripo, a nauegantes espantoso.
Ao meyo dia vio a grão Morea,
E aquella antiga Arcadia, que fundada
Foi por Arcas de Iuppiter nacido,
E de Calixto Nympha assas fermosa.
Achaya vio tambem alli vizinha:
Lacedemonia, Argos, & Micenas,
Ficando de hũa parte essa Corintho:
Por Vasos & por Lais sempre famosa.
Vio ao longo dos Alpes o condado
De Tirol, abundante de aruoredos
Espessos, & sombrios, vio Bauaria
Que deu graues varões ao sacro imperio.
Ve à parte direita Austria famosa
Regada co Danubio, & Sauo insignes,
Vio a infame Morauia, pella torpe
Vil rapina, de seus habitadores.
Boemia vio cercada de frondosos
Escuros, & confusos aruoredos,
E o caudaloso Rio Albis, nacido
Nella, com seu curso hir honrar Saxonia,
Carinthia, Slesia vio, vio a Germania
Honrada, por illustres electores,
E aquella que moueo contra a Cesaria
Aguia, com força as armas Luteranas.
Vio Vuestphalia, & Hassia, que no meyo

Do caudaloſo Reno,& Albis frio
Aſſentadas eſtão, vio a Sicambria,
E Sueuia com gentes indomadas.
Os Cantões dos Eſguiceros, (que Eluecia
Antigamente foi ſeu proprio nome)
Vio, & as Borgonhas ambas com Philippe
Seu natural ſenhor tão nobrecidas.
Os ſoberbos Gueldreſes vio, que as agoas
Do criſtallino Rim bebem contino,
Holanda, & a Brauante vio na boca
Deſte famoſo rio ſituadas.
E vio a rica Frandes aonde a eſcala
E vniuerſal concurſo he tão ſabido:
No fermoſo lugar que da cortada
Mão, lhe ficou tal nome pera ſempre.
Chamão os Alpes altos & neuoſos,
Pera que a Italia veja tão ſoberba
Co ſeu monte Apenino, & tão ſenhora
Cos mares Adriatico, & Tyrreno.
Ve Calabria, ve Pulha com Otranto
Cobrado ja outra vez por ſorte amiga
Do barbaro cruel, que com mão dura
E ſanguinoſo eſtrago a ſenhoreara
Baſilicata vio, vio a Campanha,
Que outro tempo felice foi chamada
E nella vio aquella antiga Roma
Donde o Sancto paſtor ſempre reſide.

Poem olhos em Toſcana, vio a Morea,
Ve Ferrara regada do Eridano:
Onde o bello mancebo do alto carro
Caido, em branco cigne he conuertido.
Liguria, Lombardia, & a Piamonte
Ao pè dos Alpes vio os olhos pondo
Na força de Milão, & na ſoberba
Do ſeu forte caſtello inexpugnauel.
Vio a grande aſpereza deſſes montes
De immenſa altura, & neues exceſsiuas
Pello Carthagines famoſo abertos:
Pera Italia offender que lhe he inimiga.
Saboya vio honrada co a Real pranta
Portugueſa, que agora a manda, & rege,
E vio as quatro Gallias, Lugdunenſe:
Belgica, Narbonenſe, co a Aquitania.
Soberbas com razão co a bellicoſa
Gente que nellas viue, ouſada, & forte
E fertiles co as agoas do Rodano
De arrebatado curſo, & veloz furia.
Do Araris aprazіuel, do tardio
E ſinuoſo Garina, do Secàna
Com verdes prados freſco, & do profundo
Ligeris cujas ondas ſe vem triſtes.
Os montes Pyreneos paſſa cos olhos
Nauarra ve, & ve a Tarraconenſe,
Onde eſſe famoſo Ebro com ſuas ondas,

E criſtalina vea a rega,& laua.
Vio Canthabria,& tras ella a Cathalunha
Tambem a Brigia vio,& a que de Bethis
O nome guarda,& vio a Luſitania
Senhora de famoſa inuicta gente.
De Europa tira os olhos,firma os fixos
Na ponta Occidental de Africa, & junto
Do eſtreito que ambos mares cõmunica:
Abile,& Calpe ve,ſinais de Alcides.
Ambas as Mauritanias ve preſentes:
A Ceſarienſe ornada co famoſo
Altiſsimo Athalante,& a que de Tingis:
Por nome lhe ficou a Tingitana.
Ve aquella prouincia que de Eliſa
Fundada foi com fraude delRey Yarbas,
Nella triſtes ruinas vio que ao nome
Dos dous Scipiões tem dado tanta fama.
Numidia alli vizinha ve,& a diante
Eſſe Reino de Tripol aſſentado
No meo das duas Sirtes, cujo eſtrondo
Aſſombra, & ſobreſalta os nauegantes.
No deſerto areoſo vio lauradas
Dos Philenos irmãos as ſepulturas,
Cuja bondade ao mundo cauſa eſpanto:
Cuja morte lhes deu glorioſo nome.
A penthapolin vio,ou Cyrinaica,
Com ſuas principais ſinco cidades,

Ve Marmarica la junto do Egypto:
Cos ſeus habitadores inhumanos.
A parte do meyo dia eſtende os olhos,
Ve diuerſas prouincias apartadas.
De gente barbariſsima, que ao longo
Do Nilo, em pouoações pobres habitão.
Alli Getulia vio, vio a Maſsilia,
Nubios, & Garamantes, & os Seluages
Trogloditas, de cor toſtada & negra,
De venenoſos aſpides mantidos.
Grandes deſertos ve, onde alimarias
De eſtranha natureza, & varias formas
Naquelles eſpantoſos hermos: paſſaõ
A limitada, cega, & bruta vida.
O grande cabo ve tratado agora,
Eſcondido, & não viſto ao tempo antigo
A donde as tempeſtades com mais força,
E com terribel furia ſaõ continuas.
Ve dos montes da Lũa, o grande Aſtapo
Da ſua Catadupa deſpenharſe:
Vindo com ſete bocas com bramido
As ondas profundiſsimas buſcando.
Vio a quente Æthiopia criadora
De grandes Elefantes, cujas gentes
De nomes monſtruoſos, guardão ritos
Abominaueis, torpes, & nefandos.
Correndo a coſta, firma juntamente

Os olhos la no mar Mediterraneo,
As ilhas Baleares ve que mostrão
Nos gados, & nas lãs grande abundancia.
Ve defronte da boca do furioso
Rodano essas tres ilhas Esthecades,
Protes, Hypeâ, Messes, que a este nome
Admitir quer tambem Pomponiana.
Cerdenha vio, & a fonte que alli nace
Destranha, & admirauel natureza.
Que ao que furta (lauandose alli) perde
Por hum misterio occulto, a luz, & a vista.
Lypara, Hyera vio, vio Estrongile,
Vio Didime, Erecusa, & juntamente
Phenecusa, Euonimus, estas sete
Ditas por outro nome ilhas Æolias.
Sicilia cos tres altos promontorios
Em forma triangular, ve conhecida,
Onde a fermosa Ceres foi roubada:
E se ve de Encelado a sepultura.
Ve Malta bellicosa, onde o conuento
Da nobre religião està fundado,
Celebre por victorias & altos feitos
Dos valerosos seus comendadores.
Aquella Gelues vio, infame agora
Co a fortuna infelice, & sorte aduersa
Do valente varão honra muy justa
Daquelles que de Sande se apelidão.

Vio aquella Corfù, de Venezeanos
Com animo esforçado defendida
Mil vezes da braueza, & furia grande,
Das turcas, duras armas inimigas.
Chefalonia ve, & o Zante a onde
Rendidos corações, almas rendidas
Seguirão (mas em vão) ao tempo antigo.
A essa molher castissima de Vlixes.
Vio Naxo, Delos, Milo, vio Eubæa
Todas chamadas Cicladas, ao sabio
Apollo dedicadas, com seus coros,
E antigas danças, la na primauera.
Vio Candia agora, atras Centipolèa;
Co seu confuso & escuro Laberintho,
A quem Iupiter deu luz, fama, & gloria,
A que foi por Pasiphæe escurecida.
Aquella Rodes vio inexpugnauel,
Honra, & supremo bẽ do mar Carpathio,
Neste tempo fortissima, mas falta
Da nobreza Christaã que a defendia.
Vio Cipro fertilissima morada
Da bella Cytharèa tão fermosa,
Onde juntos estão perfido pacto
De Mustafà, & a fè do Bradagino.
Poem os olhos em Asia, & no mais alto
Ve Scithia, ve Sarmarcia pouoadas
Dos Tartaros que o Polo Arthico vendo

As agoas vem beber do Caſpio golfo.
Os Maſſagetas ve, Colcos, & Iberos,
E o imperio tambem de Trapeſonda:
Que o falſo genro ao ſogro tomou, eſſe
Que ao longo ſ'eſtendeo do Põto Euxino.
A menor Aſia ve, nella a Bithinia,
De Bithis rio illuſtre aſsi chamada,
E pella ſepultura do famoſo
Defenſor de Carthago, conhecida.
Ve Galacia, Pamphilia, & Capadocia
Que dos ſeus aruoredos teue o nome,
Vio Phrigia, onde a famoſa infauſta, e triſte:
Miſerauel cidade, foi ſituada.
Vio Licia co ſeu monte alto Chimera,
Lidia co rio Pactholo famoſa,
Cilicia vio tambem, a que de Lyco
O filho de Pandião, tomou tal nome.
Apoſento antiquiſsimo & ſeguro
De animoſos Pyratas roubadores,
Nobre co monte Tauro, cujos braços
Pedragoſos, mil voltas vão moſtrando.
Tomando varios nomes, o mais alto
Caucaſo ſe apelida, celebrado
Co tormento penoſo de Prometheo:
Daquelle Athlas irmão, q̃ o ceo cõtẽpla.
Partidas vio co elle as duas Armenias,
E vio eſſa prouincia onde os ferozes

 Brauos

Brauos Tigres d'esquiua horrenda vista:
Com dente,& vnha cruel fazem temerse.
Ve Media,& Parthia,& ve ja estreita a Assi(ria
Aqlla q̃ de Assur teue o principio.
Messopothamia vio em plano assento:
Cujos gados dos pastos se arrependem.
Ao Egypto estendida vio a Siria,
Phinicia vio,& aquella Palestina
Chanão chamada ja no tempo antigo,
Idumea,Samaria,& Comagena
Ao meyo dia vio Arabia felix
De suauissimas flores abundante,
Vio a deserta,& vio a outra Petréa,
E vio tambem tras estas a Pancaya.
Vio Persia a quem o nome do mancebo
Neto delRey Acrisis,ennobrece
Sogeita a Ismael de baixo sangue:
Mas de propicia, & prospera fortuna.
Digo aquelle que bebe as turbulentas
Salgadas:grossas ondas Oceanas.
La no Persico seo,& ao Norte bebe
Agoas do Hircano mar, & Caspio Ponto.
Chega cos olhos onde o celebrado
Rio que o nome deu à India,dece
La do Parapomiso,com mil voltas
Turtuosas,com rouco inchado estrondo.
Vio Marte horrido,e fero em varias partes

Banhan-

Banhãdo a dura espada em ruiuo sangue,
Vio com furia cruel mil edificios
Consumidos de braua ardente chama.
Vio Neptuno apraziuel onde a força
E braueza de Eolo não chegaua,
Vio por elle correr concauos lenhos
Com vella inchada & prospera viage.
Noutras partes reuolto o Reino liquido
Vio com sembrãte horribel, & as inchadas
Ondas, bramando alçarse em procellosa
Luta, quasi tocar as altas nuues.
E vio ligeiras naos que nauegando
Com socorro galerno, & tempo amigo:
De supito cubertas de terribel,
Medonha escuridão, & acerbo fado.
Com desestrada volta se escondião
No salgado elemento embrauecido,
E os tristes nauegantes condenados
Num ponto a miserauel, cruel morte.
Da bella Citharea vio branduras
E suauissimas queixas amorosas
Vio casos arriscados que acometem
Os de amorosa pena combatidos.
De gentes varias vio grandes concursos
Em trafegos mundanos occupadas;
Vio secretos perigos, vio estados
Sogeitos todos a vsada volta.

Vio nobres afrontados & abatidos
Não valendo a razão do illuſtre ſangue,
Nem dos animos nobres a pureza
Procedida de caſa & tronco antigo.
Vio outros leuantados cujos nomes
Eſcuros lhe deu luz hũa falſa eſtrella
Que defora os dourou, ſempre ficando
A intrinſeca natiua, baixa eſcoria.
Hay da terra (o Amor diſſe) onde abatida
A nobreza ſem cauſa he deſprezada,
E o ſangue baixo, & vil fauorecido,
Em mando & dignidade alta & ſuprema.
Dos taes o zelo mao ſempre reſponde
A ſua vil degenerada natureza,
Inchados, arrogantes, ambicioſos,
Tendo reſpeito a ſò viuo intereſſe.
Inclinação peruerſa dentro eſcondem
Nos peitos ateſtados de malicia,
Amigos moſtrão ſer nas apparencias:
Mas hay triſte de quem nellas ſe fia.
Que o dano ſentirà do impio golpe
Nos animos peſtiferos forjado,
E então conhecerà falſa virtude,
Odio, cubiça, enueja, & tyrannia.
Iſto dizendo tira com preſteza
Os olhos donde via tanto eſtrago,
Tantos ardis, & modos contrafeitos,

Tanta mintira, tanta falsidade.
Hum varão debil vio, cujo cabello:
Cuja barba escurece a branca neue,
Aligero, & ligeiro, que voando
Atras deixaua tudo ja esquecido.
Carregado de mil grandes memorias:
Em Léthe as sepultaua & submergia,
Conheceo ser o tempo que procura
Desfazer o que està mais fixo, & firme.
E de pura auareza sò pretende
Escurecer famosos, & altos feitos,
Casos de grande espanto apaga, & leua
As idades tras si, o gosto, & a vida.
O aposento espantoso de Raunusia
Vio de neuoa cuberto, & vapor turuo
A donde està escondida a furia fera.
Colerica, raiuosa, & vingatiua.
A esse lugar mortifero guiando
Vay, hum momẽto mais não quer deterse
Deixemos a jornada, pois deixamos
Com pena os dous amantes tão crecida.

Vãose hũs dias tras outros, vão correndo
As horas por momentos apressados;
E como sombra vaã, se passaõ todos
Ou como sonho escuro, ou leue vento.
A Dona Lianor sò, & ao charo esposo

Se mostrão dilatados, & auorrecidos,
Breues pontos lhe são cançados annos,
E o tempo duro em fim, lento, & tardio.

Não se póde alegrar o varão nobre,
Qualquer contentamento lhe auorrece
Malenconio, triste, pensatiuo
Anda desesperado, & quasi morto.
De pura saudade consumidos
Olhos, & rosto pallido mostraua,
E com penosa dor & peito triste
Cheyo de amor taes versos escreuia.

Doce enemiga minha mais graciosa
Que por Abril manhaã fresca orualhada,
Muy mais resplandecente, & mais fermosa
Que ao tramontar do Sol nuue dourada.
Porque es ingrata, esquiua, & rigurosa
Ao de quem foste sempre tanto amada?
Vira os olhos cruel pois nada espero,
Veme se quer morrer, que isto só quero.

Desdo primeiro dia que te vi
Alma, & vida te dei, & a liberdade,
Sem resistencia algũa me rendi
E à tua sogiguei minha vontade.
D'Amor o suaue mal então senti:

Vencerão

Venceràome apparencias de amizade
Apos ellas me fuy, não vi o perigo
De quem segue hum cuberto falso amigo.

Em desejos, & em sombra fui passando
Os bẽs que me mostraua o pensamento,
Fuime tras mil enganos entregando
Sem ver que era no ar tal fundamento.
Fortuna, & tempo vãoseme mostrando
De contrario, peruerso, duro intento,
Com tanto dano meu me tem chegado
A hum fim duro, cruel, desesperado.

Quando daràs ja fim a tal crueza?
Quando se acabarà hũa lei tão dura?
Em que pagas Amor com aspereza,
E te alegras da minha desuentura.
O frol de quantas fez a natureza
Mais perfeitas em graça, & fermosura
A hum tormento contino: a hum mal furioso,
Abranda o peito esquiuo desdenhoso.

Mudo me ves morrer por ti arrastado
De varios accidentes combatido,
O spirito sempre triste afadigado
Alegre no sembrante, mas fingido.
Tudo me anoja, tudo me he pesado,

E quanto vejo tudo auorrecido
Hay esperanças vãs, hay triste vida
Desgostosa por ti, por ti perdida.

Asi passaua o tempo & vida triste
Aquelle cujo peito em fogo ardendo
De remedio, & esperança duuidoso
Tras com penosa dor mortal figura.
Fogindo anda geraes contentamentos,
Ama tristeza, & sò tristeza busca,
Amigos auorrece, & tudo quanto
De antes ao coração lhe daua aliuio.
Quantas vezes subido falsamente
De hũ vão desejo a bés quasi imposiueis,
Em tanta altura, vendo oras ditosas:
Alegres conjunções, tempos amigos,
Seguindo a suauidade imaginada,
E o pensamento solto em mil branduras
Com duro sobresalto em si tornando:
Do fantastico bem se arrependia.
Ve todos seus dissenhos apagados
Embaraçados, presos, & catiuos,
Ve lento, & vagaroso hum sò remedio:
Do qual sò lhe depende a triste vida.
A condição cruel, seuera, & dura
Ve, que ao pay pertinaz se acrecentaua;
Sente de sua Lianor a vida estreita:

Sente a esquiua prisaõ,& peña injusta.
De graue dor o spirito de contino
Tras affligido,inquieto, & sem repouso,
Hũa mortal angustia ao peito enfermo
Tras derrubado,triste,enfraquecido.
Das entranhas ardidas mil sospiros
Claro mostrão intrinseca agonia,
Cuberto o coração de negra nuue,
De medos,de temores,& receyos.
Infelices pronosticos o trazem
Todo reuolto,lasso,& desmayado,
Em tudo sinais acha de tristeza
Tudo rodeado ve de sombra escura.
Asi o misero passa os longos dias:
As noites importunas,& pesadas,
Que remedio tera? pois em segredo
Lhe he forçado, & conuem perder a vida.
Vejamos o que amor procura & passa
Com Raunusia na ilha da vingança
Que se elle dellá vem determinado,
E raiuoso,o Falcão corre perigo.

CANTO TERCEIRO.

Neste terceiro canto chegão Antheros, & Amor à Ilha vingatiua, o odio os leua ao aposento da Ira, & todos quatro chegão ao aposento da determinação, a qual o apresenta a Raunusia, & auendo della o que lhe pedem, se tornão à Papho, onde Venus lhe tẽ aparelhado hum rayo que Vulcano lhe deu. Despedidos della chegão a Dio, mata Antheros a Luis Falcão, causando grande espanto em toda a India.

QVantos males Amor tem ja causado,
Que reuoltas, que danos fez ao mũdo
Casos de graue espanto, estremos grandes
Cometeo, & emprendeo assas terribeis.
Se de amoroso amor hum triste peito
Atormentado està com pena occulta,
Se com furiosa dor se determina
E de hum respeito cego se arrebata.
Quem poderá escapar? quem fugir pode
Hum mal de que a razão fica vencida?
Amor de Amor se paga, & não consente
Offensa, que se julge por injusta.
Lembrame que deixei posto em caminho
Antheros a hum atroz caso mandado
Com intento infernal sò pertendendo
Tomar de Luis Falcão vingança justa.

Aſsi ligeiro vai,que em pouco eſpaço
Chega onde eſtà Raunuſia vingadora,
O terribel lugar cerca,& rodea
Olha prompto por donde alli entraria.
Parecelhe ſer facil(que aſsi a todos
Os que vingar ſe querem lho parece)
Mas entrando vio quanto era difficil
Impedida de mil inconuenientes.
Em torno era cercada de fragoſa
Intratauel,ferrenha penedia,
Ouuemſe em cada parte aues nocturnas
Com funeſto gemido,& voz carpida.
La na primeira entrada junto à praya
Se faz hum apoſento entre penedos:
Entre cauernas negras onde hum fogo
Eſcuro,& negro lume,as carcomia.
E na concaua ſombra hum varão fero
Peſado,malenconico,& triſtonho:
De ſembrante cruel,de aſpecto duro:
De olhos ſanguinolentos,reſidia.
Grã cõtrario de Amor,de Amor ſe aparta
Toda couſa amoroſa lhe auorrece,
Hum peſtifero ardor lhe abraſa o peito
O roſto enuolto moſtra em cor ſulphurea
Chega Antheros,& Amor ambos fazendo
Deuida corteſia,lhe perguntão.
Onde Raunuſia eſtà,tambem lhe pedem

De ſeu officio & nome alli os auiſe.
O varão ſubterraneo ao que vingança
Pretende,ſe virou,com mao ſembrante
Com olhos malenconicos,triſtonhos
Com téſta carrancuda,& viſta eſquiua.
Se deſejas ſaber do que perguntas
Repoſta(lhe diz)temo de enojarte
Odio he meu proprio nome,de amizade
E de Amor ſou contrario duro imigo.
Se a ira vés buſcar,ou furia braua,
Forçado he que eu guiando va o caminho
Não na poderás ver ſem que primeiro
Tenhas em tal intento o Odio propicio
A determinação deſta he vezinha
A qual te leuará á impia furia.
Dizendo iſto ſe ſae da tenebroſa
Lapa;guiando o cruel fero menino.
Por hum caminho aſpero vão todos,
Todos a cada paſſo cobras piſaõ,
E Aſpides bramadores que veneno
Pollas bocas peſtiferas vomitão.
Hum fumo eſpeſſo,& turuo de eſcondido
Fogo, os leua a tè dar numa coua eſcura,
Onde hũa braua,fera & alta giganta
De ſembrante feroz & viſta horribel
Moſtra animo indignado,que mil caſos
Peſados & crueis emprenderia,

De brauõ aſpecto & olhos inflamados:
Regando os em veneno, arde em furia.
Alterada,& frenetica ſe moue
Polla concauidade,& ſitio eſteril,
E com huyuos & gritos a cauerna
Retomba com aſſento,& voz terribel
Com venenoſo dente hum cruel guſano
As entranhas lhe morde ſem piedade,
E pungida do eſtimulo impaciente
Com raiua,& furor brauo,deſatina.
Entrados,o Odio diſſe aqui te buſcão
Eſtes com quem ja venho de ſua parte,
Ambos os leuaremos ſem deterſe
Que a determinação ja nos aguarda.
Ouuindo eſtas palauras a Giganta
Da ſombroſa cauerna ſae furioſa
Tras ella vem ſaltando em tropel triſte:
Siluãdo,& abrindo as bocas grãdes cobras
Com rumor eſpantoſo,& alto bramido
Pegãoſe nella,& vãona atormentando,
A peſtifera furia com braueza
Mordeſſe,grita,& vai deſatinada.
Donde eſta furia mora ao apoſento
Da Determinação ha pouco eſpaço,
Alli chegados,a Ira rebentando
Com frenetico ardor aſsi lhe diſſe.
Eſtes buſcar te vem pera que ſejão

Por ti leuados onde està Raunusia,
Ia odio,& raiua traz, ja mais não falta
Que a determinação, serlheas propicia.
Sentada estaua aquella que buscauão
Firme sem se mouer, dous rostos tinha.
Hum de aspecto beneuolo gracioso
De humilde parecer,& affabel viso.
No outro se enxergaua hũa dureza,
Hum aspero sembrãte, hum peito esquiuo
Hum cenho auorrecido,& obstinado
Prompto a males, trabalhos & perigos.
Qual he o intento tal escolhe o rosto,
O que alli busca mao, ou bom partido,
Se vem mouido a sancta heroica impresa,
Ou se a casos,& fins altos aspira.
Ou em casto proposito mudado
Auorrece & despreza o falso mundo,
O delicado rosto brando,& suaue
Leua consigo a hum fim ledo & felice.
Mas se vingar se quer, ou de palaura
De que afronta recebe,& graue injuria,
Ou quer satisfazerse com successo
Cruel atrox, mortal,& vingatiuo.
O carrancudo leua, co este acaba
E vai por onde o Odio,& Ira o guião,
Co este comete casos arriscados:
E emprende mil extremos impossiueis.

O mon-

O monſtro ſe leuanta (ò caſo eſtranho)
Que num momento alli fica partido
Em duas partes iguais, a branda & facil
Sentandoſe, a impaciente ja caminha.
No meyo delles vai o impio moço
(Olhai que tal ſerà o fim futuro)
Elle cego da ira acompanhado
Com determinação de odio pungido.
Vai abrazado em fogo, & não repouſa
Dilatado, & penoſo lhe he o caminho,
Ia morre por acharſe junto às portas
Daquella que vingança prometia.
Sobidos num recoſto donde os paços
De Nemeſis ſe vem pouco diſtantes
Hum anciano varão de aſpecto graue
De venerauel roſto a elle ſe junta.
Dizlhe tornate a tras ò cego moço:
Não leues mais auante tal intento,
Não vas apaſsionado, que ſe fazes
As couſas com furor teras fim triſte.
Não te entregues á colera que induze
Arrebatados animos a males,
Olha que de tais obras, muitas vezes
Succede varios caſos infelices.
Os que contigo trazes deixa hum pouco:
Ficarteha libertado, claro o juizo,
Que andar acompanhado de odio & ira

Ou hũa,ou outra vez corre perigo.
A determinação branda não deixes
Por essa que te leua a hum impio caso
Olha que o mouimento arrebatado
Em grandes males he sempre homicida
Com desapaſsionados olhos anda,
Tira delles o veo que a luz impide,
Vas por caminho escuro pedragoso:
Quem te leua,a hũ barraco te encaminha.
Que esperas de Odio,& Ira?que pretendes
Da determinação com que vas firme?
Pois vas furioso,& cego,ja te obrigas
Passar pello rigor de qualquer culpa.

Ia o moço arrogante alli inclinaua
Os ouuidos á voz do sabio antigo,
Mas hum vento bramando pella altura
Daquelle alto cabeço a voz espalha.
As palauras lhe leua & não consente
Que sejão do frenetico entendidas,
A determinação,o Odio,& Ira,
Iuntos,pressa lhe dão porque caminhe.
Dizẽdolhe anda, & deixa os importunos
Conselhos do varão que ja caduca,
Que se agora daqui atras tornasses
Grande deshonra,& mingoa te seria.
Auante,auante andemos que ja os paços
Da bellicosa furia estão presentes,

Razão

Razão tés de vingarte,& não te cumpre
Conſelho de que fiques offendido.
Com tanta preſſa o leuão que não teue
Tempo pera entender o bom conſelho
Que ſe lhe offereceo antes que ao duro
Apoſento de Nemeſis chegaſſe.
Antheros ſe adianta como aquelle
A quem a execução era otorgada,
E auia de vingar com triſte morte
Eſta injuria que Amor tem recebida.
Os paços de Raunuſia fabricados
Na boca eſtão de hum longo eſcuro valle
Pollo qual vem correndo com bramido
Arrepiado,& medonho, hũ rio de ſangue.
Traz a funeſta vea cem mil corpos
E cem mil roſtos pallidos tombando
Em repreſados lagos ſe ſumia
Aquelle obiecto triſte miſerauel.
Os altos apoſentos rodeados
De armas, & varios modos de vinganças,
Carregado, & mortifero era o ſitio:
Com ſombras & ſinais de mao agouro.
Sobidos onde viue a furia eſquiua
Por altos corredores vão paſſando
Cheyos de ſetas,dardos,& arcabuzes:
Eſpadas,alabardas,groſſas lanças.
Não ha pintura aqui, nem viuas cores:

Não ha perfil medido justo,& certo,
Não ha varia eleição,não ha guardado
Decoro,alto dissenho,& bom contorno.
O que se pode ver por altos tectos:
Por paredes, & chão saõ nodoas tristes,
E mil sinais horrendos de qualhado
Auorrecido,vil,& negro sangue.
Passando estas varandas entrão dentro
Onde a cruel Raunusia se deleita
Hũa soberba quadra que lhe mostra
Memorias de vinganças ja passadas.
Alli de Helena està o violento roubo
E a inclita cidade em fogo ardida,
Estão os Frigios campos todos cheos
De lastimoso estrago,& corpos frios.
Estaua a cruel vingança que fez Minos,
Por seu filho Androgeû nos Magarenses
E nos proprios de Athenas, com tributo
Espantoso,cruel,& abominauel.
E deste mesmo Rey se ve a vingança
Que de Sila tomou,porque os cabelos
Fadados de seu pay,com impio golpe
Cortou,ao triste dando a sepultura.
Etheodes alli estaua,& Polinices
Filhos de Edipo,& filhos de Iocasta
Que de Edipo era mãy,sobre a partilha
Do florecente Reino dos Thebanos.

Eſtaua a fraternal dura contenda
Onde ambos hum a outro ſe matauão,
E ambos juntos lançados na fogeira
(Sepultura geral então de todos)
Viaſe (ò caſo increiuel) hum dos corpos
Daquelles dous irmãos, tão inimigos:
Lançando fora outro, olhai a furia
Que nelles viue, ſendo ja defunctos.
Alli eſtaua Thieſtes namorado
De Merope, de Atreu molher injuſta,
Ambos filhos de Pelops, que em Micenas
Como ſenhor, & Rey o mando tinha.
Pintado eſtaua quando da verdade
Atreu deſenganado, auorrecendo
Eſſe adultero irmão, & os tres filhinhos
Que Thieſtes na molher falſa gerara.
Eſtaua o Reino todo poſto em armas
Partido em diuiſões, em varias partes,
E pera ſe eſcuſarem mortais danos
Atreu ao falſo irmão a morte buſca.
Viaſe alli o mortal fero banquete
Onde o pay come os tres filhos cozidos.
E bebe o triſte ſangue dos que amaua,
Vingança tão cruel não preſumindo.
Alli Candalo eſtá Rey dos Lidóres
A Giges amoſtrando neciamente
O belliſsimo corpo, a liſa carne

Daquella que excedia a brança neue.
Mas a molher ſabendo o baixo intento
Do marido indiuido a tal belleza,
Afrontada, & corrida do ſucceſſo,
Satisfeita co a morte della fica.
Eſtaua a cruel vingança de Artaxerxes,
Contra Dario ſeu filho a quem negada
Foi Artuſia, & do tempo do grão Phebo
Injuſtamente foi ſacerdotiſſa.
Viaſe alli o motim dos parrecidas
Que contra o pay cruel ſe leuantarão,
E viaſe a vingança laſtimoſa
De tantos filhos, netos, & molheres.
Olimpias aqui eſtaua repudiada
Do grão Philipo Rey da Macedonia
Caſado com Cleopatra, & por Pauſanias
Da geração de Oreſtes, alli morto.
Tãbem ſogro, & molher que deſcuidados
Nas adulteras vodas ſe moſtrauão
Eſtaua aqui hũa alta forca, & nella
Tinha eſſe matador coroa de ouro.
Alli Thomyra eſtaua, que dos Scithas
Suprema Rainha foi, que apreſentando
A Cyro, Rey dos Perſas pella morte
De ſeu filho, cruel, dura batalha.
Por arte, & por induſtria alcançou delle
Hum famoſo, & notauel vencimento,

Ficando os verdes campos todos cheyos
De esforçados varões feitos pedaços.
Estando do grão Cyro a bellicosa
Arrogante cabeça separada
Do generoso corpo,& está escondida
Nũa caprina pelle chea de sangue.
A nefanda vingança abominauel
Desse Conde Iullião ao viuo estaua
Entrando com furor, estrago, & mortes
A gente Sarracena em toda Espanha.
Doyase o brãdo Amor de tantos males
Dados sem causa a tantos inocentes.
De tanto mal, de tantas desuenturas
Permitidas a peitos baptizados.
Entrando no aposento a furia triste
(Que vinganças crueis imaginaua)
Volue os olhos,& ve o infernal rosto
Com que primeiro o Odio se offerece.
E logo ve tras elle alto gritando
Essa furia cruel desatinada,
Ve a determinação que a vem seguindo,
E o cego sem conselho em fogo ardendo.
Ouuindo a furia esquiua as altas vozes
Daquella que vingança sempre grita
E a determinação ja prompta,& firme
Em cometer qualquer caso arriscado.
Supitamente a cor,& o rosto muda,

E hum furioso alentar lhe afronta o peito,
Pungelhe o coração hum ardor terribel:
Mostrando cruel, feroz, brauo sembrante.
O menino colerico descobre
A causa que o moueo a tal jornada,
E a forçosa razão que de contino
Nos cegos olhos traz viua, & presente.
A Ira gritos dá, o Odio punge
E morde o coração desposto a males,
A determinação se preparaua
Pera cumprir em tudo o duro edicto.
Nemesis impaciente ja concede
Tudo o que o cego Amor lhe requeria,
Os infernais ministros o acompanhão:
Voando vão tras elle dentro a Cypro.
Onde a fermosa, & bella Cytharéa,
Co dom que prometeo ja os aguardaua.
Recebeos com brandura & voz suaue
Cuidando ser Amor o que dantes era.
Mas vendo os infernais duros effectos
Que o acompanhão quasi o desconhece,
Dizlhe mal se conforma o doce nome
Co a figura que trazes differente.
Não te detenhas mais tu filho Antheros,
Que o termo derradeiro ao Falcão chega.
Ia se apercebe a Parca, ja offerece
O riguroso braço ao impio golpe.

Disse,

Diſſe,& logo nos ares ſe leuanta
O fero executor do caſo acerbo,
Em Dio pos os olhos aſſanhados,
Em Dio num momento entra eſcondido.
Chega a vltima hora,& final termo
Da vida ao Falcão triſte, & vendo Phebo
O caſo tão cruel que Amor comete:
Por não no ver ſe foi a outro Emiſpherio.
Cubrioſe o ar,& o ceo de humida ſombra
E polla redondeza hum manto eſcuro
Se eſtende a todas partes,a confuſa,
E tenebroſa noite ſe aparelha.
Pera encobrir o inſulto horrendo,& feo
Que Antheros ja comete, o qual cõ prõto
Sprito,aguarda o termo em que a ſentença
Ia confirmada la no ceo ſeria.
Aſſomaſſe o Falcão a hũa varanda
Deſcuidado do mal que tem vezinho:
Chamando a deſejada Aura que venha
Com brãdo & freſco aſſopro a ſocorrello.
Por ſer naquelle mes onde ſe esforça
Apollo,viſitando o Lião neméo.
Por Aura chama o triſte,& não preſume
Que a ja vezinha morte lhe reſponde.
A voz ferio ao moço o prompto ouuido,
Que tempo & conjunção eſtà eſperando,
Deſpara o furioſo horribel Rayo:

Que faz bramar o ceo,& o monte atroa.
O mortal Rayo vai em fogo ardendo
Rompendo com rogido os altos ares,
Vai de hum fim miserauel rodeado,
E de hũa indigna morte repentina.
Acerta o descuidado liure peito
Por onde mais depressa alma se rende.
E deixando em pedaços as entranhas
As costas passa,& foge sem ser visto.
Cae o nobre varão com doloroso
Gemido,& triste voz ja mal distincta.
A talhada da morte,que rompendo
O veo corporeo,solta a alma catiua.
Sabido o grande mal, eis vem correndo
Seus criados,& subditos chorando:
Leuantãose altas vozes de improuiso
E hum choroso clamor,que rõpe os ares.
Por toda a fortaleza se diuulga
O successo espantoso & horribel caso,
Acode a gente atonita,pasmada
Polla supita,& grande desuentura.
Acodem seus amigos com presteza:
Com lagrimas mostrando a dor que sentẽ,
Abremse as portas entra hũ tropel grande
De gente varia em sexo,& nas idades.
Amotinados vem fortes soldados
De armas,& de furor apercebidos

E entrãdo onde o defũcto corpo em sãguẽ
Enuolto eftà, vingança todos gritão.
Ia tochas, & brandões aos tenebrofos
Ares dão clara luz, ja por mil partes
Com fumma diligencia o delinquente
Peruerfo, & cruelifsimo fe bufca.
Mas era todo vão qualquer trabalho,
Que o menino arrogante co a victoria
Que alli tinha alcançado, dando aos ares
As afas, era a Cypro ja partido.
Sofpeitoufe que Amor no cafo infando
Tão iniquo & cruel foffe homicida,
E que de hum tão injufto & bruto feito
Sua fegueira fò tiueffe culpa.
Com pompa funeral, & amargo pranto
O corpo foi leuado à fepultura
Onde latinas letras bem talhadas
Hum Epitafio moftrão que dezia.

EPITAFIO.

Se perguntas quem jaz nefte apofento
Efcuro, frio, trifte, auorrecido,
Sou quem liure de Amor, & feu tormento
Fui por Amor fem caufa afsi offendido.
Hum cruel deshumano bruto intento
Hum cego Amor de ciumes conftrangido
Co a minha trifte forte conjurados
Anticiparão meus vltimos fados.

A fama

A ſama ligeriſsima correndo
Vai por diuerſas partes,& apregoa
O caſo acontecido,dando ao mundo
De vario murmurar razões vrgentes.
Hũs dizem que tal morte por afronta
Ou recebida injuria ſe daria:
Outros a cobiçoſo baixo intento,
E a tyrannicos roubos o atribuem.
Outros que cometeo torpe adulterio
Por onde ſe tomou juſta vingança:
Mas a palreira fama diz,& afirma
Que o cego Amor ſò nella teue a culpa.
De cidade em cidade corre a noua
Do riguroſo caſo,& triſte morte
Atè chegar a Goa,onde na gente
Plebea,& nobre cauſa graue eſpanto.
Grande eſcandalo fez geral a todos
O deſeſtrado fim do varão nobre
Deſejauão caſtigo,que ficaſſe
De tão nefando crime por exemplo.
O tempo auaro amigo de mudanças
Fez tratauel, & brando o duro caſo,
E rodando por pontos apreſſados,
Das memorias varreo hum mal tão grãde.
Depois que vio Amor que o fugitiuo
Tempo,hum tal erro ja tinha mais brãdo,
Não ſe eſqueceo daquelles cujas almas

Em tão ſuaue priſaõ, tinha tão juntas.
Manda o Souſa pedir com brando rogo
Ao generoſo pay da bella dama
Que queira conſentir, o que não pode
Atalhar com rigor, & peito irado.
O inſigne varão vendo desfeito
Co a morte do Falcão, o que intentaua
Conſente o caſamento, & diſsimula
A magoa, & grande dor que tinha n'alma.

CANTO QVARTO.

Neste quarto canto ſe celebra o caſamẽto de Manoel de Souſa de Sepulueda, com Dona Lianor de Sà, fazemſe muitas feſtas por tais vodas, & paſſado algum tempo, determina Manoel de Souſa embarcarſe com ſua molher & filhos no funeſto, & infelice Galeão São Ioão.

Nada reſiſte ao tempo, tudo vence,
Tudo desfaz, conſume, & tudo gaſta,
Grãdes males, & perdas, grãdes danos
Grandes deſgoſtos dà ao eſquecimento.
Leuanos da memoria em pouco eſpaço

Aquillo que antes era eſpanto á gente,
E o que nos aſſombrou ontem, ja oje
Leue o faz parecer brando, & tractauel.
Não ha triſteza grande, que não cure:
Não ha dor que co elle ſeja graue
Todo o mal, & rigor, toda aſpereza
Eſte velho cruel nos torna facil.
Aquelle caſo atroz, que a quem o ouuia
A grande indignação o prouocaua:
Tão eſquecido fez, que quaſi em ſonho
Iulgaua a gente ſer acontecido.
Ceſſe ja a tempeſtade, & o duro inuerno,
Paſſe, & leue conſigo ſombras negras
Rompaſe o manto eſcuro tenebroſo
Que as amoroſas almas tem ſombrias.
Desfaçaſe o Bulcão, da neuoa eſpeſſa,
E o infelice vapor moleſto, & triſte,
Venha ja o reſplandor do louro Apollo
Aclare deſtes dous o mal occulto.
O brando, ſuaue Zephiro reſpire
Nos brandos corações dos dous amantes,
Fauoreça o grão mal, que o brauo, & fero
Vulturno tinha nelles imprimido.
Venha ja, venha ja a lucida eſtrella
Do Sepulueda ja ditoſo, & ledo,
Brotem lirios os campos que atègora
De cardos eſpinhoſos ſe cobrião.

Deſa-

Desapareça o rosto fusco,& negro
Da tristonha,sombria,& muda noite
Que em sospiros,& angustias occupados
Os dous ardentes peitos sempre tinha.
Appareça o risonho,ledo aspecto
Da fresca Aurora,& mostre ledas cores
Nos turuos Orizontes,resplandeça
Nos tristes corações alegre dia.
Depois de ja passados algũs dias
Que a turbulenta vnião foi aplacada
E a morte injusta sò no diuo peito
Daquelle alto juiz ficou escrita.
As vodas se aparelhão com tal fasto
Qual a tanta nobreza era deuido,
Ia parentes,& amigos ao solenne
Recebimento vem,& ao dia felice.
Não faltão inuenções nouas,& estranhas
Não faltão varias cores aprazíueis,
Se hum vê riquo,& custoso, outro procura
Com gosto ja superfluo,auentajarse.
Do paterno aposento sae a dama
Por espanto julgada alli entre todos
Os ares alegrando com tal graça
Que a bella Cytharèa se lhe humilha.
Dos seus louros cabellos leua feitas
Em torno da cabeça hũas laçadas
Guarnecidas de perlas de alto preço

Com eſtranho lauor de obra admirauel.
Leua ricos firmais que os olhos cegão
Com viuo reſplandor de puros rayos
Mas ſe ella os olhos alça outros deſpede
Que ſem remedio ardendo deixão almas.
Leua roupa comprida ao Frances vſo
De hũa ſeda que à cor do prado excede
Iuſta no corpo atè a cintura,& della
Afaſtandoſe, em roda a terra toca.
Largas mangas em mil golpes cortadas
Tomadas com botões de groſſas perlas,
E o branco,liſo collo rodeado
Da belleza que ſò Biſnagà cria.
Hũa ditoſa cinta eſtreitamente
O belliſsimo corpo abraça,& creyo,
Que diſto o Souſa tanto cioſo iria,
Quanto a todos os mais faria enueja.
Caelhe do hõbro eſquerdo hũ rico manto
Na meſma ſeda,& cor conforme à veſte,
E vai mouendo o tardo curto paſſo
Cõ muy gracioſo ar,brando,& honeſto.
Ao templo principal vão confirmarſe
Co as bençóes q̃ a ſagrada Igreja ordena,
Não cabem pellas ruas os que vinhão
Por ver as graças mil de ſeu ſembrante.
Qual a fermoſa Aurora ſe nos moſtra
Em primauera roſas derramando

Ao derredor do ceo,ou qual Diana
Quando do amado irmão toma luz pura.
Tal ſe moſtra Lianor,& em qualq̃r peito
Ou frio, & debil ja por longa idade
Ou robuſto cos annos florecentes,
Cauſa hum deſuſado,nouo eſpanto.
Hũs notão com cuidado a delicada
Aluiſsima mão,chea de deſpojos
Enleuados vão outros na belleza
Do peito alabaſtrino,& liſa carne.
Outros o mouimento aſſoſſegado
Das pomas que em aluura a neue excedẽ,
E aquelle igual compaſſo ſempre certo
Com que ſe vão, & vem attentos notão.
Outros no penſamento vão medindo
A proporção igual marauilhoſa
Das partes perfectiſsimas,que a roupa
Auara,de cioſa lhe eſcondia.
Ao eſtrondo da gente aluoroçada,
Aſſomãoſe molheres,cada hũa
No modo em q̃ ſe achaua,ou mal cõpoſta,
Ou aguardando ja pera ſer viſta.
Em voz alta dizendo clara eſtrella
Nacida ca entre nós por dom diuino,
Tanto te faça Deos ditoſa,quanto
Te fez perfeita em toda fermoſura.
De branca ſeda leua,o charo eſpoſo

As calças,& jubão de ouro laurados,
Leua caprina coura ornada,& chea
De pequenos botões de mil diamantes.
A capa,& gorra são da cor da neue:
Da mesma cor a pluma alegra os olhos
Leua rica medalha & nella escrita
Hũa letra que diz:Tudo he ja pouco.
De cristal transparente leua a espada,
D'esmaltados lauores guarnecida,
Luuas de suaue cheiro,& a camisa
Das obras mais sutis de Lusitania.
Soberbo de alcançar por tal tormento
Tão alto gualardão, & que a ventura
Não tem mais q̃ lhe dar,pois lhe da todo
Quanto preço, & valor no mundo auia.
O misero não sabe o fim tão triste
Que o tempo cruel lhe tem guardado
Nem q̃ Atropos horrenda,em breue tẽpo
Tal bem lhe atalhara com impio golpe.
Ia Phebo reclinandose nas partes
Remotas do Occidente mitigaua
Os inflamados rayos,& o purpureo
Leito de Thetis hia demandando:
Quando ao sagrado templo chegão todos
Onde esperando està o sacro ministro,
Alli as direitas mãos dadas,ficarão
Ao matrimonial vinclo sogeitos.

A turba

A turba popular em vozes altas
Diz com grande alegria viuão, viuão.
Qual o fructo de Ceres proueitoſo,
Qual o de Flora eſparge pellos ares.
Comprida a ſacroſancta cerimonia,
Com muy grande aparato, & nobre pōpa
Tornãoſe ao apoſento onde ja poſtas,
E preſtes eſtão meſas bem prouidas.
A grande ſala eſtá toda toldada
De ſumptuoſo, ſplendido atauio
As largas meſas enchem de baixellas
De hũa dourada prata, de obra rara.
Ia ſe trazem manjares exqueſitos:
Em abundancia mais que os de Cleopatra
Ia trazem ricas còpas arrazadas
Do vermelho liquor do alegre Bacco.
Alli eſtaua Hymæneo, eſtaua Iuno
Em ſemelhantes autos ſempre certos:
Defunctos, & amarellos roſtos tinhão
Moſtrandoſe ambos quaſi amortalhados.
Mas não quiſerão ſer aqui preſentes
Ao thalamo infelice, porque ſabem
Que o ditoſo principio lhe ſeria
Em deſeſtrado, & amargo fim tornado.
Ambos gemerão juntos o ſucceſſo
Infelice, & cruel, & a fera hiſtoria
Que pella redondeza eternamente

Delles por triste exemplo ficaria.
As infaustas Heumenides vierão
No mòr contentamento, & alegre festa
E postas no alto tecto derão gritos:
Hum misero & mortal fim prometendo.
Depois de ja acabado o copioso
Esplendido banquete se recolhem
Pera onde aparelhado estaua hum nobre
Bem laurado, custoso, rico leito.
Ornad'aquadra toda de hũa seda
De cor varia apraziuel, & lustrosa
Que la da Persia vem, tambem se via
Nella, de prata hum rico, & sotil vaso.
Que vaporando está continuamente
Hum cheiro suauissimo celeste.
Ordenado por Venus, que a taes vodas
Quis alli presidir, & acharse em tudo.
Por lhes fazer fauor a Cipria bella
Esparge sobre o leito & branda cama
Hum delgado rocio, & liquor leue
Que sò pera este effeito Cipro cria.
O menino tambem que almas acende
E contra os corações isentos se arma
Anda cercando o leito de diuersos
Estranhos suauissimos amores.
Quando a humida, negra, & muda noite
No meo da jornada ja subida

Infunde

Infunde geralmente hum doce ſono,
Que os corpos dos mortais laſſos recrea.
Megèra infauſta, & triſte ſae do Reyno
Eſpantoſo, cruel, & abominauel
Transformada num'aue prodigioſa,
Que auorrece a Phebea luz, & o dia.
E corrida das outras que a perſeguem
Segue contino as ſombras tenebroſas,
Importunando a gente com gemido
Perlongado, choroſo, & miſerauel
Entra na leda camara batendo
As negras aſas, faz hum ſom horribel
Hũa vez, & outra vez rodea o leito.
Pronoſticando morte, & mal futuro.
Védo Venus, & Amor o eſquerdo agouro
E o prodigio infelice dos que amauão
Vendo que não ſe eſcuſa o fim eſpantoſo
Que a fortuna enuejoſa lhes guardaua
Com lagrimas amoſtrão, quanto ſentem,
E quanto lhe a ambos doe ſua morte crúa,
Saemſe com eſta dor, & pellos ares
Delgados, & ſotis a Papho chegão
Deleitoſa morada da alma Venus,
Onde ſempre recebe honra, & louuores
Onde premios ſuaues, & amoroſos,
Aos amantes ſe dão com razão juſta.
Aqui o famoſo templo eſtà que ardendo

Con-

Continuamente cem altares mostra
Fumegando o Sabèo sacro incenso
Sacrificio deuido ao ceo mais alto.
Aqui grinaldas mil de verde murta
As Doricas colunas ornão sempre
Aqui diuersas flores, aqui rosas
Polla terra se vem sempre espargidas.
Não foi parte o lugar vsado a tanta
Alegria, & prazeres tão continos
Pera que tirasse em longo tempo
Memoria, & magoa deste caso triste.
Seguindo Phebo a via arrabatada
Do primeiro mouedor, que constrãgidos
Com curso velocissimo reuolue
(E com violenta furia) os outros orbes.
Dando a forçada volta, ja tornaua
Mostrarse no Oriente com radioso
Rosto, alegrando à terra, que a sombria
Noite confusa, tinha escura & triste.
Desemparado ja dos dous amantes
O leito sabedor de seus amores
Ambos de roxa seda, recamada
De branca & fina prata, vem vestidos.
O dourado cabello Lianor cobre
Com sotil rede de ouro, & à destra parte
Hũa loura laçada, que hum diamante
De preço, & valor raro, lhe sustinha.

Nos bellißimos olhos amostraua
Hum certo agrauo, & queixa cõ brandura
E o rosto em frescas rosas conuertido,
Hum afrontado pejo descobria.
Ia parentes & amigos vinhão todos
Com ricos & custosos atauios
E com grande aluoroço ordenão logo
Solennizar com festa o dia felice
Em banquete magnifico se ajuntão
Tratando com prazer ledas historias
E acabado se vão os que no feito
Regozijado, auião ser presentes.
Ia finas alcatifas por janellas
Se mostrão de pintadas viuas cores,
Ia por ellas se assomão confiadas
(E muitas com razão) fermosas damas.
Ia por todas as ruas corre a gente
Com aluoroço grande, & alegres almas:
Apressaõse a tomar os mais seguros
Os melhores, & os mais altos lugares.
Assomase Lianor, & o charo esposo
Ambos a hũa janella, que por elles
Ia com grande soberba, & guarnecida
De brocado requisimo, aguardaua.
Leuantase hum rumor em todo o pouo
Vendo tal fermosura, & com voz alta
Hũs lhe rogão mil bẽs, outros pasmados

Cos olhos nella promptos ficão mudos.
Em outra quadra eſtaua o varão nobre
Garcia de Sà, o pay de Lianor bella,
Com venerando, affabel, ledo aſpecto
De principaes varões acompanhado.
Das trombetas baſtardas, & atabales
Hum ſom experto, & viuo os ares rompe,
Virãoſe os olhos la onde ſe ouuia,
O eſtrepito, & rumor aluoroçado.
Entrão na grande praça juntamente
Por ſeu eſpaço, & ordem concertada.
Aquelles que os guerreiros inſtrumentos
Tocando, brama o ar, & o monte atroão.
Hũs de encarnado, & branca, ſeguem hũa
Quadrilha, outros d'azul, & branco ſeguẽ
A outra, & juntos entrão com eſtrondo,
Com grande aplauſo, grita, & vozaria
Caualos ageazados ſeguem eſtes:
De deſtro alli trazidos por lacayos
Que das duas librès ja ditas, vinhão
Bem veſtidos, luſtroſos, & galantes.
O broslado mandil volto, & reuolto
A hũa, & outra parte pellos ares
Fermoſa viſta faz, logo apos eſtes
Vinte mancebos nobres aparecem.
De damaſco encarnado os capelhares
Cõ cadilhos de prata, hũs trazẽ, & outros

Do azul com guarnição,& viuos de ouro,
E nas cabeças todos ſotas brancas.
Os fermoſos ginetes arrayados
Com muy ricos jaezes vem ſoberbos:
Reuoluendoſe aqui & alli com brio,
Por entre a vulgar gente fazem campo.
Ouueſe a triſte voz do que offendido
Fica da mão ferrada,ou dura pranta,
E onde a gente mais ferue ſoa o grito
Do que valerſe em tal preſſa não pòde.
Todos de dous em dous dão volta á praça
Cauſando a quem os ve contentamento,
E onde Lianor eſtà,cada hum ſe inclina
Com airoſa,& gracioſa reuerencia.
Os dous primeiros juntos na carreira
Ligeriſsima moſtrão ſer expertos
Atropellando vão com furia immenſa
A terra,ambos brandido as teſas lanças.
Erão Baſtião de Sá,Triſtão de Souſa
Eſtes, aos quaes dous outros logo ſeguem
Correndo ambos iguais,mas la no meyo
Da carreira,hum paſſou,outro atras fica.
Que quebrandolhe hum loro, a eſtribeira
Caida em terra,o faz parar ſem tempo.
Os terceiros ja vinhão com airoſa
Apraziuel,veloz deſemuoltura
Eſtes erão Triſtão de Sà,& Antonio

De Sà, que ao bello Adonis excedião.
Ambos em verdes olhos iguais, & ambos
Iguais em juuenis annos floridos.
Caualo remendado de mãos brancas
De leuantada têsta vfano, & fero:
Hum leua, outro castanho que na fronte
Hũa pequena estrella mostra branca
Ambos vem com tal impeto que a terra
Fundirse parecia, dando a toda
Quanta gente os olhaua, grande gosto,
Dezião ser do ceo cousa tão bella.
Poemse Garcia de Sà, gentil mancebo,
Com Amador de Sousa ambos no posto,
E querendo partir as mãos leuanta
O caualo do Sousa ardego, & fero.
Que leuando hum bocal de fina prata
Do agudo som se espanta, & não querédo
Obedecer, forçado foi ao Sousa,
Que a outro mais domestico passasse.
Antonio de Sampayo juntamente
Com Francisco de Sà ligeiros partem,
Mas o Sampayo mais era esforçado
Que destro & desenuolto na gineta.
O caualo feroz sentindo a espora
Do freyo domador cura muy pouco,
E no fim da carreira atras deixando
O companheiro a muita gente offende.

Leuantaſe o alarido atè as eſtrellas
Da plebea vulgar copioſa turba,
Em terra hũa,& outra capa jazem,
Iaz hum, & outro barrete ſem ter dono.
Que o ſoberbo caualo atropellando,
E mal tratando a muitos,fez confuſo
Notauel deſarranjo,enchendo a terra
Aqui,& alli de mil varios deſpojos.
Ia Chriſtouão de Sà com Dom Antonio
De Noronha,ſeguindo alheo exemplo
Vinhão batendo a terra com tal furia
Qual ſe ve no toruão,que o ceo rodea.
Todos vinte correndo,derão moſtra
De grande brio,ar,& gentileza,
Os dez dos dez ſe apartão, tomão poſto,
Em que contrarios hũs dos outros fiquẽ.
Trombetas,& clarões baſtardos,ſoão:
Fazendo ja ſinal a leda briga,
E aquelle rouco eſtrondo de atables
Os animos auiua & faz eſpertos.
De ambos os poſtos vem corrẽdo apreſſa
Em todo eſtremo airoſos & muy deſtros,
Fazem contrarias voltas,& nos ares
Voão continuamente as leues canas.
O caualo de cor natiua eſcuro,
Ia de eſpeſſo ſuor branco ſe moſtra:
O tenido d'eſporas,& a continua
Grita,

Grita, faz reſonar as altas nuues.
Aqui Antonio de Sá neſta trauada
Preſſa, ſe acerta com Triſtão de Souſa,
Ambos com denodado encontro, as ſellas
Liures deixando, ficão ſem perigo.
Mas forão ſocorridos num momento
De ligeiros ginetes que folgados
Eſtauão, & na volta outra vez entrão.
Do deſaſtre paſſado aſſas corridos.
Tira Baſtião de Sá com forte braço,
Hũa verde comprida, & dura cana,
E onde Garcia de Sà no poſto eſtaua
Tomando outra o caualo la lhe alcança.
Dalhe hũ pezado golpe hum pouco acima
Da venta eſquerda, o qual embaraçado
E ſem tento co a dor as mãos leuanta,
Lançando de furioſo ſangue hum Rio.
O ligeiro mancebo ſalta em terra
Do perigo, & deſaſtre ſolto & liure,
Cae o tonto animal, & os arções ambos
Na dura terra ficão imprimidos.
Phebo eſteue preſente em quãto andarão,
Em bom concerto & ordem, mas ja quãdo
Tão reuoltos os vio não quis que ouueſſe
Triſteza em tão felice, & alegre dia.
E reclinado ja nas groſſas ondas
Do grande Oceano, deu remate ao jogo,
Vãoſe

Váose todos contentes,& os illustres
Mancebos na vsada ordem se partem.
Vaise a plebea gente cada hum trata
Do que na festa achou mais a seu gosto
Hũs a destreza,o ar,& a graça louuão
Dos que nella se mais auantajarão.
Com sentenças diuersas outros grozão,
O braço fraco,a cana mal tirada
O corpo desairoso,o pouco tento
Que tinha em se cobrir co a brãca adarga.
Ia recolhidos todos aos vsados
Aposentos,estando em sumptuoso
Magnifico banquete,os dous amantes
E outros graues varões de conta, & nome.
Entrão na salla doze disfraçados
Nobres mancebos ricos, & custosos,
Com cabayas turquescas de amarello
Veludo,& guarnições de ouro,e ẽcarnado.
De branca seda todos trazem fotas:
Cingidos hũs alfanges de obra estranha.
Engastados por elles esmeraldas
Grandes rubis,çafiras,& diamantes.
Em mascaras ao grego vso encobrião
Os conhecidos rostos,trazem muitas
Claras tochas diante,& vem fazendo
Ao som de sacabuxas leda dança.
Com tal vista se alegra toda a gente

Ia lhe fazem lugar, ja vem com certo
Airoſo contrapaſſo, & chegão juntos
Onde as meſas eſtão ja ſem manjares,
Hum delles lança tres dados, & os outros,
De pardaos de ouro eſpalhão grãde copia,
Não lhe tarda a repoſta que ao primeiro
Encontro ganha o Souſa mil cruzados.
Apos eſte outro vem, & a prima ſorte
O Sampayo aparou hum colar rico,
Mas ſe leue a deitou na meſa, muito
Mais leue a ſorte o fez ficar ſem elle.
Lança outro Turco dez pontos, & apara
Baſtião de Sâ hũa gorra guarnecida
De botões de Rubis, cuja medalha
Amor era, cercado de diamantes.
Quatrocentos pardaos leua de encontro
Por duzentos que a gorra prometia,
A gorra fica ſalua, a bolſa fica
Liure do graue peſo que antes tinha.
Hũ dos Turcos lançãdo os dados, moſtra
Noue pontos aos quais em breue acode
Pantalião de Sá, & apara hum rico
Anel, q̃ em cor moſtraua hũ prado verde.
Seiſcentos pardaos val, & quando cuida
O Turco que tal ſorte ja lhe tinha
Dado tal eſmeralda, caelhe hum dado
Quando os outros pintauão ledo encõtro

Alto grita queixandose,& leuanta
O dado que sinal lhe mostraua aduerso
Arrastaos pella mesa,mas no cabo
Em todos tres,tres pontos ficão juntos.
Em quanto os Turcos jogão,tal se acerta
Delles,que de Lianor não tira os olhos:
Que polla poder ver mais a seu saluo,
Em tal trajo & disfrace se admitira.
Depois que ganho,& perda em cada parte,
Ouue, os Turcos se vão como erão vindos
Na compassada dança vão guiando,
Os roucos instrumentos o caminho.
Aluoroço,& rumor se ouue na praça
Da gente que por vellos vem correndo
Pellas altas janellas se assomauão
Bellas damas alegres & risonhas.

CANTO QVINTO.

Neste canto quinto se tratão as festas q̃ os gentios Canarins, & Malauares fizerão nas vodas de Manoel de Sousa,& de Dona Lianor de Sá.

EStaua o Timbrio Phebo la na casa
Do Tropico que ao Norte se declina,
Com radioso rosto,& puro rayo,
Alegrando a mundana redondeza.

Quando o gentio pouo determina
Solennizar com festa o matrimonio.
Canarins ja se ajuntão,& os vsados
Bailos,& danças logo se aparelhão.
Alli as Ereas Bategas,nos ares
Hum som formão horrẽdo esperto & viuo
Ledas gaitas,& frautas, & outros muitos
Instrumentos gentilicos se ouuião.
Entrão na grande praça volteando
Com destra,solta,& grande ligeireza
Cingidos panos de ouro, & sedas finas.
De apraziuel objecto,& cores varias
Pernas,& braços nus,onde enxeridas
Grossas argolas vem de fino ouro.
E nas farpadas ventas cada hum mostra
Em gancho de ouro atada Oriental Perla.
Mancebos,& donzellas todas trazem
O trajo referido,& vem fazendo
Grandes voltas & saltos a compasso
Daquelles sonorosos instrumentos.
A vulgar gente corre acrecentando
A festa cõ aplauso, & altas gritas.
A cidade rodeão dando a todos
Grande contentamento com tal vista.
Os caros dous amantes desposados
Ambos a hũa janella se assentarão
Que de rico brocado guarnecida

Por

Por elles sôs estaua ja esperando.
As janellas em torno se pouoão
De mil graues matronas bem vestidas
De mil fermosas damas, onde os olhos
Quasi da gente toda estauão fixos.
O grão gouernador a outra janella
(De nobre, & illustre gente acõpanhado)
Se assenta com risonho, ledo aspecto,
Com jucundo, & beneuolo sembrante.
Estando praticando em varios casos,
E materias que alli mouem com gosto
Eis vem correndo a gente em tropel junta
Com grande estrondo, vozes, & alaridos.
Co a reuolta, pressa os que não podem
Por defecto da idade correr passaõ
Grande afronta & trabalho, atropellados
Daquella tão violenta vulgar furia.
O grão peso da gente restringido
Na rua estreita chega à larga praça
Onde se espalha, & vai com tal estrondo
Qual faz o aquoso engenho represado.
Quando lugar lhe dão sae turbulenta
Com rouca voz bramando a reuolta agoa
Mas achando mais largo espaço, fica
Com mais modesto curso, & mansa vea.
Estando todos ja tempo esperando
Mostrando os corações viuo aluoroço

Supitamente ſoão mil diuerſos
Inſtrumẽtos que o campo & mõte atroão.
Trombetas, ſacabuxas, atabales,
Bategas ſonoroſas, & as ſilueſtres
Rudas gaitas, tocadas juntamente
Formão ſom, que os cabellos arrepia.
Entrão na praça dando grandes ſaltos,
Com voltas & com geitos vão guiando
Hum cavalo dourado da grandeza
Daquelle que la em Troya fez tal dano.
Os bellicoſos Naires o rodeão,
Que de cachas finiſsimas cingidos
Vem todos, & nos braços nus, argollas
De ouro, & nas pernas nuas outro tanto,
Toucas de varias cores nas cabeças
Trazem todos, & todos armas trazem,
Qual eſpada, & rodella com deſtreza
E grão deſenuoltura vem jugando.
Qual o forte arcabuz no ar deſpara,
De quãdo em quãdo, dãdo grandes gritas
Qual o neruoſo arco, frecha, & dobra,
Qual vem brandindo a teſa & groſſa lãça.
Quatro Allifantes vem cuja grandeza
A todos eſpantaua & nelles vinhão
Quatro caſtellos altos, onde armados
Mil robuſtos varões aparecião.
Com gritas, & algazaras que o ceo raſgão
Frechão

Frechão com força,& furia os curuos arcos
E aſſeſtados os tiros,onde as damas
Deſcuidadas eſtão,fazem temerſe
A corda eſcapa em vão,& juntamente
Soa no ar hum alto viuo grito
Com grandes ademaẽs,& tal ſe acerta
Dellas,que perde a cor & fica fria.
Cuidando ſer verdade,a fabuloſa
Prazenteira ficção,& leda briga.
Ia chegados à praça os monſtruoſos
Terribeis animais dando bramidos
As eſpantoſas trombas reuoluendo:
Os ares vão ferindo a todas partes,
Foge a gente vulgar do certo dano
Que ſe eſpera de golpes tão terribeis,
A bellicoſa turba dos ſoberbos
Naires que a praça ocupão, ja ſe afaſta.
E em ſom de guerra poſtos alção todos
Viuos,grandes,& horriueis alaridos.
Os varios inſtrumentos ſinal fazem,
Ia cometem com animo,ja ferem
O ar com golpes vãos,ja ſe reparão
E com ſeguro pé repoſta eſperão.
Ia ſe recolhem todos das nociuas
Lanças,dardos,& ſetas que parece
Vir dos altos caſtellos,de robuſtos
Duros,fortes varões arrameſſados.

Topãose os animais com fero encontro:
Nos castellos se sente estrondo grande
Leuantãose de nouo,& toca as nuues
Hũa fera,espantosa,& alta grita.
Andarão grande espaço na reuolta
Regozijada,& destra escaramuça.
Mas quando la nas ondas Oceanas
O declinado Sol ja se escondia.
Vãose da grande praça,& fica a gente
Contente da belligera conquista.
Não deixa o bom lugar quem no alli teue
Que outras festas espera ver ainda.
Despois que a luz fugio, & a todas partes
No ceo fica estendido o veo nocturno
Conuertendo as pintadas ledas cores
Em tenebrosa cor,triste,sombria.
Prantão na praça seis aruores altas
Onde encerrado estaua ardente fogo:
Com varias inuenções,de trouões falsos:
Festa no Malauar assaz antiga.
Por janellas,& tectos dos mais altos
Aposentos,mil fogos ja se acendem
Parece tudo arder sempre soando
Alegres & diuersos instrumentos.
As aruores fogosas ja leuantão
Ardente,salitrado,& viuo fogo
Arremessando ao ar acesa massa

Com impeto & furor d'artelharia.
As inflamadas rodas ja ſe mouem
Com ligeireza,& furia repentina
E os contrafeitos rayos com rogido,
Ia vão raſgando as negras,altas nuues.
Outros ardendo vem,& a terra varrem
Com forçoſo apreſſado mouimento
Buſcando vão com voltas turtuoſas
Lugares onde a gente eſtà mais junta.
Aqui,& alli a eſpalha,ſoa o grito
Daquelle cujos pès o rayo encontra.
Empuxãoſe hũs aos outros por guardarſe
Do coruſcante fogo,& ardente chama.
No meo deſta volta,ouuem de longe
Triſtes vozes,carpidas, & alaridos,
Ouueſe juntamente hum eſpantoſo
Som,de roucos clarões,& ſacabuxas.
Grande copia de bategas atroão
Com fera conſonancia o campo,& mõtes
Nas grutas,& aberturas cauernoſas
Infernal ſom fazendo, & eſtrõdo horribel.
A feſta era de algũs mancebos ſabios
Verſados na goſtoſa poeſia
Onde a pompa infernal,do criminoſo
Inexorauel Rey vinha alli junta.
Grão concurſo de gente moradores
No Reino eſcuro vem,dando mil gritos

De fogo artificioſo rodeados
Moſtrauão padecer tormento duro.
O grande Briareu, monſtruoſo em corpo
Cõ grandes braços vinha alli eſtendendo
Tal artificio traz que a toda a gente
Plebea & nobre cauſa graue eſpanto.
A fome fraca & laſſa vinha & junto
Della, o trabalho, a morte, & a cruel guerra
As pallidas doenças, & apos ellas
A peruerſa diſcordia, em ſangue tinta.
A chimera de chamas rodeada
As Gorgonas infauſtas & as Harpias
De peſtifero cheiro, & o trifauce
Horrendiſsimo cão, dando laridos.
Vinha ſeguindo a eſtes a eſpantoſa
Hidra, monſtro cruel, medonho & fero
E o q̃ triumphãdo em Elis, com induſtria
Fulminoſa, vſurpaua a diua pompa.
Vem o que ſe atreueo com penſamento
Profano deſcobrir ſeu mal a Iuno
De pés, & mãos atado, padecendo
Duro tormento em roda vingadora.
E o outro que a Lathona, de amor torpe
Cometendo, indinou Apollo, & delle
Foi morto, com cruel aguda ſeta:
Dãdo a hũ faminto Buitre o peito ẽ pena.
Era couſa admirauel a eſtranheza
Deſtes

Deſtes dous que padecem dor intenſa,
Lapithas, Perithoo, vem com Theſeo,
Phlegias o pior dos que tem culpa
Siſipho com ſeu peſo tambem vinha
Na tartarea companha abominauel.
E Tantalo faminto alli moſtraua
A impaciente pena, que o caſtiga.
As feras tres irmás, aquellas digo
Filhas da negra noite eſcura & triſte
Alli vem todas tres com carregados
Mortiferos, crueis, brauos ſembrantes.
De biberas cercadas as cabeças:
Táo naturais que viuas pareciáo
Trazem todas nas máos hũ impio açoute
De duro ferro todo em ſangue tinto.
Logo alli Minos vem, vem Radamanto
Condenando a ſuplicio, & pena eterna
Hũa copia infinita de mundanos,
Inormes, diſſolutos delinquentes.
Tras eſtes hum terribel carro aſſoma
De eſpantoſa, medonha, eſcura viſta
Dous grandes Allifantes vem tirando
A machina infernal, fera, & terribel.
As moradas cauernas fabricadas
No carro infauſto vem, onde Sulphurea
Fumoſa luz ſe moſtra onde mil rodas
De arrebatado fogo ardendo vinhão.

Entre quatro colunas aſſentado
Se moſtra o Rey cruel, que la da coſta
De Cicilia, com falſa aſtucia, & arte
A ſobrinha leuou ao fundo abiſmo,
Conſigo a tras alli com triſte roſto
Com deſgoſtoſo aſpecto, deſmayado
Em real trono ambos vẽ cõ põpa horrẽda
Com triumpho infernal auorrecido.
Entrão na grão praça, ao ceo leuanta
A gente popular, clamores altos:
Soarão juntamente os inſtrumentos
E as vozes miſerabeis dos perdidos.
Com lento paſſo a praça rodearão
As figuras crueis, abominaueis;
Ouueſe grand, eſtrondo de mouido
Ferro, & groſſas cadeas arraſtadas.
Ouuemſe vozes altas ſem concerto
Choroſo pranto amargo, ouuemſe gritos,
Ouueſe grandes golpes de forçoſos
Açoutes, crueis, duros, & terribeis.
Repreſentada vai a infernal corte
Com artificio tal, com tal diſſenho
Que atè corações fortes moſtrão medo
Nacido da lembrança que os aſſombra.
No meyo do alto ceo ja ſe ſubião
As luzentes eſtrellas, & o barbudo
Soberbo galo a voz alçando, daua

Certo ſinal da noite ja ſer meya.
Quando aquelle triumpho abominauel
Recolhendoſe deixa a Parca eſcura,
Vaiſe a gente aos vſados apoſentos,
A os animos cançados dando alliuio.
Paſſaõſe quinze dias em continos
Iogos,& varias feſtas de alegria,
As danças,& inuenções,pella cidade
Fazem grande rumor, & ledo eſtrondo.
Com Amor puro,& firme ſe tratauão
Eſtes dous que em amor igual viuião.
E produzioſe deſte amor ſuaue
Hum ſuaue penhor de amor nacido.
Os limitados meſes prometendo
Vem grandes eſperanças,que da bella
Aruore,hum bello amado,doce fructo
Com grande goſto cedo ſe viria
Chegado o tempo ja,& final ponto
Do riguroſo trance de Lucina,
Timido com razão,& deſejado
Por precepto commum da natureza.
Entriſteceſe a dama em tal afronta
A ella deſuſada,& peregrina
Aguarda pello termo perigoſo
Com coração,com animo affligido.
Ia por todo apoſento em qualquer parte
Se pede a Deos fauor,& hora ditoſa,

Ao Souſa ja hum receyo, hum ſobreſalto
E hum medroſo temor o desfigura.
O temor ao perigo ja ſe ajunta,
E o momento apreſſado ſe offerece
Ia do tenro menino o viuo choro
Pello tecto alto, & concauo ſe ouuia.
Dãoſe graças a Deos, dãolhe louuores
Pello ſucceſſo bom de tal jornada,
A medroſa triſteza em prazer grande
E em ſuprema alegria ſe conuerte.
Cada momento Amor nelles influe,
E acrecenta de nouo mil amores,
As almas lhe tem juntas, & ligadas;
Iuntos os penſamentos, & os deſejos.
Neſte ditoſo, brando, & alto eſtado,
Com grande goſto teue os dous amantes
Sintindo aquelles bẽs que com mão larga
Poucas vezes, & a poucos communica.
Outro filho lhe deu fermoſo em roſto
Mas de contraria, & aſpera ventura,
Ambos ao mundo vem, pera infelice
Deſeſtrada, cruel, triſte memoria:
No nacimento delle ſe moſtraua
Antepoſto ao Saturno o fero Marte
Olhandoſe de aſpecto aduerſo, triſte.
De olhos encarniçados, & ſangrentos.
Quatro perfeitas voltas tinha dado

O clarißimo Phebo, a quarta Esphæra,
E começando a quinta, doze dias
Da casa onzena ja tinha corrido.
O tempo resualandose por pontos
Iguaes, & costumados ja no mundo
Mostrado tinha casos differentes.
Nos começos, & fins ledos ou tristes.
Quando o nobre mancebo obedecendo
A permissaõ do ceo, & alto juizo,
Determina embarcarse co a fermosa
Prenda que alcançou sò por grão ventura.
Aparelhase a nao, igual a hum monte
Do que à nauegação he necessario,
E a grão concauidade do admirauel
Ventre, occupão de fina especiaria.
A gente destinada a morte horrenda,
A triste cruel fim ja condenada,
Com aluoroço vai, quem saber pode
O que Deos sò consigo determina?
No grosso masto ja se ve subida
La no mais alto a vella atrauessada,
Vese quasi nas nuues tremolando
A soberba bandeira solta aos ares
A praya, & o porto serue com robustos
Desenuoltos mancebos florecentes,
Hũs de vermelha graã, outros de cores
Diuersas, & aprazìueis vão vestidos.

Ia os conuinda, & chama hum fresco vẽto
Mostrandose galerno, & fauorauel,
Neste canto que vem vereis muy claro
Que entregalos às ondas sò pretende.

CANTO SEXTO.

Manoel de Sousa parte de Cochim, tratase a descripção das terras desde aquella cidade até a parage da terra do Natal. Namorase Protheo de Dona Lianor, Amphitrite se queixa a Eolo, o qual soltando a prisaõ aos ventos tempestuosos combatem a soberba nao, auẽdo victoria della com triste naufragio.

QVem se engana cos bẽs que a variauel
Inconstante fortuna nos ofrece?
Quem se vio enleuado em suas dilicias
Que não sintisse o fim amargo & triste?
Quem confiou ja mais no que promete
Que não achasse engano, & falsidade?
Quem fundamento fez de seus prazeres
Que em lagrimas & dor não acabasse?
Quem lançou muito a mão de seus estados
Que não visse da roda o baixo assento?
Quem prospero se vio honrado & rico
Que esta cruel o não escarnecesse?
Triste inuenção de mal, que assi nos cega

O juizo, a razão, & entendimento.
Que seguimos, a quem se nos leuanta
He por nos derrubar de mor altura.
Morre o mundo por cousas que co tempo
As vemos acabar, & consumirse,
Segue ao que não tem ser, & ao vento leue
Entrega todas suas esperanças.
A poderosa nao, a hũa sò anchora
Sogeita està, & a ella sò obedece,
Quando pera embarcarse, chega ao porto
O Sousa de grão turba acompanhado.
Varões nobres q̃ em sangue lhe são juntos,
E outros charos amigos todos mostrão
Nos descontentes rostos sentir pena
Desta dura partida, & triste ausencia.
Em roda larga vão leuando em meyo
A fermosa Lianor, & os dous pequenos
Bellissimos meninos, ambos causa
La no futuro mal, de mor tormento.
Segueos hum grão concurso da plebea
Gente por ver aquella despedida
Com tenros corações, & olhos banhados
Em lagrimas amor lhe mostrão firme.
A Deos pedem que os leue a saluamento,
E ao desejado Reino em paz os guie:
Mas não subirão tanto os pios rogos
(Por causa de hir com culpas carregados)

Que chegassem ao ceo mostrando claro
Das diuinas orelhas ser indignos:
Ficarão abatidos,& nos ares,
Espalhados & soltos sem proueito.
De todos os que ficão se despede
O capitão mostrando saudade:
A borda da ribeira chega,onde
Hum ligeiro Catúr,por elle aguarda,
A dona Lianor hum rico toldo
De roxa,& branca seda assombra,& cobre
E a sua feminil companha junta
Em torno della vai alli assentada.
Alargase do porto,& reuoluendo
Fortes remeiros vão as grossas ondas,
Seguianos de terra(em larga vea
Correndo) os tristes olhos dos q̃ os amão.
Ao bordo d'alta nao chegados, ligão
O pequeno Catúr co a nao soberba
No conues serue a gente que ajudalos
A subir,com grande aluoroço acode.
Os principais varões ledos recebem
Aquella, que em belleza igual não tinha,
E aquella que Asia toda com louuores
Assaz encarecidos celebraua.
Dentro de hũa toldada larga camara
A deixão,& a partir se fazem prestes,
Ia do Patrão nos ares soa o viuo

Apito,

Apito,& a peſada ancora leuão.
Deixáoſe vir abaixo as deſpregadas
Vellas,& ſegueas logo hũa alta grita,
Inchaſe o grande treu,a nao com força
As ondas rompe & faz leda viage.
Canta tu Muſa minha a deſeſtrada,
Triſte nauegação,& o trabalhoſo
Miſerauel diſcurſo,do mortifero
Infelice,funeſto,& mao ſucceſſo.
De Neptuno tambem canta a braueza:
O impeto,& furor do fero Eólo,
E o procelloſo mar todo reuolto,
Com fortes,& terribeis tempeſtades.
Dame fauor ó Muſa,porque diga,
E notifique ao mundo aquella infauſta
Antecipada morte,que com tanta
Razão,merece ſer ſempre chorada.
Com vella inchada vai a nao cortando
O tranſparente campo de Neptuno
Impellida por Zephiro,atras deixa
Hum raſto de ſalgada branca eſcuma.
Fogelhe a conhecida terra,fogem
Nũ momẽto a grão praya, o porto,a gẽte:
Altas frondoſas aruores,de viſta
Se perdem ja,& em neuoa ſe conuertem.
A coſta ja ſe ve toda confuſa
Mal diſtinctos os montes & agras ſerras,

 E quan-

E quanto mais ſe aparta, tanto em groſſos
Turuos, denſos bulcões, tudo ſe muda.
Ao Norte deixa ja todas as terras
Do ſoberbo Idalcão Rey poderoſo,
E deixa Baçaim, cidade inſigne:
Soberba em outro tempo, humilde agora.
Da cidade Tanà, pouco diſtante
Deixa as grandes ruinas, que do tempo
Amigo de mudar eſtados, forão
Conuertidas em vil, triſte diſſenho
Em tres mil & trezentas caſas, nella
Tèllas d'ouro, & de prata ſe tecião
Com ſedas outras mil de varias cores:
Agora ja não tem mais, que a memoria
Tambem deixa Salſete, & o animal fero
Feito de pedra, igual a hum alto monte
E o eſtranho, & admirauel edificio
Debaixo de alta rocha fabricado.
Obelliſcos geraes da natureza
Sem artificio humano, aqui ſe moſtrão.
Obra onde ſe ve claro o ſaber alto
E aquella alta & diuina omnipotencia.
Deixa a grande Cãbaya, onde o inuenciuel
Rey Luſitano tem por força & armas
Aquella fortaleza, ja dos Turcos
Por ſeu mal duas vezes combatida.
No meſmo paralelo, mais ao Norte

Deixa os fortes Mogores, tambem deixa
Os Reinos de Caxem, & Xael, q̃ ao Reino
Famoſo Portugues, pagão tributo.
A Perſia vai deixando, & deixa o Seyo,
Que della tomou nome, onde ſe moſtra
A Ilha Ormus eſteril, mas por cauſa
De vniuerſaes concurſos rica, & nobre
Alli Iudeus habitão, & o nefando
Torpiſsimo Alchorão ſe prêga, & guarda,
Idolatras, Gentios, com ſeus ritos,
E com ſuperſtições alli reſidem.
Alli os Chriſtãos Armenios, & outros mui
Iacobitas, Ciſmaticos, diſtinctos (tos
Dos outros Morauitas, ſuperados
São, dos que a ſacra fè Chriſtaã confeſſaõ.
Alli a torrida Zona tem tal força,
Que aos ſeus habitadores os abraſa,
E pera mitigar tal ardor, vſaõ
Os Catauentos tanto celebrados.
Em damas fermoſiſsimas, em trato
D'amores, de dilicias, & branduras
Memoria faz de Papho, ou Cipro, aonde
Se honrão Venus, & Amor com ſacrificio.
Deixa Arabia deſerta à parte eſquerda
E à deſtra Baçorá, no fim do Seyo,
E os celebrados Rios tão famoſos:
Dos quais o nacimento a nòs he oculto.

Deixa no meyo delles o ſoberbo,
Vnico,& admirauel edificio
Fundado por Membrot robuſto,& brauo
Em Babel por tal obra ſempre viuo.
Ia deixa o roxo mar que na cidade
Suez,acaba o curſo,à dextra parte
Deixa o Tóro,& Mediga,onde o peruerſo
Inuentor do Alchorão,tem caſa,& nome.
As ſetenta Palmeiras, ſe deuiſaõ,
E antes dellas as fontes do animoſo,
Inſigne capitão,que o pouo amado
Liurou da ſeruidão cruel do Egipto.
O celebrado monte ja deſcobre,
Onde a lei foi de Deos a Moiſes dada
E onde a eſpoſa belliſsima de Chriſto
Em cuſtodia deixou ſeu ſancto corpo.
O cabo Guardafut deixa, & Arquuo:
Alcocér,& C,uaquem,ja deixa o fertil
Grão Reino do Abaſi,de vagabundos
E ocioſos moradores habitado.
Ia volta deſte cabo ao Sul,& corre
Eſta Africana coſta,& nella deixa
Zeila,co a guerra atroz ſangrenta,& dura
Dos Barnagais do grão Rei da Ethiopia.
Donde a Rainha Saba por ver o filho
Daquelle que paſtor ſendo deu morte
Ao fero Philiſteu,que ao circunciſo

Pouo, amado de Deos tinha afrontado.
A Hierusalem veo, tambem deste
Reino Candace foi cujo ministro
Ignorando a Isayas, por Philippe
Ficou na sacra fè de todo instructo.
C,ofala deixa ja, ja na infelice
Triste parage vai, onde a soberba
Espantosa, & cruel Atropos, alça
O riguroso braço, & o ponto espera.
Andaua em tal sazão Protheo pastando
Alli rebanhos mil de humedo gado,
E vendo a poderosa nao parouse
Alegre por ver gente Portugesa.
A disforme cabeça sobre as ondas
Alça de verdes limos abraçada
Sacode a barba inculta & os cabellos
Irtos, & duros, mais que a neue brancos.
Olha o antigo velho como as ondas
Arrebentão na nao alta, & soberba,
Olha os diuersos trajos, olha a gente
Que pello ver ao bordo se ajuntaua.
Alção da poderosa nao aos ares
Hũa grita que chega às altas nuues:
Não se espanta o marinho fero monstro:
Nem deixa de mostrar ledo sembrante.
Lianor que ja do mar vai enfadada
Do prolixo caminho auorrecida

O ſupito aluoroço & grita ouuindo,
Aſſomaſe por ver o que os eſpanta.
O velho Protheo vio, que em duas aſas
Eſpinhoſas,& grandes ſe ſuſtenta,
Atonito,& paſmado,mas de vello
Ella fria ficou,& quaſi muda.
Olha o peito eſcamoſo,a cor, & o roſto
A proporção,& o talho differente
Olha aquella figura eſtranha aos homẽs
Mas conhecida & vſada â natureza.
Alça os olhos o velho,firmaos fixos
Nos olhos de Lianor,& não podendo
Sofrer a viua luz,& ardente rayo
Que o frio coração penetrou dentro.
Deſatinado ſalta,& nas inchadas
Claras ondas ſeſconde,mas tremendo
Aparece outra vez ſem força & fraco
Com ſinaes de mortal duro accidente
Ia ſumido nas ondas, ja ſobre ellas
O triſte em tombos anda quaſi morto:
Cego,tonto,ja corre,ja ſe para,
Ia ſem ſentido cae,ja ſe leuanta.
Aſsi como em lagoa,ou manſo açude
A onde o peſcador manhoſo eſpalha
Mortifero barbaſco,moſtra em cima
Do pégo inficionado,& agua amarga.
A triſte,fraca preſa,ja ſogeita

Ao nociuo veneno,& licor frio:
Ora braua com furia,ora rendida
Humilde por ſeu mal,& entrege à morte.
Tal Prothèo aſsi ſe moſtra traſpaſſado
Daquella viua,clara, & pura viſta,
E com bramido horrendo,& voz confuſa
Em peſo leuantado ſe aballança.
Em roda larga o mar abre,batendo
As eſpinhoſas aſas,ſe mergulha
Soão co golpe as ondas,& o reuolto
Empolado licor,feruendo fica.
Com grande ligeireza vai paſſando
Salgados,tranſparentes edificios
Mil criſtalinos campos, mil montanhas
Mil boſques,& mil montes de agua groſſa
Encõtra o velho horrẽdo eſquadrões grandes
De humeda,bruta,eſtranha,& muda gẽte
Que apreſſados,ligeiros caminhando
Vão a diuerſas partes com ſilencio.
Vio agrauos que o pouo commum paſſa
Sogeito,& perſeguido dos mayores,
Vio como os principaes aos menos fortes
Com crueza,& rigor, os tirannizão.
Muitos a Prothèo vendo com tal preſſa,
O ſeguem por ſaber tal nouidade,
Que por ſer muy prudẽte,antigo,& nobre
De todos he tratado com reſpeito.

Deteueſſe

Deteueſe o preſſago velho amantē
Na liquida jornada quatro dias
Mas a corte maritima canſando
Chega onde o grão Neptuno reſidia
Abremſelhe as vidradas, grandes portas
Do ſoberbo magnifico apoſento
Entra o Carpathio vate rodeado
De gente popular, & nobre turba.
Eſtaua o poderoſo Rey com Neréo:
Co grão padre Occeano, com Porthuno,
Co venerauel Phorco, & Glauco inſigne,
Em caſos importantes praticando.
O graue Prothèo entrando, ſe apreſenta
Cõ grande acatamento ao grão Neptuno:
Que com ledo ſembrante, polla cauſa
Deſta apreſſada vinda lhe pergunta.
Saberas (Protheo diſſe) o Rey potente
Que ãdãdo apaſcentãdo eu os teus Phocas
O tranſparente campo, com violencia
Vi roto de hũa nao alta, & ſoberba
Soberba com razão, iſto dizendo
Com profundo gemido moſtrou claro,
Hum coração, & entranhas abraſadas:
Hũa terribel dor n'alma eſcondida.
Mas paſſado eſte duro, aſpero termo,
Proſeguir torna logo, & diz vem nella
Das partes Orientaes hũa perfeita,
Deſuſada,

Desusada,& admirauel fermosura.
Pera sempre será teu Reino honrado
Pello preço,& valor de tal belleza,
Qual nelle agora fica,& pera sempre
Por ella será triste est'alma minha.
Não basta longa idade autorizada
Por muita experiencia & curso antigo:
Nem basta ser prudente pera os laços,
Que o cauteloso Amor, cada hora inuẽta.
Ia mil succesos tristes, ja mil mortes:
Ia mil desauenturas,& mil males
Profetizei a muitos,mas não soube,
Nem pude deste (ah misero) guardarme.
Eu morrerei,que asi o permite o tempo
Cruel,em que naci,& asi o ordena,
Mas não me tiraras? Amor ingrato
A honra deste mal que me atormenta.
Se tu taes olhos viras,ò Rey grande
Mal puderas valerte,nem com forças
Nem com manha,& saber, poisq̃ nã pode
Resistirlhe saber,forças,nem manha.
Isto te conto Rey por hum milagre,
Estranho,peregrino,raro ao mundo,
E pera te auisar,que tu a não vejas,
Mas quem refusara mal,que tanto honra?
A mim persiga Amor,a mim mal trate,
Soberbo a mim se mostre,esquiuo,& duro
Contra

Cõtra mim ſe embraueça, q̃em fim muitas
Vezes, hum grande mal acaba a vida.
Apos eſtas palauras os eſpritos
Vitaes enfraquecidos, & a triſt'alma
De graue dor opreſſa, tinge o roſto,
De hũa pallida cor, & mortal ſombra.
O ſabio velho cae desfigurado
Ante os pès de Neptuno, & fica o triſte
Cuberto de hum ſuor copioſo, & os olhos
Irtos, ſem mouimento, & ſem luz viua.
O coração aflicto pulſa, & bate
Que parece romperlhe o frio peito,
Hum açodado hanellito, euidente
E clara moſtra a intrinſeca agonia.
Bem aſsi como quando o Cathaleptico
A quem frio humor priua o ſentido,
E na poſterior parte do celebro
Os vitais mouimentos ata & liga.
Com immobiles olhos traſpaſſados:
Com cega, denſa, turua, eſcura viſta
Moſtra hũa fera image, moſtra em tudo
Eſpantoſa, mortal, triſte figura.
Amphitrite fermoſa, & a que amada
Foi do grão Poliphemo, alli acodirão
De laſtima mouidas, & apos ellas
Leuchote, Cimodoce, & Panopea.
Eſſa Doris, & a mãy do Grego Achilles,
Spio

Spiò,Cymothòe,Crenè, & Ipocrenè,
Arethuſa tambem ao mal acode,
Que moſtraua acabar de todo a vida.
Palemon acudio, acudio Phoreo,
E aquelle que a Miſſeno deu fim triſte
O grão padre Oceano,Nereo,& Glauco
Acodem cõ Porthuno hõrado em portos.
Com diuerſos remedios lhe procurão
Tornar ao coração o viuo ſprito
Hũs,o pulſo co a dor fraco,& ſumido:
Intercadente,& eſcuro alli lhe tocão.
As Nimphas com cheiroſas aguas lauão
Aquelle roſto enuolto em cor de morte,
Abre os cançados olhos,& rodea
A viſta embaraçada a todas partes.
As mãos no coração poſtas,ſuſpira,
E com toruada voz geme,& ſe queixa,
Dizendo que eſperança Amor prometes,
Ao que dizer ſeu mal,he defendido.
Deſcuidada eſtaras ſenhora minha
Do tormento cruel que me cauſaſte;
E longe de entender que perco a vida
Calado,& que calarme he o que me cũpre.
Pois dizerte meu mal,mo não permite
Receyo de te ver de mim queixoſa,
Olha pera eſtes olhos,veras nelles
Diſsimulado mal n'alma eſcondido.

Olha este coração sogeito a tanta
Pena, que a sospeitarse erro seria,
Olha est'alma por ti, & em ti mudada:
Que outra cousa não quer mais q̃ ser tua.
O doce vida minha olha que morro
No meyo de mil males arrastado,
Olha esta lingua muda, olha o trabalho
Do meu cansado, & triste pensamento.
O qual me sobe a tanta, & tal altura:
Que de puro temor não sei mouerme,
Onde vejo mil bẽs vãos, & fingidos:
Remedio inutil he, mas ja o aceito.
Deste ditoso estado falso, & breue,
Em longas desuenturas parar venho
Aqui tas apresenta esta minh'alma
Mostrate tu seruida, & mais não quero.
Estas palauras diz o triste Prothéo
Arrasados os olhos em viua agoa,
Lastima causa em todos ver tão graue
Varão sogeito a tanta desuentura.
Perguntalhe Neptuno polla gente
Que com animo forte, as grossas ondas
Facilmente rompeo, a nada disto
Outra reposta dà mais que hum sospiro.
Tornalhe a perguntar em que parage
Fica a nao que tão grande ser affirma,
Todo enleuado diz dous claros rayos

Està

Eſt'alma penetrarão,mais não diſſe.
De verem namorado o vate antigo
Não ſe eſpantão que Amor diſto ſe arrea,
Não deixa longa idade exercitada
Em prudencia,nem duro, & forte peito.
Tudo traſtorna,& muda eſte ſoberbo:
Nada deixa em ſeu ſer,tudo reuolue,
A todos moſtra ter em pouco, & todos
Conhecendoo por falſo o vão ſeguindo.
O fraca natureza,ò ſaber fraco
De todos os mortais,ò error cego
Que por ſeguir hum vicio,perca o homem
O bem que ſò pera elle eſtá guardado.
Triſte miſeria humana,que não ſente
Nũa doce apparencia,a morte amarga,
E em verdes freſcas heruas,a ſerpente
Venenoſa,& cruel,não ve eſcondida.
As Nimphas que gabar outra belleza,
Que eſcureceſſe a ſua, não conſentem
Deſejoſas de ver,o que em tal peito
Fizera em pouco eſpaço tanto eſtrago,
Conformes todas juntas a Neptuno
Se apreſentão pedindo lhes conceda
Irem ver a que tanto poder tinha,
Que a hum ſabio tal tão mal trataſſe.
Neptuno lhes concede, o que com tanta
Inſtancia lhe pedião,manda logo

A Trithon que com voz grande conuoque
Toda a corte, & que toda alli se ajunte.
Ia soa a voz horrenda do torcido
Sonoroso, & concauo instrumento,
Ia muita gente acode apercebida,
Diuersa nas librès, & varias formas.
Os carros de coral ja vem rodando,
E outros de brancas conchas guarnecidos
De verdes Esmeraldas, de Cafiras,
De vermelhos Rubis, & Orientaes Perlas.
Ao poderoso Rey leuão no meyo
O grão Nerèo, & o graue padre Oceano
Com crespas, & aluas cãs, & junto delles
Vai Melicerta, o filho de Athamante.
Portuno, Glauco, e Phorco os vá seguindo
Com grandes esquadrões de muda gente
E o fero horrendo Trithon, que alistrada
Grossa concha de quando, em quãdo toca.
Thetis, Doris, & Amphitrite fermosa
Vão juntas todas tres ornadas de ouro,
Num carro de cristal, cuberto em partes
De Esmeraldas, Cafiras, & Diamantes.
De chegar desejosas onde possaõ
Competindo vencer, ou ser vencidas,
Inda que a natureza feminina
Mal sofre em fermosura desengano.
As outras Nimphas vão todas contentes
Hũas

Hũas de azuis, & verdes ricos trajos,
Outras de cor dourada, outras de cores
Diuersas variadas,& aprazíueis.
As fermosas Nereidas com estranha,
E suaue armonia,vão tocando
Musicos instrumentos,com que os tristes,
Miseros nauegantes se adormecem.
Todos em concertada ordem caminhão
Todos com rostos,& animos alegres
Tratando entre si praticas diuersas,
Conforme cada hum ao seu intento.
Os Phocas soltos vão por varias partes
Saltando,sem pastor, que os encaminhe,
Que nunca mais lembrança teue o triste
De si,nem teue mais delles memoria.
Sempre apartado vay,& nũca alegre
Conuersação admite,mas de todos
Se desuia,& se aparta,por acharse
Em seu suaue mal muito mais prompto.
Com tanta magestade & altiua pompa
Vai toda esta famosa estranha corte
E onde a nao nauegaua chegão quando
Phebo la no Orizonte o carro erguia.
Leuantãose no mar por todas partes
Os estranhos sequases de Neptuno,
Hũs tocão conchas vãs, outros mil saltos
Com alegria dão nas claras ondas.

Com cardumes eſpeſſos de plebea
Fraca gente feruendo o mar ſe moſtra:
Aparecem tambem fortes guerreiros
De braueza & de agudo dente armados.
Os mayores do Reino em outras partes
Arremeſſaõ ao ceo hũa agua eſpeſſa,
Os Phocas apparecem, & apos eſtes
Hum eſquadrão feroz de Orcas marinhas.
Pegaſe á nao Equineis, curto em corpo
Mas de hum vigor, & força armado
O impeto contraſta de Fauonio
Que as brancas vellas concauas infuna
De todo fica preſſa a nao, ſogeita
A propriedade eſtranha a nós occulta,
Os carros a rodeão, & olha a gente
Marinha aquella machina admirauel.
E vendo que Lianor não apparece,
O triſte Protheo ſente dor, & anguſtia,
Sente no coração hũa anſia grande,
Que o cobre de veo negro, & eſcura nuue.
A Cimodoce pede, que eſtes verſos,
Em que ſeu mal ſe moſtra alto pubrique,
Com ſabia mão a Nimpha hũa Arpa toca:
Soltando a voz ſuaue com brandura.

Remedio de meu mal, quem te detem?
Quem te faz que não venhas darme vida?

Quem

Quem he o que me atalha tanto bem?
Como eſtás do teu Protheo aſsi eſquecida?
Vem fermoſa Lianor, ah Lianor vem
Alegra eſt'alma triſte a ti rendida,
Não pages tanto amor com crueldade,
Que não ſe eſpera tal, de tal beldade.

Chega veras o mar aſſoſſegado
Ornado de beliſsima pintura,
De Nepthuno veras tão celebrado
A eſcamoſa, & horrida figura
Veras do Reino liquido, ſalgado
O bando da marinha fermoſura,
Que toda junta vem obedecerte:
E aqui aguarda toda ſó por verte.

Veras arder hũa alma em triſte peito
No meyo deſte mar por ti gritando,
Veras hum coração todo desfeito
Em lagrimas mil vãs, nada eſperando.
Veras varios effeitos num ſogeito,
Veras Amor cada hora acrecentando
A minha graue dor, nouo tormento.
Fiado a penas ſó do penſamento.

Tu veras iſto, & Protheo deſuentura
Nos teus olhos vera certa, & ſabida,
Vera vendote a ſumma fermoſura:
Por honra & mal do mundo ca nacida.
Vera hũa belleza clara & pura

Por onde a diuindade he conhecida,
Cor de roſas verà, verâ cabellos,
E hũs olhos que ſó Deos pode fazellos.
Vem alma minha vem, vem deſcuidada
Deſcobreme eſſe roſto tão fermoſo,
Vermeas a vida ja por ti chegada
Ao ponto extremo, & paſſo trabalhoſo
Vem frol da fermoſura mais louuada
Abranda o peito eſquiuo deſdenhoſo
Apaga ja eſte ardor, pois todo o mar
Não tem força, nem baſta ao apagar.

Ouuindo a voz ſuaue, & o ſonoroſo
Inſtrumento, que o ar brando rompia.
Aſſomaſe Lianor a hũa varanda
Por ver couſa tão rara, eſtranha, & noua.
Eſſe penado Prothêo eſtaua em meyo
De Crene, Galathêa, & de Arethuſa.
E vendo a certa cauſa de ſeus males
Gemendo diz cos olhos nella firmes.
O bella muito mais que a natureza
O juſta perdição do mundo, & minha
Não deſprezes a quem ſô pera amarte,
E ſô pera ſeruirte quer ter vida.
Vira eſſes olhos ja, vira eſſes olhos
Ao penetrante ardor do peito enfermo,
Mouate tanto mal & ſe iſto he muito,

Com teres delle gosto me contento.
Tão disforme não sou, não sou tão feo,
Que co esse que te logra me trocasse,
Trocara minha sorte, mas ah triste
Quão mal nos igualou nisto a ventura.
A elle deu lograrte, a mim seruirte
A elle deu vida em ti, a mim deu morte,
Ouuindo estas palauras atreuidas
Recolhese Lianor quasi anojada.
Brada Prothêo dizendo onde me foges,
Mais q̃ o marmore, e o tigre braua, e dura?
Onde te vas cruel? onde me leuas
Por força assi roubada est'alma minha?
Se tanto rigurosa te me mostras
Por te dizer meu mal, & de atreuido
Me quiseres culpar, Amor me força:
Amor te tem senhora toda a culpa.
Que em quãto a dor foi tal que se pudesse
Encobrir, trabalhei (Deos sabe quanto)
Por dissimular sempre, ja não sofre
Deixar de te anojar, isto he, o que sinto.
Os termos passa ja do sofrimento
Ia venho arrebentar em cem mil gritos
E se vingança queres do que julgas
Ser erro, torna, vingate á vontade.
Rendido aqui me tés sem defenderme
Sogeito ao q̃ Amor quis, vé, mais nã tardes

Executa o rigor de tua iſenta
Aſpera condição tão fera,& dura.
Vem fermoſura minha,& ſe caſtigo
Duro me queres dar, não te me eſcondas,
Nem me deixes aſsi morto num ponto
Que cõ morrer de hũ golpe,não te vingas.
Mas firma nos meus olhos eſſes rayos,
Fermoſos como o Sol, como elle puros,
Darmeas cada momento cem mil mortes,
Se te prezas cruel de vingatiua.

Da grande fermoſura ficão todas
As Nimphas eſpantadas,& confuſas,
Affirmão ſer mayor,da que lhes diſſe
Prothéo,inda que a pos na mór altura.
Amphitrite enuejoſa fica della
Toruada,muda,triſte,& penſatiua
Perdida a cor do roſto, & dentro n'alma
Hũa ſecreta dor com que não viue.
Buſca na fanteſia,inuenta, & traça
Remedio em tal afronta,& não repouſa,
Nem aſſoſſega hum pouco, antes crecẽdo
Cada momento vai a furia injuſta.
Determina apagar eſte peruerſo,
Impio,& cruel ardor com bruto intento
Buſca varias maneiras com que a vida
Tire à quella que tanto ella deſama.
Moſtraſe mal deſpoſta,& deuulgado

O fingido accidente, todos triſtes
Por tão ſupito mal, dalli ſe partem
Com moſtras, & ſinais de ſentimento.

CANTO SEPTIMO.

Neste canto proſsigue Prothéo com ſeus amores, Amphitrite dà conta de ſeu mal a el Rey Eolo, o qual ſolta os ventos tempeſtuoſos, & mouendo grande tormẽta, ſe perde a nao em que Manoel de Souſa & Dona Lianor hião.

A Tenebroſa, fria, & muda noite,
Eſtaua pellos ares eſtendida
E hum ſilencio geral aos mortais corpos
Seus males & trabalhos aliuiaua.
Naquella conjunção com brando vento
As vellas a quartel inchadas hião
Ouuindoſe do mar cortado, & roto
Co a poderoſa proa hum rumor ſurdo.
Quando o ſagaz Piloto inueſtigando
O curſo das eſtrellas, determina
Saber certo a que rumo corta, & leua
A nao encaminhada, & em qual altura.
Toma o certo aſtrolabio, mas não deixa
Deſprezada a redonda, leue agulha,
Achaſe vinte & tres graos apartado

Da torrida inflamada, ardente Zona.
Vese debaixo alli do triste signo
Tropico, Capricornio, casa infausta
Do infelice Saturno, onde o sangrento
Marte brauo, & cruel mais se leuanta.
Onde o benigno Iupiter caido
Perde sua potencia, & a fermosa
Irmaã de Phebo passa detrimento
Mostrandose alli sempre infortunada.
La da banda do Anthartico Pollo acha
A nao onde o Austral vento se esforça,
Muitas estrellas ve nunca sabidas
Nem vistas ca nos nossos Orizontes.
Aquella, que o Troyano moço andando
A caça, arrebatou, & o ar fendendo
Com asas ligeirissimas, ao nobre
Iupiter, sem perigo leuou saluo.
O prudente piloto vio, & aquella
Lira, que o bello filho da fermosa
Nimpha Maya deixou pera lembrança
Da outra cõ que Orpheo fez taes estremos
Que abrandar pode a furia do disforme,
Inexorauel Rey do centro escuro,
E com doce armonia & voz suaue,
Fez parar os crues duros tormentos.
Tantalo não sentio fome raiuosa,
A roda de Ixion parou, & a Thicio.

Deu lugar a cruel aue, Deixando
Ao triste reformarse lhe as entranhas.
Sisipho descansou, & as tres horribeis
Irmans, da escura noite escuras filhas
Deixarão sem cruel duro exercicio
Ficando em tam suspenso todo o inferno.
A grande Aldebara vio, que ao que nace
Estando no ascendente, o faz ditoso,
Caput Medusæ ve, & a cor leonis.
A Canicula grande, & a seta de Hercules.
Caput Draconis vio, onde os Eclipses
Dos gemeos dous irmãos, sempre se fazem
E a grande cauda Ceti, la no signo
Aquario, vio que estaua collocada.
E vio sentada a dama Casiopea
Com grande majestade em trono excelso
E aquella, q̃ ao marinho mõstro em Tòpe,
Offerecida, foi por Perseo liure.
Vio a nao de Iasaõ hirse abaixando
A parte Occidental, & que partia
O Anthartico circulo co a popa
E o brumal paralello não deixaua.
O grão Centhauro vio, hirse escondendo
Iunto de Aquario, alli vio finalmente
Quasi as figuras todas das estrellas,
Que la no octauo ceo se mostrão fixas.
O triste Protheo segue a nao queixandose

Sô comsigo de sua desuentura
Do grande esquecimento,da dureza
Daquella,que elle mais que asi amaua.
Vendo o penado velho o rigor graue
Daquelle cruel peito esquiuo,& duro,
Aquella condição isenta & seca
Onde tal desamor sempre enxergaua,
Estes versos compos,& a Cimodòce
Pede que os cante,a qual no mor silencio
Da tenebrosa noite,estando em calma
As alteradas ondas,asi disse.

Não sinto em mim por onde te offendesse
Senão se fosse só por muito amarte
E se diante de ti razão valesse
Pudera esta bastar pera abrandarte.
Cuidei que hum firme amor te merecesse
Se me visses hum mal delle pesarte
Mas vejo hir sempre mais em crecimento
A tua obstinação,& o meu tormento.

Desconhecida dizime até quando
Contra mim durara tal imizade:
Ia o espirito vital me vai deixando
E ainda crece a tua crueldade.
O ceo,o ar,as ondas vão mostrando
Hum certo sentimento de piedade
Tu cruel contra mim só te endureces
E tu só,tanto amor,tanto auorreces?

Porque

Porque ſenhora vas aßi queixoſa
De mim que por amarte mouro ardendo?
De quem foges eſquiua, & mais fermoſa
Das que honra ao mundo dão, nelle nacendo.
Se contra mim te moſtras poderoſa
Vingança em tanto amor ſo pretendendo
Não ganhas honra, pois eſtâ ſabido
Não ſer honra matar ao ja vencido.

Deſpois que a tal eſtado me chegaſte
A tanto mal, & a tanta deſuentura
Deſpois que ja vencido me deixaſte
Atado, & ſem remedio, em priſão dura.
Deſpois que a vida, & alma me leuaſte
Negas me poder ver tal fermoſura?
Quem te moue ſenhora a tal dureza?
Que faz igual em ti odio & belleza?

Não me queixo do mal que me fizeſte
Que todo o mal por ti me he honra grande,
Nem quero que o tormento que me deſte
(Se ficas deſgoſtoſa) ſe me abrande.
Não me peſa morrer pois o quiſeſte,
Nem pedir quero a Venus que te mande
Que por força me ames igualmente
Nem quero por mim verte deſcontente.

Mas peſote que quando for chegada
A hora tão terribel temeroſa
Na qual tu ficarás de mim vingada

Est'alma partirà de ti saudosa.
Quando por todo mar for lamentada
A morte que me ordenas rigurosa
Mostres hum sentimento não fingido
Hũa lagrima sò, hum sò gemido.

O vento leua a Prothêo estas palauras
Leualhe as esperanças juntamente
Lagrimas, & sospiros perde o triste
Perde o tempo, & rogo sem proueito.
O Piloto indo todo transportado
Na contemplação alta das estrellas
Com olho vigiador, vendo as mudanças
Que os inconstantes ventos no mar vsaõ.
Hum intrinseco medo pellos ossos
Discorrendolhe vai, ignorando a causa,
Na garganta lhe fica a voz pegada
Irto o cabello ao ceo, & a cor perdida.
Virando os olhos vio hum vulto escuro
No ar aleuantado a nao seguindo:
De sembrante medonho, & vista horrenda
Murmurando entre si com voz confusa.
Antes que na parage mortal fosse
Entrando a voz leuanta & diz a gritos,
Tristes, que estais a morte destinados,
O final termo tendes ja vizinho.
Primeiro passareis por mil trabalhos,

Passareis por fortunas,& perigos,
Por mil calamidades,& miserias,
E em fim por morte atroz fera, & terribel.
Tu capitão veras de tua amada
Belissima Lianor,a morte indigna,
Teus amados meninos veras mortos,
E ati te matará tão triste vista.
Dizendo estas palauras,pouco a pouco
Desfazendose foi em leue vento
O Piloto assombrado fica,& mudo,
Mas esta tal visaõ nunca se soube.
Despois q̃ este pressagio horrendo & triste
O timido Piloto ouuio,leuanta
Ao estrellado ceo os olhos,onde
Espantosos sinais vio infelices.
Grandes perturbações vio nas estrellas,
E nos Planetas vio tristes prodigios,
Que lhe mostrauão claro a desuentura
Que ao misero galeão se prometia
A Lũa vio sangrenta com sembrante
Carregado,mortifero,& tristonho:
Vio Cometas arder,fero espectaculo
E em Reaes mortes sempre sinal certo.
Com taes sinais o triste varão sente
Hum supito temor hum graue espanto
Hum desmayado frio pellas veas
Correndo lhe faz cor ja de defuncto.

Vendo que ja no Oriente se enxergaua
Que Phebo estaua la quasi vizinho,
O medo vai perdendo co a radiosa
Luz, que nos Orizontes se estendia.
Mas não seguirão menos sinaes tristes
E defuncto agouro, que os passados
Despois que amanheceo, que o luminoso
Carro, sem resplandor se mostrou turuo.
E rodeando a nao, vio pellos ares
Tristes nocturnas aues com gemidos
Carpidos, & chorosos, vio grão turba
De outras muitas em genero diuersas.
Que o alto ceo rasgauão dando gritos
Todas se acometião, qual com garras
Agudas, qual com duro bico, em breue
Espaço, se fazião mortal dano.
Da peleja cruel muitas mostrauão
As entranhas abertas, & nas ondas
Ficauão sepultadas, outras enchem
De ruiuo & quente sangue, as brãcas vellas
Taes pronosticos mostrão desestrado
Successo, & certo fim de acerba morte,
Ia naquella parage a nao vai onde
Atropos com terribel golpe a espera.
A marinha princesa nunca hum'ora
Teue mais de repouso, antes contino
No coração lhe ferue hũa raiuosa

Peno-

Penosissima dor, quasi insofriuel.
No tristonho sembrante mostra claro
Auorrecer Lianor sem causa justa:
Todo seu pensamento era buscarlhe
Morte, de que ficasse satisfeita.
O odio tem secreto, outro mal finge
E com falso accidẽte a raiua encobre:
Fraco sembrante mostra, mas no peito
Hum gusano cruel a consumia:
Nenhum repouso tem, nada lhe allegra
O triste coração, & alma enuejosa,
Qualquer leda memoria lhe auorrece:
Sô em vingança traz sempre o sentido.
Pungida, estimulada do furioso
Infernal triste ardor, se determina
Valer do Rey soberbo, ao qual foi dado
Dos ventos o poder, mando, & gouerno.
Ao grão Tridente pede com voz triste,
E sembrante mortal lhe de licença
Pera leuar consigo a qualquer parte
Ipocréne, Leucothoe, & Panopea:
Todas estas tres, são as que a belleza
E a graça de Lianor mais auorrecem:
Todas tres são tocadas (mas não tanto
Como a princesa Amphitrite) da enueja.
Dizem que entrou soberba isenta, & liure
No seu humedo Reino com desprezo,

E cõ vaã preſũpção, tratando as Nimphas,
A quem da fermoſura, a honra he deuida.
Na conjuração impia ja aſſentadas
Vão todas com intento de vingarſe,
E vãoſe perſuadindo com pallauras,
Que aos animos danados furor crião.
Onde a nao nauegaua chegão, pondoſe
Amphitrite de longe, não voltando
A Lianor nunca os olhos enuejoſos,
Mas as coſtas lhe deu, em odio aceſa.
Chama o freſco Fauonio, que enfunando
Com bonançoſo aſſopro as vellas hia,
E vindo ante ella dizlhe que a Eolia
Va logo, & diga a elRey, que alli o aguarda
Com aſas velociſsimas ſe parte
O ſotil mẽſageiro, a vella inchada
Sintindo a ſua auſencia, ao grofſo maſto
Se pega, & a nao ſem mouerſe fica.
Como recado teue o fero Eolo
Da marinha princeſa, vem num ponto,
De brandos, freſcos ventos rodeado.
Os ſoberbos deixando em priſaõ dura,
Em grutas profundiſsimas, debaixo
De altos montes, & ſerras pedragoſas
Bramãdo com braueza, & força immenſa,
Com impeto cruel & infernal furia.
Zephiro com ſuaue força inclina,

Por onde vai passando as verdes Fayas,
E os Vlmeiros frondosos com voz surda:
Brandamente queixar os faz com graça.
Córo, Septentrion, Phenix, & Circio,
Brancas nuues espalhão pellos ares:
Tracio, Tapir, & Ethesias, com mais viuo
Sonoroso rumor entrão nos bosques.
Libonothos, Olimpias, & Atabùlo
Menses, Podromo, Cecias, & Eurotono,
Respirando vem todos, & nas partes
Calmosas dão fauor, & brando alliuio:
Despois que no mar entrão védo as ondas
Tão quietas estar, planas, & em calma:
Todos juntos com brando, fresco assopro
Por differentes partes as leuantão.
Chegão Tracio, & Tapir, onde a nao fixa
Com froxa vella está, sem mouimento
O grande Treu sentindo a fauorauel
Vinda ja desejada, não na engeita.
Antes no seo concauo recebe
O prospero socorro, & pella parte
De bombordo, s'enfuna, inchado, tira
Com forçoso poder a frouxa poja.
A mezena, & trinquete o mesmo fazem,
O canhamo torcido o masto ajuda,
Ia fauorece o leme a vella, & voa
Pello encrespado mar a nao triumphante.

Onde Amphitrite eſtà,chegando Eòlo
A cortezia faz que ſe lhe deue,
Por ſer molher de hum Rey tão poderoſo,
A quem Iupiter tinha tal reſpeito.
Ve que eſtà fraca, triſte,& deſmayada
Com ſembrante affligido,& cor defuncta,
O roſto,& claros olhos rodeados
De afflicção,de peſar,& de triſteza,
A cauſa lhe pergunta da mudança
Da fermoſura nella acoſtumada.
Tambem do triſte eſtado, em q̃ a ve,tanto
Contrario,& ao reues,do que ſohia.
A enuejoſa Rainha leuantando
Os olhos la no ceo,diz com ſuſpiro
Não te eſpantes Rey verme differente,
Eſpantate de verme ainda com vida.
Se meu mal não te moue a que vingança
Me des,eu ma darei de mim,que a honra
Perdida me reſtaure,pois mofina,
Mais que todas naci, mais ſem ventura.
Dizendo eſtas palauras,banha o peito
Com ſalgado licor,de odio nacido,
Cauſa vſada em geral (pella mor parte)
Em peitos feminis por cauſas leues.
Começar a dizerte minha injuria
Me chega apar da morte mas forçada
De deshora,& de dor,dirte ei meus males,
Pera

Pera que com rezão delles te doas.
Saberas Rey que a minha honra està posta
(ó Deos que isto consentes) em tal termo
Com tal abatimento que me fora
Muito melhor morrer, que asi ter vida.
Das partes Orientaes no procelloso
Reino do meu Nepthuno, entrou soberba
Hũa vaã molherinha asi arrogante
Que cuida que em fermosa excede a todas.
Cõ desprezo tratou as minhas Nimphas,
E as princezas dò mar tão veneradas
A mim nem cortesia, nem respeito,
Antes sinaes mostrou de terme em pouco.
Cuidara por ventura hirse gabando
Vfana, & de leuar de nós victoria
Como a leua do triste velho Protheo
Que caduca, & não sabe ja o que escolhe.
Pois enganada està, que se se julga
Por mais fermosa, & mais que todas rara,
A somenos fermosa das marinhas
Nimphas, o he muito mais, muito mais q̃ (ella.
Certeficote Rey que se não vingas
Esta minha deshonra que amim mesma
Com minhas proprias mãos me tire a vida
Por sempre não viuer com tanta magoa
Apos isto soltou de triste choro
Hũa muy copiosa, & larga vea.

Eólo lhe reſponde,ò valeroſa
Princeſa,por tão pouco não te afflijas.
Nem ponhas em balança a tua belleza
Co eſſa que val tão pouco, & ſe preſume
Igualarſe contigo,terà o pago
Conforme ao temerario penſamento.
Deſcanſa,que o que pedes,ſerà logo
Comprido ſem faltar,iſto dizendo,
Da Princeſa ſe parte,& paſſa junto
Da poderoſa nao com roſto irado.
Cos aſſanhados olhos a rodea
Com ſembrante cruel,& viſta eſquiua:
Num momento por ella paſſa, & chega,
Onde oprime com freyo as tempeſtades.
Abre a porta da concaua cauerna
Onde os ventos eſtão em fera luta,
Com impeto,& vehemencia riguroſa,
E com pujante força,por ſoltarſe,
Os quaes vendo patente a grande porta
Quebrão groſſas priſoẽs,& ẽ tropel juntos
Se abalanção com furia, & vão varrendo
Com turbulento aſſopro a terra toda.
Tres dias auia ja que o grão Phileſio
Com perfulgentes rayos illuſtraua
O feroz animal,que em graue anguſtia
A Phinicia deixou com roubo eſtranho.
Quando a ſoberba nao falta de vellas

(Mas

(Mas ah muito mais falta de ventura)
Teue vista da costa, donde o cabo
De Esperança tem nome, inda q̃ incerta.
Alli os soberbos ventos desmandados
Correndo sem concerto a todas partes
Se arremessaõ no mar, & de alto a baixo
O reuoluem com furia num momento.
Cobrese o ceo de grossas negras nuues
Os ventos mais & mais cada hora crecem,
Ia se escurece o ceo, ja com soberba
Inchadas grossas ondas se leuantão.
A nao começa ja passar trabalho,
Ia começa gemer, & em tal afronta
O apito soa, brada o mestre, acodem
Com presteza varões no mar expertos.
Poemse o fero Vulturno junto ao cabo
Leuanta la no ceo furiosas ondas
Austro bramando corre alli com furia
Dando hũ balanço á nao q̃ quasi a rende.
Vem com grande furor Boreas raiuoso,
Comete por dauante, o passo impide,
Encontra as grandes vellas, & por força,
Ao masto as pega, & a nao atras impuxa,
Rompese por mil partes o ceo, & arde
Em ligeiro, apressado viuo fogo.
Hum rogido espantoso vai correndo
Desdo Anthartico Pollo ao seu oposto.

Arremessaõse lanças pellos ares
De congelada pedra em agoa enuolta
Com espantoso impeto,& rasgadas
As densas negras nuues,rayos cospem.
De hum golpe as valles vem todas abaixo:
Colhénas com trabalho, & afróta imméſa,
O forte marinheiro ainda que ousado,
Do euidente perigo sua,& treme.
Ia nas pontas de mil fragosas serras
A nao se mostra alçada,& ja sumida
Em valles profundissimos,parece
Cobrirse de altos montes,de agua grossa.
Aquilo,Noto,& Euro com braueza
Contra a misera nao,todos se esforção
Das espantosas ondas leuemente
Aqui,& alli a deitão,& afadigão.
Como acontece à vsados jugadores
Que na pella se querem mostrar destros,
Hũs rebate,ou boléo,com reues,outros,
Outros com duros punhos a combatem.
A veloz pella vai delles forçada,
Ora toca este canto,ora outro toca,
Salta,voa a traues,ao longo voa:
Não repousa nem para hum só momento.
Dalhe aquelle dali,dalhe outro,& outro
Ia leuantada ao ar,ja vai rasteira,
Todos tras ella correm com estrondo,

De ſoberbas, diſcordes, & altas vozes.
A nao afadigada abalançandoſe
De hũa pera outra parte, arrãca, & quebra
Tres incuruados ferros, dos que o leme,
Co a popa ajũtão, coſem, prendẽ, & ligão.
Vem Subſolano indomito, & furioſo
Com eſpantoſo cenho, & viſta horribel
Com grande impeto chega, leua, & rompe
A vella com que a nao ſe ſuſtentaua.
Grita o Piloto arriba, arriba, cerra
E lança o leme â banda, mas iſenta
Não lhe obedece a nao, nem dá por elle:
E ja quaſi rendida ſe atraueſſa.
Acodem (mas em vão) Piloto: & meſtre:
Acodem marinheiros, & tombando
Hũs por cima dos outros ſem poderſe
Soſter, nem dar remedio ſe mal tratão.
Noto com grande furia alli arremeſſa
Tres poderoſas ondas, dãolhe em cheyo
Rõpẽ, quebrão, deſtroção, & ao mar deitã
Os fortes, proueitoſos aparelhos.
O Deos omnipotente, ô ſenhor noſſo
Daime agora fauor, que he neceſſario,
Pera que contar poſſa aqui o perigo
Quaſi chegado ao fim deſte receyo.
Eſtando em tal afronta chega o brauo
Africo cõ roſto horrendo, encontra, & fere

Com increhiuel força o grosso masto
Que pera o resistir cuida estar firme.
Dalhe hum pesado golpe,& nas enxarcias
Hum zonido espantoso se leuanta.
A seca aruore brada,& ja rendida
Deixase vir abaixo feita em rachas.
A gauea, & mastareo que toca as nuues
Olhando com desprezo os de ca baixo:
A sua presunção,antes altiua
Humilde está debaixo ja das ondas.
Traz Aquillo cruel,com força immensa
Valentissimas ondas espantosas,
Hũas sobre outras caem, o fero as força
Que com impeto & furia se embraueção.
Como quando se ve por estendido
Campo,grão multidão de grossas reses,
E outros rebanhos mil de simprez gado
Fugindo com clamor alto,& tristonho.
Da furia com que o Rio inchado,& solto
Por grandes inuernadas vem cubrindo
Com grande estrõdo d'agua turua o cãpo
Leuando com rigor,tudo o que alcança.
Empuxandose vão pello castigo
Que o seu guardador rustico afrontado
Do perigo euidente,com voz alta,
E com duro agilhão dá,se atras ficão.
Asi as soberbas ondas constrangidas

Da força & do poder de Aquilo bramão.
Tornadas em medonhas altas ſerras
Ameação eſta nao triſte, & infelice.
O grão Boreas raiuoſo ao ceo leuanta
Hũa terribel onda, & com medonho
E ſpantoſo, & cruel ſembrante afronta
A nao rendida ja ao vento imigo.
Dalhe na popa em cheyo, quebra, & rõpe
Desfaz, & arromba o leme, & la por cima,
Dos ſoberbos caſtellos, ſe arremeſſa
Ao grão conues, & nelle deixa hum lago.
Onde a meſquinha, fraca, inutil gente
Quaſi afogada, ao ceo grita dizendo
O poderoſo Deos? o pay piadoſo?
Ah ſenhor? ah ſenhor miſericordia.
O miſero eſpectaculo infelice
Baſtante a demouer Hircanos Tigres
Ver femininos gritos, que apreſſados
Com acento affligido os ares rompem.
A nao ſumida torna offerecerſe
Ao trabalho, & perigo de outro encontro:
Moſtrando alli outra vez a ſubmergida
Proa, dentro no mar a popa eſconde.
O fero Eólo vendo tardar tanto
Aquelle effecto com que a falſa deoſa
Vingada ficara, vendo que a força
Da portugueſa nao tudo reſiſte.

O cole-

O colerico Rey arrebatado:
Com impeto & furor chega raiuoſo:
Com ſua vinda as ondas aleuantão
Hum nouo eſpantoſiſsimo bramido.
Com noua eſcuridão, & ſombra horribel
Se cobre o turuo ceo então de nouo,
Os ventos de contrarias partes bramão,
E co a miſera nao as ondas lutão.
Afrontado por ver que aſsi contraſta
E vence hũa ſò nao o mar, & os ventos,
Com ſembrante feroz diz, ſempre a força
Das portugueſas naos ficarâ firme
E com tanta ſoberba deſprezando
De Nepthuno o poder, e o meu, ſe alarguẽ
Por mares profundiſsimos, que deſta
Forte nação ſò, forão nauegados?
Não poſſo ja ſofrer tantas injurias,
Quais eſta bellicoſa forte gente
Me faz cada momento. Taes pallauras
Soltando Eòlo, aos ventos aſsi diſſe.
Apartaiuos ò fracos deſta empreſa
Pois que tanto vos dura hũa nao fraca,
Hi mouer com brandura os verdes ramos
Dos alemos frondoſos, & altas fayas.
Hum murmureo formai, nelles ſuaue,
E recreay com brando freſco aſſopro
Os aceſos ardores do moleſto

Intollerauel,duro,ſecò Eſtio.
Dai a honra de tal feito,a quem juſtos,
E diuidos lhe ſaõ caſos mayores,
Corridos Euro,& Noto do caſtigo,
E dura reprenſaõ do Rey ſoberbo.
Ambos com força,& furia que baſtara
Leuemente arrancar fragoſas ſerras
Dos antigos aſſentos,& a mil montes
Desfazer,& aplanar em pouco eſpaço.
Neſſa miſera nao ambos enueſtem
Com denodada furia,& força immenſa:
Arrebatãona,dando num rochedo
Co ella hum laſtimoſo,& impio golpe.
Clamores altos,gritos,& alaridos
Atè as eſtrellas chegão,dos que dentro
Alli ſalteados ſaõ da miſerauel
Vltima deſeſtrada triſte ſorte.
O eſtrondo infelice que trazido
Foi por caſos aduerſos, vai correndo
Atè onde a fermoſa Lianor tinha
Abraçados conſigo os ſeus meninos.
De dor,& de temor ficão cortados
Os ſpiritos vitaes,& aquelles olhos
Que com luz viua,& rayo poderoſo
Entranhas,corações,& almas rendião.
A força perdem toda,& traſpaſſados
Sem graça ficão triſtes & ſem viſta,

O ſem

O ſembrante gracioſo, differente,
Mudada a cor purpurea em cor defuncta.
Qual fica a tenra frol no verde prado
Quando bruto animal, com cruel pranta
A mal trata, & offende eſcurecendo
A fermoſura, & graça que antes tinha.
Caido jaz ſombrio, murcho, & triſte
Sem vigor o belliſsimo ornamento:
Aquelle que do campo era honra, & gloria
Dos olhos era freſca, alegre viſta.
Acode o Souſa alli, deixa o perigo
Geral em todos, ſò eſte recea,
Por hũa parte ve perderſe a gente,
Por outra ve morrer a por quem viue.
Entre eſtes dous extremos pede o triſte
A Deos fauor, & em tal preſſa remedio:
Manda que o batel grande ao mar va logo
Que eſperanças da nao ja as tem perdidas.
Nos braços toma, & alça o peſo amado
Daquella deſmayada fermoſura:
Toma ambos os filhinhos (doce prenda
Em outro tempo) agora dor crecida:
Ajudado de vinte duros homẽs
Vſados em trabalho, & nelle expertos:
No batel entrão, dando toda a gente
Que la fica na nao hũa triſte grita.
Vendo Prothéo que ja ſe vão perdendo

Suas

Suas vãs eſperanças,& a que a furia
Do tempeſtuoſo mar,não pode tanto
Que a nao no mar profundo ſubmergiſſe.
Vendo que ſe ſaluaua a que conſigo
A vida,o coração,& alma lhe leua
Intenta traſtornar o batel,pondo
Forças,& diligencias ſem proueito.
Que as aſſanhadas ondas leuemente
O batel arremeſſaõ dentro em terra.
Apos elle ſe lança o affligido,
Deſeſperado,cego triſte amante.
Gritando diz:ò falſo ingrato & duro
Cruel,injuſto Amor,iſto ſe eſpera
De teus prometimentos?eſte he o pagõ
Que dás a quem por ti perde alma,& vida?
Cortaſteme a eſperança quando tinha
Quaſi poſto nas mãos hum ſò remedio,
E quãdo os ventos,& ondas me ajudauão
Tu me roubaſte a minha amada preſa.
Hay de quem ſe confia em aparencias
Enganoſas,& vãs com que nos matas,
Que em fim parão teus bẽs em puro ẽgano
Em trabalho,afflição,& em triſte vida.
Dizendo iſto eſcondeo nas groſſas ondas
O roſto com dor graue traſpaſſado:
Onde por longos annos chorou ſempre
A perda,& magoa triſte deſte dia.

CANTO OCTAVO.

Neste cāto perdida de todo a nao, forma Manoel de Sousa hum esquadrão de toda a gente que se saluou fazlhes hũa falla animandoos pera os trabalhos que esperão, começão a jornada incerta, & perigosa.

COm quanta ligeireza volue a roda
A fortuna cruel, quando se assanha
E com quanto rigor abate aquelles,
Que no mais alto della tem sobidos.
De hum sò trabalho, & mal não se contēta
Esta enuejosa, & falsa, esta enganosa,
Quando o sereno rosto muda, & fica
Com aspero feroz, brauo sembrante.
Apos hum grande mal, outros mil males
Apos perdas, mil perdas offerece
A hũa triste miseria, a hum triste estado
Outro estado pior sempre nos busca.
Claro mostrou aqui ser inconstante
Claro nos mostrou ser incerta, & varia,
E feznos entender quam pouco durão
Seus bēs quando mais firmes nos parecē.
Fauorecido estaua o Sousa & posto
Em grao contente, & vida descansada,
Abastado de bēs, logrando nelles
Tão fermosa, & tão branda companhia.

Com ſupita mudança a pos em tanta
E tal tribulação, tendo preſente
A cada paſſo a morte que deſcanſo
Lhe fora, por não ver tanto mal junto.
No canto atras paſſado (ſe vos lembra)
No batel viſtes ja quaſi allagados
Eſte bom capitão com quanta gente
Naquella embarcação primeiro vinha.
Com afronta & trabalho chega o grande
Batel (das brauas ondas conſtrangido)
Em breue eſpaço a terra onde ſaltando
Eſtes fortes varões a Lianor tirão.
Do grande eſpanto & medo deſmayada
Quebrantada, ſem força, & quaſi morta:
Os ſeus meninos ambos deſembarcão,
Não como em tal idade lhes conuinha.
Mas com trabalho & preſſa arrebatados
Por dous robuſtos homẽs, deſtes braços
As crueis & ſoberbas ondas pondo
Grande força, tiralos pretendião.
Panthalião de Sá, Triſtão de Souſa
Ambos em terra ſaltão, & apos elles
Antonio de Sampayo, que das ondas
Com Amador de Souſa ſe cobrião,
O grão batel ja liure deſta carga
Outra vez á nao torna, & do mais alto
Se lança nelle a gente, tal remedio

Eſcolhe quem ſe veja tão perdido.
Os ventos afrontados das palauras
Do ſoberbo Rey cada momento
Em furia mais ſe acendem, & as inchadas
Ondas fazem tocar as altas nuues.
Da meridional parte, eis vem bramando
Auſtro potẽte em força, em roſto eſquiuo
Traz hũa tenebroſa negra nuue
Que aſsõbra todo o mar, & o torna eſcuro.
Com impeto arrameſſa pellos ares
Hũa grão multidão de agua furioſa,
E onde a miſera não por ſuſtentarſe
Inda ſe esforça hum pouco, ouſado chega.
Como quando ſe ve cerca do muro
Derribado, & rendido a eſſe terribel
Salitrado furor, que ao fero aſſalto
Hũa facil entrada ja concede.
Os imigos alçando atè as eſtrellas
As vozes victorioſas com bandeiras
Vencedoras, nos ares tremolando
Vão ao mortal aſſalto em furia ardendo.
Com tal impeto vencem ſem contraſte
O lugar conquiſtado, & combatido
Em confuſo tropel entrão ferozes:
Alto gritão, victoria repetida.
O ſalgado eſquadrão vndoſo & fero,
Do capitão Auſtral aſsi animado,

Entra de todo a nao destroça, & quebra
Rompe, desfaz, desmâcha, & arrôba tudo.
Aquella infausta machina soberba
Iuntamente o batel tras ella rende,
Sorue o mar todo aberto, os tristes homẽs
Hũs esconde, outros mostra ja defunctos.
Pegados a madeiros, & outros fracos
Despojos que da nao inda se viáo.
Com lagrimas pedindo a Deos remedio
Ou lhe de saluaçáo ás almas tristes.
Náo se contenta o mar, náo se contentáo
Desta victoria os ventos mas com furia
Muita gẽte arremessaõ dentro em terra
Mal tratada, mortal, toda ferida.
As ancoras pesadas leuemente
A terra desdo fundo váo voando
Empuxadas das ondas com terribel
Espantoso, medonho, & fero estrondo.
O forte capitáo esforça a gente
Aquella que do medo ve toruada,
E como melhor póde fauorece,
E cura os que tem mais necessidade.
D'algũs fardos d'arroz, de arcas rodea
Quanto espaço de terra os agazalhe:
Ia se rompe a fogosa pederneira
Ia fumo em qualquer parte se leuanta.
Ia daquelles, que ao mar mòr quantidade

Roubarão de agua,o fogo se rodea:
Tornão aos frios neruos o perdido
Calor,& força aos membros regallados.
Determina esperar atè que enfermos
E os feridos de tanto mal guareção
E possaõ caminhar inda que fracos,
Que alli necessidade spritos cria.
Passados quatro dias sobre hum monte
Quatorze Cafres juntos aparecem
Espantados de ver o Lusitano
Esquadrão trabalhado & perseguido.
Mas logo a volta dão em pouco espaço
Cortados de temor da gente estranha
Espera o Capitão por ver se tornão,
Mas o seu esperar era escuzado.
Que os medrosos gentios vão fugindo
Da morte que elles cuidão ter tão certa,
E quanto mais se allongão,tanto sentem
Os fracos corações com mais alliuio.
Vendo o famoso Sousa que lhe falta
Mantimẽto,& que a terra o não produze,
Dous Portugueses manda,& hum gentio
Cafre,que a terra sabe,& o vso della.
Pera que achando gente,saibão certo
Se querem resgatar,& sendo aceito,
De sua parte tragão mantimentos:
Dest'outra lhe darão quanto pedirem.

Estes

Estes tres companheiros partem logo
E com ligeiro passo a terra intentão:
Solicitos se mostrão, mas não achão
Do que la vão buscar cousa mais certa,
Que hũa guerra notoria, clara, & vista
Que elles muito temerão, porque acharão
Em pobres casas ja desemparadas
Metidas por sinal agudas setas.
Que entre elles he pregão, & asi deuulgão
Odio, guerras crueis, estrago, & mortes.
Vistos estes sinais tornãose a onde
Por elles agardaua a gente amiga.
Dizem que acharão sós os aposentos
Rusticos, vis, & pobres, mas que nelles
De hũa guerra cruel, de hum graue dano
E de outros males virão claro indicio.
O Capitão lhes manda que em segredo
Esta mà noua tenhão, porque a gente
De todo não desmaye, elle fingido
Melhor noua, sembrante alegre mostra.
De Dona Lianor esconde a pena
Que o seu animo triste padecia,
Mas como ella era sabia, o mal entende,
Que nunca o grande mal pode encubrirse.
Do seu vnico amigo sente o dano
Sente vello em trabalho, o seu não teme
E ver que dissimula, lhe traspassa

Com grandissima dor a su'alma triste
Ambos se pagão bem, ambos respondem
A hum justo amor igual em suas almas,
O qual sem differença em ambos mostra
Hũa força, hum poder, hum sò dominio.
Tres vezes as estrellas se mostrarão
Ficando em sombra escura o mundo todo
E outras tres com luz noua rõpeo Phebo
O tenebroso manto, & veo nocturno.
Quando nũs altos montes aparecem
Dez Cafres que hũa vaca atada trazem,
Vista assaz desejada dos que sentem
Ia da raiuosa fome, a triste angustia.
Alterase o arrayal debil, & fraco:
Animãose hũs aos outros, dizem visto
Nos vem do ceo socorro, mas não era
Este bem que se todos prometião.
Com ademães, & acenos procurauão
Persuadir a chegarse os dez gentios:
Com duuidoso, tardo, & curto passo
Temidos, & medrosos se auenturão.
O capitão se vai acompanhado
Com sòs tres desarmados Portugueses:
Chegase mansamente, & com verdade
Facil, & conhecida os assegura.
A vaca pedem, dandolhe em resgate
Por ella tudo quanto elles pedissem,

Os gentios desprezão prata,& ouro:
Perguntão sò por ferro,& ferro buscão
Trazidos forão logo num momento
Algũs prégos que aos Cafres alegrarão
E ja mais confiados,mais se chegão
O preço aueriguando do contrato.
Mas que aproueita estar todos contentes
Que a fortuna cruel tal bem lhe impide?
Estando estes em preço,seis malditos
Cafres, sobre outros montes se deuisaõ.
Com grãdes brados dizem, que se afastem
Daquella falsa gente & que não comprem
Por preço,o que na praya facilmente
O mar lhes concedeo,& deu de graça.
Num mométo hũs & outros se recolhem
E em breuissimo espaço não saõ vistos:
Fica assaz descontente o Sousa,& posto
Em dobrados cuidados & em perigo.
Inda que aquella presa lhe conuinha,
Pera remedio dar aos tenros filhos
Iuntamente co a mãy fermosa & triste
Que com fraqueza tal ja não podião.
Escandalo não quis fazer aos Cafres,
Antes os deixou hir em paz seguros,
E como Capitão direito,& justo,
Quis mostrar ser igual não differente.
Os feridos,& enfermos se mostrauão

Ia com tal melhoria que podião
O trabalho ſofrer, que o deſuſado
Incerto, agro caminho prometia.
E vendo o Capitão a terra eſteril
Deshabitada, ſò, & ſem remedio
A junta os principaes varões, & dizlhe
Com ſembrante ſeguro eſtas palauras.
Amigos, & ſenhores meus bem vedes
Eſte miſero eſtado a que chegamos
Do qual eſpero em Deos, & nelle fio
Que em outro nos pora mais deſcançado,
Ser permiſſaõ diuina, claro conſta
Pois ca nada ſe moue ſem vontade
De Deos omnipotente, & aſsi confeſſo,
Que a cauſa deſte mal ſaõ meus peccados,
Não outros, eſtes ſaõ os porque agora
Todos paſſamos tanta deſuentura,
O poderoſo Deos, o que eu mereço
Co eſta grande innocencia ſe redima.
Dizendo eſtas palauras hum fermoſo
Tenro filho nos braços leuantaua,
E cos olhos de lagrimas cubertos
Poſtos no alto ceo aſsi dezia.
Clementiſsimo Deos eu te apreſento
Eſte que não tem culpa, eſte te abrande:
Tem delle piedade pois to offereço
Com outro inda menor em ſacrificio.

Muitas

Muitas graças te damos Rey diuino
Que de tal tempestade nos liuraste,
E da brauesa,& furia de taes ondas
Em terra nos pusestе, (inda que imiga)
Bem vistes o perigo em que viemos
A nao aberta,o mar brauo, & terribel
Os ventos furiosissimos,a gente
Cansada,desmayada,& ja defuncta.
Assi nos trouue Deos,q̃ humano engenho
Nem força corporal era bastante;
E pois ja nos saluou do mor perigo
Dos que ficão percamos o receyo.
Firme fé tenho nelle que assi juntos
Em paz nos leuara onde se louua
Seu sacro sancto nome, onde o misterio
De seu diuino corpo he conhecido.
E aquelles que acabarem na jornada
Incerta,& trabalhosa que seguimos,
No seu sagrado sangue derramado
Na cruz por nós,terão eterna vida.
Ia que os enfermos todos conualecem,
E Deos lhes dà fauor pera que possaõ
Caminhar,não he justo que esperemos,
Onde vemos a morte conhecida.
Fizuos aqui ajuntar pera tomarmos
Determinação,na via mais segura
Por onde a saluação nella nos fique

(Quanto puder ser) menos trabalhosa
O remedio que tinhamos cuidado
De fazer hum batel as brauas ondas
No lo impedirão ja, porque bem vistes
Que o procelloso mar nos leuou tudo.
E pois a vós senhores nesta empresa
A todos como a mim vos vai a vida
Não determinarei, nem farei cousa
Sem vosso parecer, o meu ja disse.
O que vos peço he que juntos vamos
Sem me desempararardes, inda que isto
De vossa obrigação he, vollo peço,
Dado vos he seguir, a quem vos guia.
Que andar não poderei o largo passo,
Como aquelles que estais liures de filhos,
E a Dona Lianor não se lhe permite
As forças, & o vigor como a nòs outros.
Todos juntos iremos, todos juntos
Seguiremos a sorte, & o tempo incerto
Assi resistiremos o sembrante
Que nos mostra a cruel, impia fortuna,
No cabo desta pratica se sente
Hum murmureo de lastima causado,
Em toda aquella gente, todos jurão,
E prometem seguillo em bés, & males.
Aparelhãose todos ao caminho
Confusò, incerto, escuro, & perigoso

Vendose

Vendose geralmente em todos hũa
Mortal,& profundissima tristeza.
Agora Musa minha,agora he tempo
Que tu comigo cantes o discurso
Da peregrinação mortal,& o triste
Infortunado fim de tanta gente.
Os trabalhos,as guerras,os perigos
Sobresaltos,traições,estrago, & mortes
Da vera enformação de tantos males
Pois certo sou que tu delles te lembras.
Aruorase hũa lança,& nella soltão
Hũa bandeira aos ares,que a figura
De Christo Redemptor braços abertos
Mostra morrer na cruz,por nos dar vida.
Leuantase hum clamor geral em todos
Vendo o filho de Deos com duros crauos
Pregado num madeiro,& do sagrado
Costado derramar,de sangue hum rio.
Com leuantadas mãos,com altas vozes
Em lagrimas enuoltas a diuina
Venerauel figura adorão todos.
Todos dizem senhor misericordia.
Leua Manoel de Sousa oitenta & quatro
Valentes Portugueses na dianteira
De escrauos leua hum cento que nas andas
Portatiles,& leues se reuezão.
Nestas hia Lianor não differẽte

Da fermoſura nella coſtumada.
O roſto antes enuolto em freſcas roſas
Agora conuertido em neue pura.
Os olhos que virandoſe, moſtrauão
Hum viuo reſplandor,& luz gracioſa
Com penetrante rayo ſuaueme̅te
Leuauão corações a conſumirſe.
Agora de triſteza rodeados
Ia fauor vão pedindo com brandura
E os que antes conſtrangião com ſoberba
Moſtrão agora humilde triſte viſta.
Vai Chriſtouão Fernandez atras deſtes
Co a gente fraca,inutil ſem defenſa
Com tremuloſo paſſo eſte ſe moue
Por ſua ja cançada longaidade.
E Pantalião de Sà,claro mancebo,
A quem juuenis annos,força otorgão
E a nobreza de ſeu antigo ſangue
No forte coração cauſaua ſpritos.
A retaguarda leua com duzentos
Esforçados varões,dos quais ſetenta
Tem nome Portuges,mas os que ficão
(Ainda que animoſos) ſaõ catiuos.
Deſpedemſe da praya que ſem preço
Na mòr força do mal os recolhera,
A Deos pedem que a guarde lógos annos
Das injurias do tempo auaro & triſte.

Inuocando fauor do ceo ſe parte
O miſero eſquadrão mal guarnecido
D'armas,& munições,ſegue a incerta
Perigoſa,confuſa,occulta via.

CANTO NONO.

Neſte canto chegão os Portuguezes ao valle de Pão, o qual apercebido pera lhe defender a paßada fica vencido dos olhos de Dona Lianor, apartaſe dos ſeus Phaunos, & ſegue o eſquadrão, que com trabalho caminhaua ſeguindo tambem os falſos prometimentos da fortuna.

QVem poderá fugir futuros males,
Succeſſos deſeſtrados,fins occultos?
Ou quem pode alcançar altos miſterios
Que a ſumma prouidencia aſsi atribue?
Com vãos prometimentos nos engana
O mundo liſongeiro,falſo & breue:
Com fantaſticos bēs que num momento
Trazidos antre as mãos ſe nos conſumem.
Enleuados andamos,prometendo
Sempre a noſſo deſejo ledo effecto,
E no meyo de hum mar profūdo & largo
De penſamentos vãos nos engolfamos.

Com prospera esperança, hum bẽ ditoso
Affirmamos, nas cousas mais incertas,
Sem nos lembrar ja mais a ordẽ tão triste
Da nossa humana, fraca natureza.
Andemos sobre auiso, & vigiemos:
Que o sacro Redemptor asi ensina,
Pois o dia cruel, & hora tão forte
Da furibunda morte não se alcança.
Lembrame que deixei o Sousa alçando
Da solitaria Praya o esquadrão fraco:
Ao vento despregada a sacra insignia
Começando a tristissima jornada.
Caminhão doze dias por desertos
Esteriles, por secos, & altos montes:
Por montanhas fragosas, por mil valles
Sombrios, fundos, tristes, & medonhos.
Virando, & reuirando grandes rios
Que com profundos pègos lhes impidem,
E resistem passar a vao por onde
O caminho se ve ficar mais curto.
Andado tem cem legoas, mas de todas
Sòs trinta proueitosas lhe ficarão
Que pollas grandes voltas das ribeiras
Grande espaço de terra fica inutil.
Crece a fome em gèral, crece o trabalho
Allento, & forças quasi desfallecem,
Algũs se rendem ja, ja de cançados

Se deixão ser de Tigres mantimento.
Os olhos nos que vão gemem,sospirão,
Em lagrimas banhados se despedem,
Dizendo iuos amigos Deos vos liure
Deste passo espantoso em que ficamos.
Apos estas palauras reclinando
Os lassos membros chorão seu fim triste
Alli de brauos Tigres,& outras feras,
Em breue espaço são feitos pedaços.
Entre estes tambem fica hum gentil moço
Filho do Capitão, porem nacido
De molher differente,este não tinha
Então dezaseis annos bem compridos.
A sua tenra idade não bastaua
A molestia sofrer de tal caminho
Inda que se enxergaua o nobre sangue
Suprir o que taes forças não podião.
Os imperfeitos membros trabalhados,
Os espritos vitaes enfraquecidos
Afadigados ja daquelles passos
Arrastados do seu animo altiuo.
De supito se rendem dando em terra
Hum lastimoso,duro,& cruel golpe,
Bem asi como a luz que a parda oliua
Com seu crasso licor cria,& sustenta.
Sendo ja consumido,a labareda
Desejando viuer alli se esforça,

E quan.

E quãdo mais vigor moſtra, então ſupita
Morte deixando o ar enuolto em ſombra.
O nobre moço cae ſem mais mouerſe
Os frios olhos ja nadando em morte
Roubada a cor do roſto, & hum funeſto
Pallido mortal veo nelle eſtendido.
Vendo o infelice pay tal perda, moſtra
Com profundo gemido a dor que ſente
Dentro n'alma, & com lagrimas nacidas
Do paternal amor, ſeu fim lamenta.
Dizendo filho meu, nacido em dura,
Cruel conſtellação, tu neſtes montes
Ficas ſem ſepultura dando a feras,
E a carniceiras aues hum tal corpo.
Mas não ficas tu ſò, que aqui contigo
Do meu coração fica grande parte
Atè vir outra dor, que a mim mais crua
Seja, & de ti me tire eſta memoria.
Sintio o Souſa muito a morte deſte
Parecendolhe ſer por ſeu deſcuido,
E dentro no ſeu peito ſe reprende
E de não o achar menos ſe da culpa.
O caminho proſigue, onde lhe ficão
A cada paſſo ja mortalhas triſtes,
Dãdo as almas ao ceo, & os fracos mẽbros
Aos bicos das crueis ladrantes aues.
Em paſſos trabalhoſos, em caminhos

Eſtreitos, muitos Cafres lhe reſiſtem
Com armas a paſſada, mas em todos
Dos fortes Portugueſes ſaõ vencidos.
Que ainda que a dura fome, juntamente
Com ſer fragoſo & aſpero o caminho
Os tinha ja muy fracos, todauia
Os viuos corações não ſe lhe rendem.
Antes nelles ſe via aquelle vſado
Coſtume de vencer nações ferozes
Inda que tanto mal forças lhe tira,
Não lhe póde tirar o esforço antigo.
Quatorze dias erão ja paſſados
Daquelle ardente mes, onde reſide
O ſoberbo Lião, que no grão boſque
Neméo, vencido foi do forte Alcides.
Ia quando o louro Apollo reclinado
A parte Occidental, quaſi eſcondia
Detras de hũs altos montes, os dourados
Rayos, que em tal ſazão forças não tinhão.
Quando de Cafres hũa turba horrenda
Com tão grande alarido que o ceo raſga
Se deixa vir por ingremes ladeiras,
Com braueza frechando os curuos arcos.
Cerraſe o Luſitano eſquadrão, pondo
Os que ſaõ mais ouſados na dianteira,
Eſtes, inda que poucos, bem ſe atreuem
Reprimir o furor dos inimigos.

O nobre Capitão vendo as manadas
Daquella multidão tostada,& negra
De algũas poucas armas que escaparão,
Proué,quem sabe ser mais animoso.
Ia desatada ao ar a sacra insignia
O diuino sinal della os esforça
Ia se renouão forças nos cansados
Braços,nos corações ja ferue a ira.
Grandes nuues de frechas se despedem
La da parte dos barbaros imigos:
Pellos delgados ares vão fazendo
Hum cego, surdo estrondo mal distinto.
Como quando se ve a espessa banda
De pintados zorzaes que o proueitoso
Meudo,& negro fruito,por destincto
Da natureza,la no Octono auentão:
Do saboroso roubo cobiçosos
Conjurados vem todos em cerrado
Alligero esquadrão,& no aruoredo
Delles bem conhecido,fazem dano.
Tantas,& tão espessas bandas voão
De nociuas,mortaes,ligeiras frechas:
Muitas ficauão vãs,muitas encrauão
Com dor intoleràuel,algũs corpos.
Pelleja o capitão cõ aquelle esforço
Em perigos & afrontas costumado,
Hum violento arcabuz com braua furia

E horrendiſsimo tom nelles deſpara.
Reſona o alto monte, brama o valle
O rayo ſae com impeto furioſo,
Onde eſcondido vai em fogo ardendo
Pellouro enuolto em morte repentina.
Derramãoſe os gentios eſpantados
Daquelle trouão fallò, vendo quanto
Eſtrago, & quanto mal num ſò momento
Fez, aos que alli alcançou a chama viua.
O fogoſo inſtrumento deixa, & embraça
Hũa rodella, de aço guarnecida,
E na direita mão com força aperta
A rutilante, clara, aguda eſpada.
Firma o ſeguro pé, dando mil golpes
De furor, & de collora mouidos,
E ſe ficauão vãos, na ſanguinoſa
Açacallada eſpada bem ſe via.
Foge a canalha vil do riguroſo:
Forçoſo, & vencedor potente braço:
Com animos couardes buſcão onde
Poſſaõ melhor ſaluar as triſtes vidas.
Aſsi como acontece em larga praça
Que ornada eſtá eſperando o brauo touro
Onde a gente vulgar moſtra esforçado
Animo, & moſtra igual cometimento.
Mas quando a braua res com fero aſpecto:
Com leuantada teſta, & viſta eſquiua,

Entra na praça, foge a turba inutil,
Soltando ao ceo alegres, & altas gritas.
O feroz animal pisa, & despreza
Os pungentes, & agudos tiros, brama
De pura raiua, escarua a terra, & olha
Com aspero sembrante onde arremeta.
E ja determinado se aballança
Onde mais o perseguem, foge a gente,
Aqui, & alli se espalha, & hai daquelle,
Que sente o dano, & o mal de tal encõtro.
O forte Capitão ardendo em furia
Os imigos ousados escarmenta:
Esforçãose contra elle mas a todos
Com duros golpes faz que se arrependão.
Pantalião de Sà, Tristão de Sousa,
Mancebos ambos fortes, & animosos,
Com Amador de Sousa destro em armas,
Leue no cometer, nó esperar firme.
Todos tres na dianteira bem cubertos
De neruosas rodellas, apertando
As espadas nas mãos com grande perda
Do contrario esquadrão fazem temerse.
Diogo Mendez Dourado, varão graue:
Denodado, feroz, robusto, & forte
Ajuntase a este numero, & reuolue
A cortadora espada a todas partes.
Antonio de Sampayo cujo aspecto

Moſtra do coração o viuo esforço
Outro Arcabuz nas mãos tẽ cõ q̃ offẽde,
E mata grande copia dos imigos.
Da ſallitrada,& negra eſpecia,o roſto
Traz,de mil negras manchas rodeado,
E na robuſta fronte hũa agua groſſa
Caindo,lhe faz fea a catadura.
Acendeſe a peleja horrida & fera
Crece o brauo furor em cada parte,
Se morre hum Portugues cõ vinte vidas
Dos inimigos,eſta ſò ſe compra.
Procura cada hum por varios caſos,
E por ſucceſſo incerto auer victoria
Leuantaſe hum clamor atè as eſtrellas,
E allarido que chega,& rompe as nuues.
Nũa parte as agudas frechas paſſaõ
D'esforçados varões os fortes peitos,
Em outras jazem muitos reclinados
Os cellebros ſangrẽtos ſobre os hombros.
O mancebo animoſo que do illuſtre
Antigo,& nobre ſangue deſcendia
Dos generoſos Sàs,vendo hum daquelles
Que mais ſoberba moſtrão,& ouſadia.
Que dobrando cõ força immẽſa hum arco
Neruoſo,groſſo,& forte deſpendido
Tinha hũ mõte de agudas mortaes frechas
Cauſando muito mal aos deſarmados.

Cerra com elle a tempo, que aſſeſtaũa
Contra elle o furioſo mortal tiro,
A frecha ſacudida chega, & toca
A rodella, que de aço he guarnecida.
Reſualla, & vai com força rechinando
Por meyo dos ſutis delgados ares,
Mas elle nas entranhas, polla parte
Do viuo coração a eſpada eſconde.
Com bramido eſpantoſo ſe debruça
O gentio na terra onde co a raiua
Mortal as eruas morde, que do ſangue
Da ferida cruel ja eſtauão tintas.
Toma Amador de Souſa ardendo em ira
Hũa teſa, mociça, groſſa lança
Torcendo o corpo aquire mores forças
E a hum monte de inimigos a arremeſſa.
A hum delles paſſa o peito, cae de coſtas
O gentio com dor, que o deſatina
E fòra de ſi, bate a dura terra,
Não hũa, mas mil vezes co a cabeça.
Tras eſte tambem mata outro que acode
Pera vingar o morto companheiro,
Chega feroz mas logo fica em terra
Humilde por ſeu mal entregue á morte.
E tu Triſtão de Souſa não detinhas
O incanſauel braço hum ſò momento
Mas mouido com collora tiraſte

A muitos

A muitos em tal tempo as triſtes vidas.
O clamor & alaridos dos que morrem
Com ſom funeſto o cãpo & mõte atroão,
E nas cauernas concauas formaua
Com viua voz diuerſos appellidos.
Banhaſe o cãpo em ſangue, mas os Cafres
Recebem mayor parte deſte dano:
Muitos corpos ſe eſtendem cujas almas
Gritando vão com dor ao negro abiſmo.
O valente Dourado que alli tinha
Com perigo da vida, honra ganhado,
E os ſeus robuſtos braços tinhão feito
Nos inimigos hum ſangrento eſtrago.
Vendo hum Cafre, que alli era entre todos
Iulgado com rezão por mais valente
Remete com furor, & não recua
O imigo, antes ſeguro eſpera o golpe,
Que ſobre elle ja vinha tão peſado
Que baſtara fender qualquer dureza.
O ligeiro aduerſario furta o corpo:
O golpe fica vão, & a vida ſalua.
Não tarda o Cafre em vir antes cuberto
Do forte eſcudo torna o braço alçando,
O alfange deſcarrega, cuja ponta
Na cabeça ao dourado hũ pouco alcança.
Ambos enueſtem dandoſe mil golpes
Com que retine o ar, & o valle geme,

Que ſe o Dourado he forte, & valleroſo
O ſeu contrario quaſi igual reſponde.
Aſsi como cerdoſos dous ſeluages
Pollas brenhas, & mato ambos crecidos:
Hum arremete ao outro denodado
Com agudo colmilho, & creſpo lombo.
Das eſcumoſas bocas com braueza
Lanção roncos, horribeis, & fumoſos,
Nos aſſanhados olhos amoſtrando
Reuerberar relampados eſpeſſos.
O Dourado não quer que ſe dilate
Mais a forte contenda, chama, & pede
O diuino fauor, do qual ſentindo,
Conhecido ſinal, redobra os golpes.
A rutilante eſpada alto leuanta,
E contra o duro imigo a manda, & fende
O corpo quaſi todo, vai fugindo
Aquell'alma furioſa ao Reino eſcuro.
Mas que aproueita ao triſte tal victoria?
Pois que não teue tempo de gozarſe
Della, nem teue tempo que os canſados
Membros, hum ponto ſó fauorceſſe.
Que apenas acabaua o fero trance,
Quando la da contraria parte voa
Hũa frecha cruel, de riguroſo
Deſtino infelicíſsimo guiada.
Leuemente lhe paſſa o forte peito,

Paſſa

Passalhe o coração robusto, & duro
Hũa parte alli mostra as penas: & outra
Nas costas mostra o ferro em sangue tinto
Cae o forte varão regando a terra
Com escumoso, ruiuo, & quente sangue
Desemparados ja da luz radiosa,
Os frios olhos cerra em noite escura.
Apos esta vem duas, hũa fere
O Sãpayo no braço esquerdo, & abrindo
A boca por queixarse co a dor grande:
A outra que lhe traz a morte, chega
Metese pella aberta boca, & passa
Sem nada se deter, & o varão fero
Co a raiua aperta os dentes, racha, & q̃bra
Aquella vaã ligeira, & sotil hasta.
Caelhe o arcabuz das mãos, elle recua
Quatro passos atraz, & num momento
Arrauessa a purpurea alma, num rio
Todo sangrento, & cae sem mais mouerse:
Os altos allaridos mais se auiuão
Quando banhando ja nas ondas
Os ardentes cauallos lugar daua
Ao tenebroso veo que ocupa o mundo
Marte mostraua então com rosto irado
Hum desestrado fim aos Portugueses:
Dona Lianor com lagrimas inuoca
(Co bando feminil) fauor diuino.

Abraçados consigo os dous amados
Innocentes filhinhos, diz ò Virgem
Emperatris do ceo, a tantos males
Dai vòs madre de Deos algum ſocorro.
Gabando não ſe va ledo, & contente
O numero infiel quaſi infinito,
Que em tal afronta tem aos que confeſſaõ
Do voſſo vnico filho o ſacro nome.
Virai Virgem ſagrada os pios olhos,
Vede a noſſa afflicção, & triſte anguſtia,
Pois coſtumada eſtais a ſer ſocorro
Dos miſeros, & triſtes peccadores.
Neſta tal conjunção a eſcura noite
Cobrio com negro manto a redondeza.
Apartãoſe os imigos deſcontentes
Mal tratados ſe vão quaſi vencidos.
Deſpois que a deſigual batalha teue
O fim que aqui ja viſtes, & cançados
Os que nella fizerão couſas dignas
De honrado nome, & fama pera ſempre.
As vigias repartem, ſegurando
O nocturno, improuiſo, horrido aſſalto,
E do furor violento dos imigos
Vindos pudeſſem dar certo rebate.
Aos nobres dous varões, & aos q̃ lhe forão
Na morte aquelle dia companheiros
Com lagrimas ſepultão, & acabado

O funeral officio ſancto & pio,
Reclināoſe por partes onde poſſaõ
Alliuio dar aos laſſos, fracos membros.
Mas depois de paſſado o furor, fica
Auiuandoſe mais a dura fome.
O Capitão ſe vai onde a fermoſa
Companheira, por elle eſtá eſperando.
Recebeo com amor brando, & ſuaue
Do perigo paſſado inda timida.
O roſto alli afrontado lhe refreſca
Com a larga, & branca manga da camiſa,
Não ſe farta de o ver porq̃ inda os golpes
E os viuos alaridos tem preſentes.
Ia deſpois que as calladas frias ſombras
Da tenebroſa, muda, & negra noite
Fogirão da luz noua que a riſonha
Roſada alegre Aurora alli trazia.
Todos ſe fazem preſtes, deſpregando
A diuina bandeira ao ar delgado,
Nas horas quando Apollo deſejoſo
De ver a bella Daphenes ſe apreſſaua.
Por hũs caminhos aſperos decendo
Entrão num longo, eſtranho, freſco valle,
Onde Palmas altiſsimas honrauão
Aquelle vmbroſo ſitio defendido.
Alli frondoſos Vlmos, alli as Fayas
Fazem ledo verão, & doce ſombra,

Alli os Alamos altos, com brandura
Se queixão dos assopros de Fauonio.
Alli naturaes fontes com rumores
Sonorosos, & mansos, se repartem
Por frescas verdes heruas, demandando
Com voltas, & reuoltas o mar alto.
Quasi no meyo delle se diuisa
Hum frondoso, cerrado espesso bosque
Do Semicrapo Pão tosca morada,
A quem rudos pastores sacrificão.
Por verdes frescas heruas apascenta
Rebanhos de lanoso, & manso gado,
E liure ja do amor que tanta pena
Nos olhos de Siringa lhe buscara.
Agora o verde campo, agora o prado
Esmaltado de flores, pisa isento,
Agora a cristallina fonte, agora
Os ares saõs & puros o recreão.
Esquecido de amor, & seus enganos
Quieto, & allegre traz o pensamento:
Tudo o que lhe dara alliuio busca,
E tudo o que o fara triste auorrece.
Quantas vezes subido â mòr altura,
Do sollitario, esquiuo, aspero monte:
O declinado Sol se lhe escondia
Por detras de fragosas, altas serras.
Dali via o solar carro banharse

Deixando as nuues de ouro perfilladas
Dali o claro Orizonte,& o ceo roxeado
Reuerberado vio nas puras ondas.
Dali via os paſtores,que os rebanhos
Contentes ás malhadas recolhião:
As ruſticas Samphonhas reſonando
No confuſo ſilencio,& ar nocturno:
Dali mil vezes vio com roſto allegre,
De dous fortes carneiros leda juſta,
De lanoſos & grandes corpos,& ambos
De retorcidas armas bem prouidos.
Com ſeuera preſença recolhendo
Atras os curtos paſſos enueſtião
Com denodada furia,& bem no meyo
Da carreira ſe dauão fero encontro.
Quantas vezes dali a ruciada
Apraziuel Aurora vio no Oriente
Com riſonho ſembrante,& ledo aſpecto
Reſtituir á terra a cor perdida.
Vendo as contentes aues allegrarſe
Com ſuauiſsima queixa, & doces cantos
A vinda feſtejando do grão Dellio,
Que o rubicundo rayo deſcubria.
Não longe deſte eſpeſſo & freſco boſque
Eſtaua o Capitão & ſua companha
Quando o ruſtico Pão,no liure peito
Sente hũ'alteração com que ſe afflige

O coração

O coração cuberto de hũa sombra
Escura sente o triste, a causa ignora;
Dalhe de quando em quãdo hũ sobresalto
Que reuolto sem sangue o deixa, & frio.
De tão duro accidente traspassado
Se assenta ao pé de hum alto verde Pinho,
Vendo tal nouidade, taes palauras
Todo tremendo alli diz sò consigo.

Que mal he o que me assombra, que o fermoso
Rayo do Sol assi se me escuresse?
E que poder tamanho, & tão forçoso
Se esforça contra mim, que assi me empece?
Todo arrepiado estou, todo medroso
Sem saber de que est'alma se entristece
Algum desastre, ou mal me està guardado
Que não sem causa estou tão demudado.
Vejo certos sinaes de algum quebranto:
Vejo hum perigo serme ja presente:
Tristeza vejo em tudo, em tudo espanto,
Tudo vejo sem graça & descontente.
Vejo cuberto o ceo com triste manto
Vejo esteril o campo, & differente
Vejo grande rumor no manso rio
No ar claro hum bulcão negro & sombrio.
Os montes me ameação, & a espessura
Deste fresco arùoredo me he pesada

A clara

A clara fonte vejo turua, & escura
De peçonhentas heruas rodeada.
Receosa, timida, & mal segura
Sinto est'alma, antes liure, & descançada,
E pera respirar faltarme o allento
Quando me abafa, & cansa hum pensamento.
Vejo que se acometem dous carneiros
De mim os mais prezados & escolhidos,
Vejo os touros correr pollos outeiros
Dando espantosos mil altos bramidos.
E do funesto Moucho nos Vlmeiros
Escondido, ouço a voz triste & os gemidos:
Algum desastre ou mal me està guardado
Virmeha que Amor me tem ameaçado.

Carregado, auorrecido o pastor chama
Infelice, & cruel a sua estrella,
Que ainda que não ve causa de seu dano,
Os accidentes delle ja o assombrão.
Ia presume que Amor no liure peito
Traição perfida, & falsa lhe ordenaua,
Affirma o que sospeita & ja se entrega
De todo ao graue mal deste receyo.
Depois que os Portugueses aqui entrarão
Recebem de tal vista grande alliuio,
E da montesa fruita, muitos delles
(Alegres por tal presa) se aproueitão.

Rudos,

Rudos, silueſtres Satiros correndo
Amedrontados vão da gente eſtranha,
Hũs por tecidas aruores ſe eſcondem,
Outros onde eſtà Pão, vão com recado.
Com pallida cor dizem ja offendido
O toſco boſque eſtà de ouſada gente
Que nelle entrou ſoberba, ſe iſto ſofres
Outras mores injurias tẽs mais certas.
O Semicrapo Pão logo apellida
De Satiros, & Phaunos grão companha,
Qual de toſtado pao, qual de duriſsimas
Pedras armado vai, em furia ardendo.
Por ſecreta vereda ſe repartem
Aquelles que de lenhos vão prouidos:
Outros pollos penedos mais fragoſos,
Com grande ligeireza ſe ſobirão.
O ruſtico Pão leua hum baſtão groſſo
De ſeluatica, dura, ſeca Anzinha;
Raiuoſo, & denodado ſe poem junto
De hũ paſſo eſtreito dõde o eſquadrão che (ga,
Agachado, eſcondido, como quando
O beſteiro que a res ganchoſa eſpera
La no tempo da brama, em certo poſto
Examinado delle, & de antes viſto.
Os olhos promptos tem ò tempo aguarda
Que poſſa saltear o animal cego:
Tonto deſatinado da terribel

Natural, amorosa, ardente chama.
Passa Dona Lianor alçando a vezes
Aquelles olhos cheos de triumphos,
E olhando a caso a Pão, lhe fez tal dano
Qual pudera fazer determinada.
Caelhe o bastão das mãos, cae sem sentido
O que antes em furor ardendo vinha,
Dãdo hum bramido horrẽdo, ao qual mil
E cornigeros Satiros acodem. (Phaunos
Vendo tão grande mal sem saber donde
Naceo tal desuentura os mais antigos,
E os mais principais alção num momento
O corpo com sinais ja de defuncto.
Hũs dizẽ quãdo os grandes mal tão graue
Padecem, que farão humanos homẽs?
Outros dizem, se a caso foi primeiro
Visto do roubador sagaz & astuto?
Outros dizem se a bibera escondida,
Nas heruas, causa foi deste accidente?
Ou se de Basilisco a venenosa
Mortal vista lhe fez tão graue dano?
Ou se maluados olhos enuejosos
Daquella estranha gente isto fizerão?
Que tão supito mal, em tal sogeito
Admiração lhe faz, & grande espanto.
Estas cousas dizendo sem saberem
Determinarse, ao bosque espesso chegão

Onde nũa ſombria, eſcura coua,
Ramoſa, & branda cama lhe aparelhão.
Reclinão nella o corpo deſmayado
Trazem da clara fonte com grão preſſa
Em largas, verdes canas agua, & banhão
O roſto enuolto em cor pallida & fria:
Duas horas eſteue ſem moſtrarſe
No triſte coração ſinal de vida,
Acabo dellas abre os traſpaſſados
Olhos, & diz ò morte fera, & dura.
A quem te quer te negas, & ao que foge
Da tua viſta eſquiua, eſſe perſigues,
Tua força ſe eſtende a mortaes corpos:
Em mim ſerá o tormento eterno & viuo:
Leuantaſe, & não quer mais companhia
Que a ſua rouca, & ruſtica çamphona
Com que ja no outro tempo da fermoſa
Dura ingrata Siringa ſe queixara.
Por ſabidos atalhos com ligeiro
Accellerado paſſo ao eſquadrão chega:
O qual por ſer ja tarde em verde campo
Iunto de clara fonte ſe allojaua.
Vendo Pão que o ſilencio da nocturna
Humida eſcuridão, por todas partes
Eſtendido, em geral repouſo tinha
Gentes, aues, & feras occupadas.
E que os moleſtos grillos com ſeu canto
Importuno

Importuno, ſe ouuião nas profundas
Aberturas da terra, & pollas ſombras
Negras, a prodigioſa aue voaua.
Sobeſe num penedo donde via
O dormido arrayal, & com ſuſpiro
Triſtiſsimo a çamphona toca, & canta
Por ella os breues verſos, que ſe ſeguem.

Hiuos rebanhos meus alegre gado
Em outro tempo mais que eſte ditoſo,
Fugi de mim, ſereis melhor liurado.
Contai por donde fordes com piadoſo
Miſerauel clamor, que fico ardendo
Em fogo irremediauel, & furioſo.
Não vos verei ja mais hirdes paſcendo
As verdes freſcas eruas pello prado,
Do roubador as manhas não temendo.
Nem vos verei na ſombra reclinado
Na coua heruoſa a vós cabras mimoſas
Trepadas em rochedo alcantillado.
Não vos verei roer as amargoſas
Salgeiras nem buſcardes o florido
Sabugo, nas ribeiras gracioſas.
Hum contino, & triſtiſsimo gemido
Pellos alegres verſos que me ouuieis
Será por eſte boſque agora ouuido.
Alemos & altas Fayas, que fazieis

Ledas ſombras aos prados, vós corrente
Clara fonte que tanto me aprazieis.
Com voz eſcura, ſurda, & deſcontente
Contai qual me aqui vedes arraſtado
De hũs olhos onde amor nunca ſe ſente.
Cujo rayo ardentiſsimo inflammado
Leuemente traſpaſſa qualquer peito,
Qualquer coração duro, & obſtinado.
Cujo marauilhoſo eſtranho effeito
Cauſa hũ' admiração, hum nouo eſpanto
Moſtrando mil contrarios num ſogeito.
Vinde fermoſas Naides em quanto
A matutina luz eſtà eſcondida,
Napeas vinde agora ouuir meu canto.
E vòs bella companha que ſobida
Por altos montes, his exercitando
A dura caça com velloz corrida.
Driades que as montanhas habitando
Em danças ſempre andais todas vnidas
Com tal viſta os ares alegrando.
Vinde todas de laſtima mouidas
Vereis parar en certa deſuentura
Falſas, vãs eſperanças prometidas.
Hũa pena vereis intenſa, & dura
Hum tormento cruel, hum mal tão forte
Paſsado por tão branda fermoſura
Que remedio não tem mais que o da morte.

Acabadas as vltimas palauras
Do ſilueſtre inſtrumento,& rudo verſo
Eco queixoſa,& triſte lhe reſponde
Com perlongada voz,& eſcuro acento.
Reſona o rouco ſom pello ſombrio,
Concauo, eſpeſſo boſque repetindo
Por baixo do aruoredo o canto agreſte,
Cheo de graue anguſtia, & ſem proueito
Correlhe hum tremor frio os oſſos,& veas
Que atormẽta, e mal trata o corpo ẽfermo
E ao triſte coração cheo de anguſtia,
Quaſi lhe falta ja o vital alento
A cornuda cabeça em tenros gomos
De reſpendante louro reclinada.
Com anſia penoſiſsima,com fraco
Debellitado ſprito ardendo diſſe.
O cruel,& mais fera que as raiuoſas
Vrſas,& a mim mais dura que eſtes mõtes,
Mais ſurda a meus gemidos que o confuſo
Turbulento rumor do mar inchado.
Que queres mais de mim? q̃ mais me fica
Que poſſas deſtruir? ja eſtou rendido
Deſpojado de quanto bem ſoſtinha,
Contentate pois ja mouro,& tu vences
Certo ſou que ſeràs inda por força
Conſtrangida a culpar tua dureza.
Tarde te tornarás piadoſa,& a tempo

Que sò de tanto mal te fique a magoa.
Dizendo isto se dece,& vaise a onde
Vio a bella Lianor ao sono entregue,
E vendo a conjunção ditosa chega
Com passo duuidoso acouardado
Os olhos na belleza adormecida
Com mais atreuimento os firma,& nota
Ocultas perfeições,que Amor de nouo
Pollo mais namorar lhe descobria.
Ia deseja acordala brandamente
Com adultera paz,todo afrontado
Quasi por obra o poem,& num momento
De preposito tal,logo se muda.
Atreuido se ve,mas constrangido
De não sei que vileza,atras se torna:
Parecelhe que estando asi dormida
O sente,ve,entende,& que se anoja.
Quando no claro Oriente a fresca Aurora
Hũa rosada luz mostrou,& os ares
Ofuscados co a noite,varias flores
Por toda a redondeza descobrião.
A Lusitana debil,fraca esquadra
Deixa o esquiuo lugar,& ja caminha,
A maritima costa vai direita:
Tornando atras de terra hũ grand'espaço.
Mudo esteue o pastor alli escondido
Atè que rebolliço se não sente
Desfi-

Desfigurado todo ſegue a via.
Mas deſpois que a perdeo de viſta,torna
Ao prado conhecido,onde nas flores
Aquelles olhos ve,que em pouco eſpaço
O trouxerão por força a tanto dano.
Imaginaua ouuir no rumor ſurdo
Da criſtallina fonte a voz ſuaue
Daquella ſuaue boca, quanto ouue,
E quanto ve,Lianor ſe lhe afigura.
Qualquer ou aue,ou ramo que ſe moue
Lhe fere o coração com ſobreſalto:
Alterado ſe vira,atenta,& buſca
O fantaſtico bem falſo,& fingido.
Tremendo todo,todo embaraçado
Rodea os olhos a hũa & outra parte,
E ao pé de hũ freixo antigo,onde deitada
Dona Lianor eſteue,a viſta firma.
As eruas ve piſadas que a medida
Do belliſsimo corpo claro moſtrão,
E honrandoſe de a tal peſo renderſe,
Nunca mais leuantarſe procurarão.
O Semicrapo alli ſe deita,& ſente
Ter de tal beneficio algum alliuio,
Toca a çamphona,& nella com voz triſte
Do ſoberbo,& cruel Amor ſe queixa.

Injuſto Amor aqui me tẽs rendido,

Deues estar contente & satisfeito
Pois ja me ves de todo destruido.
Moueste que no centro de meu peito
Hũa batalha dura reuoltosa,
E ao que queres cruel estou sogeito.
Na minha alma imprimiste hũa fermosa
Cousa, que o ceo criou, onde puseste
Morte suaue, & vida trabalhosa.
Vingado estàs de mim como quiseste,
Mas não me tirarâs ô falso amigo
A honra deste mal que me fizeste.
Ah: fermosa minha, la contigo
Alma, & vida me leuas: neste prado
Fica o corpo no vltimo perigo.
Aqui com brando verso desusado
Serà por mim cantada a tua belleza
E teu amado nome em vão chamado.
Esta esteril seluatica rudeza:
Estes penedos concauos, sombrios:
Verão meu sofrimento, & tua dureza.
Claras, & puras fontes, mansos rios,
O sollitario monte, o valle vmbroso,
Ares sotis, delgados, & vazios:
Aqui todos mouidos de hum piadoso
Amor, reprenderão teu fero, & duro:
Ingrato peito, esquiuo, desdenhoso.
Ao mundo ficaràs la no futuro

Tempo

Tempo por sô exemplo de crueldade
Desamando hum amor sincero, & puro.
Em continua, perpetua saudade
De verte estarà sempre suspirando
Esta alma da qual tu não tēs piedade.
Ah cruel torna, torna que bradando
Com mil gritos està todo este gado
E com misera voz por ti chamando.
Tambem por ti suspira o verde prado
Suspira o espesso bosque do ar ferido
Suspira o seco monte leuantado.
Em soterraneas lapas escondido
Retumba hum triste acento, & voz queixosa
Da que chora o que em flor foi conuertido.
Dizendo onde te foste ô muy fermosa
Entre as que Deos cafez, torna apressada
Ah: torna, torna, & se ja mais piadosa.
De tudo abundaras sem faltar nada,
Da manteiga, & do queijo inda rezente
Da nata, leite, & aluissima coalhada.
Mil rebanhos de gado, & juntamente
A proueitosa lam teras se queres
Teras fruta saborosa, & excellente.
Veras em toda o parte onde estiueres
(Se rodeas os olhos) alegrarse
O ditoso lugar onde os puseres.
Daqui veras risonha leuantarse

A fresca Aurora a Pocris afrontando
Veras os Orizontes aclararse.
Com rubicunda luz afugentando
O veo nocturno, & manto tenebroso
Veras o nouo Sol que vem dourando
Com temperado rayo luminoso
As alturas dos montes, derretendo
O liquido rocio vaporoso.
Veras o alegre gado aqui pascendo
Pello abundante campo, o pasto amado,
Qual veras dando saltos, qual correndo.
Qualquer outro animal que descuidado
Pellos confusos matos escondido
Em doce sono esteue trasportado.
Despois que o negro ar ja conuertido
Em claro resplandor, & luz fulgente
Lhe desperta o brutal fusco sentido.
Veras como se apressa diligente
Por natural distinto, alli buscando
O que a méstra lhe dà sabia, & potente.
Por caminhos Diaphanos voando
A mil partes veras aues ligeriras
A noua luz do dia festejando.
Daqui veras as liquidas ribeiras
De floridos sabugos assombradas
De Alemos, Freixos, Fayas, & Auelleiras.
Veras por todas ellas abraçadas

Parras de tenros pampanos prouidas.
E de roxos razimos carregadas.
Outras la no mais alto Vlmo ſubidas
Veras como ſe eſtão contino olhando
Nas ondas de criſtal ja derretidas.
Deſpois veras os boſques reſonando
Co a ruda agreſte voz, & rouco canto
Da cigarra, a quem Phebo eſtâ esforçando.
Tambem daqui Lianor veras em quanto
Do claro Sol o Rayo ardente dura,
A doce ſombra deſte boſque ſancto.
Daqui veras a vea clara, & pura
Do fugitiuo rio, murmurando,
Como nas groſſas ondas ſe meſtura.
Veras o ſimples gado rumiando
Com deſcuidado goſto na ſombria
Lapa, ou no fundo valle repouſando.
Veras o verde campo, a fonte fria,
O prado de mil flores guarnecido
Por onde reſpirar Aura ſe via.
Roubando ſuauemente aqui o ſentido
Leuandoo a hum fim ditoſo, deſejado
Muitas vezes mas poucas concedido.
O ganchoſo animal acouardado
Veras que vem ſaltando furioſo
Temendo o venenoſo tiro heruado.
O jauari ſaluage colmilhoſo

Veras com crespo lombo, & vista ardente
Com mil fumosos roncos espantoso.
Ia quando a voz raiuosa, alta impaciente
Do sabujo animoso vai ouuindo
E quasi o ferro agudo em si ja sente.
As Driades veras, que perseguindo
Os vão com veloz curso, & seta heruada
Veras Eco escondida resumindo
Os ladridos, os roncos, & a trauada
Reuolta, la na concaua fundura
Do monte esquiuo, & serra leuantada.
Veras tambem no meyo da espessura
Deste aruoredo Nimphas graciosas
Despidas, reclinadas na verdura.
O bellissima flor das mais fermosas
Que a natureza fez, se assi estiueras
Como ficarão todas enuejosas.
O campo, o valle, o monte enterneceras
Os ares alegraras, o furioso
E victorioso Amor alli renderas.
Pois olha qual ficarà o venturoso
Teu pastor se te vira em tal estado?
Ah fantastico bem tão trabalhoso.
Como me tẽs de todo trasportado
Cuidando cousas vãs sem fundamento
Que em fim despois me deixão quebrantado.
Imagẽs são que cria o pensamento

Hum enganoſo goſto que não dura:
Sombras falſas que leua o ſotil vento.
Ah? vida minha, vida mal ſegura
Enganoſa eſperança, ah fanteſia
Quão facil, que nos das a boa ventura.
Como prometes certa hũa alegria
Que ſe vai pouco a pouco desfazendo
Quando muito mais firme em ti ſe cria.
Deſatinada & cega vas correndo
De hum bem, a outro bem ſempre ſubindo
Nunca ſucceſſo mao, ou mal temendo.
Afermoſa Lianor tu vas fugindo
Com paſſo acellerado, & pè ligeiro,
A minha muita dor pouco ſentindo.
Porque deſprezas eſte verdadeiro
Amor, & eſta alma minha ofrecida
Por ti, ao temido paſſo derradeiro.
Abrandete hũa vida conſumida
Com triſteza, & peſar ſempre abraçada
Moſtrate a tanto mal agardecida.
Não queiras ſer por aſpera notada
Nem te prezes do ingrato peito iſento
Ama pois ves meu bem, que es tão amada.
Infelice de mim que tudo ao vento
Digo quanto a quidigo, que a verdade
He teres poſto em outro o penſamento
A fè, o Amor, & a vltima vontade.

Dizen-

Dizendo isto a çamphona solta ardendo
Todo em viuo & durissimo ciume,
Deixa o fresco lugar & segue a sorte
Do seu immenso mal que o faz tão triste
Apos Lianor se vai todo enleuado
O triste onde te vas? ver por ventura
De tanta fermosura a morte indigna?
Remedio não no esperes que em tal peito
Hum casto amor sò viue, outro auorrece,
Toda esperança alli fica perdida,
Eterno ficara em ti o desejo.

CANTO DECIMO.

Neste canto proseguindo o Capitão a infelice jornada, prosigue Pão tambem os seus amores, chega o esquadrão âs terras de hum Rey Cafre, onde em sonhos achou Manoel de Sousa situado o templo da Verdade desbaratado, & quasi todo perdido.

POuco sabe do mundo o que presume
Achar nelle verdade ou desengano
Que mal produzira a parda oliua
Tenros pampanos verdes, & razimos.
Desuenturado tempo, idade triste
Se pòde com rezão chamar aquella,
Onde nos corações ferue a malicia,

Que com rosto aprazivel se desculpa.
Quem mostra mais virtude esse persigue
Com males mais crueis ao innocente,
Zelo sancto, & amor tudo se finge,
Por hum particular viuo interesse.
Desprezase a verdade porque offende
Resiste, & contradiz a maos intentos
Dai vós ò Deos piadoso a hũ mal tamaño
(Não castigo deuido) mas remedio.
Se bem vos lembra, atras ficou ja posto
O Sousa no caminho incerto, & duro,
Subindo muitas vezes agras serras
Outras muitas descendo a fundos valles.
Não lhe faltão perigos differentes
De brauos crueis Tigres, ou de Cafres,
Que a cada passo encõtra, hũs cõ braueza,
Da cruel vnha & agudo dente armados.
Outros com gritas altas despedindo
Mil nuues de mortaes ligeiras frechas,
Mas o Portugues animo resiste
E ofende ousadamẽte a hũs, & aos outros.
Tres vezes se escondeo a Lũa, & tantas
Mostrou perfeita & clara redondeza,
Sem nunca hum sò momẽto descançarem
Crecendolhes o mal, & o dano sempre.
Por lugares esteriles caminhão
Sogeitos ao furor do tempo aduerso

Faltalhe o mantimento, (ó graue dano)
Que agua a todos gèral tambẽ lhes falta.
Vendese hum vaso de agua assas pequeno
Por dez, doze cruzados, & se leua
Pouca mais cantidade fazem cento,
Ou cento & trinta nelle em breue espaço.
Sò por este interesse se auenturão
Algũs homẽs buscar esta agua em parte
Onde se se acha fonte he com perigo,
E com risco da vida manifesto.
Antiga enfermidade, cego abuso
Entendimento fraco, & vil sogeito
De todos os mortaes que por tão caro
Preço, compramos bẽs tão pouco firmes.
O mundo em hũ momento os dà, & os tira
Quando quer, que em fim saõ bẽs q̃ perecẽ
Caducos, transitorios, & por elles
A vos ó Deos piadoso vos deixamos.
Determinão buscar hum grande rio
Que de Lourenço Marques tinha o nome
Onde agora ficou ja pera sempre
Agoada de boa paz aos nauegantes.
Fruta amarga monteza comem todos,
Ossos secos torrados não engeitão,
E se a caso se acerta achar algũa
Allimaria jà morta, esta recolhem.
Cõ muy grãde aluoroço os mais hõrados

Tomão quinhão daquella immũda carne,
E tu tambem Lianor, & os teus meninos
Desta corrupta presa tinheis parte.
Vinte cruzados val a inutil pelle
De cabra q̃ aos q̃ abrãge, hũ pouco esforça
E quando pellas prayas caminhando
Vão, de manjar salgado se sustentão.
Cuido que Protheo vendo o que passaua,
De lastima mouido apercebia,
Deste marinho fruito a praya, & punha
Este remedio tendo inda esperança.
Mas isto que elle faz por bem, redunda
Em trabalhosa pena, & mal dobrado:
Que o salgado marisco lhe acrescenta,
A sede muito mais onde a agua falta.
Tambem por partes vão, onde algũs dias
Passaõ sem mantiméto que aos pequenos
Meninos era pena, mas ao Sousa,
E a Dona Lianor se lhe dobraua.
Vendo de seus filhinhos (cuja idade
Não basta resistir tanto trabalho)
Os tristes fracos rostos na figura
Da morte sò por fome conuertidos.
De hũa pallida cor todos cubertos
Os olhos ja sumidos, & a viueza
Delles, em turua luz quasi tornada
Espectaculo triste à que os parira.

Aſsi vão caminhando, vendo ſempre
Da fortuna cruel mores eſtremos:
Onde em Dona Lianor ſe tinha viſto
Hum preço, & hum valor digno de fama,
A pé trezentas legoas tem andado
Por fragoſos caminhos, & altas ſerras:
Vencendo ſempre o ſeu animo altiuo,
A feminil brandura tenra, & fraca.
Com palauras de amor esforça ſempre
A todos os que alento fallecia,
Os quaes com tal fauor tirauão forças
Donde ja não auia mais que eſpritos.
Paſſados erão ja tres meſes, quando
Ao pé de hum alto monte chegão todos
Alli a negra noite lhes atalha
Paſſar mais a diante, & vendo a preſſa
Com que a luz ſe eſcondeo, & alojão jũto
Do leuantado monte o eſquadrão fraco.
As eſtrellas no mais alto ſubidas
Do ceo meauão ſua grão jornada
Subindo da ſegunda cruſta aos ares
Delgados, & ſotis ſecos vapores,
Que penetrando a Sphæra Aerea, chegão
Ao fogoſo elemento, o qual ſe esforça
Pera lhe reſiſtir, lançando eſtrellas
Veloces, contrafeitas, & fingidas.
Quando Pão que os amados paſſos ſegue

Allichegado,toma (em fogo ardendo)
O ſonoroſo ruſtico inſtrumento,
Cantando nelle os verſos que ſe ſeguem.

De quem foges aßi deſatinada
O mais que eſte rochedo aſpera,& dura?
Onde te vas meu bem tão apreſſada?
Onde te leua a minha deſuentura?
Vas por me mal tratar,ja mal tratada,
Não offendas a tanta fermoſura,
Tem piedade de ti,pois que te eſquece
O muito que eſte amor meu te merece.

Dize ingrata cruel deſconhecida,
Dize inimiga minha tão fermoſa
Porque de mim te vas auorrecida?
Porque aßi te me moſtras odioſa?
Leuas me eſta minha alma conſtrangida,
Mataſme,inda de mim ficas queixoſa?
A culpa que os teus olhos tem ſenhora,
(Deſpois que tal me ves) me das agora?

Baſtarate o meu mal com que arraſtado
Morrer me vejo em tanta deſuentura
Baſtarate o meu caſo deſeſtrado,
E baſtarate tambem a ſorte dura,
A que rendido eſtou,& o triſte eſtado,
A que me chegou tua fermoſura
Sem que enxergara em ti,hum peito eſquiuo,
Hum mortal deſamor,hum odio viuo.

De que te eſcandalizas? pois de amarte
Foſte a cauſa, que Amor me conſtrangeſſe?
Porque de mim te agrauas? que anojarte
Sinto mais que ſe mil vidas perdeſſe.
Que me reprendes? pois tu foſte a parte
Que a hum triſte eſtado, & a termo tal vieſſe?
Queixoſa vas de mim, vas enojada
Eu pago a pena, & tu es a culpada.

O falſo Amor injuſto ſem verdade
Peruerſo, enganador, & fementido.
Prometeſteme quando tal beldade
Vi por meu mal, & della fuy vencido.
Hũa ſegura, & facil amizade,
Porque agora vſas mal do prometido?
Que ſe fez a eſperança? o fundamento
Meu, & a tua promeſſa leua o vento?

Em outro tempo ja pena me deſte
Trabalhos, & deſgoſtos me cauſaſte
Quando amar a Siringa me fizeſte,
E a ſeguilla, & a ſeruilla me obrigaſte.
Agora o teu poder todo quiſeſte
Moſtrar, & hũs verdes olhos me moſtraſte
Cheos de vencimentos, & de palmas,
Por quem ſe perdem vidas, penão almas.

Com inflammado rayo penetrarão
O frio coração no liure peito
Ardendo em viuo fogo me deixarão

Sem remedio, ſem vida, & ſatisfeito.
De todo (como ves) me traſtornarão:
Ay olhos quanto mal me tendes feito,
E inda te deuo Amor, pois tanto preço
Com grande parte excede o que eu mereço.

Não pode a tal vallor, & honra igualarſe
Meu baixo paſtoril merecimento
Nem pode a tal altura leuantarſe
Por deuida razão meu penſamento.
Mas pôde juſtamente compararſe
A tua ingratidão meu ſofrimento,
E a dura condição impedernida
A brandura deſta alma tão rendida.

O altiua, & ſoberba, mais fermoſa
Que por Abril o freſco verde prado,
Vingatiua, & cruel mais riguroſa
Que o Tigre hircano quando eſtâ aſſanhado.
Moſtrate a tanto mal ja piadoſa
Abranda o coração fero obſtinado:
Não me perſigas mais baſte o tormento
De ver que o meu remedio leua o vento.

Tão tranſportado eſtaua o Semicrapo
Ruſtico Pão, que a ſombra negra, & triſte
Da tenebroſa noite lhe parece
Ser do rayo ſolar, em luz tornada.
E que a ſua Leonor eſtando preſa
Do doce ſono delle ſe deſcuida,

Proseguindo seu canto em voz mais alta:
Mais experta,& sonora asi dezia.

Bellissima Lianor adormecida
Pera remedio meu por que te esqueces
Desta triste alma minha,desta vida,
Que tanto sem rezão,tanto auorreces?
Phebo se mostra ja pella estendida
Campina,& vem por ver se o fauoreces
Co a luz desses teus olhos clara,& pura:
Que a Daphnes quer mostrar mais fermosura.
O tardo lento boi ao duro officio
Vai com seu passo igual,& descançado,
Os lauradores vão ao exercicio
Robusto,proucitoso,& costumado.
E o natural diurno beneficio,
Com que todo animal he sustentado
Ia se busca com grande estudo,& arte
Por toda creatura em qualquer parte.
Pois tu meu Sol fermoso onde te encerras
Que asi me tẽs escura esta alma minha?
Vem ja restituir o ar âs terras,
E ao verde prado a graça,que antes tinha.
Este valle,estes montes,estes serras
Bradão por ti dizendo o vem asinha
Honra da natureza alegra as flores,
Enche o campo de teus doces amores.

Tornando

Tornando mais em ſi, ſolta a çamphonha
Com voz,& com ſoſpiro alto ſe queixa,
Dizendo qual me tés Amor injuſto
Tão alienado ja,& ſem ſentido.
O cego entendimento embaraçado,
O juizo,& a rezão toda perdida,
E a triſte fanteſia com tal força
Que torna a noite eſcura em claro dia.
Amor,eſtes effeitos claro moſtrão
Que tenho (& com rezão) perdido o ſiſo
Deuido,& juſto he taes olhos neſta
Canſada alma,cauſarem taes eſtremos.
Leuantate ſenhora apreſſa o paſſo
Soccorreme que mouro,vem não tardes,
Por vltimo remedio ſò te peço
Que me vejas morrer ja que me matas.
Se em quanto viui ſempre te moſtraſte
A meu tão graue mal cruel,& eſquiua
Agora ja no fim da vida triſte
Permite que te veja mais piadoſa.
E não cuides meu bem que couſas graues
Peço por galardão,do que me deues,
Não quero de ti mais que hum dizer,vaite
Alma,que de teu mal fico contente.
Bem ſei que a condição iſenta,& ſeca,
Com que me tratas ſempre iſto refuſa,
E que a ſatisfação impia que peço:

Porque he dar te será molesta,& graue.
Que por me negar tudo,até alegrarte
Do meu torméto esquiuo,& morte aflicta
Me negaras ò bella,ingrata & dura
Em fim cumprase em mim a tua vontade,
Isto dezia Pão,mas longe estaua
De serem seus suspiros della ouuidos,
A qual naquella hora a hum graue sono
De todo estaua entregue,& ja rendida.
Sonha a triste que vai sem companhia
Por ermos espantosos,& medonhos,
Por caminhos estreitos,& confusos:
Cubertos de cerrada negra sombra.
Onde acha a cada passo mil perigos,
Ora os filhos lhe matão,ora encontra
Manoel de Sousa todo enuolto em sangue
De mil crueis feridas traspassado.
Com grande sobresalto acorda,& tenta
Por ver se os seus meninos tem consigo,
Traspassada,tremendo, a cor perdida,
Co marido charissimo se abraça.
Que nesta conjunção nada repousa,
Antes em pensamentos quebrantados
Com imaginações todas contrarias
Aqui & alli diuerte a fantasia.
Grande parte da noite era passada
Quãdo alli Morpheo chega,e traz hũ ramo

Molhado no Letheo,& lago Estigio,
O qual em ambas fontes lhe sacode:
Pouco a pouco lhe serra os desuellados
Olhos,& em graue sono lhos sepulta:
Os corporaes sentidos se perderão
Ficando o cõmum sempre experto & viuo.
Achase em pouco espaço sobre hũ monte,
Que la nas altas nuues se escondia.
Onde aparece hum nobre estranho & raro
Sumptuoso,& admirauel edificio
Quadrada forma tem cujas paredes
Erão grossas,de grosso,& forte muro,
Mas derrubado em partes polla culpa
Do tempo gastador,cruel,& auaro.
Quatro potentes portas,cada hũa
No meyo das paredes está,& todas
De verde era occupadas,& outras heruas,
Que as antigas ruinas sempre crião.
Iguaes as portas tem na architectura
Mais humildes,que inchadas, & arrogãtes,
Cada hũa he principal sem differença:
Todas mostrão medida certa,& justa.
Hum diuino mancebo,que nas asas
De hũa aguia ligeirissima sentado
Mostraua estar,& os olhos no ceo fixos,
Parecia sentir misterios altos.
Sobre a primeira porta se deuisa,

Com letreiro na mão que diz. O Verbo
Era ja no principio, & era o meſmo
Iunto de Deos, & Deos era a palaura.
Outro varão inſigne, cujo aſpecto
De louuor era digno na ſegunda
Aſsiſtia, eſcreuendo em companhia
De hum perſulgente Angelico mancebo
Como foſſe IESV nacido em tempo
De Herodes em Bethlem, eis do Oriente
Vem eſſes Magos Reis alto dizendo,
Onde eſtà o q̃ naceo Rey dos Hebraicos?
Eſtaua na terceira outro, que hum touro
Ferocíſsimo, & forte acompanhaua,
Eſte eſcreue tambem, & na eſcritura
Eſtas palauras taes bem ſe entendião.
Mandado de Gabriel (as letras dizem)
A Nazareth cidade em Galiléa,
A virgem deſpoſada, cujo eſpoſo
Ioſeph por nome tem de Dauid vindo.
Outro na quarta porta parecia
Humilharſelhe manſo hum leão brauo,
Outro letreiro tem cujas palauras
Com viuas claras letras aſsi dizem.
Os diſcipulos doze eſtando juntos
IESV lhes apareceo, & a fè tão pouca
Delles reprende, & culpa a pertinacia
E obſtinação de ſeus corações duros.

Eſtas quatro figuras não de pedra,
Mas de carne veriſsima parecem:
Bem moſtrão nos ſembrantes ſerẽ juſtos
Diuinos, & celeſtes moradores.
O Souſa vendo a obra inda que facil,
E de pouco ornamento, que moſtraua
Hũa alta mageſtade, & ſer diuino,
Determina entrar dentro por ver tudo.
A hũa & outra parte vira os olhos
Por ver ſe acha caminho mas tão cegos,
E cubertos de mato eſtão que a penas
Romper os podera ſem grande força.
Com aſſas de trabalho ſegue a via
Que na fronteira porta ſe acabaua
A juuenil figura ve, que os olhos
No ceo (como eſtà dito) tinha fixos.
Eſpantado ficou vendo a ſimpleza
Deſta obra tão ſeuera, & venerauel,
Não ve muito artificio, mas hum graue
Singello, & facil modo, que o contenta.
Em cada porta ve, la no mais alto
Fulgente reſplandor, & luz diuina
Em cada hũa ſoão varios cantos
De ſuauiſsima, Angelica armonia.
D'eſpritos glorioſos via o Souſa
O ar naquella parte ornado, & cheo,
E na celeſte luz vio almas ſanctas,

Alegres

Alegres hir voando ao ceo Impireo.
Os olhos apos ellas leuantando,
Attonito ficaua, emmudecido,
Suſpirando, & dizendo, ah quem ſe fora
Entre tal, & tão ſancta companhia.
Entrando dentro vio por muitas partes
Do alto tecto o ceo, que apparecia,
E por outros lugares eſtendidas,
De Aragne artificioſa, vio as teas,
Muitas heruas nacidas, hũas verdes,
Outras que o tempo ja desbaratara
Vio, pellas quaes gaſtados os pedaços
Deſte nobre edificio ſe eſcondião.
Não vio raſto nenhum que lhe moſtraſſe
Ser de moderna gente viſitado:
Algũs ſinaes antigos vio desfeitos:
Gaſtados da paſſada antiguidade.
Bem no meyo do templo ſe leuanta,
Hũa ara mal compoſta, onde aſſentada
Hũa graue molher eſtà, que os olhos
Poſtos no ceo, ao ceo ſòmente aſpira.
As mãos no coração, moſtra euidente
Offerecello a Deos inteiro, & limpo.
Veſtida em trajos pobres, onde nelles
Claro moſtraua ſer pouco prezada
Hũas letras ao pè tem, que do Souſa.

forão lidas as quaes assi dezião,
Sou Verdade, que o mundo todo engeita,
De poucos sou prezada & conhecida.
Hum grande espaço a esteue firme olhãdo
Sentindo na alma ver do mundo a pouca
Cõta que tem com Deos, & o triste estado
Em que ao presente estaua tão perdido.
Cos olhos arrasados em viua agua
Mostra quanta dor tem vendo a Verdade
Desprezada abatida nua, & pobre,
De todos em geral auorrecida.
Sente ver o seu templo derrubado.
Os dereitos caminhos, mal seguidos,
E onde os homẽs ouuerão justamente
De morar, habitassem sò reptilias.
Alça os olhos por ver antigos vultos
De marmore, que em torno estão do tẽplo
E ainda que gastados, & desfeitos,
Os que o menos estão se conhecião.
A mão direita vio la junto ao tecto
Hum varão graue sancto, & verdadeiro,
Serrado pello meyo, por mandado
Desse Rey Manasses, de Deos imigo.
Bem vio ser Isayas, o que tanto
Tormento padecia, sò por causa
De verdade prègar, & junto delle:
Ao cabo de hum cauallo atado via

Outro sancto varão, que as duras pedras
Em sangue vai banhãdo, & por mil partes,
O indomauel caualo a toda furia
Correndo os mẽbros sanctos despedaça.
Ezechiel ser este bem conhece:
Que sò pella verdade a cruel pena,
Executada nelle & promulgada
Pello Tribu de Dão, vai padecendo.
Não longe estaua deste, outro cercado
De hũa raiuosa turba, que com furia
Grandes pedras lhe tirão com q̃ o sangue
Correndo & solto a vida lhe acabaua.
Este era Zacharias, verdadeiro
Filho de Bara, à quem Ioas
Em Hierusalem Rey, tal pena manda,
Que nelle (por verdade) se execute.
Outro antigo varão vio assentado
Sobre hum vil animal, que lhe refusa
O caminho, que leua, que hum fermoso
Diuino morador lho defendia
Bem conhecido foi este do Sousa
Ser Ballão, de Beor filho, não sancto,
Nẽ como os outros seruos de Deos, seruo,
Mas por força Propheta verdadeiro.
Foi por Ballaco Rey dos Madianos
Com grandes vituperios deshonrado
Porque prophetizou successos prosperos

Em vez de maldições, ao pouo Hebreo.
Hum velloſo varão vio penitente
Dos ardores do Sol toſtado & negro
Num a profunda coua la eſcondido
No monte onde por Deos a lei foi dada.
E ainda que do pó eſtá cuberto
Conhece ſer o grande ſancto Elias,
Por Iezabel buſcado, pera nelle
Ser aplacado o zelo vingatiuo.
Vio Micheas Propheta ſancto & juſto,
Por mandado de Acab, preſo, & em ſua
Preſença pella mão do lijongeiro
E falſo Sedechias, offendido.
Laſtimado, & doido eſtaua o Souſa
Vendo o pago q̃ o mundo aos juſtos daua,
Quando virando os olhos vio o meſmo
Micheas, de alta rocha deſpenhado.
Lembrouſe, que Iorão lhe deu tal pena,
Por ſer inteiro, firme, certo, & ſancto,
Falſo, peruerſo mundo, diz conſigo
Hai de quem ſe confia em teus enganos.
Aquelle que com lagrimas, & pranto
Miſerauel, nos moſtra o mal futuro
Do ſumptuoſo templo, & com voz triſte
Canta de Hieruſalem a total perda.
Co Propheta Baruch, ambos moſtrauão
Hum liuro a Ioachim, que o catiueiro

Do

Do pouo de Israel ser em seu tempo
Dezia, & por verdade lho affirmaua.
Ve que o peruerso Rey inuenta, & manda
Que passem ambos asperos tormentos.
Este he o beneficio grato, & pio,
Que o mundo aos verdadeiros aparelha.
Por edicto & mandado deste falso,
Cruelissimo Rey, tambem foi morto
Vrias bom Propheta, que a garganta
Ao agudo cutello offerecia.
Vira os olhos à parte esquerda, & juntõ
De hũa ara antiga vio com triste rosto
Hũa virgem bellissima, chorando
A sua anticipada, indigna morte.
O coração lhe quebra a fera historia
Que bem merece ser eternamente
Com lagrimas sentida ó cruel Iepte
Trocaste o ser de pay, por ser verdugo.
Se o paternal amor não te mouia,
Mouerate (se quer) tal fermosura,
Que se promessa tinhas a Deos feita,
Não se entendia ser essa que cumpres.
A Deos prometeo Iepte se tornaua
Vencedor dos contrarios Amonitas
Sacrificarlhe a cousa que primeiro
Visse, vindo da guerra com victoria.
A filha que a ditosa vinda soube

Ao encontro infelice vai depressa
Festejando a victoria do pay charo,
Ao qual quer muito mais, q̃ a propria vida.
Com aluoroço vai a bella dama,
E com estreito abraço ao pay se ajunta
Com simplex innocencia descuidada,
Do mal que de tal vista lhe resulta.
Tomaua o lastimoso pay nos braços,
Aquelle tão piadoso sacrificio,
E querendo tingir co puro sangue,
A ara o Sousa os olhos dalli tira.
Quue não pode acabar de ver hum golpe
Tão bruto, tão cruel, injusto, & duro,
E mouido de lastima reprende
Do riguroso pay tal crueldade.
Outros muitos Prophetas vio, que a todos
O mundo deu em tal tempo tal pago,
Mas não nos conheceo por ser em parte
Deneficada ja do tempo antigo.
Entre estes o real Propheta estaua,
Tocando hum'arpa, viuo parecia,
E o filho que alcançou entre os humanos
(Por hum diuino dom) nome de sabio.
Alli estaua tambem traçando aquelle
Tão memorauel templo que negado
Ao pay sangrento foi, inda que justo,
E à diuina vontade aceito, & grato.

Canticos,& prouerbios, & outros muitos
Altiſsimos miſterios eſcreuia,
O roſto não lho vio,porque voltadas
Pera onde eſtá a verdade as coſtas tinha.
Por juſta deſcendencia retratados
Sanctos varões eſtão da lei Moſaica,
Com que do tẽplo as duas partes moſtrão
Eſtar inteiramente alli ocupadas.
No principio das duas que lhe ficão
Inda por ver,os olhos alça,& acha
No meyo de hum deſerto hũ varão graue
Mal tratado do Sol & penitente
Hum cordeiro moſtrando,aſsi dezião
Letras,que claramente ſe enxergauão.
O cordeiro de Deos,& o que os peccados
Do mundo laua,& tira eilo aqui viſto.
Hum pouco mais auante em priſaõ dura
Eſte grão precurſor ſem cauſa eſtaua:
Onde a falſa Herodias não podendo
Sofrer tal reprenſaõ,morte lhe buſca.
O venerauel roſto ja defuncto
Enuolto todo em ſangue,ſe apreſenta
A ſaltante donzella,que ao alegre
Adultero,& mao Rey em dom pedira.
O maldade infernal dezia o Souſa
Que a tão ſancto varão(iſto dizendo
Os olhos ja viraua)ſe de morte

Por culpar hum peccado tão nefando.
Estaua com mão docta o Sol radioso
Com estranho artificio escurecido
Mostrandose no mundo em toda parte
Hum gèral, & espantoso terremoto
Os ares turbulentos, & sombrios
Daquelle horrendo eclipse pouoados,
Vio de Angelicos rostos, onde pena,
E aflicção dolorosa se deuisa.
Vio frias, & funestas sepulturas
Abertas, & vio nellas leuantados
Ia defunctos varões, de aspectos tristes
Attonitos tornar à mortal vida.
E vio num seco monte em cruz penosa:
Estendido IESVS Verbo encarnado,
Os lacrimosos olhos no ceo fixos:
Do padre auer perdão aos peccadores.
Adora o Sousa a sacrosancta efigie,
Dizendo ò bom senhor: que mais me fica
Por ver? pois que vos vejo a vós ò fonte,
Donde a verdade mana assi offendido?
Reputado entre os maos, & ser hum delles
O pouo pertinaz vos apregoa,
O virtude do Padre omnipotenre?
O entranhas de immensa charidade?
A cruz vejo banhada nesse sangue,
Que nella derramais por meus peccados,

E pois ſenhor o mundo aſsi vos trata
Bem claro moſtra ter odio à Verdade.
O principe da Igreja a quem foi dado
Cerrar,& abrir o ceo alli ſe via,
Em duriſsima cruz mas leuantados
Os pés no ar,em terra o roſto enclina.
O vaſo de eleição que aos de Corintho,
E aos Galatas moſtrou ſacra doctrina,
Por mandado de Nero ve,com forte
Golpe a ſancta cabeça ſeparada.
E o que juſto alcançóu por ſobre nome:
Em Hieruſalem Biſpo,onde foi morto
Com martirio cruel conhece o Souſa
Ser filho de Cleophas,& de Maria.
Alli eſtaua,& co elle aquelle ſancto
Filho do Zebedeu,aquelle digo,
Que ſendo em Hieruſalem morto,nos fica
Por firme defenſor da noſſa Heſpanha.
Aquelle tambem vio que em Salamina
Abraſado de amor martirio paſſa
As letras que lhe ve dizem ſer eſte
Barnabe no collegio ſacro entrado.
Hum varão anciano em cruz vio poſto
De aſpecto venerauel ſancto,& juſto,
Letras tem que dezião, imperando
Claudio,a Philippe tal pena foi dada.
Iunto deſte vio outro que a ſangrenta

Pelle

Pelle tem por deuiſa,& o terribel
Infernal tentador,atado,& preſo
A ſeus pès debruçado & ja rendido.
Vio aquelles dous ſanctos companheiros
Simão,& o que Thadeu tem por alcunha,
Ambos mòrtos em Perſia, ambos paſsādo
Leuemente por Deos cruel martirio.
Via em aſpa eſtendido outro que os olhos
Enleuados ao ceo moſtra arraſados
Em lagrimas de amor, bem ſe conhece
De Pedro ſer irmão juſto,& deuido.
Aquelle tambem vio,que neſſas partes
Orientaes,recebeo martirio,tendo
A catholica Fé primeiro aos Parthos
Com diuino fauor bem declarada.
Conheceo ſer aquelle,o que no lado
De Chriſto a mão meteo & arrependido
De tal duuida ter com feruor grande
Ser peccador incredulo confeſſa.
Apos eſtes vio outras mil companhas
De ſanctos que por Deos as vidas derão,
Qual em cruz atrociſsima eſtendido:
Qual apos grandes penas degolado.
Hum deixa nas crueis mãos do verdugo
A trabalhada vida,outro com ledo
Roſto aceita o feruente oleo,& outro
Nas braſas ardentiſsimas ſe alegra.

Outro offereceo peito nû,& o firme
Coração a crueis agudas ſetas,
Outro feita pedaços a cabeça
Pellos que tal tormento lhe dão, roga.
Hûs com açoute atroz por fortes braços,
A carne tem ferida até as entranhas,
Outros pella verdade grandes dores;
Grandes:crueis tormentos recebião:
Fermoſas Virgẽs ſanctas muy conſtantes
As ve nas mòres forças dos martirios,
A princeſa que em rodas de agudiſsimas
Naualhas poſta,dellas ficou ſalua.
E a outra cujos olhos tão fermoſos
Arrancados,mandou ao juiz tiranno,
Co aquella que dos ſeus louros cabellos,
Atada os tenros peitos ſe lhe arrancão.
Tambem vio junto deſtas a que os dentes
Com tormento,& com dor forão tirados,
E aquella q̃ o Dragão fero,& terribel
Arrebentando a deu ſaã,viua & ſalua.
Aquella caſta Rainha inclita filha
Do grão Rey de Aragão ſenhora neſtes
Reinos de Portugal,aquella digo
Que em matrimonio foi a Denis junta.
Alli ſe via os pobres ſuſtentando,
E as ſecretas eſmolas na preſença
Deſſe Rey conuertidas em ſuaues
Roſas,

Rosas, mostraua ja fora de tempo.
Sacros doctores vio, que a verdadeira,
Sagrada Fè, no mundo sustentarão
E outros que os mundanos bés deixando
Em penitencia estreita fenecerão.
O sacro doctor vio que na Afra cana
Praya, todo enleuado em pensamento
Do misterio mais alto reprendido
Foi da infantil visaõ tenra, & diuina.
O famoso Trilingue alli se mostra
Com dura pedra dando pena ao peito:
Alli Ambrosio està, està Gregorio,
Todos quatro da Fé firmes columnas.
O Seraphico padre alli se via
Com amor entranhauel recebendo
As chagas sacratissimas, vestido
De habito aspero, vil, pobre, & grosseiro.
Aquelle Portuges tambem que a Padua
Honrou com lhe deixar seu sancto corpo
Alli està num penedo rodeado
De maritimas, claras, mansas ondas,
Era cousa admirauel ver a turba
Marinha, varia em formas differentes,
Com quanta promptidão attenta ouuia
Aquella sancta voz que a Deos prégaua.
Estaua Boauentura sancto & docto:
Acompanhado alli de Bernardino,

Ambos muy religiosos, ambos nesta
Humilde ordem menor canonizados.
Vio elRey de Marrocos, que as cabeças
A sinco sanctos martires abria
Por sua propria mão, conheceos todos
Seguir a estreita regra de Francisco.
Outros sete que em Cepta receberão
Com grande amor & Fé cruel martirio.
Alli estauão com outros, que na terra
Humildes, la no ceo saõ leuantados.
O grão Domingos vio, vio Thomas docto
Que tal doctrina deixa à Christandade,
Vio Bernardo doctor que da sagrada
Pura Maria foi contemplatiuo.
E outro varão sancto que pungido
De estimulo carnal o corpo entrega
A siluas espinhosas amansando
Assi a libidinosa tempestade.
Daualhe pena ver dos que seguirão
Da verdade o caminho recto, & justo,
As pisàdas tão cegas, & perdido
Com grandes heruaçaes o antigo rasto.
Só na terceira porta vio dous frescos
Sinaes, & quis saber se por ventura
Conhece cujos saõ, estes o leuão
A hũa serra primeiro alta, & fragosa.
Que num canto do templo parecia,

Eſtar por ſabia mão repreſentada:
Onde em caſa palhiſſa,eſtreita,& pobre,
Hum ſancto varão vio,que o ceo contẽpla
O trajo delle moſtra ſer de ſancta
Regra,que o padre Ignacio nos renoua,
Aquellas doze eſtrellas imitando
Que a Chriſto Sol puriſsimo ſeguirão.
Firmando os olhos vio ſer de Nauarra
Meſtre Franciſco,ſancto,& verdadeiro,
Que naquella aſpereza em Iapão tinha
Com pura penitencia o ceo ganhado.
Noutra parte vio outro, tambem deſta
Catholica,& ſagrada companhia:
Aguardando com ledo roſto a morte,
Que ja por Deos lhe eſtaua reuelada.
Dez Mouros arraſtando o corpo leuão
Cheyo todo de ſprito almo,& diuino
Num profundo,& veloz rio ſepultão,
Os membros quebrantados,& desfeitos.
E ainda que ſangrento leua o roſto,
Mal tratado,piſado,& ſem figura:
Muy bem conheceo ſer do illuſtre Conde
De Sortelha o ſeu quarto amado filho.
Por nome dom Gonçallo de Silueira:
Iuſto,& ſancto varão de louuor digno,
Que do diuino amor todo abraſado
Quis por Deos padecer cruel martirio.

Deſpois que o templo vió ſe determina
Tornarſe,& fazer vida com que poſſa
Alli deixar perpetua a ſua image,
E alcançar por tal parte a eterna vida.
Fallando vai conſigo aſsi dizendo
Tempo peruerſo,auaro,ó mundo triſte
Onde tal multidão de gente.agora
(Fugindo da verdade)ſe condena.
Em ti ſe tratão ſò puras maldades
Deſculpadas com ſanctas apparencias
Em ti(ſe amor ſe ve)todo he fingido
Diſsimulado todo,& contrafeito.
Dizendo eſtas palauras ſe lhe offerece
Ao encontro hum varão cujo ſembrante
Domeſtico,& ſingello ſe lhe moſtra:
De cor morena, & corpo em carnes fraco.
A elle ſe chegando lhe dezia
Deos te ſalue eſtrangeiro Luſitano,
E pois a tão remotas partes vindo
Es,por graue fortuna,& cruel caſo.
Em parte eſtàs,que ainda que gentio
Me ves,receberas ver a hoſpedaje?
Não refuſes a minha companhia,
Deſenganada,facil,ſem ſoſpeita
Couſa pouco tratada não ſò neſtas
Comarcas, mas no mundo em noſſos dias
Se credito não dás a eſte conſelho

Certos tés por aqui dous mil perigos
Que a gente que aqui nesta regiāo viue
He pobre, baixa, ciuel, & enganosa,
Nāo te precatarás, quando te achares
Mal tratado, roubado, & ja perdido.
Guarecerás comigo do Naufragio
Tāo cruel, que nas ondas padeceste,
E do trabalho immenso, q̄ os caminhos
Trabalhosos, & incertos te tem dado.
Aqui sou principal, & todos cumprem
O que quero, & o que mando me obedecẽ
Aqui te será feito honrado hospicio
Se te nāo for igual o amor aceita.
E se duuida pões ao que te digo
Olha pera este templo aqui fundado
Veras quanta razāo tés de me creres,
Pois templo da Verdade se nomea.
Nē nāo sabemos delle mais que o nome,
Nem entendemos nada do que encerra,
O que sabemos he que ha grandes tempos
Que da gente nāo teue beneficio.
Pera Christāos fundado foi, mas vejo
Ser pouco visitado nesta idade,
E que o tempo cruel como costuma
Fazer a tudo o tem quasi desfeito.
A culpa deue ser geral a muitos
Pois deixāo perecer tal edificio,

Verdade

Verdade professando, mas presumo
Que ca no exterior sò tratão della.
E porque me parece que te vejo
Vontade de hir auante olha fronteiro,
Onde aquelle vapor fumoso mostra
Hum soberbo, & admirauel edificio.
Alli está fabricado o grande templo
Da mentira, que o mundo senhorea,
Muito acharàs que ver, mas doute auiso
Que não te engane delle o falso trato.
O Sousa lhe agardece o claro, & limpo
Coração, que lhe mostra, & a vontade
Que pera o recolher nelle enxergaua,
Sem artificio algum, singello & facil.
Mas desejando ver o que o segundo
Soberbo templo tem, o gasalhado
Por então não lhe aceita, & despedido,
Segue a via que ao monte vai dereita.
Onde por elle entrando vio no rasto
Frequentado, & seguido, que não pode
Errar, ou desuiarse, tal he o mundo
Tal a gente que agora viue nelle.

CANTO
VNDECIMO.

Neste canto entra Manoel de Sousa no templo da Mintira, espantase de ver o riquissimo ornamento

to delle, & do numero quasi infinito de gente que a elle vai em romaria.

QVantos ardis,& manhas busca o mundo
Pera nos fazer crer o que elle affirma,
Quanto trabalho leua porque sempre
Possa preualecer em seu intento.
Tras a falsa mintira disfarçada
Com varios modos sempre contrafeita,
Ora pallida,fraca,& continente,
E ca no exterior pesada,& triste.
Ora risonha & leda,com sembrante
Beneuolo,amoroso,& verdadeiro,
Hũas vezes amiga se nos finge,
Mostrando desejar nosso proueito.
Outras vezes aproua,o que conhece
Ser claramente mao,& pernicioso,
Mostrando amor fingido & leal zelo:
Seu interesse proprio sò pretende.
Sem ter conta co bem gèral do pouo,
Vontades,& appetites aconselha,
E com adulação notoria,& vista:
Sustenta seu poder & aquire forças.
Deixei o varão nobre no caminho,
Que muy seguido vio de humano rasto,
Espantado de ver em terra esteril,
E tão deshabitada tal concurso.

Despois

Despois q̃ hũ grãde espaço o seguio, chegã
Ao monte, que deseja ver, & o templo
Fabricado no alto, olha, & contempla
A soberba, & estranheza do edificio.
A mesma forma té quadrada, & propria
Daquella em que a Verdade pobre vira:
Mas no grande ornamento na riqueza:
Muito sem proporção se auantajaua.
Alli se ve com mão docta, engenhosa
A Dorica, & Ionica columna:
A Corinthia, & composta, & juntamente
O Friso, o Capitel, & alta Cornija.
Tudo quanto Vitruuio nos ensina
E trata com delgado viuo engenho,
Sem erro, ou falta algũa, antes em toda
Perfeição, vio o Sousa alli comprido.
Quatro portas patentes por onde entra
Innumerauel gente vio, & alçando
Os olhos na primeira vio sentado
Hum varão penitente fraco & triste.
Vestido de vil pano mal composto
O rosto baixo, humilde a cor defuncta,
Quasi os olhos cerrados, & debaixo
Dos péstem claras letras que asi dizem.
Ipocresia sou a Deos odiosa
Sancta vida professo, o mundo abraço,
De ignorantes prezada co estes cumpro

E faço quanto quero, inda que injusto.
Vio entrar por aqui de toda sorte,
De gente tanta copia que não cabe,
Hũs em tristes sembrantes escondidas
Dissoluções secretas & outros males
Com pallidos sembrantes ja defunctos,
E com singello, humilde, triste aspecto,
Os interesses seus dissimulando,
Tirannicos proueitos pretendendo.
Sob color de virtude outros entrauão
Simplices, idiotas, escolhidos,
Pera tratar de cousas importantes,
Em officios & cargos eminentes.
Outros vio mostrar olhos mesurados
Contrafeitos, pesados, & tristonhos:
Com falsas apparencias trabalhando
Por artificio vil ser admitidos.
Outro genero vio dos que frequentão,
Os diuinos officios com industria:
Com deuação forçada se mostrauão
Humildes penitentes mas fingidos.
Tanta era a multidão destes, que enchia
Sò por aquella porta o templo, & muitos
O Sousa conheceo que com tal manha
Grandes faustos, & rendas acquirirão.
Chegase a hum daquelles contrafeitos,
Que ser lhe amigo ja se lhe mostrara

Espan-

Eſpantado de o ver lhe diz, que fazes
A voltas aqui deſta vil companha?
Onde agora conheço taes maldades,
Com q̃ me ja enganei tendoas por ſanctas.
Aquelle lhe reſponde bem pareces,
Não ſentir o ſagaz trato mundano.
E pois es peregrino onde aqui tantas,
E diuerſas nações ſempre concorrem,
Sabe que o falſo mundo fundou eſte
Soberbiſsimo templo onde aportaſte.
Aquelles que mundanos bẽs procurão
Por illicitas vias aquiridos
Em romage aqui vem, & como curſaõ
Os tempos aſsi delles ſe aproueitão.
Todas as quatro portas eſtão ſempre
Da maneira que ves, & os que por eſta
Entrão, conheceràs que buſcão rendas,
Eſtados, dignidades, & priuanças.
Por virtude não vera, mas fingida,
Por apparencias ſanctas, contrafeitas,
E pois não val esforço, ou nobre origem:
Seguirem tal caminho porque o culpas?
Neſte tempo florece, quem mais moſtra
Da limpa conciencia o mor eſtremo,
E como eſta no mundo pouco ſe vſa:
Encobrem com eſta capa ſeus defeitos.
Todos eſtes que ves de humildes roſtos,

Inchados corações,& almas ſoberbas,
Encobrem com vil trajo,& parecendo
Que auorrecem mãdar,mandar procurão.
Moſtrão nada querer tudo poſſuem,
Fingem zelo cõmum,mas he ſò proprio:
Fazem ſe perſuadir que dão remedio,
E por ſeu intereſſe tudo eſtragão.
E pois que eſta primeira porta viſte,
Nas tres veras tambem de que te eſpantes,
E nellas acharas diuerſas vias,
E modos com que o mundo viue agora.
Folgara acompanharte,mas não poſſo
O caminho deixar que agora ſigo,
Pois eſpero por elle alcançar couſa
Que por nobreza,& esforço ſe me nega.
Dizendo iſto ſe enuolue num momento
Co aquella gente hipocrita nefanda
Fica o Souſa eſpantado vendo tanta
Cegeira,nos que tal maldade aprouão.
A porta que parece ſer ſegunda
Ve que por ella a gente ja não cabe,
Leuanta os olhos ve ſentado encima
Della,hum varão de dous roſtos diuerſos.
Hum delles moſtra ſer ledo, & affabel,
Beneuolo,amoroſo,& atractiuo,
Triſte aflicção & anguſtia moſtra o outro:
Moſtra peſar,deſgoſto,& queixa ſempre:

Eſpan-

Eſpantado ficou em ver tal monſtro
Deſeja perguntar o nome delle:
Mas affirmando a viſta lhe vio letras
Latinas bem talhadas que dezião.
O Fingimento ſou, tenho dous roſtos:
Segundo o tempo aſsi delles me ſiruo,
Onde me he neceſſario ſou riſonho,
Onde triſte, ſou triſte mas fingido.
Por eſta porta entraua innumerauel
Gente, que o Souſa algũa conhecia,
De diuerſas maneiras, hũs chorando
Falſas lagrimas, outros falſo rindo.
Outros ve que amizades prometendo
Secretos males, & odios encubrião,
Outros nas apparencias vio zeloſos
De bẽs cõmũs, & a bẽs proprios aſpirão.
Outros vio ſuſpirando com ſembrantes
Malenconicos, triſtes, & fingidos,
Moſtrando eſtar desfeitos, & abraſados
De hum amoroſo ardor fero, & terribel.
Eſtes por eſta porta procurauão
Alcançar galardão mal merecido,
Quem poderá valerſe? diz o Souſa,
De apparencias tão falſas, tão fingidas.
A terceira vai ver, alli não cabe
A gente que a manadas por ella entra,
Em grande afronta ve muitos co a força

Do reuoltoſo eſtrondo & infernal preſſa.
Eſtando ja aduertido,olha o mais alto
Da porta,& do que nella veſe eſpanta,
Hum roſto alegre vio,cujas entranhas
Corruptas,& danadas ſe moſtrauão.
Tem nos pés hum letreiro que dezia
Engano ſou de todo eſtado amigo,
Moſtro bom roſto a todos,mas o peito,
De veneno mortal tenho corrupto.
Paraſe o Capitão,& olha o caminho,
Que com a innumerauel gente ferue,
Varios enganos vio todos cubertos
Com capa de amizade ou de virtude.
De todos os eſtados alli entrauão
Emperadores,Reis,grandes ſenhores,
Os nobres,& os plebeos com diuerſas
Inuenções,& maneiras enganoſas.
Muitos no exterior vio profeſſando
Verdade,mas enganos encobrião,
Outros vio prometer determinados
De não cumprir depois o prometido.
De falſos mercadores vio grão copia,
Que de vſuras illicitas viuião,
Outros que na medida juſta,& certa,
E no deuido peſo o pouo enganão.
Alli do amigo vio o falſo intento:
Ve o adultero engano,odioſo,& torpe,

Outros vio ſanguinoſos homicidas:
Com enganoſa paz,& amigo trato.
Com perdões falſos vio em tropel muitos,
O pouo idiota,& ſimples enganando,
Vio outros que das vendas encubrindo
Os defectos,os ganhos ſó pretendem.
Outros enganos mil vio manifeſtos
Neſta infernal romage a Deos odioſa,
Attonito,& paſmado das maldades,
Que conheceo alli,dalli ſe muda.
Quis ver a quarta porta por onde entra
Muita,& muy falſa gente olha a figura,
Que eſtá ſobrella,& ve ſer de donzella
Atractiua,apraziuel,& riſonha.
O roſto ledo affabil amoſtrando
Nelle ſer contrafeita,& mintiroſa,
Veſtida eſtà de mil diuerſas cores
Com letreiro nas mãos que aſsi dezia.
Meu nome Adulação he que no mundo
Entre Reys,& ſenhores reino,& priuo,
E tenho por officio louuar ſempre
Onde proueito eſpero,inda que injuſto.
Aqui tambem conhece muitos deſtes,
Que entrar por eſta porta procurauão,
Aquirindo vontades de que poſſaõ
Tirar algum proueito por tal meyo.
Louuando os que fizerão (por ventura)

Feitos

Feitos vituperoſos,& couardos.
Gabando ſempre a neſcios ſeus engenhos
Groſſeiros,& o ſaber muy fraco,& rudo,
Outros vio com palauras mais fingidas,
Que verdadeiras,la nas altas nuues
Leuantar couſas baixas pretendendo
De tal adulação viuo intereſſe.
Vio que outros encarecem couſas dignas
De grande reprenſaõ,vio que as vontades
Inclinadas a mal outros aprouão,
Com nome de juſtiça,& ſancto zello.
Tanta era a multidão da falſa gente,
Que no tẽplo não cabe, & aguardão tẽpo
Os que vinhão detras, em que pudeſſem
Entrar mais a ſeu ſaluo & ſem perigo.
Entra o Souſa no templo,& vai na volta
Dos Hipocritas triſtes,fica mudo:
Fica paſmado em ver aquelle inſigne
Admirauel,riquiſsimo ornamento.
No meyo delle alçada eſtaua hum'ara,
De artificio,& valor rara no mundo,
Onde hum monſtro disforme parecia
Monſtro ſò na figura,& viſta horrenda.
Que em ſer ſempre tratado,& conhecido
De toda a humana gente o não ficaua,
O roſto tem ſagaz,aſtuto,& ledo,
De cores variado,o corpo em roſca,

De pês, & mãos carece, & não tem cousa,
De que mostre seruirse mas na lingua
Venenosa, & cruel satisfas quanta
Falta nos outros membros recebia.
Não lhe cabe na boca a lingua fera
Estendida se mostra mais de hũa braça,
Atrauessado tem nella hum letreiro
Que diz Mintira sou aceita ao mundo.
Cem mil males co esta vrdo, & teço,
Grandes perseguições, trabalho, & mortes
Desgostos co ella inuento, co esta fingo
Grandes bẽs, & co esta o mundo engano.
A reuolta era grande, o clamor alto:
A affeição se ve ser entranhauel,
Com cirios arde o tẽplo, & cõ muy grãdes
Continuas offerendas se enriquece.
Em torno das paredes estão muitas
Figuras de varões artificiosas:
De grande admiração, & obra excellente
Com que o grão tẽplo, mais se ennobrecia
A mão direita vio la no mais alto,
O neto de Iesse, sabio supremo:
Hum idolo adorando, aqui mostraua
O rosto que â Verdade volto tinha.
Injustissimo amor o Sousa exclama,
Mal aja o teu poder que a tão profundo
Admirauel saber assi venceste,

E em tanta, & tal baixeza o derrubaste.
Logo vio junto delle aquelle iniquo
De Pedro contendor, de Pedro digo,
Cuja fé mereceo serlhe o rebanho
De Christo Redẽptor nas mãos entregue.
Conhece ser o Mago Simão falso,
Com infernaes milagres espantando
O pouo idiota facil, & ligeiro,
Pera crer, & aprouar qualquer abuso.
Aquelle vio tambem que falsamente
Affirmaua bastar o liure arbitrio:
Pera que o homem bẽ obre, & sô se salue
Sem nesta obra interuir a graça diuina.
Dauãono a conhecer latinas letras,
Que Pelagio dezião ser, em tempo
De Arcadio Emperador, & de Innocencio
Pontifice, de tal nome o primeiro.
Aquele infernal, falso Persiano
Inuentor de blasphemia abominauel,
Vio com grão multidão dos que seguião
Seu parecer, & hæretica doctrina.
Bem conheceo ser Manes, de quem veyo
O nome a esses malditos Manicheos,
Hum hæretico Bispo vio de aspecto,
De sembrante infernal, & sombra triste.
Nestorio conheceo ser, & nas letras,
Que num letreiro tem assi o dezia,

Tambem Euthico vio, sua peruersa
Diabolica tenção alli ajudando:
Outro varão nefando abominauel,
De lingua deshonesta, & cego juizo:
De coração peruerso & alma atreuida,
Vio de entranhas corruptas & danadas
Este maldito tem nas mãos a letra,
Que ser Theodoro pessimo declara.
O sacrilega boca? Diz o Sousa
Anathematizada, infernal lingua,
Virando os olhos vio errada gente,
Hum preceptor hærege attento ouuindo,
Mas quando mais attentos se mostrauão
Os fez em mil pedaços o edificio.
Cherintho conheceo ser este falso
Cuja maldade foi a Deos odiosa:
E logo junto delle parecia
Hum indocto varão, cego ignorante:
Que tinha pera si, que os que tornauão
Ser depois do baptismo peccadores,
Estes não se podião saluar antes
Erão sem remissaõ ja condenados.
Conheceo ser Nouato grande herege,
Que a verdade negando alli reside,
E logo junto delle vio sentado
Com sembrãte infernal, fero, & medonho,
Aquelle que no tempo que imperaua

Constantino, Alexandre o desdezia:
Aquelle que danado tinha o mundo
Com peruerso, & mortifero veneno.
Encarniçados olhos, vista esquiua,
Sembrante carregado, alli mostraua
(Pello duro Sinderesis, que punge,
E roe o coração) desposto a males.
Deseja o Capitão saber do falso
Heretico blasphemo, o certo nome,
E debaixo dos pés em tauoa plana:
Vio letras que este ser Arrio declarão.
Donato, Eunomio, Acacio, & Macedonio,
Estauão junto deste sustentando
Com infernal cegeira todos quatro
A maldita tenção abominauel.
De Millão, & Arinino alli se vião
Os Sinodos auidos por não sanctos
Onde muy justamente os estatutos
E os seus decretos forão aprouados.
Vio, o que em Nicomedia leo a sacra
Escriptura, & despois se oppos contra ella,
Aquelle ao qual com docto, sabio estillo:
Cirillo confundio todos seus erros.
Imperando este foi desbaratado
No caminho de Persia, & alli se mostra
Banhado todo em sangue, leuantados
Os olhos ja mortaes ao ceo, dezia.

(Bramando com furor impaciente)
Venceste Galileo alto gritaua
Nisto bem conheceo ser Iuliano
Aquelle Emperador falso Apostata.
E aquelle de quem ja no tempo antigo
Prophetizou Daniel, que naceria
De hũa fera espantosa hum coruo escuro:
Que com força tres cornos lhe quebrasse.
De gente innumerauel rodeado,
Estaua amado della, obedecido,
Este fez o Alchorão, este com armas
Arabia subgigou, Ægipto, & Siria.
O peruerso Alemão, que tanto estrago
E tantos males fez na propria patria,
Num pulpito subido parecia,
O mundo corromper com infernal secta.
Blasphemias espantosas assaz dignas
De castigo cruel este inuentaua,
De cujo nome a secta luterana
Ficou naquellas partes sempre viua.
Alli está Berengario retratado:
Infernal inuentor, cego, & maldito,
Ioão Ecolampadio, em Basiléa,
E Vtalrico Zoinglo a este seguião.
Tambem aquelle vio que mil errores
Acerca de fè sacra professando:
Induzido de falso sprito, em Praga

A todos manifestamente lia.
Inda que não foi delle conhecido,
Ioão Huss, as letras dizem, que talhadas
Tem debaixo dos pès, outra grão copia
Vio destes cegos: tristes miseraueis.
Que a verdade negando varias sectas:
Hereges opiniões todos seguirão,
Em razão não fundadas mas em larga
Dissoluta, peruersa, & torpe vida.
Despois que o Sousa vio o infernal trato,
E as nouas inuenções de ocultos males,
E despois que entendeo o falso engano
Deste peruerso mundo & sua malicia.
Saese do templo, & arde ja por verse
De hũa gente tão pessima apartado,
Mas do templo saindo hũa terribel
Espantosa visão alli assombra.
Parecialhe abrirse a terra em quatro
Bocas profundas, tristes, & medonhas,
Por todas negro lume, & fumo espesso,
O tenebroso abismo vomitaua.
Em todas hum clamor, hũ pranto amargo
Hum miserauel choro: hum duro acento:
Feras, & abominaueis consonancias
De vozes sem concerto, & altos gritos.
Ouue o nobre varão, & disto que ouue
Lhe corre hum tremor frio ossos, & veas,

Conge-

Congelaſelhe o ſangue nas entranhas:
Pallida a cor,cabellos lhe arrepia.
Mas muito mais ſe aſſombra,& ſobreſalta,
Muito mais ſe entriſtece,& ſe demuda
Vendo a nefanda gente,que a eſte falſo,
Peruerſo infernal templo ſe offerecia.
Que a penas daua hum paſſo na tornada
Da porta que eſcolheo por mais ſegura
Quando precipitada vai tombando
Pella infernal garganta,& boca horribel.
Hũa vez,& outra vez o final ſancto
Da cruz fazendo vira o paſſo,& vaiſe.
Não andou muito eſpaço,quando encõtra
Hum varão como aquelle que atras vira.
No meſmo trajo & cor bem parecido
A elle,mas as almas differentes,
Que a outra verdadeira era,eſta falſa,
Contrafeita,enganoſa,& aſſaz fingida.
Chegandoſe a elle diz,ſegue meus paſſos
Teras com meu fauor vida ſegura,
E em quanto não achares opportuna
Conjunção de partir teras alliuio
Que aqui não faltarà com que ſe esforce
A tua tão canſada fraca gente,
Deſpois de reformadas as perdidas
Forças,ordenarei com que te partas,
Sem trabalho hiras tu ſeguro onde
Deſejas

Deſejas apoitar, & não deſprezes
Iſto que aqui te digo, porque neſtas
Partes o que mandar tudo ſe cumpre.
Obedecido ſou aqui de todos,
As minhas leis aqui veràs guardadas,
Hoſpede meu ſeràs por poucos dias;
Mas nelles te farão quanto mereces.
Dizendo eſtas palauras em delgado
Fumo ſe conuerteo, alli vio duas
Portas do ſono, a hũa eburnea, & liſa:
De artificio, & de fabrica perfeita.
Por eſtas os ſonhos vão, as apparencias:
As phantaſmas fingidas voando paſſaõ.
A outra moſtra ſer de corno, & entrão
Por ella os ſonhos firmes, verdadeiros.
Por eſta o Capitão vem, apreſſado
De copioſo ſuor, o roſto enuolto
Alterado com taes viſões, a tempo,
Que Phebo no Orizonte o carro erguia.
Proſeguir tornão logo o miſerauel
Caminho, coſtumado onde ſe vião
Mil vezes mortos ja ſem ter remedio,
E ſempre as eſperanças no ceo firmes.
Vai Dona Leonor tão mal tratada:
Tão fraca, que não pòde ja mouerſe,
Que a fortuna cruel della enuejoſa
Os males, & os trabalhos lhe acrecenta.

Auia ja tres dias que o grão Delio
A caſa viſitaua, onde ſe peſaõ
As horas igualmente, & hum igual tempo
Em conta juſta tem noites, & dias.
Quando com tal deſtroço chega o triſte
Eſquadrão roto ja desbaratado,
A hũs piquenos lugares dos quais era
Rey, & ſenhor hum Cafre não fingido.
Mas verdadeiro, facil, & ſingello
De puro coração, & alma não falſa,
No beneuolo aſpecto bem moſtraua
De enganos, & maldades eſtar liure.
O que aqui ſocedeo ao Souſa, em outro
Canto volo direi, que eſte ſe alarga,
Onde ſe pode ver, que o tempo perde,
Quem preſume fugir ao alto juizo.

CANTO DVODECIMO.

Neſte canto chega Manoel de Souſo âs terras de hum Rey Cafre, o qual lhe offerece verdadeira hoſpedage, & não na aceitando lhe dà fauor, & ajuda contra hum Rey ſeu vizinho, vai Pantalião de Saa por Capitão deſta empreſa, pelleja com os Cafres, & vencidos por elle, ſe torna a onde o Capitão o aguarda. Partemſe todos buſcando o Rio de Lourenço Marquez.

Mil

MIL vezes vimos ja que o crer ligeiro
No mundo tem causado grandes males,
Exemplo nos dà Sinon Grego astuto,
E na traição cuberta preuenido.
Que se o não crera Priamo, não fora
Aquella Troya insigne em fogo ardida.
Nem com morte de taes varões os cāpos
Phrigios, com tanto sangue se tingirão.
Tambem do não crer temos claro exēplo
Em Sedechias Rey, que o verdadeiro
Conselho do Propheta desprezando:
Em duro, estreito cerco foi perdido.
Com taes calamidades que de pura
Necessidade as māys famintas dauão
Aos tenros filhos seus, nos conhecidos
Ventres cruel & triste sepultura.
O não crer lhe custou ver matar todos
Seus filhos, & a cidade destruida,
O grão templo abrasado, & apos isto
Cos olhos arrancados ser catiuo.
Incerto he o fim das cousas, & o successo
Do mal, ou bem futuro a nós occulto,
Pois temos por passar tão varios casos:
Chamar sēpre por Deos he o mais seguro.
Por cumprir o que atras prometi quando
O Sousa co Rey Cafre deixei, quero
Por extenso contar como tratado

Foi, quanto a pobre terra o consentia.
Aos trabalhados lassos corpos dauão
Descanso, mas nas almas o não tinhão,
E vendose entre tal gente hum receyo
Os cansa, & sobresalta de contino.
Tememse de traição, temem seus tratos
Perfidos, temem seus falsos costumes,
Não ousaõ de apartarse, menos ousaõ
Hum ponto armas deixar em tal perigo.
Sentindo o Rey o seu dissimulado
Receyo, chama o Sousa, & dislhe a parte
Quieta o coração & ao tão cansado
Animo, dá repouso, dalhe alliuio.
Que aqui receberàs o tratamento
Conforme ao q̃ esta terra alcansa, & pode,
De mim receberás esta vontade,
Receberâs amor sincero, & limpo.
Aqui descansarâs atè que o tempo
Se mostre a teu caminho fauorauel.
Se quiseres pagar tal beneficio:
Com me ajudar, faras o que me deues
Que estando tu comigo pouco medo
Pouco temor terei a hum aduersario,
Com quem tenho cruel sangrenta guerra,
Trabalhosa, & mortifera conquista.
Mais poder tẽ q̃ o meu, gente mais destra,
Inda que na razão tenho auantage

Teu fauor me ſerà a hum tal imigo
Fortiſsimo arrayal ſeguro amparo.
Bem ſei que o Portuges animo vence
Até caſos aduerſos da fortuna
Eſpero que daqui (deixando em toda
Paz eſta terra) vas bem ſatisfeito.
Affirmote ſem duuida que a tua
Gente, ſerà contigo deſpojada:
O que Deos não permita) deſte falſo
Peruerſo, cruel Rey, de quem te auiſo.
Toda eſta terra corre com forçoſo
Poder, onde ve menos força & armas,
E a onde lhe reſiſtem, de cautella:
E de puros enganos ſempre viue.
Aſpera condição tem, mas debaixo
De artificio apraziuel eſcondida:
De manhoſos ardis ſempre ſe preza,
Palauras brandas vſa, obras malignas.
Não me faz dizer iſto a inimizade
E o odio que me moſtra ſem ter cauſa.
Nem menos a cruel guerra que temos
Da ſua parte ſò aſſaz injuſta.
Mas doute o tal auiſo porque a tua
Tão certa perdição me eſtà doendo.
Pezarmeha de ſaber q̃ homẽs tão fortes
Por perfida traição forão vencidos,
Que as manhoſas maldades eſtão certas,

Naquelles

Naquelles onde o animo fallece:
A estes falta esforço claro consta,
Que lhe sobejarão ardis,& enganos.
Ditas estas palauras lhe responde
O Capitão,& diz:O gazalhado,
Que de ti recebemos & a vontade
Verdadeira será de mim seruida.
Fazes o que se espera da virtude,
Ajudando a quem ves tão perseguido,
Tal beneficio,& tal obra saõ dignos
De mil grandes louuores pera sempre.
Peçote que em tal caso me des tempo
Pera me aconselhar,& resoluto
No que deuo fazer darei reposta,
Por ventura conforme ao que desejas.
Apos estas palauras se despede
O Capitão metido em pensamento,
Alembrase do sonho onde sem falta
No templo da Verdade este Rey vira.
Mas era sonho em fim não tinha força
Pera que o persuadir então pudesse
Via que o seu aspecto,hũa vontade,
E hũa verdade firme prometia.
Por outra parte cuida que o ter delle
Necessidade,faz que tal se mostre
E que a fim de o ter pera remedio
Da guerra que lhe diz,isto lhe diga.

Não ſabe o que fara, não ſabe o triſte
No que deue eſcolher determinarſe
Não ſabe que no ceo ja confirmado
O miſerauel fim tem ſem deſuio.
Parecelhe que neſta terra auia
Enganoſa traição & falſo trato,
E que as palauras todas erão cheas
D'engano, d'artificio, & de malicia.
E que tudo era a fim de quando os viſſem
Eſtar mais deſcuidados os roubaſſem
Ah triſte quem te cega? que a mintira
E o engano tés a diante, & la te aguardão.
Aparta o Capitão os mais honrados
E os principaes de toda ſua companha,
Dalhes conta de quanto tem paſſado
Co Rey, tambem lhes diz o em q̃ ſe funda
Pede o parecer delles em tal caſo:
Mas primeiro declara, o que elle alcança.
A cauſa ja propoſta entre elles ſe ouue,
Mal declarada voz, & baixo eſtrondo.
Bem aſsi como quando hum brando véto
Com ſuauidade toca o verde Pinho,
E nas pungentes folhas, forma hum ſurdo
Baixo rumor confuſo, & mal deſtincto.
Hũs dizem que o conſelho aceitar deue,
E que aguardar alli era o mais certo,
E o mais vtil remedio pera gente,

Que tão cansada vinha, & tão perdida.
E que Deos lhes daria hũa passage
Pois a dera a Moises mais impossiuel,
E em tanto ent'esta gente poderião
Do recebido mal remedearse.
Que muitos erão ja no trabalhoso
Caminho, mortos, & outros tão cansados.
Que como se mouessem, das affiictas
Tristes vidas, o fim logo verião.
Deste parecer era a generosa
Bellissima Leonor, outros reprouão
Tal conselho dizendo serem falsas
As palauras do Rey doces, & brandas.
Que tal gente era prõpta a grandes males,
E nisto era sagas sabia, & astuta,
Não tratauão verdades, & a promessa,
Ou fé que dessem não na guardarião.
E que aguardar alli era sem fructo,
E assaz desnecessaria a tal tardança
Pois não ganhauão mais que perder tẽpo:
Que cobrarse despois era impossiuel.
Que manifesta estaua, clara, & certa
A tenção desse Rey ser só fundada
No seu proprio interesse, respeitando
A guerra, & dissensaõ, que aberta tinha.
Mas despois de acabada elles serião
Com grande dano, & mal desenganados,

E isto seria a tempo que ficasse
Sò o arrependimento desta culpa.
Tiuerão tanta força estas palauras,
Dos que tal razão dauão, que vencidos
Com ella se cegarão, & fez que o vero
Conselho desprezassem, sò seguissem
Aquelle que a seu mal & triste morte
Por caminho apressado os leua, & guia.
Em quanto alli debatem, nos diuisos
Pareceres, & o mao conselho admittem,
As tres irmaãs funestas por quem passaõ
(Sem poder escusarse) humanas vidas,
Naquella conjunção que o pernicioso
Parecer aprouão por mais vtil,
Se aperceberão ellas, & a que corta
O fraco, & perigoso debil fio.
O riguroso braço alto leuanta,
E a danosa, cruel espada esgrime,
Aguarda pello ponto em que com força
Sobre elles descarrege o impio golpe.
Seis dias se detem neste conselho
Que no infelice fim foi homicida
Mas passado o seteno, dão reposta
Qual pera morrer elles lhes conuinha.
Diz o Sousa importarlhe esta partida,
Que licença lhe de pois não se escusa
Que onde for lhe será sempre muy firme,

E verdadeiro amigo,& na memoria
O pio trato delle recebido.
Tera,pera o ſeruir como merece.
Vendo o Rey q̃ em partirſe tanto inſiſtem
Aquelles cujo esforço ja ſabia
Com inſtancia,& cõ rogo humilde pede
Ao Capitão lhe de fauor,& ajuda,
Contra hum duro aduerſario q̃ o moleſta,
E offende grauemente,que atras fica,
Não pode o Capitão negar tão juſta:
Tão digna petição,& tão deuida.
Pede a Pantalião de Sá,que aceite
Aquella honrada empreſa,& leue trinta
Soldados,que pera eſte effeito baſtão.
Com mais quinhentos Cafres eſcolhidos.
O mancebo animoſo ſe apercebe,
Das vltimas reliquias que eſcaparão
Aſsi da ſalitrada eſpecia,como
D'algũs desbaratados arcabuzes.
Trinta ſoldados leua bellicoſos
De viuo coração,na guerra inſtructos,
Mas dos grandes trabalhos,& da triſte
Fome,das forças ja desfallecidos.
Ia ſe ve pellos ares tremollando
O diuino ſinal da ſacra ephigie
O gentio eſquadrão com curuos arcos,
E aljauas pouoadas ja ſe ajuntã.

O Capi-

O Capitão lhes dà licença, & partem
Com ordem as eſpias vão ſeguindo,
E tornados a tras hum pouco eſpaço
Se ajuntão ao poder do duro imigo.
Não curão de eſperar, antes com força,
E com viuo allarido ſe aballanção
Com impeto & furor, contra os q̃ eſtauão
Neſte futuro dano mal prouidos.
Antes que ſe valer poſſaõ ja ſentem
Do braço Portugues o dano graue,
O fogoſo diabolico inſtrumento
Os ares faz bramar mil mortes dando.
Coelle juntamente eſcapa, & voa
Hũa nuue cruel de agudas frechas,
Ia por terra ſe eſtendem muitos corpos
Daquelles que ſe moſtrão ja vencidos.
Ao rebate improuiſo acode a turba
Traſpaſſada de hum vil, & torpe medo
Alção clamor horribel não com viuo
Eſprito, mas mortal, & afadigado.
Deſpois que mais em ſi tornão & a furia
Aos membros concedeo vigor & forças,
Voltão ao eſquadrão, & os groſſos arcos
Curuados as mortaes frechas deſpedem.
Que rechinando vão pellos delgados
Ares, mas da contraria parte encontrão
Outras, que não com menos força paſſaõ

Por ellas & onde dão, morte procurão.
O Sà incita, & moue os bõs ſoldados
Com exemplo de esforço & alta bõdade,
E reprimindo a furia dos imigos
Arriſca a vida, & ganha immortal fama.
Alçaſe hum alarido em cada parte
Que o campo retinir faz todo â roda,
Banhaſe a terra em ſangue, & pollas verdes
Heruas, os corpos mortos ja ſe eſtendem.
Firmãoſe os Portugeſes fazem roſto
A toda a multidão quanta alli crece,
Acometem de nouo aos que moſtrauão
(Por ſerem muitos) ja grande ouſadia.
Lançaſe o nobre Sà, onde mais junta
E mais feroz ſe moſtra a vil canalha
Aſsi como na grey das groſſas reſes
O libico Leão bramando ſalta.
Com fera catadura, & viſta horrenda
Nella faz hum cruel ſangrento eſtrago.
Com preſunção ſoberba cura pouco
De auer quem tanta força lhe reſiſta,
Ou qual faminto Lobo, que o innocente
Lanoſo gado ve ſolto no campo,
Ao qual nem o paſtor ruſtico eſpanta
Nem dos brauos alões a feroz turba:
Mas deſprezando a todos, conſtrangido
Da dura fome nelle ſe aballança.

Os ſeus ſoldados ſeguem tal exemplo,
Co aquelle esforço ſempre nelles firme.
Qual a moçiça lança banha em ſangue:
Qual de talho,ou reues membros aparta,
Qual dentro nas entranhas (todo aceſo
Em furor) a luzente eſpada eſconde.
Qual de fumo infernal cuberto atroa
O campo & reſonar conſtrange os ares,
Em ſupita fogoſa ardente chama
Arremeſſa o pellouro enuolto em morte.
Que donde acerta,rompe,eſtraga, & mata
Desfaz,& arromba quanto lhe reſiſte,
Por terra cae grão numero daquelles,
Tocados da cruel horribel furia.
Tanto dano recebe a imiga parte,
Do luſitano impeto que as coſtas
Sem ordem voltão todos,traſpaſſados
De hum deſmayo mortal,& medo torpe.
Aſsi como ſe ve na eſpeſſa banda
Das aues,que no frio inuernal buſcão
A temperada terra,o mar fugindo,
E de vltra mar o abrigo la petendem.
Quando a ſoberba,altiua Aguia deſcendo
Com aſas ligeiriſsimas aferra
Naquella que primeiro acha,& o curuo
Roſto,eſquiuo,& cruel em ſangue banha.
O temido eſquadrão rompendo as nuues

Com miferaueis gritos fe derrama,
Por differentes partes, & medrofo
O remedio das vidas fò procura.
Afsi aquella vencida gente bufca
Com vergonhofo effecto onde fe acolha,
Hũs por palmares, outros por cerrados
Confufifsimos matos ja fe efcondem.
Outros em fundas couas cauernofas
Com toruação fe metem fem ter conta
Com mais que com faluarfe, vão feguindo
Os braços victoriofos efte alcanfo:
Mil manadas de refes tomão groffas,
E tomão de innocente manfo gado
Hum numero infinito, com tal prefa
Se tornão, mas primeiro as cafas ardem.
Com fumofos bulcões o ceo fe affombra,
Moftrafe a labareda alta, & efpantofa,
A qual em pouco efpaço toma forças
Na ramofa materia, & toca as nuues.
Corpos meyos ardidos fe derretem
Naquelle brauo incendio com molefto,
E peçonhento cheiro, acode hum monte
De carniceiras aues dando gritos.
Leua da immunda carne cada hũa
O que lhe cabe em forte, ó vifta trifte
De corpos que ficando alli em pedaços
As almas tinhão ja no fundo abifmo.

Dei-

Deixando tanto eſtrago feito,& tantas
Perdas,& males tornão recolherſe,
Não vão todos que alli ficão ſetenta
Empoçados em frio,negro ſangue.
Indo com tal victoria o Sá inſigne
Entra por hum fendido eſtreito valle
Que duas altas ſerras o apartando
Triſtonho fica,eſteril,& ſombrio.
Não tem por elle andado muito eſpaço
Quãdo encõtra hũ varão de annos antigos
De venerauel roſto cuja barba
De neue ata,& recolhe na cintura.
A ſenil fronte arada:os olhos turuos,
O ſembrante ſeuero:a cor defuncta.
A carne ja gaſtada,& o ſenil peito,
Ao parecer mortal & conſumido.
Em veloz Dromedario eſte caminha,
Chegando ao eſquadrão para,& detemſe,
De lagrimas os olhos arraſados,
Das entranhas arranca alto ſuſpiro.
Querendo o Capitão ſaber a cauſa
Da triſteza que moſtra lhe pergunta
Com palauras corteſes de que parte
Vinha,& onde leuaua tal caminho.
Reſpondelhe o varão antigo,& ſabio,
Valeroſo mancebo ſe deſejas
Saber altas empreſas milagroſas:

Graues feitos,que eſtão aqui eſcondidos
Torce o caminho hũ pouco alarga o paſſo
Sigueme iſto dizendo a redea larga
Sem nada ſe deter dalli ſe moue,
E o ligeiro animal co a eſpora offende,
Voltaſe o Capitão aos ſeus,dizendo
Aqui me eſperareis até,que a volta
Com ſaber tal ſegredo ſeja certa,
Que eu não tardarei mais q̃ ſòs tres dias.
Parteſe o valentiſsimo mancebo,
Seg ue o raſto daquelle que num ponto
Quaſi o perdeo da viſta, mas correndo
Vio,que entraua por hũa coua eſcura,
Que no fundo do valle entre penedos
E de frondoſas aruores agreſtes,
Cubertos de hum vapor eſpeſſo & turuo
Ao pé de alto rochedo ſe fazia.
Chega o Sá valleroſo,& vendo a boca
Da ſombroſa cauerna tão profunda
Cercada em derrador de Abetos negros,
E de outros matos ſecos,& brauios.
Vira os olhos a hũa & outra parte
Ve hum padrão de Gothica eſcriptura
De verde muſgo ja todo cuberto,
Da longa idade vſada,& certa injuria
Ia dentro da cauerna claro ſe ouue
Hum rumor,que o cabello ao ceo leuanta
E hum

E hum zombido terribel discurria
Dentro na escuridão fera, & medonha
Chega o forte mancebo, leuantando
Os olhos vio, que as letras assi dizem.
Não pise humana pranta, o q̃ he vedado
No sitio temeroso, defendido.
Não foi parte o rigor da pena, & dano
Que se promete alli, pera que possa
Causar espanto â quelle ousado peito
Que a natureza fez de medo liure.
Mas co grande valor com que despreza
Os casos que prometem môr perigo,
Passa o padrão entrando o que as antigas
Mal deuisadas letras defendião.
O generoso Sá a penas entra
No defendido sitio, quando escuro
E reuolto se mostra num momento,
O ar, nelle se ouuindo tristes gritos.
Ia do profundo mar as procellosas
Ondas bramando, a furia conuertião
Contra as rocas altissimas, rompendo
Na intratauel dureza, o brauo fluxo
Resulta pera tras fica do golpe
O rochedo banhado em branca escuma
Retombando nas concauas cauernas,
Aquella voz confusa, & alto bramido.
Hum impetuoso vento se leuanta

Que

Que aballar,& tremer faz os penedos,
E por aquellas ingremes alturas
Se ouue grão multidão de horrendas vozes
No coração feroz nada se imprime
Aquelle graue medo,nem se espanta:
Com força firma o pé,passa ligeiro,
Quasi abrasado ja,& ardendo em furia.
Chega junto da gruta tenebrosa:
Ouue la dentro hum pranto miserauel,
Desconcertadas vozes,gritos altos,
Queixas,lamentos tristes,& carpidos.
Não cura disto o Sâ forte guerreiro
A furna quer entrar mas hum robusto:
Vallente caualleiro apresentando
Braua batalha,a entrada lhe resiste.
Da recozida pasta dura,& forte
As grossas armas traz negras & tristes,
Sem mais outra deuisa,& nas maõs ambas
Hũa pesada maça alçada esgrime.
Pera fallar a lingua se lhe nega
O vso natural,mas com brauesa
A maça reuoluendo daua golpes
Pesados,perigosos,& terribeis.
E vendo o Capitão que lhe he forçado
A furia resistir a seu imigo,
Com animo feroz comete,& arranca
A curta espada,a collera mouido.

E ain-

E ainda que parece temerario
Este arriscado caso, em que se punha.
Ousado entra com força, o cavalleiro
Com rugido espantoso abaixa o golpe,
O mancebo feroz guardando o corpo,
Do terribel fendente se repara.
Com destra ligeireza entra ferindo
A vacua sombra, & horrida phantasma.
Mas da potente mão tocado, hum grito
Dando, em fumo se fez o varão fero.
Outros gritos de nouo pella escura
Cõcauidade, a hum tẽpo então se ouuirão
Auante passa o Sà nada temendo,
E pella escuridão se moue attento.
A poucos passos acha alli o caminho
Escuro, duuidoso, incerto, & vario.
Apartandose em dous braços confusos,
Cada qual differente o curso leua,
No direito se ouuia vir bramando
Hum Rio, & de altas rochas despenharse.
Varias, horribeis vozes o ar rompendo
Dezião vinde, vinde, este he o mais certo
Caminho, que leuais, & da outra parte
Bradão dizendo Sà não vos enganem.
Que onde o intento leuais este vos guia
Vinde por ca, que essoutro he perigoso,
Mas ouuiase alli duro rogido

De

De ardente ferro em agua rechinando.
E hum eſtrondo de golpes apreſſados,
Eſta parte moſtraua duuidoſa,
Dizem à parte deſtra,guarda,guarda
Do caminho em q̃ a morte eſtá tão certa.
Os da eſquerda tãbem dizem guardaiuos
Do turbulento rio,& rocas negras
Vacilla o Sá fortiſsimo,& não ſabe,
Qual deſtes tomará por mais ſeguro.
Em fim ſe determina de hir por onde
D'eſpadas,& de lanças ouue golpes,
Que o ſeu coração forte não duuida
Nem teme contra todas amoſtrarſe.
Neſta determinação ja reſoluto
A eſpada aperta,& dentro ſe aballança
Mas entrando ficarão em ſilencio
Aquelle fero eſtrondo,& gritos altos.
Moue o paſſo ligeiro,& vai ouſado,
Que nada do que ve lhe punha eſpanto,
Quaſi chegado ao meyo da cauerna
Duas vizões encontra aſſas terribeis.
Ambas de hũ corpo,e roſto,ãbas gaſtadas
As carnes,& as entranhas conſumidas,
Tão mirradas as pelles que parece
Licença aos oſſos dar que ſe deſcubrião.
Retirandoſe vão com lento paſſo,
Com tardo mouimento,& ſurdo roido,

Ambas abrindo as bocas vomitando,
Hũa, fogoso ardor, & ardente chama,
Outra, regello & neue, que não cabe
Pella triste garganta, & boca fria,
Se o valeroso Sá apressa o passo
Ambas o passo igual atras retirão.
O qual da visaõ dura molestado,
A cortadora espada alto leuanta,
E decendo com furia ambas num ponto,
Gritando ante seus olhos se sumirão.
Supito resplandor tras isto veyo,
Que a escuridão tornou em claro dia,
Esse anciano varão, alli prostrado
Aos pés do Capitão assi lhe disse.

Vinde Sâ valleroso desejado
De mim com razão mais que a propria vida,
Valente Portugues aqui esperado
Dai luz à treua, & sombra escurecida.
Vinde mancebo illustre sempre ousado
Dai gosto â vista triste auorrecida
Do lugar solitario tão esquiuo,
Dai remedio às angustias em que viuo.

Hũs annos, & outros annos ja correrão,
Hũs tempos, & outros tempos ja passarão,
Idades forão, outras ja vierão,
Que o mundo nouamente reformarão.

Em segredo taes cousas estiuerão,
Quaes aqui bom senhor se vos mostrarão,
Esperando o louuor do forte braço,
Com que vencestes tudo em breue espaço.

Entrai vereis as cousas espantosas
Dos Reys de Portugal aqui esculpidas,
Vereis altas empresas milagrosas,
Que no mundo serão sempre timidas.
Vereis victorias prosperas famosas,
Que longo tempo tem ja consumidas,
Vereis quasi leuados da memoria
Fortissimos varões dignos de gloria.

Dizendo estas palauras leuantouse
Mouendo o passo, o Sá o vai seguindo
Entra o sabio varão apos elle entra
O forte Capitão num a salla illustre.
Entrando aqui se ouuirão com brandura
Doces vozes cantando, juntamente
Com fresco, brando assopro varias flores
Pellos alegres ares espargindo.
Pasmaua o Capitão disto que via
E quasi como sonho o deuisaua
Mostralhe o varão graue as tão famosas
Historias Portugesas esculpidas:
Mas porque o canto he largo, noutro cãto

Vereis succeſſos altos,& admiraueis,
Vereis duras batalhas,vereis grandes
Notaueis & famoſos vencimentos.

CANTO DECIMO TERCIO.

Neſte canto refere o ſabio a Pantaliáo de Sà os valeroſos feitos de todos os Reis de Portugal, deſde elRey Dom Afonſo Anriquez, até elRey Dom Sebaſtiáo. E aßi os de algũs vaſſalos ſeus em que moſtrarão muita lealdade & valor.

COm ſabia mão lhe moſtra retratada,
(Com ſutil artificio, & raro engenho)
Aquella antiga hiſtoria do primeiro
Afonſo Rey, do grande Henrique filho.
Moſtralhe alli as victorias memoraueis
Daquelle valeroſo Rey potente
Cõ grande eſtrago,& mortes dos q̃ ſeguẽ
Do Alchorão a falſa,& vil doctrina.
Aquelles cinco Reis no grande campo
D'ourique ſe moſtrauão quaſi ao viuo
Trazendo multidão de varias gentes
Fortes,& em batalhar exprimentadas.
O Rey na eſcura noite alçaua os olhos,
E o ceo raſgado via luminoſo.
Onde hũa coruſcante luz diuina

As chagas ſacratiſsimas lhe moſtrã.
Adoraua o bom Rey a viſaõ ſacra:
Poſtrado em terra, cheo de confiança,
E certo da victoria com grão força,
A deſigual batalha cometia.
Era couſa de ver a furia horribel
Da gente baptizada, & o deſmayo
Dos Sarracinos roſtos, que o ſangrento
Campo tão celebrado, deſemparão.

Ao valeroſo Sà diz o prudente
Sabio, que grandes couſas ſaõ paſſadas
As armas reaes do voſſo Rey potente
Da victoria forão retratadas.
As quinas que vencerão tanta gente,
E que nos fortes campos aruoradas:
Com graça, & com ſoberba tremolando
Eſtão os inimigos aſſombrando.

Daquelle dia illuſtre ſe tomarão
Em ſinal do ſucceſſo glorioſo
Aos Portugeſes Reis ſempre ficarão
Por memoria do caſo milagroſo.
Altos feitos co ellas acabarão,
Ganhando immortal nome valeroſo,
Temidas ſaõ em toda a redondeza
Por ſeu valor, por ſua fortaleza.

Quando

Quando no ar se ve a sacra visão
Exclama em alta voz o Rey guerreiro
Aos infieis, & hereges que a mim não
Pois creyo serdes vos Deos verdadeiro.
O notauel, diuino alto brasão
Foi deste grande Afonso Rey primeiro,
E delle sempre veyo aos Reis passados.
Até o que agora tem os taes estados.

Mostralhe o Cardeal que da Romana
Corte, mandado foi ao Rey valente,
Com cor defuncta, & alma traspassada
Vendo consigo a morte ja tão certa.
Estaua o Rey colerico brandindo
Com forte braço a tesa, grossa lança
E o cauallo feroz abrindo a terra,
Fazendo ao sacro Nuncio a sepultura.
Mostralhe alli tambem aquella insigne
Oppullenta cidade Olisbonense
Cercada por elRey, & aquella armada
Que em seu fauor as ondas diuidia.
Hũa dura peleja alli lhe mostra
Na cidade reuolta, & posta em armas,
Por hũa parte o Rey por força entrando
Os Britanos por outra em sangue a tingem
Aos insignes Rollins, que tem ganhado
Naquella empresa tanta fama, & honra

Reparte o liberal Rey a cidade
Ametade lhe dá por preço justo.

A esse vallente Sá, o sabio honroso
Virandose lhe diz nunca aceitarão
Os heroicos varões o Dom copioso
Que com tão alto nome alli ganharão.
Que pera o Rey vallente, & venturoso
Todos juntos conformes a guardarão
E o que em virtude a todos sobrepuja
Lhe deu por isto a villa D'Azambuja.

O Capitão insigne do que via
Espantado & contente o Rey gabaua,
Pergunta se da espada foi tão forte,
Quanto delle dezia a immortal fama.

Responde o antigo vate com presteza
Como quem delle sabe o verdadeiro:
Aquelle foi a flor da natureza
Esforçado inuenciuel caualleiro
Na espada teue grande fortaleza
O seu braço entre mil foi mais guerreiro,
Mas vejo que muy pouco se escreuia,
Do que todo louuor so merecia.

Todas as mais empresas tão famosas

Deste animoso Rey alli se vião,
Os grandes & admiraueis vencimentos
Que quasi hũa parede toda ocupão
Mostroulhe elRey Dõ Sãcho no gouerno
Pella paterna morte ja admittido:
Armado de lustrosas ricas armas,
Famosos, & altos feitos emprendendo.
O Rey segundo Afonso a este seguia
Por legitima, & recta descendencia
Ganhando aos infieis, lugares, & outras
Admiraueis victorias de alta fama.
Mostralhe alli o prudente sabio antigo
A elRey Dõ Sãcho, inutil, de alma simplex
Com religioso habito, & mostraua
Ciuel inclinação, & baixo esprito.
Estaua junto deste o de Bollonha
Conde, Afonso terceiro, Rey jurado
De todo Portugal, & o triste Sancho
Priuado ja do mando, que antes tinha.
Estaua retratada a fortaleza
De Cellorico, & posta em grande afronta,
Cercada & combatida & ja chegada
A desesperação mortal, & extrema.
Viase alli nos ares a real aue,
Que a Iuppiter leuou o bello moço,
Das agudas, crueis vnhas soltando
No misero castello, hũa fresca Truta.

Pergunta o Capitão aquella estranha
Millagrosa auentura, & que lhe diga
O successo que teue aquelle duro
Espantoso, apertado: estreito cerco.

Responde o sabio foi então buscado
Afonso irmão de Sancho sem proueito,
De Bollonha era Conde intitullado,
Que sempre se mostrou varão perfeito.
A Lusitania vindo, leuantado
Com aplauso commum foi Rey dereito
O inutil irmão disto que via
(A Castella) queixoso se partia.

Tomou posse do Reino, confirmando
Todos, quasi em geral, esta eleição:
A primeira omenage outros guardando:
Se defendem com forte coração.
Os castellos por Sancho defensando
Com bellico poder, & armada mão,
Atè ver em que o triste Rey paraua,
E o que delle a fortuna ja ordenaua.

Hum destes foi Pacheco, caualleiro
De valeroso peito, & fama honrosa,
Em resistir Afonso foi primeiro,
Passando dura fome trabalhosa.

Chegado quasi ao ponto derradeiro
Com trabalho, & aflicção calamitosa
Quando de triste fome consumidos
A elRey se mostrão ja quasi rendidos.

O prudente varão forte, & animoso
Aos seus remedio certo prometia,
Hũa Aguia por caminho milagroso
Quasi tocando as nuues discurria:
Hum pescado presado & saboroso
Nas encuruadas mãos alli trazia,
Passa pello castello esta aue bruta,
E abrindo as vnhas solta a gorda Truta.

Cae o peixe na praça, acode a gente
Vendo hum breue remedio à fome dura,
E leuantando aquelle alto presente
Trazido ao tempo tal, por tal ventura.
O forte Capitão sabio & prudente
Hum remedio sagaz alli procura:
Apresenta o pescado milagroso
Ao nouo Rey potente bellicoso.

Mandandolhe dizer, que se esperaua
Tomalo a pura fome, que bem via,
Que pois trutas tão frescas lhe mandaua,
O mantimento la sobejaria.

Co este manhoso ardil se leuantaua
O forte Rey dalli logo partia
Olhai, quando não ha ja resistencia
O que faz hum ardil sò de prudencia.

Gabando o Capitão a lealdade
Do valente, esforçado Lusitano
Torna de nouo a ver aquella industria:
Aquelle ardil, & manha ao mundo raro.
Mostralhe alli a cidade antiga & nobre
Famosa em nossos tempos por sciencia
Cercada, & combatida pello mesmo
Inclito Rey Afonso Bollonhense
Vio hum nobre varão, que a sepultura
De hum Rey abrindo as chaues entregaua
Ao que de corrupção mostraua o rosto
Em sombra triste & forma assaz horrẽda.

O sabio diz senhor, se desejaes
Saber aquella nobre antiga historia
Iusto he que de taes homẽs, tão leaes
Ficasse eterna, & viua tal memoria
E que destes varões aqui saibaes
Os feitos que merecem fama, & gloria,
Pera exemplo daquelles cujos peitos
Se offerecem a grandes & altos feitos.

Tinha

Tinha o castello em guarda na cidade
Onde agora as irmaãs sabias estão,
Hum varão forte, & leal de qualidade:
De illustre sangue & antiga geração.
No sembrante mostraua grauidade
No peito honrada & alta opinião,
Dom Martinho de Freitas se chamaua,
Que a parte do Rey Sancho sustentaua.

O Bollonhes valente alli insistindo:
Entrar por força, ou manha determina,
E Dom Martim de Freitas resistindo:
O exercito del Rey poem em ruina
Hũas vezes matando, outras ferindo
Do muro aos que pelejão na campina
A colera mouendo muitas vezes
Ao bellicoso Rey com taes reueses.

Mas aquelle cruel cerco durando
Os cercados se vem em termo estreito,
De pura fome ja todos mostrando
Os rostos com perfil, triste imperfeito,
O Freitas animoso sustentando
A virtude, & o valor do forte peito,
Os seus hum pouco ja remissos vendo,
A todos ajuntou alli, dizendo.
Companheiros, & amigos eu vos via

No principio mais firmes & constantes,
Vosso sprito ardentissimo vencia
Em dureza os mais rigidos Diamantes.
Vejo agora que ja se vos esfria
Aquelle honrado ardor que tinheis antes,
Se o desejar molher vos faz fraqueza
O estremo vos darei da mor belleza.

Tomou (isto dizendo) com segura
Confiança, & tristissimo sembrante,
Hũa filha que par em fermosura
Não tinha, & pella mão lha pos diante.
Tomai (diz o pay) se por ventura
A todos tal razão vos he bastante,
E não queiraes senhores que quebremos
A fè que a elRey Dom Sancho prometemos.

A bella dama estaua vergonhosa
Quando entende que o pay faz tal partido,
Hum veo de pura, intacta, suaue rosa
Lhe fica pello rosto alli estendido.
Qual calhandra se vio, quando medrosa
Sintindo do aduersario o agudo ruido
Attonita, & pasmada està tremendo
Com temor, de hum lugar, não se mouendo.

Vendo o triste spectaculo piadoso

Aquelles que presentes estiuerão:
Co a promessa do pay tão riguroso:
Em terra os olhos baixos os puserão.
Mas com intento honrado, & virtuoso
Nas mãos do Freitas todos prometerão
De o acompanhar na leda ou triste sorte
Inda que passem todos pella morte.

Ia nesta conjunção he diuulgada
Noua, que morto Sancho era em Castella,
Pede o Freitas licença & foilhe dada,
Pera que por si mesmo va sabella.
Hũa jornada passa, & outra jornada
Ao templo chega, & entra na capella
Onde o defuncto Rey està enterrado:
O que de Portugal foi desherdado.

O Freitas pertinaz a sepultura
Abrio onde a mortalha estaua fria,
De Sancho vio a pallida figura:
Sombra de hum Rey que a terra ja comia:
Dandolhe as chaues diz triste ventura
Foi a minha senhor, pois tal vos via.
Do vosso mando, & Reino desherdado
E nas terras estranhas enterrado.

Estas chaues vos torno que me destes

Quando Coimbra em guarda me entregastes,
Com que senhor sogeito me pusestes
Co a menage, & co a fé que me tomastes.
A vossa fortaleza me fizestes
Defender, mas ja Rey ma libertastes,
Dizendo isto o defuncto corpo â terra
Tornou, & elle assistir se foi â guerra.

Na cercada cidade ja entrado:
Abre as portas ao Rey, que a combatia,
Mandandolhe dizer que era acabado
O ponto, porque tanto a defendia.
Que com armas entrasse, ou desarmado:
Pois dentro ja ningem o resistia,
E pois era senhor & Rey da terra
Entrasse, que acabada tinha a guerra.

Entrou o inclito Rey sem dilação
No lugar tão insigne & tão famoso,
Ante si manda vir este varão,
Tão forte, tão leal, tão valeroso.
Algũs de bruta, & cruel inclinação,
Dizem, que el Rey lhe seja riguroso
E o dano, estrago, & perda recebida,
Que lho pagasse aquelle com sua vida.

Quanto deuem de ser auorrecidos

De todos os que são mal inclinados,
Dos taes em nenhum tempo recebidos
Sejão os impios votos depravados.
Que de hum humor diabollico mouidos:
Se mostrão ao pior affeiçoados,
Se a bibera veneno dà mortal,
Os maos que podem dár, se não for mal.

Os Reis que feos casos cometerão
Em tempo antigo, & la noutras idades:
A causa principal foi porque crerão
Corações de peruersas qualidades.
Arrabatados animos mouerão,
A mil auorrecidas crueldades,
A sem razões tirannicas, forçosas:
A injustiças crueis, & rigurosas.

Deuem trazer os Reis os mais prudentes:
Zellosos da justiça, & charidade,
Longe delles, aquelles que presentes
Com artificio fingem sanctidade.
Não deuem de admittir os diligentes
Na triste execução de crueldade,
Que estes fazem os Reis auorrecidos
Dos seus, & com mortal odio timidos.

Que os que grandes empresas acabarão

Com

Com succeſſos heroicos glorioſos,
Não foi por deſamor, antes ganharão
As vontades dos ſeus ſendo amoroſos.
Destes altas empreſas, ca ficarão
Pera exemplo dos bõs, & virtuoſos,
Lede as antigas mais graues historias,
E dos paſſados Reis, vede as memorias.

Vereis ſenhor que teue mais reſpeito
O forte inclito Rey á grão lealdade,
Que vio naquelle honrado illuſtre peito,
Que às duras tenções cheas de maldade.
Com animo real juſto, & perfeito
Auorrecendo a innorme crueldade,
Que os ſeus lhe aconſelhauão, nouamente
Coimbra torna ao Freitas eminente.

Per eſta honra & fauor a mão beijando
Ao Rey, lhe agardeceo tal beneficio,
Mal aquella merce, não aceitando:
Moſtrou de que era graue, claro indicio.
Reſpondelhe ſenhor de agora mando
Pera ſempre a meus filhos, todo officio
Aceitem que lhes derdes, mas jurada
Fè, não ſeja por elles aceitada.

Muito folgou de ouuir o Sà famoſo

Aquella estranha, rara, antiga historia,
A constancia louuando, & alta bondade,
Do que todo louuor bem merecia.
Mostroulhe a elRey Denis em differenças
Co Principe seu filho perigosas
E aquella Isabel sancta que trabalha
A paz auiriguar com justo pacto.
Alli estaua tambem (despois que o Reino
Afonso gouernou) aquella historia
Ao viuo retratada, em que a Rainha
De Castella se vè no ponto extremo
Deuisaõse as nefandas ligaduras,
Que a Sarracina Magica ordenara:
Mouida pella falsa concubina,
Que preso a elRey trazia de amor torpe.
Estaua alli o sagaz sotil remedio,
Da prazenteira noua, & leda fama,
E hũa grande alegria na mòr força
Da timida mortal desconfiança.
Mostralhe as festas vãs do vulgo incauto,
Enganado da noua artificiosa,
E quando a funeral pompa mais certa
Estaua, então se alegra mais a gente.
Com danças, & inuenções aluoroçadas
O falso nacimento solennizão,
Mostralhe a toruação da encantadora
Falsa Magica quando a noua ouuira.

As nociuas:crueis maós apartando
O intento infernal ſe via inutil,
E dando ja licença ao impedido
Parto, fez verdadeiro o falſo engano.
Apos iſto moſtrou de Pedro Iffante,
(O que de riguroſo teue o nome)
Pintado ao natural o matrimonio
Da que foi repudiada injuſtamente.
Retratadas ſe vem com claro engenho
As diſcordias, & guerra entre os dous Rei-
Pella impedida vinda de Coſtança: (nos
Do Principe Seuero chara eſpoſa.
Eſte que na juſtiça em todo eſtremo
Tão juſto, quão inteiro foi ſe moſtra
Com ſembrante afligido pella morte
Riguroſa, & ſem culpa da innocente.
Viãoſe alli tambem os matadores
Auidos por iniquo injuſto trato:
Na preſença do Rey ambos paſſando
Pena aſpera, & duriſsimo tormento.
Abaixo eſtá Fernando Rey potente,
Co caſtelhano Henrique em differenças,
Onde nas frontarias: muitos danos,
Muitas mortes, & males ſe recreſſem.
Eſtaua alli hum caſtello que moſtraua
Hum anciano varão feito pedaços,
Pergunta

Pergunta disto a causa o valeroso
Mancebo, o sabio logo lhe responde.

Nas guerras que Fernando Lusitano
Teue ja com Castella antigamente,
Reinando Henrique então, Rey Castelhano:
Com perdas, & com mal de muita gente
Ambas partes igual recebem dano,
Em ambas o trabalho está euidente,
Inda que o Portuges males passaua,
Das perdas co a menor sempre ficaua.

Estaua no castello de Faria
Hum Portuges leal digno de gloria,
Nuno Gonçaluez he que residia
Nelle, como ficou por clara historia.
E vendo que o Sarmiento ja vencia:
Inda que era sangrenta a sua victoria,
O castello deixando a bom recado,
Entre os seus caualleiros vem armado.

Com colerica furia entra ferindo
Os que ja vencedores se mostrauão,
Mas aquelles o encontro resistindo:
O pequeno esquadrão desbaratauão:
O Capitão fortissimo sentindo
Que as forças ao cauallo ja faltauão,

Querendo sustentarse cae em peso,
E foi dos Castelhanos logo preso.

Assi passou aquelle triste dia
De varios pensamentos auexado,
Dura aflição: & intrinseca agonia
O tem posto em tristissimo cuidado.
Imagina que o filho entregaria
Por ventura o castello encomendado,
Se diante dos seus olhos o leuassem,
E com morte ou tormentos o ameaçassem.

E co este trabalhado pensamento
Nunca o peito afligido assossegou,
Sentindo dentro nalma tal tormento,
Que pouco em toda a noite repousou.
E com dissimulado fingimento:
Tanto que o Sol a terra alumiou:
Diz ao hespanhol Sarmiento que o mandasse
Pera ao filho dizer que se entregasse.

De tal caso o Sarmiento muy contente
O manda leuar logo a bom recado:
De muita bem armada, & forte gente
Vai o Capitão preso rodeado
Com passo accellerado, & diligente
Ao conhecido muro ja chegado

Chama o filho, & em voz alta lhe disse
Porque o hespanhol imigo bem o ouuisse.

Ia sabeis filho meu como jurei
A el Rey nosso senhor com grão firmeza
E a omenage, & fé sincera lhe dei,
De guardar esta sua fortalleza.
O acontecido mal não sospeitei,
Em que agora me vejo em tal baixeza,
Nas mãos de meus imigos vencedores,
Por terem mór poder, forças mayores.

Por benção paternal filho vos mando,
Que o castello del Rey o defendais,
Nenhum pacto sobre isto aqui aceitando:
Mas antes o inimigo resistais.
Ainda que do feroz contrario bando
Aqui fazer pedaços me vejais,
Estai firme, constante, estai seguro
Que menos he morrer que ser perjuro.

A el Rey de Portugal nosso senhor
O entregareis, & a quem elle mandar,
Não vos moua de mim piedade, ou amor.
Nem tormentos que aqui me vejais dar.
Passarei leuemente a morte & a dor:
Pois immortal a fama ha de ficar,

Guardai minha omenage prometida
Que eu quero,& estimo mais, que a propria vida.

Estas palauras dignas de memoria
Disse,& dos Castelhanos foi ferido,
Alcançando hũa illustre,alta victoria:
Cae morto o prisioneiro,não rendido.
Coroa de louuor,de fama,& gloria,
Ganhou,ficando o corpo alli estendido,
E hum nome heroico ao mundo eternamente
Ficará de hum varão tão excellente.

O jo uen Lusitano se recrea
De ver,& de saber taes antigualhas,
E dentro do leal peito se alegraua
Vendo que em Portugal era nacido.
Mostralhe em outra parte a populosa
Cidade antigamente pello Grego
Eloquente,& facundo fabricada,
Começada a cercar de grosso muro.
O seluatico campo agro,& brauio
Com curuo arado ja se cultiuaua,
E as terras antes liures,ja seguião
(Deixandose plantar) vontade alhea.
Estaua mais abaixo aquelle insigne,
Inuenciuel varão por cujo esforço,
E prudente conselho o Lusitano

Reino,foi de Castella separado.
O grão Nuno Aluarez era este que digo
Valente Portuges que alli com destra
Rara,engenhosa mão em varias partes
Armado,pelejando está esculpido.
Grande furia mostraua reuoluendo
O soberbo cauallo entre grão copia
De Castelhanos,& elle sò com braço
Valeroso,& potente offende a todos.
Grande artificio quis mostrar o sabio,
Grande,& sutil engenho em pintar este
Tão valeroso Conde entre os imigos.
Caido por faltar força ao cauallo
Que de muitas lançadas não podendo
Sosterse,se rendeo tendo debaixo
O forte Capitão que alli vio clara:
Manifesta,& euidente a certa morte.
Mostraualhe o varão de ordés sagradas,
Que o socorreo com animo em tal risco
E mais auante hum pouco ja vencidos
Por pura força vão seus aduersarios.
Mostralhe elRey Dom Ioão,q̃ alcãçou nome
De louuada memoria justamente,
De luminosas armas todo armado,
Dando mostras de grandes,& altos feitos.
Do Conde atreiçoado alli se mostra
A merecida morte,& da mais alta

 Torre,

Torre, do principal templo deitado
Pello delgado ar, o Hespanhol Bispo.
Mostralhe na ribeira grão reuolta
De galles Castelhanas que acometem
Com força as Portugesas, deste assalto
Tão repentino, pouco preuenidas.
No meyo da braueza, & furia horribel:
Do impeto mortal hum varão forte
Lhe mostra tinto em sangue, reuoluendo
Encendido em furor, hũa larga espada.
Na galle onde estaua este esforçado
Insigne Portuges ja dos imigos,
Não ha braços, nem golpes que resistão
Os golpes dos robustos, duros braços.
O generoso Sà saber deseja
O nome do varão inexpugnauel,
O sabio prudentissimo com ledo,
Apraziuel sembrante lho declara.

Ioão Rodriges de Sà era chamado
(Daquelle decendeis que he tão famoso)
Hum coração & hum animo arriscado
Està no peito illustre, & valeroso.
Era no mor perigo mais ousado,
Na mor afronta, & medo, mais furioso,
Fortissimo nas armas, & em destreza
O fez auantajado a natureza.

Nau

Nas guerras que o grão Rey da boa memoria
Teue ja com Castella no tempo antigo,
Castelhanas galles vem com victoria
Por fazer nojo, & mal ao Reino imigo.
A vantage que trazem he notoria:
Notorio o Portuges certo perigo
Pois vem de munições & gente armadas,
Estando as Portugezas descuidadas.

Com raiua & com furor mortal inuistem
As que pera defensa não tem gente,
E com impeto & força entrar insistem:
Achando a conjunção tão conueniente.
Os poucos Portugeses bem resistem,
Bem mostrão ser nação fera & valente,
Mas os muitos, & armados ja vencião
Os poucos, & sem armas que morrião.

Do concauo metal ja soa o grito,
E aquella voz aguda penetrante
Ia da gente vem numero infinito
Acodindo ao rebate ao mesmo instante.
O que tem generoso & alto sprito,
A morte desprezando està diante,
E o que da vida mais, que da honra gosto
Mostra, detras està com mortal rosto.

A grita as altas nuues vai rompendo
No ar forma diuersos appellidos,
No mar se ouue hum rumor, & estrõdo horrẽdo
No muro molheris gritos carpidos.
Muitas almas á Estigie vão descendo,
Cujos corpos alli ficão sumidos
Nas ondas, que do sangue ja escumoso
Mostrão triste espectaculo piadoso.

Por espadas, por lanças vem passando
O bellicoso Sà com peito ardente
E à ribeira do mar chega ja quando
Mais cuberta se ve da vulgar gente.
Ora estes, ora aquelles apartando,
Passa o varão nas armas eminente,
Com aspero sembrante & rosto enfiado
Nũa galle rendida salta ousado.

Entrando o forte braço alto leuanta:
Quando o abaixa he por mal dos que alcançaua.
Hũs mata alli, outros fere, outros espanta,
Outros nas altas ondas os lançaua.
Assi a todos desmaya, assi os quebranta,
Assi com tal furor os axoraua,
Que por onde quer hir praça lhe fazem,
Por cima vai dos mortos que alli jazem.

Como faminto lobo carniceiro
Que em lanoso rebanho se aballança:
Onde fero mostrandose, & guerreiro,
Em pouco espaço faz grande matança.
Tal vai o animoso cavalleiro,
Cheo de sangue, o arnes, a espada, & a lança,
Todos lhe dão lugar cada hum procura
Fugir a dura mão, & a espada dura.

Não se contenta disto o Sà famoso,
Mas com destra & muy solta ligeireza
Salta là na contraria, & o forçoso
Braço lhe mostra, & ardida fortaleza.
Qual no corro se vio touro furioso
Bramar de pura raiua, & de braueza,
Com testa carrancuda, & collo alçado,
Do sanguinoso humor todo manchado.

Tal vai o forte Sá delle correndo
Por dezaseis feridas, roxo lago,
Nos medrosos contrarios vai fazendo
Irremediauel mal, & fero estrago.
Aos Castelhanos (ja se arrependendo)
Tal dia se mostrou ser aziago,
A ferro muitos mortos, & feridos
Outros muitos nas ondas submergidos.
Viase alli a cidade onde o gouerno

E o mando tinha o Conde abominauel,
Por onde entrou a gente ſarracina
Deſtruindo,& ganhando toda Heſpanha.
Por eſte inclito Rey por força entrada
Com grande eſtrago,& mortes dos imigos
E na principal porta ſobre o muro
Eſtà o feroz fronteiro mòr do Algarue.
Eſte varão fortiſsimo,apertando
Hum Mouro nos robuſtos, fortes braços,
De çima do alto muro,ſolto aos ares
Co elle daua em terra hum duro golpe.
O valente mancebo lhe pergunta
Da pintura que ve a certa hiſtoria,
Reſponde o ſabio antigo,diz attenta,
Veras que excede à quelle forte Alcides.

Aquelle em Portugal antigamente
Ia Vaſqueanes da Coſta foi chamado,
Do corpo,& membros forte,muy valente,
De coração feroz,& animo ouſado
De geração antiga deſcendente,
Fronteiro mòr do Algarue intitulado,
Era tambem,(que nada então lho tira)
Alcaide mòr de Silues,& Tauira.

A eſte dotou à madre natureza
De forças admirau eis,& poſſantes

Tanto,

Tanto, que na mundana redondeza
Nenhum se lhe igualou, despois, nem antes.
A quebrantar qualquer grande dureza,
As fortissimas mãos erão bastantes,
Acompanhado andaua de scudeiros
Nas armas esforçados & guerreiros.

ElRey Dom Ioão primeiro da louuada
Memoria, la em Tauira desterrado
O tinha, porque aquella, que julgada
Por molher se lhe deu com real mandado.
Nunca vista foi mais, nem mais achada,
Olhai que faz hum animo afrontado,
O que do Rey não pode alli vingarse
Quer sem razão á misera tornarse.

Hũs dizem que a escondeo de raiua pura
Por fazer desprazer ao sogro imigo,
Outros dizem que a pos em prisão dura
Em carcere secreto, por castigo.
Outros que lhe deu logo a sepultura,
Desta opinião sou eu, & assi o digo,
Pois escondida, ou presa, ou sepultada
Nunca atègora foi ja mais achada.

O Rey do caso infando pesaroso
Doido do fim triste da innocente

Que inda que foi cuberto, & duuidoſo,
Toda via a verdade eſtaua vrgente.
Manda o Rey neſte caſo criminoſo
(Auenda que foi nelle delinquente)
Que ſe ponha em Tauira como digo
E de alli não ſe ſaya por caſtigo.

Neſta tal conjunção, aqui aportarão
Dous fortes, & animoſos eſtrangeiros
E ante el Rey Dom Ioão ſe apreſentarão
Dizendo ſer de França auentureiros.
Logo juntos os dous deſafiarão
Os ſeus nobres & inſignes caualleiros,
Mas nenhum reſpondeo ao cartel poſto,
Moſtrando diſto el Rey grande deſgoſto.

Hum daquelles que alli eſtaua preſente,
Que Magriço dalcunha ſe chamaua,
Varão forte, & nas armas muy valente
Ao Rey da boa memoria ſe chegaua.
Com animo indignado, & peito ardente,
A colera mouido, & furia braua,
Eſtes de longe os traz, diſſe orgulhoſos,
Nome dos Prtugueſes tão famoſos.

Grande infamia ſeria ſe tornaſſem
Sem leuar a repoſta merecida,

Porque se no mundo isto publicassem
Ficara vossa corte escurecida.
Pareceme senhor bem que leuassem
O pago da demanda assi atreuida,
E não se vão gabando dentro a França,
Dizendo que tememos a sua lança.

Mandai senhor chamar com breuidade
Esse fronteiro mòr que desterrado
La em Tauira està, cuja bondade,
Cujo valor nas armas he estremado.
Que sabendo do caso a qualidade
Virà, & este cartel serà aceitado,
Eu serei o segundo sem referta,
Que a victoria co elle tenho certa.

O conselho aceitou o Rey prudente
Faz ao fronteiro mòr saber o estado
Em que fica o seu Reino alli ao presente
Pellos varões fortissimos reptado
Que não tarde mas venha em continente,
Que espera ser por elle remediado,
Ao caminho se pos, & em breue espaço
A Portugal chegado, entra no paço.

Vindo diante do Rey os que trazião
Tal demanda, outra vez a propuserão,

Mas do varão insigne ja sabião
As forças, de que espanto receberão.
Em secreto ambos ja se arrependião,
Pouco espaço suspensos estiuerão,
Que aquelle em quem Magriço diz, confio
A elles chegando aceita o desafio.

Grande rumor se ouuio naquella gente
Despois que o desafio se aceitou,
Hum murmureo confuso differente
Pello concauo tecto resonou.
Mas logo em alta voz o Rey potente
A gente aluoroçada aßossegou,
Voltandose ao fronteiro mòr dizendo,
O que ficarão todos entendendo.

Corte em que tal varão custuma acharse
Que em preço, & alta fama aßi a enriquece,
Sempre Corte Real deue chamarse
Pois com tão justas causas o merece.
E pois que sò por vôs pode affirmarse
Que meu estado & Corte se ennobrece,
Fique Corte Real voßo appellido,
Pera que tal valor seja sabido.

Quando este forte Rey Cepta tomou,
Este varão illustre foi primeiro

Que a pura força o alto muro entrou,
Das naos saltando em terra o derradeiro.
Hum Mouro valentißimo encontrou
Escolhido entre mil por mais guerreiro,
Que o braço, & largo alfange leuantado,
O acomete com furia, & denodado.

Mas o Corte Real nada se espanta
Que outros mores perigos ja passara,
Cerra co elle ao tempo que leuanta
O golpe que hum penedo espedaçara.
Cuida o Mouro fendelo atè a garganta,
Mas o misero nisto se enganara,
Porque do Portuges famoso & forte
Recebeo improuisa triste morte.

Fica nos fortes braços enredado
Com força tal que o Mouro quasi espira
E o corpo todo em peso leuantado,
Cabeça a baixo, os pès altos lhe vira.
Ia pellos ares vai precipitado,
E aquell' alma indignada ardendo em ira
No abismo vai arder negro, & profundo
Saudoso das dillicias deste mundo.

Muito folgou de ouuir o Sà famoso
Aquella historia antiga, & illustre alcunha

Tornou de nouo a ver os fortes membros
Do robusto varão tão digno de honra.
Mostroulhe logo abaixo a ciuel guerra
Do Rey mancebo contra o sogro insigne
Que sendo nella morto, ao conjurado
Abranchez, fez morrer no proprio dia.
Mais abaixo lhe mostra aquelle inuicto,
Bellicoso, & alto Principe, no campo
De Touro onde esperando està tres dias
Ficando vencedor, & victorioso.
Bem mostra alli o sabio hũ raro engenho
Pintando ao viuo as festas memoradas
Pellas vodas Reaes daquelle Afonso
Bellissimo, mas falto de ventura.
Alli o veloz cauallo na carreira
Voando a toda furia entristicia
O ledo Reino com desastre horrendo
Era cousa admirauel ver na terra
O ligeiro animal caido, & morto,
E o Principe nas maõs da sorte aduersa:
Cortada antes de tempo a doce vida.
Pintou alli o Real bello mancebo,
Em pobre casa, & cama recolhido,
E a lastimada mãy co a triste esposa
Co a grande toruação de si esquecidas.
Com passo acelerado ambas leuadas
De grande dor, & amor quasi defunctas

Se apreſſauão por ver aquelles olhos,
Que ja nadando em morte, a luz perdião.
O grande Emmanuel Rey poderoſo
Eſtaua mais abaixo retratado,
Cujo ſeuero aſpecto bem moſtraua
Hum coração grandioſo hum nobre zelo.
Aos pés eſtaua deſte o grande Oceano
Com procelloſas, brauas, & altas ondas
Por onde mil Delphins nadando alçauão
Hũa ſalgada, leue, branca eſcuma.
Suas naos alteroſas vão rompendo
O turbulento mar com vella inchada:
Paſſando varios climas deſcubrindo
Riquiſsimas regiões a nòs remotas.
Do grão Conde Almirante alli moſtraua
Em tão prolixa viage o viuo esforço,
O prudente gouerno, as perigoſas
Sangrentas, & crueis, duras batalhas.
O terceiro Dom Ioão Rey amoroſo
Muy catholico, affabel, & clemente
Lhe moſtra em outra parte & parecia
De inclinação piadoſa no ſembrante.
Ao natural eſtauão retratados
Os eſpantoſos cercos, os ſangrentos
Perigoſos combates, os incendios
Mortiferos, horribeis, & medonhos.
Que os ſeus capitães ſempre vencedores

Com animo inuenciuel reſiſtirão,
Auendo dos imigos la no Oriente
Grandes Tropheos, deſpojos & victorias.
Viaſe alli a figura horrida, & fera
Da furibunda morte, que aſſeſtaua,
O nociuo, & cruel arco ſem tempo,
A hum Principe julgado por diuino.
Viaõſe os ſeus fermoſos claros olhos
Cubertos de hũa eſcura, mortal ſombra:
O alegriſsimo roſto traſpaſſado.
Os altos penſamentos ja vencidos.
Moſtrauaſe tambem gente infinita
Com ſinaes, & apparencias de triſteza
Com ſentimento vero, não fingido
Polla perpetua, dura, & triſte abſencia.
Moſtra hum ceruleo mar todo cuberto
De Luſitanas Naos altas, & fortes,
As brancas vellas todas infunadas
Com freſco aſſopro vão rõpẽdo as ondas.
Todas moſtrão bandeiras, todas moſtrão
Paueſes de pintura leda, & varia,
Em todas apparecem fortes peças
De groſſa impetuoſa artilharia
Vão todas atteſtadas de ſoberbas,
Valentes & animoſas companhias.
Da bellicoſa Armada he Capitaina
Hũa velox galle Real, & inſigne,

De lustrosos mancebos arrayada;
De feros corações & galhardia,
Hum coro de bellissimas Nereydas
Aleuauão polla via mais segura,
Guiaua esta grão Frota esse robusto
Nepthuno, o grão Tridente sacudindo,
E os ferozes cauallos, reuoluendo
O brauo mar, mostrauão branca escuma.
O nobre Sà deseja ver da empresa
Tão bellicosa o fim triste ou felice,
Pergunta em que parou cousa tão forte,
E aos olhos, com razão, tão inuenciuel
Esse anciano varão com tristes olhos
Com dor & pena intrinseca suspira,
E apos hum grande espaço que alli esteue
Suspenso em taes palauras solta a lingua.

CANTO
DECIMO QVARTO.

Neste Canto continua o Sabio sua historia começada dos Reys de Portugal contando a jornada que el Rey Dom Sebastião fez a Africa, em que se perdeo, fazendo menção da Nobreza que o acompanhou na jornada, & o successo della.

A machina celeste alta, & potente:
Influxo das estrellas espantoso,

Nos mostrão muitas vezes ja presente
O tempo em sombra enuolto, inda espaçoso.
Mostrão por certos pontos juntamente
O bem ou mal futuro, duuidoso,
Inda que em cima disto està a potencia,
Da eterna incomprhensiuel prouidencia.

Que o Planeta inclinar he auariguado,
Mas tal constellação não nos obriga,
Hum liure aluidrio a todos nos he dado,
Que o mal ou bem cada hum escolha, & siga.
Não ha destino cruel nem triste fado,
Não ha fortuna boa, ou sorte amiga,
Que grande erro he dizer no triste effeito
A hũa estrella infelice estou sogeito.

As inclinações varias que mostramos
Não são firmes em nòs, nem são forçosas,
Hũs a materias vis nos abaixamos,
Outros a empresas altas, & famosas.
Outros os latrocinios mais amamos,
Que as obras dignas de honra virtuosas,
Otros seguimos Marte horrido, & fero,
Outros o coração manso & sincero.

Assi que os que o futuro prometemos
Auer de succeder sem ter fallencia

Por

Por occultos segredos que sabemos
E temos d'Astrologia experiencia.
O certo fim a Deos o reseruemos,
E a sua omnipotente prouidencia,
Mas diruos ei da misera jornada,
A conjunção cruel infortunada.

A Portugal virá hum valeroso
Rey de animo constante, & peito ardente:
Indomito, guerreiro bellicoso,
Muy liberal magnanimo, & clemente.
De emprender altos feitos desejoso,
Ajuntara hum exercito potente,
E naquella tão grande & forte armada
Irà ver de Athallante a fronte alçada.

As fraldas pisarà do grande Oceano,
Naquella naual turba irà direito
Onde esse ferox pouo Mauritano
O aguardará com pacto contrafeito.
E cuidando fazer notauel dano,
Serâ seu Arrayal todo desfeito
Da multidão de Barbaros guerreiros,
Que os campos cubrirão, valles & outeiros.

Antes que aquelle infausto, escuro dia
Se mostre a Portugal triste, & odioso,

Hum prodigio infelice prometia
O dano irremediauel pernicioso.
Mostrando o mal de tanta fidalguia,
De tanto peito illustre, & valeroso,
Hum horrido cometa, que girando,
Grandes males irà pronosticando.

Pouca impressão fara no moço ardido
O celeste final em males certo,
Nem claro se entender, que vay perdido:
Sem conselho buscar, o Mouro experto.
Nem montará ver Iupiter caido:
Saturno leuantado, & vir ja perto
O golpe tão cruel da Parca dura,
Que a Lusitana luz fara escura.

Nada aproueitarà para que impida
O que està no alto ceo determinado,
Verse ha na triste misera partida
Hum rosto & outro rosto demudado.
Adeuinhando o fim de tanta vida
Vendo o temido termo ja chegado,
Os trajos leuarão ricos custosos,
Tristes os corações, & receosos.

Aquelle juuenil Rey valeroso
De adulação notoria aconselhado,

O caso

O caſo emprenderà tão duuidoſo:
Com forte peito pouco exprimentado.
De hu'alta heroyca fama cubiçoſo:
De esforçados varões acompanhado,
Pollas ondas a remo, & vella inchada
Verà em breue a coſta deſejada.

Como perſeguirei a fera hiſtoria
Sem lagrimas, ſem dor, & ſem triſteza?
Ao mundo ficarà viua a memoria
Da perdição de tanta & tal nobreza.
Verſe á de Portugal a illuſtre gloria
Com deſeſtrada volta, em grão baixeza,
Não por falta de peitos bellicoſos
Mas por culpa de algũs ambicioſos.

Que mal aconſelhando ſe enriquecem,
Se mal quer ſer o Rey aconſelhado,
Os maos intentos destes perualecem,
E o que falla verdade he reprouado.
Fazem crer, que o geral bem appetecem,
E o ſeu particular he reſpeytado,
Coſtume antigo em Reys, que ſempre aceitão
Quem lhe ſabe mentir, verdade engeitão.

Não vedes bom ſeñor, que tomão terra?
A preſſa, & a reuolta dos armados?

Vedes foſſos abrir, onde ſe encerra
Tão forte artilharia, & taes ſoldados?
Hay infelice, hay triſte, hay dura guerra
Onde aſsi forão todos deſtorçados,
E a flor de Luſitania alli piſada,
Que em todas as naçõens era exalçada.

Aſsi no ceo eſtá determinado
Por hum juizio altiſsimo eſcondido,
Chamãolhe os rudos eſtrella, ou fado,
Sorte, ou deſtino miſero influido.
Mas Deos he o que nos poem no ledo eſtado,
Nos abate tambem no auorrecido,
Como quer a ſua alta prouidencia,
Que nelle eſtà o ſaber, nelle a potencia.

Eylos vão por aquelles eſtendidos
Campos correndo tão deſordenados,
Olhai quão pouco eſtá de ſer vencidos.
Sem ſaber donde vão deſatinados.
Hũs vão de todo ja quaſi rendidos
A moleſtia dos rayos inflammados,
Outros co a grande furia arrebentando
Cauallos, elles ficão deſcanſando.

Olhai que faz a pouca experiencia,
Olhai que faz hum animo furioſo,

Vede o que faz a indocta adolescencia,
Sem prudente conselho proueitoso.
Se ouuera neste dia resistencia
No fugetiuo numero medroso,
A tenção bellicosa fenecera,
E tanto mal despois não succedera.

Poderse ha bem julgar naquelle dia
Com justa razão ser temeridade,
Não forte coração, não valentia,
Mas hũa cega, & solta mocidade.
Será tal desarranjo, certa via
Da ruina & geral calamidade,
Que a pos isto vira & a dura sorte
Que a tantos dara fera, & triste morte.

Pois neste dia vistes a figura
Vede Señor tambem o figurado.
Olhai a multidão dos que a escriptura,
E do Alchorão o preceito tem guardado
Olhai destoutra parte a fermosura
Do Lusitano exercito esforçado,
Tanto menor em numero que espanta
Em tal desigualdade força tanta.

Dezoito mil se mostrão baptizados,
Que a bandeira de Christo vão seguindo,

Paſsão de oitenta mil os que gerados
D'Iſmael, quaſi o mundo vão cubrindo.
Olhai os fortes braços leuantados
Com as mociças lanças vão brandindo
Olhai os Albornozes de mil cores,
E os cauallos de caſta corredores.

Bem vedes vinte mil Eſcopeteiros,
A cauallo mortal damno fazendo?
Todos ferozes, deſtros, & guerreiros,
De Granada os mais delles deſcendendo.
Eſtes ſaõ principaes, ſerão primeiros,
Que os voſſos Eſquadrões acometendo,
Tal eſtrago farão que num momento
Alli os vereis cair a cento, a cento.

Olhai o Portuges Rey animoſo
De juuenil idade floreſcente,
Que nada alli ſe moſtra receoſo,
Da grande multidão da maura gente.
Mas com ſembrante alegre deſejoſo
De romper o inimigo tão potente,
Mil, & trezentos logo alli reparte
Que ſeguem o Real ſacro eſtandarte.

De nobre geração de tronco antigo
Serão deſtes quinhentos produzidos,

Attentai bom Señor, o que vos digo,
Que os pronosticos meus vereis compridos,
A cauallo vão todos, & o perigo
Mayor terão por serem escolhidos,
Que onde ha illustre sangue, onde ha nobreza
Ha suffrimento: audacia, & fortaleza.

Vedes Tudescos? vedes Italianos?
Vedes dos Alemães o feroz bando?
Olhai os animosos Castelhanos,
Cuja bandeira o vento està ondeando.
Olhai esses valentes Lusitanos
Que preço, & que valor estão mostrando,
Logo vereis de todos a fortuna
Desestrada, infelice, cruel, ebruna.

Não vedes o Esquadrão de auentureiros
Mancebos, fortes, destros, & animosos?
De corações altiuos, & guerreiros,
Todos de alto valor & bellicosos.
Olhai como arremetem dos primeiros
E como vão correndo impetuosos,
Mas olhai como he roto o Esquadrão forte
De Barbaros crueis de iniqua sorte.

Olhai señor vereis hum moço ousado
Que na prima filleira vay furioso

Com ſembrante feroz determinado,
Cuberto de aço o peito valeroſo.
O que o braço direito leuantado
Leua por dar fero golpe & forçoſo,
Apertando no punho a dura eſpada
De ruiuo ſangue ja toda manchada.

Dos Corte Reaes inſignes deſcendente,
Da illuſtre caſa he vnico herdeiro
Por linha recta vem deſſe valente
Do Reyno dos Algarues mòr Fronteiro.
Ah? mancebo orgulhoſo impaciente,
Como vas apreſſado ao derradeiro
Termo, da floreſcente doce vida,
Que com juſta razão te era deuida.

Olhai vereis a roda que em grandeza
Occupa o monte, o valle, o campo, & a ſerra,
Olhai dos Portugueſes a nobreza,
Como enredada, & preſa alli ſe encerra.
Olhai dos corações a fortaleza,
Olhai que ſe começa a dura guerra,
Olhai o negro fumo ja aſſombrando
O ar, & o viuo fogo rutilando.

Vedes ſeñor o grão Duque d'Aueiro
Que picando o cauallo, ſe aballança?

Olhai, & veloeis ser o primeiro
Que se cobre do escudo, & enresta a lança.
O Duque, ó valleroso caualleiro,
Sò no alto ceo teras a confiança
Pois entre tanto ferro açacallado
Assi vas a morrer determinado.

Aquelles que acompanhão vão ferindo
A turba Mauritana innumerauel
E todos em tropel o vão seguindo
Dando em particular golpe notauel.
Os Mouros com furor sobre elles vindo
Estrago fazem triste, & miserauel
Hay, hay, caso cruel, hay sorte escura,
Quão firme he o mal, o bem quão pouco dura.

Vedes o forte Rey que vai correndo
Em alta voz, a todos esforçando:
E em colerica furia o peito ardendo
Entre todos se vai assinalando.
Olhai acubertados ja rompendo
A espessa multidão do fero bando,
E como cada hum delles insiste
Mandar o seu contrario ao Reino triste.

Castellos brancos vão alli esforçados,
Vão Siluas, vão Monizes tão antigos

Vão Sousas, Eças, Mellos ja prouados
Em casos arriscados, & em perigos.
Os Barretos, & os limas afamados
Vão contra a multidão dos inimigos.
Qual fuluido leão salta bramando
Quando a ganchosa Rès vay alcançando.

Vão Noronhas, vão Sàs fortes guerreiros
De alto preço, valor, & valentia,
Alboquerques tambem são os primeiros,
Que dos corações mostrão a ousadia.
Os Mouras, que procedem de estrangeros
Britanos, alli vão em companhia
Dos Tauoras, que então terão diante
A estrella, amiga, clara, & rutilante.

Vão carualhos, Abranchez, vão Peçanhas,
Vão Portugaes, & Faros, vão pereiras,
Vão Britos, Vasconcelos, & saldanhas,
Vão Mendonças, vão Gamas, & syllueiras.
Almadas, Mazcarenhas, & Mendanhas,
Todos a estradiota, armas ligeiras,
Vão Camaras, vão Lobos, & vão Castros,
Vão Enriquez, vão cunhas, & lançastros.

Telez, Botelhos, Costas, vão armados
Espaldares, & peitos de aço puro,

Pantojas

Pantojas, & os Almeidas esforçados,
Telos illustres de animo seguro:
Tambem Coutinhos vão determinados
Romper não so os imigos mas hum muro
Fortissimo, que achassem romperião,
E a pura força adiante passarião.

Os veigas vão alli, & os esforçados
Rolins, illustre nome ao tempo antigo,
Athahides, cabraes, & os arriscados
Tauares, postos sempre ao mòr perigo.
Sepuluedas, Correas, conjurados
Vão todos de afrontarse co inimigo,
Alli tambem se mostrão dos primeiros,
Os Mezquitas, valentes caualleiros.

Olhai Señor, & vede a companhia
Onde vão trinta illustres Caualleiros
Em quem alto valor resplandecia,
E todos mostrão ser fortes guerreiros.
Do alto appellido são, que descendia
Na rica Hespanha, la dos Reys primeiros,
Da Princesa que foy do pay achada
Comendo num casal a mal assada.

Sempre os deste appellido bem mostrarão
A Real estirpe donde procedião,

E côm feitos heroicos illustrarão
Hũa fama immortal que pretendião.
Grandes & altas victorias alcançarão
De Meneses ouuir, Mouros tremião,
Mas a fortuna aduersa, de subidos
Nas nuues volos mostra alli caidos.

Vede o que na reuolta perigosa
Em sangue tinto, vai lugar fazendo,
Com forte braço, a espada rigurosa
Com destreza, & com força reuoluendo.
Indo co aquella furia impetuosa:
No campo ve hum amigo ja morrendo,
Desprezando o perigo, & mortal risco
Ligeiro salta em terra Dom Francisco.

Que assi o varão insigne se chamaua
De Meneses aquelle tão valente,
Iunto do que no termo vltimo estaua,
Se assenta & mostra hum animo clemente
Com palauras Christãas o consolaua
No funesto, mortal, duro accidente.
Mas aquelle espirando em tal officio,
Ingrato se mostrou ao beneficio.

Entre elles vede os dous de fresca idade
Aos quaes hum juuenil vello cobria

Os bellos rostos vistes tal bondade?
Tal preço, tal valor, tal valentia?
Vede Señor a grão ferocidade,
Com que acomete hum, outro seguia
A espessa multidão ambos rompendo,
Ambos estrago tal nella fazendo.

Daquelle Dom Francisco bellicoso
Hum delles filho he justo, & deuido,
Moço cortes affabel gracioso,
De fero coração, & animo ardido.
De Dom Duarte o outro valeroso,
De Meneses tambem he o appellido,
Rigurosa, & cruel Parca, onde achaste
Razão, porque taes flores nos cortaste.

Por vltimo remate da futura
Diuina permissão, quero mostrarte
Hum mancebo em que vejas fermosura,
De Adonis, coração do fero Marte.
Animo altiuo, ornado com brandura,
Hum valor conhecido em toda parte,
Forte lança, & espada, forte peito,
Todo num juuenil, brando sogeito.

De Portugal Dom Ioão será chamado,
De antiga, & real prosapia descendido,

Bem ves que está de Mouros rodeado,
E alli de todos elles perseguido.
Bem resiste com animo esforçado,
Mas ah Señor que o vemos ja caido,
Sangrento, & traspassado o peito forte,
E os olhos ja nadando em triste morte.

O outro que alli ves na reuoltosa
Pressa, o furor dos Mouros resistindo
E com viua ousadia valerosa:
A dura espada aqui & alli esgrimindo.
Da turba Mauritana impetuosa
Hũas vezes ferido, outras ferindo,
A os que alcança ja mostra o braço cheo
De quente sangue seu, de frio albeo.

Dom Henrique se chama, & juntamente
De Portugal mancebo assaz prezado
De todos em geral, & alli ao presente.
Mostra ser de alto sangue diriuado.
Ambos estes são filhos do prudente
Dom Manoel com razão tão celebrado,
Digo aquelle a quem Marte deu sua espada,
E o sabio Apollo a vea mais delgada.

Dous filhos como flores escolhidos:
Este raro varão nos deu viuendo,

Hum quando os Mouros vio mais atreuidos,
E a peleja em mór força, & furia ardendo.
Com animo & espritos não vencidos:
A voz & o rosto vira a el Rey dizendo
Volta, volta Señor com força entremos:
Que Deos temos por nós nestes estremos.

Volue a redea ao cauallo ja cansado
Aperta a sela, a espora o auiuando,
Enresta a lança, & entra denodado
Onde o mayor perigo está notando.
Foy logo de mil braços encontrado:
Hũa tão illustre alma libertando,
Alegre, & vencedora entra na gloria,
Ficando ca seu nome por memoria.

De lagrimas os olhos arasados
A voz hum pouco escura, embaraçada,
O Sabio diz de peitos tão honrados
A fama ficará perpetuada.
Que em branda lira, & doce voz cantados
(Seus feitos dignos de honra auantajada)
Serão, & Apollo a Sabia fronte ornando
De lauro honrará o pay tão venerando.

Ribeiros, & Farias que no antigo
Tempo, ja forão tanto bellicosos

E os fortes Corte Reaes que no perigo
Mayor, se mostrão mais sempre animosos.
Para que à narração infausta sigo?
Eu para que vos mostro os valerosos
Peitos, onde está tanta fortaleza,
Pois tudo ha de ser dor, tudo tristeza.

Vedes o Real guião que vai diante
Daquelle juuenil Rey bellicoso?
E nada tem poder, nada he bastante
A impedir o que o leua tão furioso.
Olhai o coração brauo & constante:
Olhai o peito altiuo, & valeroso
De hum moço cuja idade não sofria
Mostrar tal preço, & tanta valentia.

Vedes a roxa vea que correndo
Das feridas, o vay mais illustrando?
Como se vay â morte affrecendo:
Mais a honra, que a vida procurando?
O cauallo furioso vay correndo:
O branco guião nos ares tremolando,
Nos fortissimos braços apertado:
Com sembrante seguro & confiado.

Tera dos Reaes Meneses o appellido,
Tambem de altos Mendonças deriuado,

De Melos, & vilhenas procedido,
De generoso peito, & animo honrado
Alli lhe vejo o fim não merecido,
Mas ficará seu nome eternizado
E em quanto o veloz tempo vay rodando
Seu nome a fama irâ sempre exalçando.

Olhai como detras delle seguindo
O vay o Rey, & os seus fortes guerreiros;
E com pesados golpes vão ferindo
Os Mauritanos destros caualleyros.
Olhai a multidão que vem cobrindo
Os largos campos valles, & os outeiros,
E como a densa nuue alli descarga
O ardente chumbo, & salitrada carga.

Quero mostrarte hum feito glorioso
Que assombra, & espanta delle a qualidade,
Olha veras hum principe fermoso,
De grande estado, & alta magestade.
Bem se lhe enxerga hum peito valeroso
Em annos pueris, & tenra idade
De virtudes heroicas adornado,
De todos com razão muy respeitado.

Em Portugal he Duque de Bargança,
Apos el Rey segundo em preheminencia

Em pouca idade muita confiança,
Muito valor em pouca experiencia.
Ia por seu Rey então enresta a lança
Co mais ousado, & forte em competencia
Não tendo inda doze annos bem perfeitos,
Emprende ja famosos & altos feitos.

No conflicto cruel mortal, & horrendo
Está o Real, fermoso, tenro Iffante
Gritas ouuindo, tristes mortes vendo
E a sua tambem ve pouco distante.
Quanto mais os perigos vão crecendo
Tanto o coração mostra mais constante,
Não com tenro, pueril, fraco sogeito
Mas com robusto, heroico, & forte peito.

Do talamo felice foy nacido
Do grão Duque Ioão, & d'alta Catherina,
Pollo castro doctissimo instruido
Em sabia, sancta, & honesta disciplina.
O Principe mais alto & mais valido
Que o grande Macedonio, a quem doctrina
Desse Aristotiles fez auantajado,
E entre os gentios Reys tão afamado.

Mais louuor se te deue pois tiueste
Hum præceptor tão raro, & docto em tudo,

E em teus ditosos annos aprendeste
De hum varão tão modesto, & tão sesudo.
Consente insigne Castro (pois que deste
Força a meu debil verso grosso & rudo)
Na minha baixa lira mal tocada
Ser tua alta virtude celebrada.

O que ves (diz o sabio) alto & membrudo
O do peito, & espaldar de ouro grauado,
Que enresta a lança, & passa o forte escudo
Ao Mouro do Albornoz verde broslado,
E co a moçiça lança o deixa mudo
Estendido no campo ensanguentado
Onde co a fera morte ja lutando
Manda ao profundo abismo a alma gritando.

Dom Ioão de castro he em cujo peito
O coro das virtudes resplandece,
De honrada opinião de alto respeito.
Onde grande prudencia se conhece.
Com tal brandura & ser com tal sogeito
A Lusitana patria se ennobrece
Pelejando alli foy catiuo, & preso
Estando a cruel batalha no mòr peso.

E o que â destra parte ves cahido
De grossas, tesas lanças encontrado,

E logo junto delle alli estendido
Hum grão cauallo ruço acubertado,
Dos antigos Britanos descendido
Dom Frncisco de Moura era chamado
Chorem Bellona & Marte juntamente
A morte de hum mancebo tão valente.

Chorem tambem do Tejo cristalino
As Nymphas, de tal dor sempre queixosas,
E nas crespas cabeças de ouro fino.
Tragão limos escuros, ja não rosas
Por este que as honraua de contino:
Ficando mais illustres mais fermosas
Na sua branda lira, & doce canto,
Que a todas as que ao mundo poem espanto.

Para que me detenho nesta historia
E vos canso co a misera pintura,
Que em fim vereis dos Mouros a victoria
Vereis de Portugal a desuentura.
Todo seu resplandor, a fama, & gloria,
Que teue com razão na mòr altura,
Abatida, será vituperada,
E com geral oprobrio desprezada.

Ora vede Señor (isto dizendo
Os olhos a outra parte ja viraua)

A funesta visão do caso horrendo
Que o sangue nas entranhas congelaua.
Vede hum campo por onde vão correndo
Mil arroyos de sangue que mostraua
Grande copia de corpos estendidos
Pollas crecidas heruas escondidos.

Outros vereis que se andão rebolcando
Naquelle humor sangrento negro & frio,
Os cauallos, & os homens hir tombando
Pollas ondas de hum alto & fundo Rio.
Olhai que se vão todos afogando
Olhai, & não vereis lugar vazio
Onde sobre os ja mortos Caualleiros
Não gritem negros coruos carniceiros.

Vão homens, vão cauallos submergidos
Por baixo da corrente impetuosa
Cauallos, & homens ficão estendidos
Na campanha funesta sanguinhosa.
Vede illustres varões todos cahidos,
E a sua descendencia valerosa
Entre canalha vil degenerada
Sem differença algũa alli abraçada.

Vede os confusos montes dos defunctos
No mundo vede que tudo he possiuel,

Os vulgares, & os nobres vereis juntos
Com estrago espantoso, & mal terribel.
Neste dia cruel vereis trasuntos
Desta vida mortal ô caso horribel,
Que o pobre, o rico, o fraco, & que he mais forte
São todos em geral iguaes na morte.

Vede o veo tenebroso, & nuue escura
Que assombra, & cobre a Lusitana terra,
Vede a pena mortal, & afflição dura
Que em peitos femininos cà se encerra.
Vereis que liberdade se procura
E para o tal remedio o pacto se erra
Não digo de ninguem, mas està visto
A tenção de quem teue a culpa nisto.

Vede catiuos tristes acabando
Em catiueiro duro, & vida estreita,
E o que vay seu remedio procurando
Tão vagaroso estar là dentro em Ceita.
Vede o que pedem hũs, outros negando,
E o que promete o preço, o Mouro o engeita,
Em tanto corre o tempo acaba a vida
Do que esperando, a tem ja consumida.

Não merecião ser assi tratados
Varões tão nobres, fortes, & guerreiros,

Pois os tempos antigos ja paſſados,
Nunca derão de ſi taes Caualleiros.
Podem ſer com razão ſempre louuados
No mundo, podem ſer ſempre os primeiros
Que alcançarão famoſa honrada gloria
E viuos ficão ſempre por memoria.

Porque o deſigual numero afrontado
Da grande multidão da fera gente
De todas partes vendoſe cercado
Perſeguido de todas juntamente.
Cada hum de morrer ja determinado
Moſtra hum valor & animo valente,
Aſsi mil & trezentos pelejando
A oitenta mil irão desbaratando.

Tres vezes a victoria alto gritando
Por lanças & por fogo irão rompendo,
Duros golpes, & encontros irão dando
Com que largo caminho irão fazendo
Mas coruſcante fogo rutilando:
Gotas de chumbo ardente alli chouendo,
A furia impedirão, & a braueza
Da Luſitana illuſtre fortaleza.

Como geral enchente que ſaindo
Do curſo coſtumado na inuernada,

Irão os feros Barbaros cobrindo
A Portugesa gente ja cansada
A permissão do ceo não resistindo
Serà a triste demanda alli acabada
E ainda que vencida a empresa honrosa
Tal gente ficarà victoriosa.

Aqui vistes Señor em este dia
O que se cumprirá como vos digo,
Perderse ha tal, & tanta fidalguia
E todos perdereis hum Rey amigo,
E pois que nada em fim ca se desuia
Do justo, merecido, alto castigo,
Não se mostre nenhum ambicioso,
Muito mais temerario que animoso.

Despois que lhe mostrou tempos tão varios,
Successos tão crueis tantas mudanças,
Virado ao Sà lhe diz ja com sembrante
Hum pouco mais quieto, & menos triste,
Quando o grande Almirãte, o brauo golfo
Rompeo com vela inchada & sorte amiga,
Varias regiões passando achando as vias
Que occultas, & em segredo tinha o mũdo.
Passando aquelle cabo onde as terribeis
Medonhas tempestades saó mais certas
Examinando as costas nunca vistas

Dos antigos paſſados, mais famoſos.
Da furia embrauecida de Vulturno,
E deſſe cruel Noto perſeguido,
Que pollas altas ondas o traziáo,
Ao aluidrio, & querer do tempo incerto.
Surgio nũ porto a donde eu tinha o mãdo:
De hũa nobre cidade alli vizinha,
Reuolueonos a viſta bellicoſa
Das alteroſas Naos, & gente armada,
Com armas nos puſemos em defenſa
Ao impeto, & furor d'artilharia,
Mas o temor, & o medo em pouco eſpaço
Se conuerteo em paz,& em paſto amigo
Aſsi firme ficou, entre nos outros
Hum amor & amizade verdadeira,
Que ſempre durara naquellas partes
A Portugal ſogeitas & rendidas
E como eu me apliquei, & dei a eſtudos
Das rodantes eſtrellas, & altos orbes.
Alcancei que ſeria de inimigos
Entrada com furor a patria minha.
Tambem pollo alto influxo vi o trabalho
Da miſera & cruel calamidade,
Reſtaurado por vos, & que ſeria
Por vos minha cidade libertada,
Vim me ſecretamente, onde aqui viuo
Da maneira que vedes em ſilencio

Con-

Conjunção eſperando em que me veja,
Vingado de quem pode perſeguirme.
A celeſte influencia inda não chega
Que o lento giro o tempo eſtâ eſperando
Em que aqui tornareis não deſta ſorte,
Mas de outra mais alegre, & mais felice.
Dizendo eſtas palabras o acompanha
Com tenro coração, & peito amigo,
Chegão ao Eſquadrão ja quando eſtaua
Por tal auſencia a gente murcha & triſte.
Vaõſe com tal victoria onde aguardando
O ſepulueda eſtá & o Rey por elles,
Recebeos com ſembrante em q̃ ſe enxerga
Do tal ſucceſſo ter grande alegria.
Outra vez os aperta com eſtreito
Rogo ja contumaz, & encarecido,
Que de alli não ſe vão, até que ordene
Deos tempo & conjunção para partirſe,
Que ainda que eſte Rey era gentio
E de nação cruel affabel era,
De tenro coração de hũa alma branda.
Inclinada & mouida â ter piadade.
Doiaſſe de ver a fermoſura
Deſſa illuſtre Lianor, tão mal tratada,
Doiaſſe de ver os ſeus meninos
Com fome ja desfeitos & tão fracos.
Doiaſſe de ver tão valeroſo

Varão aſsi tratado & perſeguido,
E a ſua companhia ouſada & forte
Polla fortuna aduerſa aſsi vencida.
Não ceſſa importunalos, mas vão era
Tal trabalho & o rogo fica inutil,
Que a determinação em que eſtão poſtos
Da diuina vontade dependia.
Deſpois que os Portugeſes do trabalho
Do caminho ſe moſtrão deſcanſados,
Aſſentão de buſcar aquelle Rio
Que de Lourēço Marquez tinha o nome.
Das procelloſas ondas conſtrangido,
E dellas em tal parte arremeſſado,
O ſeu nome lhe pos, tambem lhe fica,
Aguada da boa paz aos nauegantes.
Não ſentem nem conhecē que eſtão nelle
Por carecer de lingua que os auiſe,
Eſte Rio tres grandes braços moſtra
Que juntos nũa foz o mar viſitão.
Neſte primeiro eſtão, onde enxergarão
Hum ſinal conhecido, que lhes moſtra
Que ja naquella parte Portugeſes
Guiados da fortuna, alli ſurgirão.
Que em fim Deos ordenado tem q̃ acabē
Na miſera jornada as triſtes vidas.
Iſto a razão lhes cega, iſto lhes cauſa
Eſcolher o pior & o mais nociuo.

Sete

Sete dias auia que o radioſo
Apollo com lux pura viſitaua
O prudente Chirom, aquelle antigo
Meſtre, do valeroſo Grego Achyles.
Quando d'alli ſe parte o Luſitano
Valente capitão ſeguindo a via
Que o ſeu fado cruel, fero, & terribel,
E a fortuna enuejoſa lhe aparelhão.
Acompanhao el Rey com toda a gente
Que para guerra tem ja limitada,
E com triſte ſembrante ſinaes moſtra
Ter delles grande laſtima, & ſaudade.
Pouco tem caminhado quando chegão
Ao Rio que deſejão mas não ſabem:
Ser aquelle que alli com largo & fundo
Pego, paſſar alem lhes impedia.
O Capitão a el Rey pede lhe mande
Dar portatiles barcos em que paſſe,
Mas como elle deſeja impedir eſta
Partida, quanto pede lhe negaua.
Traças razões lhe dà, & entende o Souſa
Ser a fim de o ter pollo proueito
Que delles pretendia, & vendo atadas
Seis almadias la dentro do Rio.
Noue ſoldados manda que cortando
As priſões & cadeas que as ſogigão,
A borda da Ribeira lhas ajuntem

Para nellas paſſar com ſua companha.
Deſtes tornarão dous, dizem ſer couſa
Trabalhoſa, & difficil de fazerſe,
Mas os outros que la ficarão, tomão
Hum deſtes ſeis bateis ja com malicia.
Reſualando ſe vão no furto infame
Polla manca corrente clara & facil,
E rompendo com ſurdo remo as ondas,
Num momento de alli deſaparecem.
Que o medo, & o deſejo de ſaluarſe
Aſas lhe dão ligeiras com que voão.
E onde cuidão achar remedio achão.
Nas leuantadas ondas, morte dura.
O ſotil barco a clara agua raſgando
Vay do Rio que em voltas o mar buſca,
E o criſtalino pégo, ſem contraſte
O deixa paſſar ſaluo & ſem perigo.
Deſpois que nas inchadas ondas forão
Engolfados ja todos ſe arrependem,
E lembralhes então o mal que vſarão
Deſemparando o ſeu capitão triſte.
Andaua por alli os de Carpathia
Vate pedindo em vão ao ar ſocorro,
As cauernoſas furnas eſpreitando
E as lapas carcomidas & ſombrias.
Sabe que nũa praya os tempos tinhão
A Lianor fim cruel aparelhado,

Não alcançaua a hora & final termo,
Que incerto a todos he o fim futuro.
Não ficauão penedos donde o fluxo
E o refluxo das ondas se rompia
Com rouca & surda voz, & rociados
Se mostrauão de leue branca escuma.
Que do penado amante cem mil vezes
Não fossem rodeados, & cingidos,
Não ficaua enseada que não fosse
Com solicito exame delle vista.
Não ha por alli rocha alcantilada
De asperissima & dura natureza
Que das continuas queixas não se visse
Quasi mostrar hum tenro sentimento.
Hũa pequena praya se deuisa
Ao pé de hum cauernoso alto rochedo,
Toda de branca area toda plana:
Toda de varias conchas guarnecida.
Onde as humildes ondas com voz surda
E tristonho rumor se estão quebrando,
Conhecido lugar & frequentado,
Das Princesas bellissimas marinhas
Aqui mil vezes vem o triste Protheo
Cuidando achar quẽ n'alma traz contino,
Que pois he de fermosas sitio certo
Deuiasse a Lianor com causa justa.
De ganchosos coraes, de ouas marinhas,

Orna aquella ferrenha penedia.
E nas concauas lapas com mil gritos
Chama sempre Lianor mas sem proueito.
Qualquer cousa que assoma lhe parece
Que o seu remedio & bem era ja vindo
Com grande toruação, com sobresalto
Deste enganoso error se certifica.
Vendo de longe o barco infame, a pressa
Com ligeireza o liquido caminho.
Desatinado aferra o sotil barco
Procura de o render, & submergilo
E cuidando que aquella que ja de antes
D'antre as mãos lha leuou a cruel fortuna
Alli fugindo vay poem força immensa,
E nos braços fortisimos estriba,
O fraco batel pende, ja recolhe
Salgada carga, dando a que trazia
Ao profundo do mar onde Nepthuno
Por castigo lhes deu prisão continua.
Vendo Prothèo que em vão fica o intento:
Vendo este cego engano conhecido
E queixoso do tempo & sorte aduersa:
Gemendo, & suspirando se desuia.
Tornase à branca Praya onde assentadas
Acha com ledos rostos quatro Nymphas
Amphitrite Princesa, & Galatea
A gentil Cymodoces, & Arethusa.

As duas apanhando varias conchas,
De hũa dourada cor, ou rubicunda;
As duas o Criſtal & o branco Aljofar
Em delgado cordão de ſeda enfião.
Deſte rico ornamento rodeando
Peitos de branca neue, colos liſos:
Creſpos cabellos de ouro claro moſtrão
Não ſer de humana forma, mas diuina.
Vendo que Protheo traz triſte ſembrante,
Em que afflicção intrinſeca moſtraua,
Lhe dis com graça & riſo Galatea,
Se porfias em vão porque porfias?
Deixa eſſe penſamento que canſado
Te traz, & aqui entre nòs teras aliuio.
O graue varão ſabio, ja não ſabio,
Ia não graue ſe aſſenta mudo & triſte,
Nada ouue do que dizem, nada entende
Tão traſportado eſtaua em ſeus amores.
Prompta a viſta nas ondas & na cauſa
De ſeu graue mal, prompta a fanteſia.
Como aquelle que entregue a hũ doce ſono
Onde apparencias vaãs, & ledas formas
De fantaſticos bés ſe repreſentão.
Com aluoroços falſos & fingidos
Eſtando aſsi enganado eſtá contente
Iſenta de triſtezas a memoria
Suſpenſo fica & triſte quando abertos

Os

Os olhos, da ficção se desengana.
Torna sobre si Protheo, com suspiro
Das entranhas diz falso Amor injusto,
Que reuolta anda ca neste meu peito
Que grande confusaõ nesta alma triste
Que duros sobresaltos, que desordẽs,
Que sospeitas, receyos, que ciumes
Que falsas esperanças, que fadigas,
Que ansia, & afflicção de pensamentos.
Qu'estremos tão diuersos, que batalha,
Que deleitoso mal, que ardor terribel,
Que brandos mouimentos, que cõceptos,
Que suaues, que doces desatinos.
Que pena, que tormento glorioso,
Que vontade constante sempre firme.
Ah, cruel desleal, dize que ganhas?
Que proueito te traz ver me perdido?
Clemencia não se espera de tão falso
Fraudulento Tyranno, duro imigo.
Pouco te falta ja para que fiques
De todo bem vingado & satisfeito.
Com efficacia pede as quatro Nymphas,
Que todas quatro em vozes altas cantem
Hũs versos que compos, ellas mouidas
De piedade & Amor o satisfazem.
A gentil Cymodocẽs toca hũa arpa
Destranha & admirauel consonancia

E com ſuaue voz com brando acento
Ao amoroſo canto dà principio.
Galatéa fermoſa mais perfeita
De todas quatro é corpo, & bellos mẽbros,
De viuos negros olhos, de cabello
Todo em douradas ondas repartido.
Com differentes paſſos ao mudarſe
De hũ ponto, em outro ponto eſtranho, & (nouo
Alli os penedos aſperos rompia.
E em branda cera torna a rocha dura.
Amphytrite, & Aretuſa ambas em arte
Artificioſa iguaes ambas perfeitas,
Deſtriſsimas na muſica, com vozes,
Que hum liure coração farão catiuo.
Os verſos que ſe ſeguem, todas quatro
Com pronunciação clara repitem,
Ditoſo eſte lugar, ditóſa Rocha,
E tu Protheo ditoſo que tal vias.

O duras eſperanças dilatadas,
Promeſſas vãas de Amor, tão mintiroſas,
Ditoſas apparencias de ar formadas,
Goſto paſſado em ſombras enganoſas.
Felices conjunções imaginadas,
Falſas horas alegres venturoſas,
Todas a darme bẽs vos obrigaſtes
E todas tanto mal me procuraſtes.

Apos

A pos voſſos enganos enleuado,
Andei, a té vir ter ao mal preſente,
As voſſas illuſoẽs me tem chegado,
A ſer triſte ſpectaculo antre a gente.
Num penſamento ſolto deſmandado
Quiſeſtes que me viſſe ja contente
O dura condição? ô deſatino,
Que não tenho mais bem que o que imagino.

Bem que procede ſô de penſamento,
Olhai que bem ſerá tão valioſo,
Pois ſe desfaz & acaba num momento,
Quando nelle o julgais por mais ditoſo.
Bem que leuar ſe deixa ao ſotil vento,
Ficando quebrantado & deſgoſtoſo
O animo affligido, olhai pois dura
Tão pouco ſe ſerâ bem ou ventura.

Entre taes accidentes paſſo a vida
Ora em prazeres vãos, ora em triſteza
Ora em branda ficção, falſa, fingida,
Ora em certa, cruel, dura aſpereza.
Hũa vez imagino ja rendida
Hũa alma ond'eſtá viuo odio, & dureza
Imagino remedios a meus danos,
Olhai que taes ſerão pois ſão enganos.

Nesta enganosa triste fantasia
Vejo desfeito em fim meu fundamento,
Então na fria boca, a lingua fria
Me fica sem o vsado mouimento.
Despois vendo a fantastica alegria
Tornada em breue espaço leue vento,
Tremendo fico attonito, & pasmado,
De hũa onda mortal todo assombrado.

Hũa nuue pesada, negra, escura
Cobre este coração, & peito ardente,
Nouo tormento, & pena intensa & dura
Nouo mal, noua dor, nouo accidente.
Me chega de hora, em hora à sepultura
Quando dos falsos bẽs me vejo ausente,
E de todo a esperança ja perdida,
Olhai pois viuo asi, se tenho vida?

A taes termos Amor me tem chegado:
Que se bẽs imagino me entristeço,
Assi me tem de todo trasportado,
Que o mal como remedio lhe agardeço.
Tem me posto em tão triste, & tal estado
Que como cousa odiosa me auorreço,
E no que o vão desejo me pedia
Couardemente sigo a fantesia.

Casos nouos fortuna vay tentando,
Busca mil inuenções para offenderme,
De hum mal em outro mal me foy chegando
A termo em que não posso ja valerme.
Conjurouse co tempo, triumphando
De mim, vem ja señora a soccorrerme,
Verás o cruel tempo hir de vencida
E a fortuna verás ficar corrida.

Tras hum desejo vou sempre medroso:
Por quão caro me custa o desengano,
Vejo o bem para mim difficultoso,
A hum dano socceder, outro mòr dano.
Neste misero estado trabalhoso
Busco para remedio hum falso engano,
O qual despois me deixa quebrantado,
Que em fim cansa o vão gosto imaginado.

As concertadas vozes, resonando
Pollas agras alturas do Rochedo
Nas lapas & aberturas cauernosas
Hum suauissimo som formão diuino.
Tal estaua o Pressago antigo amante
Tão atado a hum profundo pensamento
Que ainda q̃ o Reyno liquido em mil cha
De ardentissimo fogo todo ardera, (mas
Não dera disso fè, tão trasportado

Estaua

Eſtaua que eſte bem quaſi não ſente,
Nem lhe lembraua mais q̃ aquelles olhos
Onde achou fermoſura dor, & engano.
Em largo circuito, junto à Praya
Muita gente marinha (varia em formas
Por entender a letra do amoroſo
Canto) attonita eſtaua ſem mouerſe. (das:
Qual moſtra o roſto eſtranho ſobre as on-
De admiração aberta a boca horrenda,
Onde de agudos, brancos, duros dentes
Sete ordens compaſſadas apparecem.
Qual o negro eſpinhaço duro, & forte
Deſcobre alli eſcõdẽdo os dous extremos,
Qual a dourada eſcama, a cor purpurea
Moſtra qual manchas mil negras & verdes
Qual varrendo co peito a branca area:
Eſtendidas as aſas eſpinhoſas,
D'azul & de vermelho variadas
Prompto, enleuado eſtá ſem mouimento.
Pollos toſcos penedos infinita
Gente vulgar eſtá pegada, ouuindo,
Eſtão os que nas conchas ſe agaſalhão,
E os que em pouoações pobres habitão.
Tambem eſtão aquelles que nas fortes
Bocas, & agudas vnhas eſtribando
Fazem torto caminho, eſtauão outros
Em varia forma, & em genero diuerſos.

Todos

Todos com tal ſilencio que parece
Não auer em tal parte couſa viua,
Mas fique Protheo aqui com ſeus amores
Que me ſinto chamar do Souſa inſigne.
Se vos lembra, ficou junto do Rio
Que buſca & não conhece a el Rey dizẽdo,
Que algũa ordem lhe de cõ que da parte
Que fronteira ſe via, va ſeguro.
Com inſtancia lhe pede que na ſua
Sotil, & muy ligeira armada o paſſe,
E para o contentar, logo lhe offrece,
E dá parte das armas que trazia.
Para que o fauoreça & lhe conceda
A paſſage, que lhe he tão neceſſaria,
O Rey manda chegar de preſſa os fracos
Sotis & ligeiriſsimos Nauios.
Recea o Capitão & os ſeus co elle
Ser lhes feita traição neſta paſſage.
Pede ao Rey que ſe torne, & leue toda
Quanta gente de guerra alli o ſeguia.
Que ſomente lhe deixe os que verſados
Na paſſada do Rio ſaõ mais certos,
Que aſsi quer embarcar, inda que ſabe,
Que eſtá dos ſeus & delle aſſas ſeguro.
Ligeiro, & facil foy o que pedia
De ſer por eſte Rey logo otorgado,
Que tendo o coração liure de engano,

O que

O que o Sousa lhe pede não refusa.
Despedido ao lugar se torna & leua
Consigo, os que saõ causa, do receyo,
Os que nauegão deixa, & a estes manda,
Que obedeção em tudo,& é tudo o siruão.
Trinta soldados, manda o valeroso
Valente capitão experto & viuo,
Que se embarquem primeiro &a fronteira
Parte com vigilancia lhe assegurem.
Os constantes varões logo atrauessaõ
O Rio, & a contraria parte afferrão,
Saltão na branca area, examinando
Com diligencia os passos mais confusos.
Em largo circuito buscão, todos
Lugares onde pode auer sospeita,
E vendo assossegado tudo auisaõ
Ao capitão, dizendo que se embarque.
A Dona Lianor, & aos dous mininos
Nos braços, no melhor batel os passa,
A outra gente o segue como em sorte
Lhe coube a embarcação mais oportuna.
Rasgando as ondas vão, & as cristalinas
Aguas, outra vaã gente claro mostrão,
Viasse o parecer toruado & triste,
E os mesmos ademaés na vacüa sombra,
Chegando ao transparente, vndoso meyo,
Começa em mil empollas alterarse:

E a feruer aquell'agua clara & pura
Com fupito, & admirauel mouimento.
Defcobremfe cabeças rodeadas
Não de rofas, nem flores aprazíueis
Mas de limos efcuros, & outras heruas
Murchas, que de trifteza final dauão.
Leuantandofe mais, apparecerão
(Com grãde admiração dos que tal virão)
As Nayades, tocando fonorofos,
Muficos inftrumentos com brandura.
Os fembrantes triftifsimos, & os olhos
Em viua agua arrafados, defcobrião
Grande dor, grande magoa, & cõcertando
A voz cõs inftrumentos afsi dizem.

Onde vas capitão co a trifte gente
Onde te leua o mal tão apreffado?
Hum perigo tens la certo euidente
E hum defaftre cruel aparelhado.
O confelho deixafte mais prudente
E vas agora tão determinado
Sacrificar teus filhos fem ventura
Co aquella que do mundo he fermofura.

Tornate trifte a tras, que o riguròfo
Braço, Atropos com furia ja leuanta,
E fe de ti não curas fe piadofo

A essa rara belleza, & alma sancta.
De quem por dom diuino foste esposo,
Essa digo, que o mundo todo espanta.
Com estranha: admirauel fermosura,
E os doces tenros filhos sem ventura.

Não passes à cruel banda enganosa
Em tanto mal não sejas homicida,
Fuge de Praya, & terra tão danosa,
Guarte da gente della fementida.
Olha qual vay Lianor, & que piadosa
De ti, seu mal não sente, mas tua vida,
Tornate não vas lá onde a ventura
Triste, lhe guarda triste sepultura.

Torna desuenturado, se possiuel
Te for, & lá do ceo te he concedido,
Não vas ver de teus filhos a terribel
Morte, & dessa Lianor o fim indiuido
Ao liure aluidrio nada lh'he impossiuel
Sobre o que o ceo influe está sobido,
E pois em tua mão tens a ventura
Escolhe a via melhor & mais segura.

Veras (se passas lá) mortal Lianor,
Hay que a tua Lianor veras sem vida
Não passes ah? não passes que tal dor

A pranto amargo, & triste te conuida.
Veras do mundo a honra, a gloria, a flor
Em terra fria inutil conuertida,
Torna, não vas á parte onde a ventura
Triste, lhe guarda triste sepultura.

Dos seus fermosos olhos, a radiosa
Luz, veras turua, escura, & offuscada,
Veras a cor da pura fresca rosa
Em sombra alli mortal, ja transformada.
Tambem veras da boca tão fermosa
A graça ja perdida, ja mudada,
Veras em fim que a tanta fermosura
La se guardaua tanta desuentura.

Não sey se o Sousa ouuio o triste annuncio
Pollas Nymphas alli pronosticado,
Mas não tornou atras, antes seguindo
A via que leuaua, á terra chega.
A dona Lianor, & aos seus meninos
Nos braços desembarca, & toda a gente
Iunta naquella Praya ao infelice
Caminho (sem tardança) se apercebe
Da paga satisfeitos os Remeiros
Com ledos rostos todos se despedem,
E as que a telli de popas lhe seruirão,
Proas ficando agora as aguas rompem.

Com curſo accellerado, & manſo ruido
Varrendo as ondas vão com força & preſſa
Em pura competencia leuantando
De quando em quãdo aos ares viuas gritas.
Caminha o Arrayal por eſpantoſos
Eſteriles deſertos, ſinco dias,
No fim dos quaes, ao Rio, que no meyo
Eſtaua, chegão quando o ſol fugia.
E da callada noite, as negras aſas
Se vinhão pollos ares eſtendendo,
Alli tres Cafres achão que por certos
Sinaes, la para o mar, os encaminhão.
A ſede os a fadiga, & não tem agua
Que ao trabalhoſo mal lhe de remedio,
Virão de longe eſtar tres Almadîas,
Claro ſinal de eſtarem ja no Rio.
Encalhadas na area eſtão ſem gente,
O Arrayal junto dellas ſe allojaua,
E os que da ſede vinhão conſtrangidos,
A mais correr ao Rio vão ſem tento.
Qual ſe debruça, & qual na ſeca boca
A golpes co a mão agua recolhe,
Mas ſintindo o amargor, & o ſal ſe afaſtão,
Hũs as aſperas bocas apertando.
Deitãdo outros com impeto a que tinhão
Recolhida, moſtrando ſentir pena,
Como ſe deuulgou tal deſuentura,

Creſce

Cresce a sede em geral então dobrada,
Não ha por alli fonte, que às fogosas
Ardentes bocas possa dar alliuio,
Ouuemse tristes choros femininos,
Gemidos miseraueis de innocentes.
Desconsoladas vozes affligidas
Soão pollo Arrayal em toda parte.
E apos piadosas lagrimas se ouuião
De mal tratada gente taes palauras.
O Deos omnipotente, ô pay piedoso,
Doeiuos ja Señor dos nossos males,
Leuainos para vòs, tirainos destas
Asperas, & insofriueis desuenturas.
Vede a nossa fraqueza que com tantos,
E tão duros trabalhos ja não pode,
Vendo o bom capitão esta miseria,
Que com dor graue a triste alma lhe passa
Algũs soldados manda que se arriscão
Duas legoas tornar atras, & a parte
Onde hũa cristallina fonte, as heruas
Com suaue murmureo rega & banha.
Mas esta de espantosos Tigres era
E de brauos Liões muy frequentada.
Grande preço dà o Sousa ao que trouuesse
Desta fonte hum pequeno vaso de agua.
Tudo vence a cobiça, tudo póde
O desejo auarento insaciauel,

Grandes perigos passa ousado, & solto,
E a mesma morte tem em pouca estima
Sabem estes a ver a cada passo
Encontros de animaes crueis, & feros,
Que a mestra natureza quis que fossem
De braueza & de agudo dente armados.
Que achando presa fazem nella estrago
Sangrento, & hũa vil triste carniça,
So por este interesse se auenturão
A deixar juntos la opremio, & a vida.

CANTO
DECIMO QVINTO.

Neste canto passa o capitão o segundo Rio, onde as Nymphas delle claramente lhe denuncião sua morte, chega à terra do Rey Cafre, que o roubou, o sangue de Luis Falcão pede justiça a Deos, dece o castigo do ceo, cegalhes os entendimientos com que se determinão entregar as armas aos imigos.

Os bẽs que o mundo dá, em desuentura
Em desgosto, & em tristeza se conuertem,
No principio cometem ledo effecto
E ao fim vem descobrir hum puro engano.
Tal costume he o seu tal ordem guarda,
Asi faz o que quer, asi nos trata
Quando nos mostra mais firmeza, prõpto

Està para nos dar mayor cahida.
Dissimulado, falso, contrafeito:
Inconstante, fingido, & mintiroso,
Teus estados, & pompas, teus prazeres
Num sò momento todos se desfazem.
Com mimos nos afagas, com delicias
Corruptas, momentaneas, nos enleuas,
E quando descuidados nos ves, mostras
Mais manifesta & clara a tua malicia.

No canto attras passado, me parece
Vistes o mal que a gente padecia,
E aquella intensa sede impaciente
Que a todos era alli tão insofriuel.
Trazido o vazo d'agua, se reparte
Co aquelles que tal pena mais sentião,
E vindo a cada hum quasi hũa gota
Lhes mitiga o ardor, & lhes da vida.
Em tanto a noite voa, abraça, & cobre
Com tenebroso veo a redondeza,
Tres Almadîas vem remando a pressa
E junto do Arrayal todas tres surgem.
Chegase o capitão acompanhado
Dos nobres, q̃ em seu mal sẽpre o seguirão,
Pergunta o que buscauão mas respondem
Dos nauios com lingua assas escura.
Hũa serua nacida em parte estranha,
E nação differente, entende a lingua,

Estaua no Arrayal, por ella dizem
Ser Cafres, que buscando andão sua vida.
Prosiguem mais dizendo que arribara
Hum nauio naquella parte, aonde
Outra gente como elles vinha, & dizem
Chamarse Portugeses, & erão idos.
O capitão lhes falla, & diz se querem
Passalos da outra banda, que no preço
Não se desauerião, mas elles nunqua
(Por ser de noite) nisto consentirão.
Diz hũ que como a luz da manhá vissem,
Os passarião sem duuida, & que esperem,
Que trarão juntamente outro nauio
Para ser a passada com mais pressa.
O que o Cafre promete aceita o Sousa,
Tornase a recolher o tempo aguarda,
E em quanto a noite vay por seus espaços
Passando pontos, horas, & momentos.
A triste fantesia solta, & manda
Por partes perigosas & cansadas,
Traça no pensamento mil successos
Infelices, mortaes, & sem ventura.
Hũa triste afflicção lhe cansa o sprito:
Hum prodigio funesto alma lhe passa,
Sente no coração hũa graue angustia,
Que miserauel fim lhe pronostica.
Não basta grande esforço, não lhe basta

Hum animo que a tudo ſe offrecia,
Não baſta hum coração robuſto & forte,
Nem hũa opinião em tudo altiua.
A tudo vence alli hũa viua pena:
A tudo hum penſamento desbarata,
E tanta força tem que os deſuelados
Olhos, de tenras lagrimas lhe banha.
Trabalha de encobrir eſta fraqueza
Porque a ſua Lianor não na entendeſſe,
Que muito mais ſente ella velo triſte,
Que todo quanto mal paſſou, & eſpera.
Aſsi eſtà num mar de anſias engolfado,
Vendo da cruel fortuna o fragil credito,
Vendo da varia roda a ligeireza
E do peruerſo mundo a vaã confiança.
As rodantes eſtrellas com luz turua
Pollas nocturnas ſombras reluzião,
Eſtando por paſſar a terça parte
Da calada, confuſa, eſcura noite
Quando daquelle Rio a image Auguſta
Por entre Freixos, & Alamos ſe alçaua,
Veſtida de ſotil & verde linho,
E de folhoſas canas coroada.
Trazendo em corro Nayades belliſsimas
Polla corrente ſeſga, branda, & facil,
Que nas liquidas aguas leuantadas,
Eſte canto triſtiſsimo dezião.

Capitão infelice aboorrecido
Do tempo, & da fortuna rigurosa
Onde te vas não ves que vas perdido
Ah fuge, fuge a terra perigosa.
Onde te vas ah? triste sem sentido?
Onde leuas a cousa mais fermosa
Que o mundo encerra em si? não tẽs piedade
Da sua florescente fresca idade?

O primeiro limite ja passaste,
Este segundo vas perseuerando,
O caminho mortal que começaste
Ainda o vas agora affectuando.
Ao furor libithino te entregaste,
Seguindo hum mao conselho, o bom deixando,
Torna cruel atras, & tem piedade
Da indigna perdição de tal beldade.

Esperando te está hũa horribel morte,
Mas primeiro verás determinada
A vida da bellissima consorte
Da qual será tu'alma traspassada.
Primeiro chegarão ao passo forte
Teus filhos, doce prenda desejada,
Tornate atras cruel, & tem piedade
De hũa tão mal lograda mocidade.

Na terrà ficarà desconhecida
O corpo tão fermoso sepultado
E na deserta Praya consumida
A branca mão, & o peito releuado
Hay, para quanto mal te la conuida
O duro parecer que tẽs tomado
Torna, torna atras & tem piedade
De tal valor tal honra, tal beldade.

Sobre o defuncto corpo mil clamores
Mil gritos ouuiràs na sepultura,
Verás o triste fim de teus amores,
Onde cuidas achar melhor ventura.
Veràs cortado o tronco, & as tenras flores
Espargidas por terra ah? sorte dura,
A tempo rigaroso & sem piedade
Como foste cruel a tal beldade.

Por espantosas brenhas, escondidas
Desemparado iràs, & aborrecido,
E vendo as esperanças ja perdidas
Em vão te mostraràs arrependido.
Com lagrimas, com vozes affligidas
Pediràs ao ceo o pago merecido,
Em Tygres acharas a piedade
Que tu mostras agora a tal beldade.

O nobre capitão a noite paſſa
Sem que o ſono occupar pudeſſe os olhos,
E tanto que deixou Phebo o emiſpherio
Humido, alterado, & turbulento.
E as cabeças dos montes com luz noua
Ferio, ſe leuantou, mas não como antes.
Porque o Preſago canto lhe deixara
O juizo natural ja traſtornado.
Não que muito euidente ſe enxergaſſe
Aquella falta, & perda recebida,
Mas quem nelle attentara algũa mudança
No differente ſer logo entendera.
Aballado vay todo do accidente
Cruel, & furioſo inda encuberto,
Chega onde as Almadîas aguardauão
Como lhe tinhão de antes prometido.
Aſentão por concerto em pouco eſpaço,
Que algũs prégos lhe dem por certa paga,
E ſatisfeitos deſte baixo preço,
Começão de paſſar primeiro a gente,
Que na oppoſita parte lhe ſegurem
Lugares onde pode auer ſoſpeita,
O Souſa differente ja do Souſa
Que ſer ſohia com Lianor ſe embarca
As outras com tal carga vão, qual deuem
Para que o frète igual & juſto fique,
Vãoſe os bateis vntados reſuallando

Pollo claro, tratauel manſo Rio.
Em tudo vem triſteza, & ſinal certo
De agouro, & de pronoſtico infelice,
Negras as aguas correm & as frondoſas
Aruores, hum rugido fazem triſte
Fogem deſte lugar as ledas aues,
Ficão ſós as nocturnas dando gritos,
E em groſſas denſas nuues eſcondido
O Sol a clara luz então lhe eſconde.
Por cima vay Theſyphon furia horrible,
Com ſerpentinas aſas o ar batendo,
Com funeſtos gemidos annunciando,
Da miſera jornada o mao ſucceſſo.
Ia que no meyo vão do caudaloſo:
Profundo, largo Rio, os que gouernão
O nauio ſotil em que vão juntos
O Souſa com Lianor, & os ſeus meninos.
Por não tocar hũ baixo o batel torcem,
Daquella via & raſto que atras deixão,
Os que nos outros tres bateis as ondas,
Rompendo vão com força na dianteira.
O nobre capitão cuida ſer manha,
E que o apartão dos outros com malicia
Como elle do trabalho & das vigias
Leuaſſe ja o juizo embaraçado,
Arranca a eſpada a colora mouido,
Alça o furioſo braço, vay ligeiro

Por vingança tomar do que cuidaua
Ser perfida traição & falſo trato.
Corre hum medo improuiſo pollos oſſos
Deſtes Cafres que tal não preſumião,
Esfriaſe lhe o ſangue nas entranhas,
Da eſpada vendo a luz, do Souſa a ira.
Toruados ſe arrameſſaó, qual primeiro
Pode & no manſo Rio ſe margulhão,
Mas logo em pouco eſpaço ſobre as ondas
Outra vez deſmayados forão viſtos.
Bem aſsi como quando as importunas,
E palradoras Raãs, poſtas em verdes
Heruas, ou limos, moſtrão ſegurança,
E hum deſcuido de auer quem as offenda.
Inchando as bocas, enchem de groſſeiras.
Deſconcertadas vozes o ar ſereno,
Se a caſo algum rumor ſe moue, ou paſſa
Iunto dellas a Rés, que o prado buſca,
O rouco canto deixão ſaltão todas
No lamoſo, reuolto, turuo charco,
Empuxando cos pés as aguas, fogem,
Sò pretendendo em tal medo ſaluarſe.
Com receoſo paſſo tornão logo:
Na ſuperficie da agua deſcobrindo
As humedas cabeças ſegurando
Primeiro o poſto donde eſtauão liures:
Os cafres ja nas ondas ſubmergidos

Me-

Medrosos apparecem, & aos que estauão
Na mesma embarcação alto perguntão
A causa da improuisa nouidade
O Capitão furioso estaua, & cheo
De colerico humor, aceso em ira.
Dona Lianor com lagrimas piadosas
E com rogos o fero peito applaca.
Quem outro tempo vio este prudente
Esforçado varão, manso, tratauel,
Cortes, discreto, & brando, & agora o via
Do juizo, & razão ja tão mudado
Inda que a condição de hircanos Tygres
E hum peito de Diamante nos mostrara
Com lagrimas fizera sentimento
Piedoso, tenro, triste, & compassiuo.
Tristão de Sousa chama os desmayados
Remeiros, com sinaes os assegura,
E recolhidos dentro inda receão
Outra afronta, outra colora, outra furia.
Dobrada força poem no remo, voa,
E foge pollo Rio o sotil barco,
Aferra em pouco espaço a terra, & salta
O nobre Capitão, & os seus num ponto.
Queixase da cabeça, & não sem causa:
Pois ao triste o seu mal della procede,
Perde o tento da gente, & não gouerna
Os soldados como antes o fazia.

Alli ſe ajuntão todos & querendo
Proſeguir o caminho duuidoſo,
Onde ſó no alto ceo as eſperanças
Tinhão,que as de ca tem quaſi perdidas
Pollo campo apparece hum'alla negra
Onde duzentos Cafres vinhão juntos,
Arcos & agudas frechas hũs trazião,
Inda que outros tambẽ vem deſarmados.
Com paſſo accellerado contra o bando
Luſitano ſe chegão mas os braços
Vſados a victorias, num momento
Contra a gente inimiga ſe apparelhão.
Ia o Alferez moſtraua tremollando
A diuina bandeira ſacra & ſancta.
Fidalgos & ſoldados a rodeão
Com fortes corações ſem couardia
O triſte capitão, inda que enfermo,
E quaſi traſtornado os esforçaua.
Quando aquelle Eſquadrão aduerſo chega
E com ſinal de paz aſsi lhes diſſe.
Que buſcais por aqui gente eſtrangeira?
Quem ſois? ou q̃ quereis entre nós outros?
Que caminho leuais? ou dõde vindes? (ſa?
Que Prouincia,ou q̃ Reyno he patria voſ-
Quem vos tras por caminhos deſuſados?
Que tenção vos moueo vir entre Cafres?
Cõ bãdeira aruorada,&em ſom de guerra,

Dizeinõs se a quereis? ou paz segura?
O Sousa inda que fraco lhe responde
Com seuera presença, & graue aspecto,
Christãos somos, a fè sacra, & diuina
De IESV Christo todos professamos.
O Reyno Portuges he nossa patria
Aportounos aqui graue fortuna,
Tempestade terribel, força immensa
De mil ventos crueis, & brauas ondas.
Como cousa odiosa: auorrecida
O procelloso mar, com furia braua:
Por força arramessou a nossa insigne
Nao, nesta costa, feita ja pedaços.
Trezentas legoas ja temos andado
Por fragosas montanhas, & altos montes,
Guerra não na queremos, mal, ou dano
Por nòs não será feito a paz pedimos.
O que podeis fazer & agardecido
Será de nòs com dadiua sem falta
He que nos deis caminho a hũ grande Rio
Onde queremos ir cà mais auante.
E se aqui mantimentos tendes, dainos
Os q̃ auemos mister por qualquer preço,
A vòs fareis proueito, & a nòs outros
Com beneficio tal dareis a vida.
Responde o principal da vil companha
Com alma falsa & animo maligno,

Se remedio quereis a vossos males,
Vindeuos tras nôs outros & seguinos.
Que el Rey desta comarca aqui vizinho
Reside num lugar copioso & farto,
Recebereis delle honra & gasalhado,
Que a tão nobres varões justo he deuido.

O debil Esquadrão ao caso aduerso
De todo entrege ja com duuidoso:
Mas dissimulado animo seguindo
Vay a via fallace, & perniciosa.
Naquella conjunção a fortuna imiga
E o tempo cruel tinhão buscado
Hum miserauel fim funesto & triste
Ao triste capitão, & a sua companha.
As Nymphas moradoras la nos montes
E as dos vmbrosos bosques derão gritos,
As outras que nas fontes cristallinas
Habitão o infelice canto ajudão.
Com lagrimas as aguas acrescentão
Com gemidos tristissimos se affligem,
E as lamentadas vozes repetindo
O nome de Lianor, assi dezião.

Ah fermosa Lianor, tanto fermosa,
Quanto infelice triste, & sem ventura.
Ah, graciosa Lianor, tanto graciosa
Quanto desengraçada em sorte escura.

Desdi-

Desditosa Lianor tão desditosa,
Quam perfeita, & acabada em fermosura,
Que lastima nos faz ô Lianor bella
Ver como á morte vas sem merecella.

A perfida nação bruta & maluada
Te leua para triste sacrificio,
La tẽs morte cruel aparelhada
Cuberta com fingido beneficio
Torna, tornate atras desuenturada,
Que tẽs certa a traição em tal hospicio
Segue, segue Lianor conselhos sãos,
Que por hi á morte vas cair nas mãos.

O mundo deixarás desbaratado
E com justa razão com tal ausencia
Roubado ficarâ por ti afrontado,
Sem resplandor, sem gloria, & sem potencia.
Ao Reyno subirás alto, & sagrado
Que t'està prometido por paciencia
Estarás collocada em throno honroso
Entre os Anjos, serás Anjo fermoso.

O ceo se alegrará com tal beldade,
Por ella ficarà a terra chorando,
Ao sol ajuntaras a claridade
Dos teus olhos, a sua acrecentando

Deixa,

Deixaràs em perpetua saudade
O mundo, por taes olhos suspirando
Mas olhos em valor tão peregrinos
O ceo, & Anjos sós delles são dignos.

A os altos allaridos respondia
Eco, nas mesmas vozes lacrimosas
E o funesto pressagio nas cauernas
Dos concauos penedos retombaua.
Mas nunca forão parte que atalhassem
A jornada mortal, misera & triste,
Antes em pouco espaço chegão todos
Onde o peruerso Rey Cafre reside.
Que estando preuenido na maldade,
Entrada no lugar lhe prohibia
Mandandolhes dizer que era vedado
A os Cafres receber Christãos consigo,
Mas pois que da fortuna perseguidos
Vinhão & o seu fauor lhe demandauão,
Que lhes não faltaria inda que fosse
Igual ao que taes homens merecião.
Com tão brandas palauras se agazalhão
De baixo de altas aruores vizinhas,
E pollas verdes heruas assentados
Esperão ser verdade o que he fingido.
O Capitão não cre, & os outros nobres,
Que estão em sua companha, tal malicia,

Inda que os corações mal repousados,
Temidos, duuidosos sempre tinhão.
Mas que póde fazer gente estrangeira
Em terra tão remota & não sabida?
Tendo passado ja tanta miseria
Tantos danos, & males insofriueis.
Remedio não no esperão mas aguardão
Por ver o que a fortuna determina:
Cujo brauo sembrante lhes mostraua
De pôto, em pôto, hũ fim amargo, & triste.
Ia do lugar lhes trazem mantimentos,
Que por ferro pacifico comprauão,
E aos trabalhados mẽbros dauão forças,
Que a dura fome tinha enfraquecidas.
Nas falsas apparencias enganados:
Descuidando se vão do que timião,
O Sepulueda insigne hum lugar pede,
Onde hum pouco apartado, se agasalhe.
O sagaz, enganoso Cafre, vendo
Tão ditoso principio a sua malicia,
Gazalhado lhe dà, mas diz que a gente
Que traz, não póde estár toda alli junta.
Por ser a terra falta, estreita & seca,
Muy esteril, minguada, & desprouida
Elle póde & Lianor com seus meninos
Alli ficar, & co elles pouca gente.
E que esta fosse qual elle escolhesse,

A outra repartindo por lugares
Que vizinhos eſtão ſendolhe facil
Conjunção eſperar mais oportuna.
E porque leuando as armas poderião
Os Cafres recear ou perda ou dano,
Cuidando ſer daquelles que por força
A os viandantes ſós fazem temerſe.
As deuião deixar poſtas em parte
Onde eſtando ſeguras, eſtiueſſem
Preſtes, para a partida quando achaſſem
Trazido por alli algum nauio.
E que quanto danoſas aos imigos
Taes armas forão ja tanto nociuas
Serião a elles meſmos, pois por medo
D'ellas os mantimentos perderião.
Que em vez de fazer guerra a ſeus cõtrarios
A ficauão fazendo às proprias vidas,
Mais aſpera, & cruel pois certo eſtaua
Com ſuas proprias armas ſer vencidos.
O Capitão lhe diz que da ſua gente
A vltima repoſta ſaberia,
Que eſtando eſte varão ja traſtornado
Não entende a traição tão clara & viſta.
Chegando a conjunção, & o final ponto
Em que do ſanguinoſo acerbo crime
Do nobre Luis Falcão, a juſta pena
E o diuino caſtigo era deuido.

Estando todos juntos em conselho
Se as armas lhe darão, ou negarião
Ao falso cruel Rey, o que com manha
Artificiosa delles pretendia.
O sangue do Balcão naquelle instante
Ao potente Iuiz sacro & diuino
Com gritos altos diz Señor justiça,
Iustiça por tal morte, & tão sem culpa.
Esta voz & gemido vay rompendo
Facilmente os celestes altos orbes
Apresentase aos pés do alto & supremo,
Iustissimo juiz & alli mais grita.
Fazeime vòs bom Deos igual justiça,
Pois vós vedes Señor que a peço justa,
E que a morte cruel que me foy dada
A deu hum cego Amor a mim innocente.
Iustiça peço a vòs pois que na terra
Tal he a justiça, qual he à derencia,
Ao que querem dão cores,& ao que querẽ
Sem delicto se achar dão pena injusta.
A justiça, & a razão he la vencida
De hũ querer contumaz,impio,& danoso,
Mostrão nas apparencias sancto zelo:
Intrinseca a maldade, & a tyrannia.
Desculpa não na dão nem causa vrgente
Para os males, agrauos, & injustiças,
Vòs as vedes Señor, vós dai remedio

Aos q̃ não podem mais que a vós tornarſe.
Tiuerão tanta força eſtas palauras
Diante do Tribunal & alto juizo,
Que alcançarão trazer da incommutauel
Recta juſtiça a eſpada riguroſa
Por edicto, & mandado da diuina
Incomprehenſiuel, & alta omnipotencia
Nas mãos a tras hum forte, fero, & graue
Varão juſto, ſeuero, & poderoſo.
Cujo ſembrante aſſombra aos que tiuerão
Nas mortes de innocentes certa culpa.
E outros males & danos contra o proximo
Cometerão crueis, & diſſolutos.
Por nome tem diuino, alto caſtigo,
Seu officio he vingar occultos males,
E quanto mais ſe eſconde o crime, tanto
Eſte verdugo mais o vinga, & pune.
De la do Impireo aſſento alto, & glorioſo
Deſce o varão feroz, ſancto & perfeito,
De clamor do Falcão acompanhado,
Que ſempre igual vingança vem pedindo.
Raſgãoſe as altas nuues com eſtrondo,
E com furioſo impeto terribel
Com coruſcante luz, & ardente rayo,
Que os montes aballãdo eſpanta o mũdo.
Polla vacua região deſcendo, chega
O varão eſpantoſo onde eſtão juntos

Em

Em parecer diuerſo o Souſa,& outros
Se as armas lhe darão, ſe as negarião.
Hũs dizem que entregar as armas,era
Engano conhecido, & mao conſelho,
E que eſperar virtude em gente falſa,
Era vão fundamento, & fraco juizo.
Outros dizem que com tal calamidade
A os Cafres reſiſtir, era perigo,
Que era muito melhor d'el Rey fiarſe,
Que negandolhe as armas ſerlhe imigos.
Eſtando aſsi confuſos ſem ſaberſe
Reſoluer no que mais viſſem ſer vtil,
O diuino caſtigo reuoluendo
Entre todos a eſpada ſancta & juſta,
Deſpede aqui, & alli Rayos forçoſos.
Deſpede hum reſplandor & luz fulgente
Qu'eſcurece,& que cega entendimentos,
Aquelles que acha reos com graues culpas,
Com golpes potentiſsimos, derruba
Em pouco eſpaço aquelles vacillantes,
E confuſos juizos, desbarata,
E vence alli qualquer opinião firme.
Sò a Dona Lianor o varão forte
Por ſer molher deixou como a vencida,
E a Pantalião de Sá deixa ſem pena:
Pollo achar deſta culpa iſento & liure.
Ambos eſtes reprouão tão nociuo

Conſelho como he dar armas aos Cafres,
Apreſentão razões mas que aproueitão,
Que o cego capitão não nas admitte.
Deſpois que o grão varão diuino, teue
Dado fim ao que veo, & traſtornados
A todos os deixou, tornaſe em pouco
Eſpaço ao Reyno alegre onde reſide.
O Capitão toruado mais que os outros,
Dar as armas ao Rey ſe determina,
Diz que quer aguardar naquella parte
Atè fazer nauio em que poſſa hirſe.
Que o Piloto por certo lhe affirmaua
Ser de Lourenço Marquez eſte Rio,
Por não ſer conhecido de elles, era
Buſcado em vão por tão diuerſas vias.
Que aquelle que d'alli partir quiſeſſe
O podia fazer ſeguindo o tempo.
Que o guiaſſe,ou por mao,ou bõ caminho
Que paſſar mais auante era eſcuzado,
Por cauſa de Lianor ja fraca & laſſa,
Dos aſperos caminhos, & por cauſa
Dos tenros filhos ja quaſi defunctos.
A pos eſtas palauras ſe lhe arraſaõ
De lagrimas os olhos & proſigue,
Dizendo a vós ſeñores peço & rogo,
A vós,que hir mais adiante pretenderdes,
Que achando embarcação,que nos ſegure

Algum me traga, ou mande certa noua.
Grande preço darei ao que primeiro
Recado me trouuer para partirme.
E os que comigo aqui ficar quiſerem
Debaixo da Real fé prometida,
Comigo paſſarão por bẽs ou males,
E o que a mim ſucceder, ſofrerão elles.
Fica nos hum remedio mal ſeguro,
(Mas eu não vejo agora outro ao preſente)
Que o darmos noſſas armas a eſtes Cafres:
Certificandolhe aſsi ſeremos amigos.
Tambem lhe tiraremos a ſoſpeita,
E o medo que de nós tem concebido,
E vendo a noſſa facil amizade
Darnos hão facilmente, o que pedirmos.
Que a fome & deſuentura que paſſamos
A mais notorios males nos conſtrange,
E pois nos vemos tão deſeſperados
Fiar d'elles, nos he muito mais vtil.
Como todos eſtauão do radioſo
Reſplandor, & caſtigo alto aſſombrados,
E a rutilante eſpada da diuina
Iuſtiça, os tinha cegos & confuſos.
Obedecem ao Souſa & cumprem logo
Aquelle mandamento, onde ſe via
Ser permiſſaõ do ceo, & ſe moſtraua
Ser de ja traſtornado, & fraco juizo.

Mas Pantalião de Sá vendo euidente
A certa perdição, vendo a deshonra,
Com q̃ as armas entregão brama, & brada,
Trabalhando impedir feito tão bruto.
Tambem Dona Lianor reproua, & nega
Hum concesso tão mao, ser proueitoso,
Que como ambos estão liures, & saluos
Da vingatiua luz, este mal vião.
Mas quem resistirá o que ordenado
E da summa potencia he prometido?
Mal se póde atalhar o que por justa
Iustiça, manda, & quer Deos que se cũpra.

CANTO DECIMOSEXTO.

Neste canto os Cafres despojão & roubão ao Capitão, & aos que com elle hião, namorase Phebo de Dona Lianor, & tomada a forma de pastor deixa o carro, & o ceo seguindo os termos de sua ventura.

COnselhos imprudentes ou maluados,
Ou fundados em só viuo interesse
Grandes prouincias, Reynos, & cidades,
Assolarão ja la no tempo antigo.
Successos desestrados sempre vimos
Ter aquelles que mal se aconselharão
Diga o grão Roboão, diga Rodrigo

O dano que lhes fez falsõ conselho.
Se o que aconselha tem fracõ juizo,
Que conselho dara que tenha força?
E o que animo dobrado mostra em tudo
No aconselhar será pouco singello.
Hay da triste Republica, sogeita
A seca condição, a duro intento,
E a hum zelo contumaz, que esta tem certo
Consumirse, & acabarse sem remedio.

No canto atras, ja vistes o conselho
Que o capitão & os seus por bõ tomarão,
As armas entregando a seus imigos,
Que para os offender, sò isto esperão.
Pois vendo a occasião não na refusaõ,
Nem na deixão passar, antes aferrão
A cabelluda fronte, & com violenta
Furia cometem logo o cruel insulto.
Alarido horrendissimo leuantão
Que atroa campo, & montes, & o ceo toca,
Acodem num momento espessas bandas
De barbara, tostada imiga turba.

Bem asi como quando acode junto
Hum formado Esquadrão das negras aues,
Amigas de mortalhas, onde os bicos
Tão crueis no corrupto sangue banhão.
As asas sibilantes estendendo,
Com mostras, & sinal de triste agouro,

E com roucos ladridos os desertos
Montes, & o alto ceo importunando.
Os Cafres os apartão por lugares
Onde os possaõ roubar mais a seu saluo,
Ia leuão pollo mato os fortes homẽs
De quatro, em quatro ficão repartidos.
De seis em seis, de dez em dez se apartão,
Intrinseca tristeza todos mostrão
Nos sembrantes & aspectos miseraueis
A todos hũa dor traspassa as almas,
A todos graue angustia os atormenta,
Mudas as linguas tem nenhũ se queixa
Do successo cruel, & impia fortuna.
Attonitos estão do caso acerbo,
Sem poder nem saber remedearse,
Como a contesse àquelle q̃ o murmureo
Da clara fonte opprime, & ata o sentido.
Que alli na fantesia passa varias
Lembranças, ou passadas, ou futuras
Quando mais enleuados os ve, deixa
O confuso rumor todo esquecido.
Os tristes no cansado pensamento
Buscão remedios vãos, & quando cuidão,
Que podem ter algũ, então lhes mostra
A fortuna cruel ser impossiuel.
Os Cafres ja se apartão carregados,
E prouidos de misero despojo,

A tri-

A triste companhia repartida,
Com vergonhosa dor torna ajuntarse.
Amostrando nos animos afflictos
O vigor costumado em Portugeses.
Quando do caso aduerso vão sentindo
Os casos desestrados, & os perigos.
Vendo que a dilação lhes he damnosa
Determinão partirse todos juntos,
E todos guarecer, ou morrer todos,
Mas pouco espaço forão nisto firmes.
Que a sorte amiga, ou triste alli os aparta
Conforme a permissaõ do alto juizo.
Hũs chama & guia em partes perigosas,
Outros leua por mais ditosa via.
Panthalião de Sá vay na jornada,
Que ja de Capitão géral carece.
Passou em varias terras varios casos:
Mas delles escapando em fim saluouse.
Os mais destes em serras pedragosas
Ou em valles cerrados, & sombrios
Ou em dentes crueis & agudas vnhas
De brauos, feros Tygres fenecerão.
Não fica o Capitão, & a companheira
Tão fermosa de tal successo isentos,
Que do peruerso Rey forão tratados
Conforme ao coração que tem maligno
Riquesas que das ondas se saluarão

Ficão na gente barbara perdidas,
A rica pedraria, a fina prata,
O tybar, ouro, & Ambar odorifero:
Dizlhes que se vão logo, & não consente
Que as honradas pessoas lhes maltratem,
Partese o capitão com dezasete
Seruos que alli deixou por companhia.
Ia não seguem bandeira, ja caminhão
Ao aluidrio & querer de via incerta,
Sò no ceo a esperança, & os olhos tristes
Arrasados de lagrimas, leuantão.
Offrecidos vão a nouos damnos,
E a nouas inuenções de mal, sogeitos,
Nouas experiencias vão tomando,
Da peruersà, inconstante, impia fortuna.
Das alturas dos montes, hũas vezes
Olhão por onde ao mar mais se auizinhẽ.
Outras vão por caminhos solitarios
Por montanhas esquiuas & confusas
Outras vezes descendo a fundos valles,
A cada passo esperão brauos Tygres,
E soberbos Leões que as duras vnhas
Rompendo lhes a carne, em sangue banhẽ.
O forte Capitão dissimulando
A dor que o coração & alma lhe passa
Esforça a fraca gente com palauras
Que vida lhe vão dando ao fraco sprito.

A ma-

A maritima costa chegão, quando
O louro Apollo ao mar ja se entregaua,
Estendendose la hũa negra sombra
Por donde Aurora mostra a luz do dia.
E cuidando estar liures dos passados
Perigos, a fortuna hum lhe offerece,
De mais cruel, & mais penosa vista
Da que a do verdugo he ao padecente.
Correndo a pressa vem do mato espesso
Cafres, que roubar tem sò por officio
Saltão matos daqui, & dalli saltão.
Com terribeis medonhas, & altas gritas,
Como quando se ve la na espessura
De viscoso estebal, onde encuberta
Anda a Canina turba, rastejando
A caça, que nas couas tem guarida.
Dando co ella, correm qual mais póde,
Qual se auantaja mais, melhor se julga,
Todos juntos a seguem, todos saltão,
Todos correm tras ella com latidos.
Chegão com denodada furia os Cafres
A desarmada gente que num ponto
Por elles despojada foy de todo
Sem roupa lhes ficar, ou cubertura.
Tal fica Lianor, qual na montanha
Troyana, a Cytharea foy julgada
Pollo Frigio pastor, & das fermosas

Tres, o preço leuou com razão justa.
Assentase na branca area,& cobre
Co dourado cabello a lisa carne,
As criadas que a seguem se assentarão
Em throno d'ella, sò por defendella.
Que dos varões, que alli estauão, não fosse
O seu fermoso, & casto corpo visto. (dão,
Como as Nymphas na fonte a Diana guar
Que os olhos de Aetheon não na deuisem,
Aparta o Capitão, os que alli estauão,
Asinalhes lugar onde residão
Por detras de hũs penedos, dalli buscão
Remedio de comer & alli se ajuntão.
Fica o nobre Sepulueda, co a fraca
Feminina companha, a triste noite
Toda em lagrimas passa mas ja quando
Hũa roxeada luz mostraua o dia.
Entrase pollo mato, constrangido
De dura fome, busca o fructo amargo,
Que a natureza dá, por terras secas,
Esteriles, seluaticas, brauias.
Descobriase Phebo la no oriente
Com radioso claro alegre rosto,
Ferindo com luz noua os altos montes,
Enchendo os verdes prados de alegria
Os inflammados olhos rodeando
Polla mundana machina terreste.

Descuidado de auer cousa que o faça
De sua amada Daphnes esquecido,
Aquelle corpo vio, aquelle corpo
Em que a neue se abate & fica escura.
Vio pollo bello rosto estendido
Hum veo de branco lyrio, & fresca rosa.
Trabalha por lhe vér os bellos olhos,
Mas ficalhe a tenção nisto perdida,
Que afrontada de verse em tal estado,
Inclinados na terra os tinha fixos.
Notandoa está, ora toda, ora por partes,
Acha ser honra só da natureza,
Não sei que sente o triste que pesando
Lhe vay que asi dos ares seja vista.
Ve que o cabellho de ouro espalha & cobre
Co elle, o peito eburneo, & lisos hombros,
E não podendo mais cubrirse, toma
As lagrimas por vltimo remedio.
Naquelle instante foy de amor ferido
Com dourada, cruel, aguda setta.
Ia dentro se lhe abrasa o liure peito,
Ia nas veas o sangue se lhe esfria,
Ia sente o coração mil accidentes.
Mil estremos contrarios, & discordes,
Ia se promete bés vãos, & fingidos,
E á sua custa ja se desengana.
Quanto mais firma os olhos nella, tanto

Sente de hum nouo Amor nouo torméto,
E quanto a su'alma passa mayor pena,
De pena tão honrada, mais deseja.
Despois que se vio preso,& constrangido
A seguir o que Amor determinase,
Desce do quarto ceo, & toma a forma
Em q touros guardou junto de Amphriso
Consigo tras a lyra sonorosa,
De seus amores doce companheyra
Determina esconderse em lugar,onde
O que deseja visse, sem ser visto.
Onde se ve Lianor na branc'area
Sentada,hum freixo está pouço distante,
Cujo tronco se cobre de hũa verde
Era, que em cem mil voltas o alto busca.
Hũa pequena fonte alli reparte
A cristallina vea, murmurando,
E com voz mal distincta,com suaue
Rugido, nas salgadas ondas entra.
Alli o rumor do mar quebrado & roto
Por lapas & penedos carcomidos
O sentido suspende, & só lembranças,
De mil bés ja passados, deixa liures.
Alli polla deserta Praya se ouue (ste
De quando em quádo a voz de Alcione tri
Que o seu amado Ceys em vão buscando
Chama por elle em vão, & em vão sospira.

Alli nas tremolantes brancas folhas
Dos Alamos crecidos,& altas Fayas,
Hum confuso rumor soa que causa
No libistino peito hũa ansia grande.
Alli os varios cantos, alli as queixas
Das aues se offerecem com brandura,
As clausulas sem arte, as consonancias,
Da natureza mestra só aprendidas.
Alli rompendo vem polla espessura
Das aruores siluestres, o bramido
Do Tygre ferocissimo, que vrrando,
Nos valles forma voz alta & terribel.
Este fresco lugar, escolheo Phebo
Pollo achar ao que intéta accommodado,
Escondese detras dos verdes ramos,
Os olhos nella poem promptos & firmes.
Entende a perfeição entende o preço
Daquella que no mundo igual não tinha
De a ver assi se julga por ditoso,
E de a ver assi fica arrependido.
Não lhe basta saber de heruas,& prantas
Occultas propriedades proueitosas,
Né para o grande ardor,qu'alma lh'abrasa
Bastão da caballina as aguas frias.
Que Amor não lhe deixou liure o juizo,
Nem forças nem poder de remedearse,
Nem lhe deixou razão para poderse

Guardar, donde ve certo hum tal perigo.
Rendido eſtàua o triſte os olhos promptos
Na certa perdição de ſu'alma & vida,
Suſpirando entre ſi tanto em ſegredo,
Que atè de ſi ſe guarda & ſe não fia.
Como ſe ve o Béſteiro la eſcondido
Entre folhoſas canas junto ao Pàdo,
Que a branca Real Garça ve fronteira
Deitada entre pungentes verdes juncos.
O tempo, & conjunção eſtá eſperando,
Que vagaroſa erguendoſe, lhe fique
De todo deſcuberta, & deſcuidada,
E aſsi poſſa melhor empregar tiro.
Aſsi o fermoſo filho de Lathona
Aguarda, que Lianor ſe leuantaſſe,
Morre polla ver toda & cuida o triſte,
Que alliuio aſsi terá, ou algum remedio.
Não ſabe, que mais certo tem, de todo
Acabarſelhe a vida com tal viſta,
Que ſe conſumira, num ponto, vendo
Aquella deſuſada fermoſura.
Matao a dilação, recea, & teme,
Que algum caſo cruel tal bem lhe atalhe.
O miſero não ves que em tal belleza
Hum mal eſtà terribel eſcondido.
Que quanto mais aos olhos lhe dá goſto,
Tanto na alma lhe cria mór tormento,

E na forma bellissima enleuado
Corre por onde Amor morte lhe busca.
Ardendo em viuo fogo a lira toca
Com tal suauidad que os penedos
Durissimos abranda, & as ligeiras
Aues, ficão suspensas sem mouerse
A estranha consonancia das tocadas
Cordas, co a sabia mão do diuo artifice,
Se enuolue co rumor cego, & confuso,
Que o brando vento faz no Freixo antigo.
Cujas folhas mouidas co a brandura
De Zéphyro Lianor estão chamando,
E no rouco murmureo da pequena
Fonte, tambem Lianor chamarse ouuia.
A suauissima voz co sonoroso
Instrumento abraçada, as lapas busca,
Que no rochedo estão, onde escondida
Eco, com brando acento o pranto ajuda.
Do centro do Phebeo peito, em chamas
Dous mil suspiros vem d'alma sahidos
E entre elles brandos versos, que ser causa
Lianor, de seu tormento, alto publicão.
Mas no coração casto, n'alma pura
Fazem pouca impressaõ leua os o vento
Como lhe leua ao triste as esperanças
Nestes versos em fim desata a lingua.

Vira os olhos ſeñora, & ve piadoſa
O mal que por ti paſſa eſta alma minha
Vira os olhos, não dura deſdenhoſa,
Mas branda a ſoccorrerme vem aſinha.
Vira os olhos cruel, quanto fermoſa:
Veràs em mim perdido o ſer que tinha,
Veràs a vid'alegre, & deſcanſada,
Ia penoſa, ja triſte & trabalhada.

Veràs o meu deſcanſo conuertido
Em deſgoſto, em trabalho em deſuentura,
Veràs o mal preſente, o bem perdido,
A pena certa, a vida mal ſegura
Veràs hum coração em fogo ardido,
Que sô o remedio tem na ſepultura,
Veràs grande afflicção, grande triſteza,
Grande deſcuido teu grande crueza.

Se te pôde mouer eſſ'alma eſquiua
Ver hum mar de miſerias num ſogeito,
Se te pôde abrandar hũa anſia viua,
Que atormenta, & conſume hum triſte peito.
Se pôde a condição que tẽs altiua,
Conuerterſe, & mudarſe em brando effeito
Acharâs em mim juntos, quantos danos,
Quantos males dà o tempo em longos annos.

E se de hum puro Amor fores seruida,
Amor puro senhora te offereço.
Se te deleita hũa alma perseguida,
Nesta minha verás o que padeço.
Se leuas gosto em ver assi perdida
A vida, que esta vejas só te peço,
Não para te doer meu mal estranho,
Que sendo por ti mais, muito mais ganho.

Mas para que de verme em tal estado
Com tão penoso & aspero accidente,
O teu peito cruel fique vingado,
E com tão honrado mal moura eu contente.
Não peço ser de ti melhor tratado
Pois a minha ventura o não consente
Nem menos que me enganes com brandura,
Que o nega a condição que tẽs tão dura.

O que te peço só (& me he deuido
Por justo galardão de meu tormento)
He, que quando me vires mais perdido
Mostres, que disso tẽs contentamento.
E se por caso for de ti entendido
O meu desatinado pensamento,
De taes fantasmas rindo, assi enganosas,
Te pesem de me serem trabalhosas.

Hião com graue anguſtia eſtas palauras,
E com ſuſpiros mil d'alma ſahidos,
Mas do peito caſtiſsimo ficarão
Deſprezadas por vaãs, & ſem proueito.
Chega neſta ſazão do boſque vmbroſo
O nobre Souſa,& traz monteſes fructos,
Que foſſem mantimento & ſuſtentaſſem
A vida,que Lianor tanto auorrece.
A os dous pequenos filhos,& â companha
Feminina,reparte o frucło agreſte,
Callouſe Phebo emtanto, receando
Ser de ſeu aduerſario alli ſentido.
E ainda que o deſama, dalhe pena
Ver hum tal Capitão tão mal tratado,
Vendo a grande miſeria em que eſtá poſto;
Corrido & perſeguido da fortuna.
O ſembrante lhe ve, quaſi defuncto:
Os olhos agrauados, & tranſidos
Cubertos de triſteza, vi lhe todo
(Por mil partes) o corpo em ſangue tinto.
Que o ſeluatico, & ſeco mato a carne
Com grande crueldade lhe rompia
E nos deſcalços pês,(ſem reſiſtencia)
Entrão, dandolhe dor crueis eſpinhos.
Mas muito môr tormento lhe cauſaua
Ver a ſua Lianor choroſa & triſte,
Ao ceo leuanta os olhos arraſados

De

De lagrimas piadosas & dezia.
Poderoso Señor, tão duros males
Remedio tenhão ja co a morte minha.
Traspassaõ taes palauras a triste alma
Do Sepulueda insigne, ousado, & forte,
Sofrido, & muy paciente se leuanta
Louuando a permissaõ alta, & diuina.
O rustico manjar seco, & brauio
Pollo cerrado mato outra vez busca,
Com tanta diligencia, quanta o nobre
Açor, poem em buscar presa a seus filhos
Vagando andaua de hũa, em outra parte
Com triste coração, & animo afflicto,
Seguindo qualquer via que no mato
Menos deficil ve, menos confusa.
De dor penosa & graue traspassado
Vay por onde a fortuna o leua, & guia,
Metese polla brenha, onde mais forte,
Mais espessa se mostra, & mais escura,
Cos braços nûs aparta, os espinhosos
Ramos, fazendo hum aspero caminho,
O veloz animal ganchoso, salta,
Foge a lebre espantada do rugido.
Sobresaltado fica o varão nobre
Do estrondo, & ramoso rebulliço,
Cuida ser por ventura algum soberbo,
Brauo Leão, ou fero Hyrcano Tygre.

Ia deſeja morrer por ſe ver fora
De hum tão penoſo mal, tão inſofriuel.
Mas lembralhe Lianor,& aqui não póde
Sofrer tão dura graue, & triſte auſencia.
Do vario imaginar ja alienado,
Entra por hum ſombrio eſpeſſo boſque
Onde frondoſas aruores impidem
Ao ar a entrada, a viſta ao ledo dia.
Groſſos, denſos vapores repreſados
No concauo aruoredo andão continos,
Enuoltos com ar turuo que alli cauſaõ
Hum mortifero baſo humido & frio.
Deſpois que o Luſitano varão neſte
Lugar cerrado entrou, vio conhecida
A pallida figura do defuncto
Filho que atras deixou por ſeu deſcuido.
E ainda que a viſaõ horribel teme
Com lagrimas lhe diz amado filho,
He certo que te vejo? ah filho amado
He verdade ou ficção falſa, & fingida?
Dizendo eſtas palabras corre aonde
A fantaſtica forma ſe deuiſa
E cuidando abraçar o filho abraça
A ſombra que entre os braços vaã lhe fica.
Tres vezes procurou ſatisfazerſe,
Todas tres lhe ficou o intento inutil,
E como ſonho vão ou leue vento

Foge a ſombra mortal, falſa, & vazia.
Ouue a canſada voz deſta figura
Aſcanica, incorporea, de ar formada,
Que lhe diz, não preſumas, o pay charo
Nos braços apertar corpo fingido.
Bem podes enganarte como muitos
Se enganarão com falſas apparencias
De varões ja defunctos que paſſarão,
Da vida temporal, à que he infinita.
Cuidando ſer os meſmos, que outro tẽpo
Ca no mundo entre viuos reſidião.
Enganoſa ficção he pay, que a muitos
Aſſombrados deixou, & em riſco as vidas.
Sabe Señor que as formas incorporeas
Caducas, vaãs, aereas, & ſulphureas,
Que de noite apparecem com ſembrantes
Horrendos, & eſpantoſas, triſtes ſombras.
Comummente ſe julga ſerem almas,
Que diuinos ſuffragios pretendendo,
A mortal vida tornão, mas he falſo
O credito, que a iſto ca da o vulgo.
Não podem ca tornar perdidas almas
Nem as que temporaes penas padecem,
Nem as que a gloria gozão, ſenão quando
A diuina vontade iſto permitte.
Que as funeſtas viſões, que em varias partes
Se moſtrão na ſombria, & muda noite,

Obras

Obras occultas ſaõ da natureza,
Segredos ſeus que a poucos communica.
E quando algũ mortal acaba o termo,
Que da potente mão foy limitado,
Quando ja desfaz co a triſte morte
A humana & admirauel compoſtura.
A natureza mãy, & ſabia experta
Da criação que fez neſte ſaudoſa,
O filho que acha menos forma & finge
D'exallações, terreſtes, & vapores.
Com athomos, com pò ſutil ligados,
Hũa forma incorporea delles cria,
Que aqui & alli ſe moue dalhe o effecto
Diſpoſto, & accommodado ao ſeu intẽto.
E ja reſtituido, ja formado
Deſta leue materia o leua & guia,
Ao ſeu deſejo antigo, proprio em roſto,
Proprio na proporção, & ẽ geitos proprio.
Dalhe os vſados trajos dalhe os meſmos
Officios, que antes tinhão, muitos tocão
Diuerſos inſtrumentos porem diſto
Não lhes concede mais que o mouimẽto.
Os antigos vendo eſtes, affirmarão
Ser Satyros, ſer Phaunos, & Amadryedes,
Ser Dryades, ſer Nymphas, todos Deoſes
Dos montes, boſques, fontes, & dos rios.
Como a meſtra engenhoſa acha materia

Dispoſta a effectuar o que pretende,
E na conſeruação das couſas ſempre
Com grande vigilancia eſtá occupada.
Vendo faltarlhe algum dos que ſuſtenta
E cria, como mãy, alli reforma
O filho fallecido & leua goſto
Em ver aquelle vão falſo retrato.
Mas tal aſtucia tem niſto que a poucos
A ficção fabuloſa ver concede.
Cauſandolhe hum temor fero & terribel,
Guardando com tal manha tal ſecreto.
Preſagios ſaõ tambem aos que ſe acabão
Da vida temporal, o breue termo,
Vulgar opinião he que eſtes morrem
Por que tal ſombra virão, mas he falſo.
Que a certeza & verdade, (inda que eſcura)
Te contarei Señor com que te eſpantes.
A natureza ja ſentindo auſencia
De algũs que o final termo tem vizinho,
O prodigio infilice faz que vejão
Em pallidas viſoẽs, & ſombras frias,
De pays defunctos ja ou mortos filhos,
E aquella ſombra vaã ſeu fim lhe moſtre.
As taes formas no mar polla mor parte
Animadas & viuas ficão ſempre,
Polla diſpoſição que a natureza,
Na glotinoſa & groſſa materia acha.

Aſſaz

Assaz bastante, & fertil acremento
Das amargas, salgadas, grossas aguas,
Disto a mestra engenhosa cria feros,
Espantosos, marinhos feos monstros.
Nas vltimas palabras, a fantasma
Desapareceo supito, deixando
O misero varão todo assombrado,
Todo de graue dor & angustia cheo.
Hum grande espaço esteue sem mouerse,
Cortado o coração do triste annuncio,
Perdida a cor do rosto,& arrasados
Os olhos d'agua em terra os tinha fixos.
Voluendo, & reuoluendo varios casos
Na cansada & affligida fantasia,
Hum tremor frio vay correndo ao triste
Pollos cansados membros & por veas.
Deseja ver Lianor mas teme achalla
Sem luz nos claros olhos,& sem vista
Deseja irlhe fallar mas imagina,
Que a boca ja mortal lhe veja muda
Deseja hir ver a cor da fresca rosa
Pollo rosto bellissimo estendida:
Teme acharlha cuberta de hũa sombra
Ia fria, ja mortal, & denigrida.
Deseja hir ver a graça,& o meneyo,
Branda conuersação, & amigo trato,
E recea ver tudo conuertido

Em horrida figura, & aſpecto triſte.
Ah quantas vezes proua atras tornarſe,
Quantas o coração ſeu mal lhe auiſa,
Quantas vezes mudando o paſſo, intenta
Não proſeguir o miſero caminho.
E tomar por remedio hir buſcar antes
De algum fero animal o brauo encontro,
Que hir ver morrer aquella, cujos olhos
Morte cruel ja tinhão dado a muitos.
Combatido de tantos accidentes:
A penas mouer pode o tardo paſſo,
Mas pouco eſpaço andou, quãdo vio certos
Euidentes ſinaes do que timia.
Ao prompto ouuido chega hũ triſte prãto,
Altos gritos, choroſos, & carpidos
Sobreſaltado fica, mudo, & frio,
Auendo ja por certo o que recea.

CANTO DECIMOSEPTIMO.

Neste vltimo canto ſe trata a laſtimoſa morte de Dona Lianor & como ſeu marido a enterrou com hum filinho ſeu na area & elle com deſeſperação ſe meteo pollo mato com outro filho nos braços, aonde foy comido dos Tygres, Phebo, Protheo, Pão, lamentão o triſte caſo.

Aos

A os que nas procellosas, brauas ondas,
Com tempestuosos ventos ja se virão
Mil vezes submergidos, grande alliuio
E descanso lhes he porto seguro.
E a os que na temporal vida padecem
Trabalhos, afflicções, males, & angustias,
A morte lhes he descanso, pois se acabão
Miserias, a que estão sempre sogeitos.
Fenecem com morrer grandes injurias
Do fugitiuo tempo em tudo auaro,
Fenecem sem razões da incerta, & varia
Inconstante, cruel, impia fortuna.
No canto atras passado (se vos lembra)
Vistes o Capitão ouuir mil gritos,
E o coração presago a dura morte
Da sua Lianor, lhe descubria.
Com trabalho se apressa por acharse
Presente ao mal que teme, & ja ve certo,
E da penosa dor afadigado,
Quasi arrastando vay os lassos membros.
Hum difficil hanélito lhe seca
A boca ja mortal & os tristes olhos
Sumidos de fraquesa, em viuas fontes
De lagrimas piedosas se conuertem.
Chega a donde Lianor ao passo forte
E ao termo tão timido estaua entregue
Ve que a turuada vista rodeando,

A elle ſò demanda, a elle ſò buſca.
E vendo que he chegado esforça hũ pouco
O animo, & procura deſpedirſe
Leuanta com trabalho os mortaes olhos,
Quer lhe fallar a morte a lingua impide.
Firmaos cada vez mais no triſte roſto
Daquelle vnico amigo que ja deixa,
Trabalha agaſalhalo, & não podendo
Com dor mortal na terra ſe reclina.
Calyope diuina agora he tempo
Onde me he o teu fauor mais neceſſario
Torname ao coração aquella força,
Que em termo tão eſtreito tem perdida
Concedeme vigor ao fraco eſprito,
Que co a preſente dor ja desfallace.
A mão, & a lingua guia, que refuſaõ
Proſeguir & tratar paſſo tão forte
Dentro no peito geme eſt'alma minha,
Laſtimada, & doida do impio caſo.
Do ſucceſſo cruel, & fim tão triſte
Que aqui guardado eſtaua a tal belleza.
Entregãoſe a morrer aquelles olhos
Que mil mortes ja tinhão dado a muitos,
Hũa mortal anguſtia lhe rodea
Aquelle alegre,& Angelico ſembrante,
Ia de todo lhe foge a cor de roſa
Do roſto tão fermoſo, ja s'esfria,

Ia fica à branca mão sem mouimento,
O peito eburneo fica sem sentido.
Qual da casta Diana a bella image
Se vio por mão de Phidias esculpida,
Que o soberbo edificio ennobrecendo:
Sentio do tempo auaro a força,& a ira.
Entre antiguas ruinas jaz a illustre
Admirauel figura despojada,
E ainda que perdeo estado, & gloria,
Dissenho lhe ficou valor, & estima.
Alli mostra hum perfil medido,& justo
Nos membros proporção perfeita,& rara
Mostra fermosos olhos, mostra graça,
Mostra tudo fermoso mas sem vida.
Tal na deserta Praya fica o corpo,
Mais que marmore ou branca neue brãco,
De crespas febras d'ouro soccorrido,
Que com intento casto alli defendem.
Alçase hum allarido a tè as estrellas
Das criadas que em torno d'ella estauão,
Ferem com duros punhos rosto,& peitos
Fazendo hũ triste som,que rõpe as nuues.
Dos gritos, & lamento outra vez torna
O concauo rochedo hũa voz escura,
E correndo por baixo do aruoredo
Miseraueis acentos vay formando,
Quantas vezes o nome amado chamão
Com

Com palauras do choro interrompidas
Tantas eco chorosa lhe responde
Co a mesma dor, co mesmo sentimento.
O varão infelice, traspassado
De hũa terribel dor, ja sem remedio,
Tremendo as fracas pernas, não podendo
Sofrer a graue carga, & peso triste.
Iunto do amado corpo se reclina
Com sembrante affligido, os tristes olhos
Com intrinseca pena os tinha promptos
Naquella ja defuncta fermosura.
Cuida no duro termo a que seus gostos
E a que todos seus bés se reduzirão.
Cuida em contentamentos ja passados,
Que agora muito mais o entristicião.
Alli (para mais dor) se lhe apresenta
O vario proceder de seus amores,
O principio alterado, & o successo
Tão prospero, jucundo, & tão felice.
Cuida como passou em sombra o tempo
Ligeiro, & tão amigo de mudanças.
E quando imaginaua, estar mais alto
Vio da mudauel roda a volta dura.
Despois q̃ hũ grande espaço está pasmado
Opprimido de dor o peito enfermo
Aleuantase, & vay mudo, & choroso
Onde a Praya se ve mais opportuna.

Apartando co as mãos a branca area,
Abre nella hũa estreita sepultura,
Tornase atras, alçando nos cansados
Braços, aquelle corpo lasso, & frio
Ajudão as criadas as funestas
Derradeiras exequias com mil gritos.
Ay duro tempo (dizem) como apartas
Para sempre de nós tal fermosura?
Na perpetua morada tenebrosa
A deixão leuantãdo alto allarido,
Com salgado liquor banhando a terra
Aquelle vltimo vale todas dizem.
Não fica sò Lianor na casa infausta,
Que de hum tenro filinho se acompanha,
Que a luz vital gozou quatro perfeitos
Annos, ficando o quinto interrompido.
Alli co a morta mãy o filho morto,
Ambos com morto amor em terra jazem,
Ella lhe nega o branco amado peito,
E elle o doce, materno, amado gosto.
Ambos na solitaria Praya ficão
Iunto das grossas ondas sepultados,
Deixando ao mundo hũ triste raro exẽplo
De peruersa, cruel, impia fortuna.
O misero Sepulueda rodea
Os olhos com effeito de saudade,
Em lagrimas desfaz o bulcão turuo

De que assombrado tinha o triste sprito.
Com voz do triste choro embaraçada
Palabras diz de lastima, & piadosas,
Nos braços toma hum filho que alli tinha
De tenra idade & vista miserauel.
Por estreita vereda entra no mato
De brauos Leões, & Tygres pouoado
A morte vay buscando, elles doidos
De seu mal lha darão em breue espaço.
Entrado pouco espaço no confuso
Cerrado bosque encontra hũ mõstro fero
De pestiferos olhos indignados
De sembrante cruel, & vista horrenda.
De cor funesta & pallida cuberto
O consumido rosto se mostraua,
Reganhados os dentes parecia,
Arderlhe o coração em viua raiua.
O peito descuberto onde se vião
Dous femininos peitos tão mirrados
Que não parece auer outra substancia
Mais que pèlle, & o de mais ja consumido.
Chegasse a elle, & dizlhe onde vas triste
Miserauel varão, onde presumes
Poderte remediar? ja se não sofre
Co a vida resistir hum mal tão grande,
Vente, vente comigo alarga o passo,
Sigueme que ja he tempo que feneça

Tua dor insofriuel,& serte ey guia,
Daras fim ao viuer que asſi auorreces,
Deſeſperação ſou comigo acabão
As anſias,& agonias de hũa alm'afliĉta,
O miſero varão ſem reſponderlhe
A vay ſeguindo, ja determinado.
Mas poſſelhe ao encontro hũa donzella
De fermoſo ſembrante,&olhos humildes,
Roſas moſtra o ſeu roſto,& nos cabellos
Ouro mais apurado fica eſcuro.
Sobre elles de Rubis,& orientaes Perlas
De verdes Eſmeraldas, traz coroa
De muy grandes Diamantes cujos rayos
Mais que rayos do ſol,a viſta impidem,
Com voz ſuaue,diz, de animo fraco
He,ſer na aduerſidade mal ſofrido,
Que o peito valeroſo, mais conſtante
Eſtá no mayor mal muito mais firme.
Deixa eſſa que ſeguindo vas,que o laço
Deſeſperado, aqui ja te offerece,
Ou te leũa algum lago,ou deſpenharte
De rocha alcantilada ſò pretende.
Es forte capitão de I E S V Chriſto,
E nelle tés exemplo de paciencia.
Que em tão grãdes tormẽtos, tão injuſtos
Ia mais a boca abrio,para queixarſe,
Dos peccados dos homẽs carregado,

Na cruz pagou por todos tão paciente,
Que ainda do alto Padre, em tal afronta
Com lagrimas perdão geral alcança.
Moſtrate paciente, ao mais aduerſo:
Mais deſeſtrado caſo de fortuna,
Por tal permiſſaõ dando a Deos louuores,
Tal coroa teras na eterna gloria.
Dizendo eſtas palabras a radioſa
Requiſsima coroa tira, & poſta
Na cabeça do Souſa o peito enfermo,
Agonizado, & triſte ſe aſſegura.
A deſeſperação vendo que o forte
Capitão, ſe moſtraua mais conſtante.
E como vencedor tinha alcançado
Da paciencia ja premio celeſte
Deſapareceo ſupito, & ſumida
Num momento ſe foy ao Reino eſcuro.
E das tartareas ſombras la cuberta
Sem fim penando, morre para ſempre.
Ia deſaparecido eſte peruerſo
Iniquo: infernal monſtro, caminhando
O Capitão inſigne, por veredas
Do mato mais cerradas, mais confuſas,
Acompanhado ſo da viſaõ ſancta,
Que a tempeſtade intrinſeca amanſara,
E do tenro minino, que nos braços
Leua mortal, & ja quaſi eſpirando.

Cobriose o espesso bosque de cerrada
Sombra, fusca nuue, & no circuito
Que occupaua o vapor turuo, se ouuirão
De Tygres, & Leõs bramidos altos.
Daquella escuridão as almas juntas
Dos corpos desiguaes, iguaes se partem,
E da prisaõ mortal ja libertadas,
Descansar ambas vão, na eterna gloria.
Vendo Phebo perdida ja a esperança,
E o fundamento vão que o sustentaua,
Vendo o golpe cruel com que a fortuna,
Deu fim cruel, & amargo a seus amores.
Com lagrimas o rosto, & o peito banha
Lamenta, chora, & geme o caso acerbo,
Sobesse ao quarto ceo, mas nũa pedra
Estes versos deixou primeiro escriptos.

EPITAFIO.

SO na praya deserta, & na asperceza
De concauos penedos, fica fria,
A que era perfeição da natureza,
A que todo louuor só merecia,
Aquella Lianor cuja belleza,
A toda humana lingua emmudecia,
Enterra conuerteo (ah sorte dura,)
Tal graça, tal saber, tal fermosura.

Deſpois que eſtas palabras tão piadoſas,
Em branca, liſa, & dura pedra imprime,
Deixa o triſte lugar, & ſò conſigo
Leua amor & perpetua ſaudade.
Chegãdo á quarta Eſphera acha os ferozes
Cauallos deſmandados por ſua auſencia,
Rege as fogoſas bocas inflammadas
Com prudente gouerno, & duro freo.
Com perpendicular rayo penetra
A terra, & para ſi chama com força
Do primeiro lugar frios vapores,
Humedecidos, groſſos, & peſados,
Sobirão vagaroſos, & no meyo,
Da vacua região reciprocados
O ceo enchem de groſſas negras nuues
Onde o carro Lathonico s'eſconde.
Por antre ellas Apollo neſta parte
Groſſas, eſpeſſas lagrimas deſpede:
Reparteas a os penedos & reparteas
Ao ſombrio, cerrado, eſpeſſo boſque.
Pollos frondoſos ramos ja ſe eſtilla
De tranſparentes gotas grande copia.
Ia decem de altos montes os arroyos
Inchados, com rumor, & eſtrondo triſte,
Crecendo mais o pranto, ficão lagos
Da liquida materia pollos valles,
Alli as vizinhas fontes recolherão,

Nas criſtallinas aguas, agua turua
La quando pollo ceo a negra noite
As tenebroſas aſas eſtendia,
Quando as alegres aues ſe recolhem,
E as funeſtas nocturnas ſe leuantão;
Com triſte grito, & voz de mao agouro
Infortunados fins pronoſticando.
Quando em tal conjunção no mòr ſilencio
Da fuſca,& negra noite canta o grillo
Chega hũ grãde eſquadrão de humeda gẽ(te
Do turbulento Reino de Neptuno
De limos denegridos coroada
As ondas com rumor ſurdo rompendo
De quãdo em quãdo entr'elles claro ſe ou(uem
Hũs gemidos de dor & voz choroſa,
O velho de Carpathia he,que lamenta
O ſeu perdido amor,ſeu bem perdido.
Chegão junto da Praya,onde na força
Da negra eſcuridão hum pranto fazem
Cõ ſom baixo,ſuppreſſo, & mal diſtincto.
Hay fermoſa Lianor,hay Lianor dizem,
Grande parte da noite alli paſſarão
Neſte juſto & diuido ſentimento,
E querendoſe ja partir leuanta
O ſabio velho a voz do choro eſcura.
Tres gritos eſpantoſos deu aos ares,
Com miſerauel ſom,& acento triſte

Em

Em todos tres dizendo alma fermosa
Na minha ficarâs sempre esculpida.
Na pedra que alli cobre a sepultura
Onde Lianor de tanto mal descansa,
Na qual Phebo escreueo, escreueo este
Outro Epitafio, o qual asi dezia.

EPITAFIO.

A Perda foy géral, gèral se veja
Em todos hum piadosò sentimento
E o miserauel caso ao mundo seja
Exemplo à mayor dor, ao mor tormento.
A fortuna mostrou ter della enueja
Descobrio o cruel & duro intento
Quando nestas fragosas penedias
Rompeo com dura mão seus tenros dias.

Despois que estes nas ondas se esconderão
Quando nos orizontes se enxergaua
Hũa confusa luz estando enuolto
O ceo em pardas, grossas, densas nuues.
Pollos escuros matos vem gemendo
Em cerrado tropel gente caprina
As cabeças cornigeras cercadas
Do funesto Aciprеste, & Teixo triste,
No meyo delles vem com mortal rosto,
Esse rustico Pão todo toruado,

E com

E com penoſa dor quaſi arraſtando
Com lento paſſo o corpo enfraquecido
Os olhos de chorar voltos em ſangue
A garganta de lagrimas qualhada.
O triſte coração, de anguſtia cheo
Ao peito afadigado golpes dando
Quatro Phaunos dos mais graues o leuão
E vão ſoſtendo a carga deſmayada
Saidos do aruoredo todos cercão
Em ordem compaſſada a branca Praya.
O miſero amador ſobre a funeſta
Amada ſepultura ſe debruça,
Com larga vea banha a fria pedra
Dizendo alto, ah Lianor, ah Lianor minha
Que caſo auorrecido, que fortuna
Tão cruel te apartou deſtes meus olhos,
Que fera cauſa foy, ou ſorte aduerſa
Que no mundo cauſou hũ mal tão grande
Que nebrina mortifera, ou que vento
Murchou a freſca flor de tua idade.
Qual odioſo rigor, qual parca injuſta
De tal vida cortou o doce fio.
Aſsi lamenta, & chora o paſtor triſte:
Ajudado dos ſeus com pranto amargo
Que na concaua rocha retombando
Faz horribel rumor, & ſom confuſo.
Phaunos, Syluanos Satyros em larga

Roda todos estando, o amante immenso
Com lagrimas piadosas cerca em torno
A fria, estreita, & negra sepultura.
Tres vezes a rodea, nella esparge
Tristes ramos, com flor ja murcha, & triste,
Outras tres a Lianor alto chamando
Chorando, o derradeiro vale disse.
Despois que a funeral vltima pompa
Foy pollo agreste Pão solennizada,
O lugar espantoso acompanhado
Do corpo de Lianor so deixa & vaise,
A parte onde por longo tempo aquelle
Tão desestrado fim chorou, mas antes
Que dalli se partisse deixou estas
Palauras onde deixa a sua alma & vida.

EPITAFIO.

AQuella encarecida fermosura,
Aquelle preço, & graça desusada,
Tão fermosa quão falta de ventura,
Ingrata sempre tanto, quanto amada.
Hũa pequena & triste sepultura,
Em remoto lugar a tem encerrada.
Fique de tão cruel, & fera historia
Para sempre no mundo esta memoria.

FINIS.

Laus Deo, eiusq; Virgini Mariæ.

C594
C827n

68-177
Nov. '67
Schumann

E E
V

A

VI